

SOFIA MARTINS

REPERCURSSÕES DA EXPERIÊNCIA DE RACISMO NAS OCUPAÇÕES MATERNAIS
DE MULHERES NEGRAS: estratégias de enfrentamento



Imagem da capa da tese. Essa imagem foi feita pela ilustradora Gabriele Moraes, uma amiga e terapeuta ocupacional, colega desde a Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Minas Gerais. Após sua formatura, ela escolheu novos rumos pelo sudeste e sul do país, tornando-se uma artista de quem prezo o trabalho. Foi ganhadora do prêmio Jabuti 2016, ilustrando o livro Chove Chuva. Esse resultado expõe parte do seu amor pelo universo da Ilustração Infanto juvenil. A sensibilidade da Gabi Moraes na elaboração, exclusiva, desta imagem à minha tese é também o retrato das minhas percepções sobre a experiência de ouvir as histórias das mulheres mães negras. Na, imagem há três corpos que se mesclam, buscando a representação das identidades: constituição do ser mulher negra; o estar gestante e; ser mãe criando, educando e protegendo seus filhos. Na cabeça, a ideia foi destacar os cabelos, bem como as possibilidades de assumi-los durante o seu processo, ou não, de tornarem-se e reconhecerem-se como mulheres negras. Estas, ao longo de suas vidas, utilizam seus cabelos naturais, mas, nos processos de aceitação, especialmente a depender da textura de seus fios, realizam o artifício de alisá-los, cortá-los bem curtos, trançá-los, usar apliques e turbantes, entre outros. As experiências que essas mulheres negras vivenciam, enquanto sujeitos sociais, históricos, políticos e culturais, tornam ainda mais complexas as reflexões sobre a maternidade. A ideia final da imagem é representar a complexidade e singularidade das experiências das mulheres-mães negras, que se materializam nas vivências da mulher negra.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TERAPIA OCUPACIONAL

SOFIA MARTINS

REPERCUSSÕES DA EXPERIÊNCIA DE RACISMO
NAS OCUPAÇÕES MATERNAIS DE MULHERES
NEGRAS: estratégias de enfrentamento

SÃO CARLOS-SP
2021

SOFIA MARTINS

REPERCUSSÕES DA EXPERIÊNCIA DE RACISMO NAS OCUPAÇÕES
MATERNAS DE MULHERES NEGRAS: estratégias de enfrentamento

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do título de doutora em Terapia Ocupacional.

Área de concentração: Processos de Intervenção em Terapia Ocupacional.

Linha de pesquisa: Redes Sociais e Vulnerabilidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lilian Magalhães

São Carlos-SP
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional

Folha de Aprovação

Defesa de Tese de Doutorado da candidata Sofia Martins, realizada em 12/08/2021.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Lilian Vieira Magalhães (UFSCar)

Profa. Dra. Ana Cristina Juvenal da Cruz (UFSCar)

Profa. Dra. Ana Paula Serrata Malfitano (UFSCar)

Profa. Dra. Janaína Damaceno Gomes (UERJ)

Profa. Dra. Samira Lima da Costa (UFRJ)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional.

Dedico esta tese para:

meus pais **Ivone Martins e Gilberto da Silva** [*in memoriam*],
esta tese é inspirada em vocês

a **tia Lena**,
por SER referência

a **terapia ocupacional**,
que com seu encantamento me
instiga a aprofundar-me
cada vez mais nas descobertas sobre
mim e sobre a vida

as **crianças** que apontam para onde
devemos ir
e pelo que devemos defender

as pessoas que exercem a função de
serem **mães negras**,
afetuosamente a cada uma das dez
mulheres mães que participou deste estudo,
meu respeito

AGRADECIMENTO

“Muita gente me ajudou chegar aqui
Foi aos trancos e barrancos que eu consegui”
(Xande de Pilares)

Essa tese faz parte da realização do sonho em estudar na UFSCar e cursar o doutorado no PPGTO na linha de pesquisa de Redes e Vulnerabilidades.

No processo de desenvolvimento desta tese, vejo que muitas pessoas estiveram presentes na travessia entre 2017 e 2021, que na verdade se iniciou no final de 2016 com a elaboração do projeto. No entanto, dentre tantas pessoas, encontros, distanciamentos, reaproximações, com as suas distintas e significativas importâncias, eu gostaria de enfatizar aquelas que foram inspiração para construir, desenvolver e finalizar substancialmente este trabalho.

PELO DIVINO

Alguns podem chamar o divino de Deus. Não sei ao certo o nome, mas, sei que há um Ser Superior que, muitas das vezes, me ocorre como o afeto de uma linda mulher, poderia ser Nanã. Então, agradeço ao ser que me proporciona oportunidades de crescimento e apresenta situações que me elevam.

PELO APOIO FINANCEIRO

À minha mãe por tudo! Sei de grande parte de suas abdições e luta, mãe. Sei do seu comprometimento, amor e fé infinita em mim. Obrigada por ser quem é e por **TUDO** o que fez e faz por mim. Agradeço muito a vida por ter me permitido ser gestada, criada e educada, ser filha dessa mulher incrível que é a senhora!

À Tia Lena por tanto cuidado, carinho, amor e prontidão para me ajudar a superar qualquer tipo de desafio. Não há ninguém no mundo com o coração como o da senhora.

À *digital Influencer* Duda Guerra “Menina Cachos”, que é minha sobrinha, pela oportunidade, parceria e trabalho. No primeiro ano do doutorado, no segundo semestre/2017, tive um choque de realidade quando vi que eu teria em torno de R\$300,00 para viver em São Carlos, após pagar as contas principais (aluguel,

condomínio, energia, internet). Esse primeiro trabalho me permitiu viver mais leve financeiramente.

Ao Lucas Milani, uma pessoa que se tornou um amigo muito especial, por ter se sensibilizado e me indicado para algumas pessoas e, especialmente, no ano de 2018, para a Factual Pesquisa, permitindo que eu tivesse uma oportunidade de trabalho em São Carlos e na região de SP.

À Isabela Paschoalotto que me indicou para a docilidade do Projeto de Extensão “Vivências de Atividades Diversificadas de Lazer”, sob coordenação do Prof. Luiz Gonçalves Júnior. Participei deste projeto remunerado entre os meses de abril e julho de 2019. Eu buscava apoio financeiro, mas, consegui mais. A limitação financeira no terceiro ano de doutorado estava me apagando. Nesse momento, ao trabalhar com crianças, lembrei dos meus propósitos de cursar a pós-graduação, de quem eu era e o que estava procurando.

Ao Projeto de Extensão “Juventude Universitária e Processos de Assistência Estudantil: Discutindo o Programa de Acompanhamento Estudantil”, coordenado pela Profa. Ana Paula Serrata Malfitano. Participei deste projeto remunerado entre os meses de agosto/2019 e janeiro/2020. Ter recebido esse convite foi a possibilidade de continuar respirando, devagar.

À Professora Taís Quevedo pelas eventuais oportunidades remuneradas para me auxiliar neste período.

À Belle, minha colega de pós-graduação e grande amiga, por tanta sensibilidade durante o processo de doutoramento.

Em janeiro de 2020, recebi a notícia de que receberia o auxílio financeiro da bolsa CAPES de doutorado por 12 meses. No final de 2018 e início de 2019, eu havia recebido bolsa temporária por três meses. Esse apoio financeiro foi fundamental para a continuidade e finalização deste estudo.

PELO APOIO INSTITUCIONAL

Ao “Grupo de Apoio à Maternidade Abayomi”, representado pela Vanessa Gomes, no apoio com a divulgação da pesquisa, orientações para imersão do campo e no acolhimento das mães participantes.

Ao “Coletivo Afrontar-se”, especialmente à Agnes Maria, pelas conversas, disponibilização do espaço físico e pelo favorecimento da mediação das parcerias com as profissionais da psicologia para acolher as participantes da pesquisa.

À toda equipe da Fundação Cultural de Uberaba, especialmente na figura da Carmen Amâncio, por toda a sua disponibilidade durante o processo do campo da pesquisa e pelo apoio do espaço físico, permitindo o acolhimento das participantes.

Ao Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) Professora Dirce Miziara, especialmente à Gismeire de Fátima Portes Ribeiro, pela parceria e apoio na disponibilização de um espaço físico para acolher as participantes.

À minha Tia Lena por disponibilizar espaço de sua casa para que eu realizasse as últimas entrevistas deste trabalho.

PELO ESTAR JUNTO NESTE CICLO

À minha mãe a quem dedico esta tese e incansavelmente agradeço por tudo e em todos os espaços, o que fez e faz por mim. Só consigo agradecer a sorte e o presente por ser sua filha e ter a chance de conhecer a mulher linda que a senhora é, mamãe. As palavras nunca darão conta de expressar o que sinto. Obrigada para sempre! À tia Lena que é uma pessoa divina, e tão linda, além de amiga leal, fiel e parceira. E ao meu pai por ser um dos grandes amigos que já tive e, ainda tenho, mesmo em dimensões diferentes da vida. Quanto mais o tempo passa e vou envelhecendo, mais surreal fica pensar no tamanho da abdicção de vocês três para que eu realizasse os meus sonhos. Eu os realizo com vocês! Agradeço muito a vida pelo nosso encontro, pelo apoio espiritual, emocional, financeiro e por serem meus belíssimos exemplos.

Ao Leandro, meu irmão, que acredita em mim, me fortalece e me instiga a tantos movimentos. E a toda abundância que ele me oferece ao dividir a Fernanda, o Cauã, a Duda e a Isis. Obrigada por existir, meu maninho, e por estar comigo nesta vida!

Ao Felipe, pelo amor, por acreditar em mim, por ser tão plural e por ter segurado firme a minha mão em cada um dos desafios que a vida nos colocou. Como pudemos cultivar nosso amor entrando em contato com tanta exposição das nossas vulnerabilidades e transformação de nós mesmos? Nós conseguimos, amor, nós conseguimos! Obrigada por estar comigo e por cada linha escrita, desenhada e

colorida na minha, na nossa história. Não consigo imaginar este ciclo tão cheio de desafios sem a sua presença, sem a sua atenção, sem seu carinho, sem seu incentivo, sem a sua paciência, sem a sua demonstração de confiança em mim, sem a sua capacidade de me elevar, sem a sua generosidade. Amo você!

À Professora Lilian, minha orientadora, por esses quatro anos e meio de doutoramento. Agradeço primeiramente por ter me aceito como estudante de pós-graduação, com meus tantos pontos fracos, em uma linha de pesquisa que requer nível tão avançado de crítica em terapia ocupacional. Quanto desespero, mas, quanto aprendizado! Dentre tantos momentos que guardarei com carinho, dois deles me marcam na minha relação com a Professora Lilian. Um deles, foi o dia em que ganhei um apontador, como presente, e ouvi, concreta e simbolicamente, “é para você apontar os seus lápis e escrever novas histórias”. O outro, quando eu passei no processo seletivo para inserção no doutorado e escutei “vai ser difícil, mas será bom”. Agradeço pela inspiração, pela confiança no meu trabalho e pela oportunidade de desenvolver esta pesquisa, por me permitir sonhar alto, muito alto, e pela liberdade. Nunca imaginei que poderia ter a chance de me conhecer tanto, além de conseguir aprender sobre as terapias ocupacionais. Realmente foi muito difícil, consegui escrever novas histórias e foi muito bom.

Ao Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UFSCar, que é por onde o desejo de fazer esta pesquisa se materializa. É sempre muito emocionante pensar nas recordações deste espaço, especialmente nas Professoras Dra. Ana Cristina Juvenal, Dra. Tatiane Consentino Rodrigues e Dra. Priscila. E claro, carinhosamente, recordações de Geovana Freitas, Geo, que me levou até o NEAB.

A aquelas/es que, em algum momento, foram leitoras e colaboradoras dos meus pensamentos e críticas da escrita deste trabalho: meus primos Lilian, Eduardo e Erika Cristina. E as queridas colegas e amigas frutos da pós-graduação Débora Folha e Pamela Bianchi.

A todo o Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional, das servidoras da limpeza aos docentes, pelo tempo que compartilhamos. Agradeço especialmente aos ensinamentos das/o professoras/res tão inspiradores do Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional. Destaco carinhosamente Taís Quevedo que me mostrava, literalmente, várias portas, para que eu pudesse entrar.

Às professoras da minha linha de pesquisa, Redes e Vulnerabilidades, pela oportunidade de ouvir tantas, ricas e inspiradoras reflexões, especialmente a Dra. Lilian Magalhães, Dra. Roseli Esquerdo Lopes e a Dra. Ana Paula Malfitano.

Às professoras da disciplina “Bases Conceituais para uma Terapia Ocupacional Crítica” da Universidade de São Paulo, Dra. Sandra Galheigo, Dra. Fatima Oliver e Dra. Elisabeth Lima, que “destruíram” a minha rigidez teórica e me instigam a construir novas formas de pensar terapia ocupacional.

Às/Aos docentes do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Educação. Agradeço especialmente ao Prof. Dr. Valter Silvério por tanto ensinamento sobre as relações raciais, tanta inspiração e ter me permitido participar do Grupo de Estudos da Diáspora.

Ao Grupo de Estudos da Diáspora-UFSCar. Como aprendi e cresci ao lado de vocês! Me marcam pelas nossas histórias semelhantes, pela profundidade nos estudos, que me gerou tanta admiração, e pelo deslocamento da minha ingenuidade, especialmente teórica. Vocês são inesquecíveis e eu os respeito muito: Luana, Hasani, Flor, Dionísio, Cauê, Iberê, Carol, João, Karina, Nay, Marcelo.

À Carol dos Anjos, que é tantas coisas, mas eu tenho a alegria genuína de chamá-la de amiga. A vida oferta muitos desafios, também inspira força, e pessoas queridas como você e a Milena. Você e a Mi representam a força. Agradeço imensamente, Carol, por tanta troca, escuta, motivação, reflexão e inspiração.

Às professoras Dra. Ana Cristina Juvenal da Cruz, Dra. Ana Paula Serrata Malfitano, Dra. Janaína Damaceno Gomes e Dra. Samira Lima da Costa que participaram do exame de qualificação e de defesa. Agradeço imensamente pelas provocações, pelos caminhos apresentados, pelas referências, por toparem dialogar sobre esse trabalho comigo, pela riqueza de contribuições que vocês trouxeram. Foi muito importante aprender com vocês.

Às minhas psicoterapeutas que me ajudaram a lidar com o turbilhão de sentimentos que o doutorado despertou em mim, especialmente à Julia Beatriz, que foi crucial para a busca, a cura e cuidado das minhas raízes mais profundas da vida e da negritude.

À Bellinha por tanto respeito por todos os meus processos, pela contribuição diante de cada uma das minhas dificuldades e por me dar a honra de tê-la e chamá-la de amiga.

Ao Rodrigo Silva, por tamanha generosidade, em discutir, ler junto e partilhar das terapias ocupacionais. Estudar a terapia ocupacional ao lado de alguém com tamanho conhecimento e humildade, foi um grande privilégio.

Às queridas e queridos Luma, Lays, Jacque, Bruna Marini, Gi Marini, Pamela Bianchi, Marina Leandrini, Flor Fernandes, Lucas Millani e Isa Cardinali que participaram, ouviram, cuidaram, auxiliaram em diversos momentos, e respeitaram as minhas ausências.

Às minhas amigas e amigos de Uberaba. Especialmente a Fu, por sempre se fazer tão presente nos detalhes, junto com o Dinei, a Sol e a Gi Santin por permanecerem junto, respeitando os meus tempos.

Às minhas/Aos colegas da pós-graduação pelos espaços de trocas, reflexões, momentos de leveza e alegria que compartilhamos. Especialmente a Ana Cardoso, a Isabella Paschallotto, a Marina Jorge e a Tati Bombarda pelo afeto, carinho e por se importarem em momentos de grande dificuldade.

Às caronas entre Uberaba e São Carlos que me fizeram falar tanto sobre a minha pesquisa até virar argumentos.

Ao meu tio Abílio e à minha tia Cleonice por me ajudarem com o deslocamento para fazer as entrevistas e a encontrar espaços mais acolhedores, mesmo dentro de casa, para escrever a tese.

À minha família que sempre me ajudou a lembrar quem sou, especialmente nos retornos para casa.

A cada uma das mães que participou deste estudo, apresentando-me os seus universos, dos mais belos aos mais doloridos. Obrigada por tudo e por tanto. Certamente os nossos encontros me marcaram profundamente.

Às pensadoras, pensadores, intelectuais negras/os que me permitiram encontrá-las/os. Vivemos uma imersão juntas/os. Como foi difícil, doloroso e frustrante lê-los. Passei horas viajando nos seus escritos e desejando distanciamento. Ao mesmo tempo agradeço por me ajudarem a compreender tantas coisas sobre o mundo. Agradeço pela coragem, pela sabedoria, pela persistência, por acreditarem em um outro mundo. O lugar que cheguei ao doutorado, deve-se, em parte, ao fato de eu ter ficado imaginando o contexto de vocês e pensando como haviam construído tanto e grandiosamente. O propósito de fazer um trabalho sobre racismo, e não desistir, precisa ter como finalidade “um algo maior”. Espero que eu não tenha decepcionado a cada de vocês um que veio antes.

Aos desafios que a vida coloca e permite deslocamentos, movimentos, possibilitando que nos tornemos o melhor de nós mesmos. Foi um período de mudança de valores, de ideias, de posicionamentos, de estar profundamente na minha presença.

Para cada pessoa que fez parte, participou e dividiu, respeitosamente, comigo deste ciclo! E a todas àquelas que tive a oportunidade de conhecer e me aproximar ao desenvolver este estudo!

E eu penso até, assim, eu não sei como é que você vai lidar com esse trabalho, mas eu penso que existe algumas mulheres que precisam saber que outras apanharam, que outras tem problemas com amor sim, tem problema com filho sim, outras que chegaram aqui e foram chamadas de lavadeiras, passadeiras, arrumadeiras, e tem vergonha disso, existe um monte de gente que tem Santo cantando na cabeça e tem vergonha de olhar no espelho e falar eu vou.

Então o ser humano, ele precisa de exemplos, muitos exemplos e muitas coisas as pessoas não têm coragem de falar, eu tenho certeza de que as pessoas que participaram do seu trabalho e eu acho um trabalho muito bonito, parabéns pela coragem que você teve por que eu não teria, né?! **Elas têm uma história e uma história, assim, profunda também e que outras pessoas precisam ouvir essa história, para ter coragem.**

(Pati de Nanã, 49 anos, participante do estudo).

RESUMO

No contexto brasileiro, o percentual de mulheres negras e pardas que exercem o papel de mães é superior ao de mulheres brancas. Embora raríssimos na área de Terapia Ocupacional, estudos mostram que a população negra, especificamente as mulheres negras, experimentam desigualdades e enfrentam situações de racismo cotidianamente. Na criação dos filhos, as condições de violência racial permanecem, expressando-se na violência simbólica e física nos contextos escolares, ambientes de trabalho e em políticas do Estado. O presente estudo busca responder à seguinte questão: “Como a experiência do racismo enfrentado pelas mulheres negras repercute em suas ocupações maternas?”. A pesquisa, de abordagem qualitativa, adotou o mapeamento corporal narrado que se baseia em narrativas orais, recursos gráficos e artísticos. Participaram do estudo dez mulheres mães com idade média de 35,9 anos. No quesito de cor/raça, oito das participantes autodeclararam-se como pretas, uma parda e uma negra. Os dados gerados foram analisados através de análise temática. Os resultados são apresentados em três partes. Parte I: dez histórias de maternagem narradas através de mapas corporais. Parte II: o que é um problema coletivo? Impactos do racismo, no cotidiano de mulheres mães negras. Parte III: proposta de agenda, ou, exposição das mensagens das mulheres mães negras aos outros. Ressalta-se a centralidade dos elementos raça e racismo nas narrativas das participantes, que permitem a identificação dos processos de constituição da identidade negra permeados por episódios de violência em diferentes contextos, tendo como palco principal a escola. Observa-se que, no processo de maternagem, desde antes da concepção até o cuidado e educação, a mulher negra lida com preocupações e medos relacionados com a idealização desse filho, bem como os sentimentos de autovigilância em espaços de socialização racial. Ao criar os filhos, elas passam, inclusive, por repertórios de rituais e etiquetas raciais que continuam articulados com uma estrutura racista, ainda que de modo não intencional. O estudo mostra que as mulheres mães negras desenvolvem imaginário ocupacional constituído e baseado na manutenção, ruptura ou sustentação dos ensinamentos transgressores da figura materna, assim como das próprias elaborações individuais da constituição da própria identidade e consciência racial negra, que pode estar relacionada a um nível subjetivo, não necessariamente político. O imaginário ocupacional das mães negras materializa-se através de engenhoso trabalho de cuidado que busca a proteção e a realização pessoal de seus filhos, mas, não necessariamente prepara e protege os filhos para o fortalecimento da identidade negra e mitigação dos efeitos complexos e violentos do racismo. Do ponto de vista técnico-profissional, o estudo trouxe fundamentos sobre as singularidades e particularidades das mães e infâncias negras que demonstram a urgência de considerar as especificidades dessas vidas, no campo da terapia ocupacional. Isso garantirá o compromisso e o horizonte ético-político na construção de práticas profissionais e políticas públicas inovadoras capazes de transformar os contextos ocupacionais nos quais o racismo institucional é produzido e perpetuado.

Palavras-chave: Maternidade. População negra. Racismo. Atividades cotidianas. Ocupação. Terapia Ocupacional.

REPERCUSSIONS OF THE EXPERIENCE OF RACISM IN THE MATERNAL OCCUPATIONS OF BLACK WOMEN: coping strategies

ABSTRACT

In the Brazilian context, the percentage of black and mixed-race women who play the role of mothers is higher than that of white women. Although very rare in the field of Occupational Therapy, studies show that the black population, specifically black women, experience inequalities and face situations of racism on a daily basis. In childrearing, the conditions of racial violence remain, expressing themselves in symbolic and physical violence in school contexts, work environments and in State policies. This study seeks to answer the following question "How does the experience of racism faced by black women affect their maternal occupations?". The research, with a qualitative approach, adopted the body mapping storytelling that is based on oral narratives, graphic and artistic resources. Ten female mothers with a mean age of 35.9 years participated in the study. The generated data were analyzed through thematic analysis. The results are presented in three parts: Part I. Ten motherhood stories narrated through body maps storytelling; Part II. What is a collective problem? Impacts of racism in the daily lives of black women mothers; Part III. Proposed agenda: exposing the messages of black women mothers to others. The centrality of the elements of race and racism is highlighted in the participants' narratives, which allow the identification of the processes of constitution of black identity permeated by episodes of violence in different contexts, with the school as the main stage. It is noted that, in the mothering process, from before conception to parenting and education, black women deal with concerns and fears related to the idealization of this child, as well as feelings of self-vigilance in spaces of racial socialization. When raising children, they even go through repertoires of racial rituals and etiquette that continue to be linked to a racist structure, albeit in an unintentional way. The study shows that black women mothers develop an occupational imaginary constituted and based on the maintenance, rupture or support of the transgressive teachings of the mother figure, as well as the individual elaborations of the constitution of their own black racial identity and consciousness, which may be related to a subjective level, and not necessarily at a political level. The occupational imaginary of black mothers materializes through an ingenious care work that seeks the protection and personal fulfillment of their children, but does not necessarily prepare and protect their children for the strengthening of black identity and mitigation of the complex and violent effects of racism. From a technical-professional point of view, the study provided foundations on the singularities and particularities of black mothers and childhoods that demonstrate the urgency of considering the specificities of these lives in the field of occupational therapy. This will guarantee the commitment and the ethical-political horizon in the construction of professional practices and innovative public policies capable of transforming the occupational contexts in which institutional racism is produced and perpetuated.

Keywords: Maternity. Black population. Racism. Everyday activities. Occupation. Occupational Therapy.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Árvore genealógica da minha família	37
Figura 2 - Mapeamento das epistemes antirracistas	60
Figura 3 - Dimensões do racismo.....	64
Figura 4 - Exemplo de mapa corporal	85
Figura 5 - Unidades de Planejamento e Gestão Urbana (UPG) de Uberaba	87
Figura 6 - Localização das participantes por bairros no município de Uberaba-MG .	99
Figura 7 - Visão geral das representações visuais dos processos de constituição de ser mulher negra e das repercussões das experiências de racismo nas ocupações maternas, elaboradas por mulheres	114
Figura 8 - Árvore genealógica da participante Sol.....	118
Figura 9 - Mapa corporal narrado da participante Sol, confeccionado em Uberaba-MG, 2019	120
Figura 10 - Árvore genealógica da participante Bia.....	131
Figura 11 - Mapa corporal narrado da participante Bia, confeccionado em Uberaba-MG, 2020.....	133
Figura 12 - Árvore genealógica da participante Dandara	138
Figura 13 - Mapa corporal narrado da participante Dandara, confeccionado em Uberaba-MG, 2019.....	141
Figura 14 - Árvore genealógica da participante Gabi	150
Figura 15 - Mapa corporal narrado da participante Gabi, confeccionado em Uberaba-MG, 2020.....	152
Figura 16 - Árvore genealógica da participante Pati.....	159
Figura 17 - Mapa corporal narrada da participante Pati, confeccionando em Uberaba-MG, 2019.....	161
Figura 18 - Árvore genealógica da participante Preta	168
Figura 19 - Mapa corporal narrado da participante Preta, confeccionado em Uberaba-MG, 2020.....	172
Figura 20 - Árvore genealógica da participante Gabriela	179
Figura 21 - Mapa corporal narrado da participante Gabriela, confeccionado em Uberaba-MG, 2019.....	182

Figura 22 - Árvore genealógica da participante Nina	189
Figura 23 - Mapa corporal narrado da Nina, confeccionado em Uberaba-MG, 2020	192
Figura 24 - Árvore genealógica da participante Úrsula	203
Figura 25 - Mapa corporal narrado da participante Úrsula, confeccionado em Uberaba-MG, 2019.....	206
Figura 26 - Árvore genealógica da participante Maria Fernanda.....	218
Figura 27 - Mapa corporal narrado da participante Maria Fernanda, confeccionado em Uberaba, MG, 2020.....	221
Figura 28 - Representação das três dimensões dos resultados.....	228

FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Fotografia enviada pela criança, como presente, depois do seu retorno à escola.....	31
Fotografia 2 - Minha infância com parte da minha família 1	38
Fotografia 3 - Minha infância com parte da minha família 2.....	39
Fotografia 4 - Eu com a minha melhor amiga de infância	40
Fotografia 5 - Minha mãe e tia Madalena construindo seus mapas corporais	43
Fotografia 6 - Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Sol, terceiro encontro, 2019	118
Fotografia 7 - Música representativa do momento da participante Sol.....	121
Fotografia 8 - Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Sol, terceiro encontro, 2019	121
Fotografia 9 - Representação do autorretrato da participante Sol.....	122
Fotografia 10 - Representação da experiência de ser mulher negra da participante Sol: o poder do sorriso	123
Fotografia 11 - Representação da experiência de ser mulher negra da participante Sol: palavras determinação, paciência e superação	124
Fotografia 12 - Representação da experiência-chave por ser mulher mãe negra da participante Sol.....	124
Fotografia 13 - Representação do slogan pessoal da participante Sol: 3, Eclesiastes	125

Fotografia 14 - Representação do slogan pessoal da participante Sol: acreditar e agir	125
Fotografia 15 - Representação do slogan pessoal da participante Sol: oração	126
Fotografia 16 - Representação das marcas sob/sobre a pele da participante Sol ..	127
Fotografia 17 - Representação do futuro da participante Sol	128
Fotografia 18 - Representação das estruturas de apoio da participante Sol	129
Fotografia 19 - Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Bia, terceiro encontro, 2020	132
Fotografia 20 - Representação do símbolo de ser mãe negra da participante Bia..	134
Fotografia 21 - Representação dos filhos da participante Bia	135
Fotografia 22 - Representação da igualdade racial pela participante Bia	135
Fotografia 23 - Representação de uma criança excluída pela participante Bia.....	136
Fotografia 24 - Representação das estruturas de apoio da participante Bia	136
Fotografia 25 - Registro da sessão de mapeamento corporal narrado da participante Dandara, segundo encontro, 2019	139
Fotografia 26 - Posição e cor do traçado do corpo da participante Dandara	142
Fotografia 27 - Representação da postura do corpo pela participante Dandara, cores das mãos.....	142
Fotografia 28 - Representação do autorretrato pela participante Dandara	143
Fotografia 29 - Representação da experiência de ser mulher negra pela participante Dandara: Jorge Aragão	143
Fotografia 30 - Representação da experiência de ser mulher negra pela participante Dandara, pomba.....	144
Fotografia 31 - Representação do slogan pessoal pela participante Dandara	145
Fotografia 32 - Representação da relação com a mãe pela participante Dandara..	146
Fotografia 33 - Representação do símbolo: ser mãe negra, pela participante Dandara	146
Fotografia 34 - Representação da força pessoal pela participante Dandara.....	147
Fotografia 35 - Representação do futuro pela participante Dandara.....	148
Fotografia 36 - Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Gabi, segundo encontro, 2020.....	150
Fotografia 37 - Representação do autorretrato pela participante Gabi.....	153
Fotografia 38 - Representação do símbolo: ser mãe negra, pela participante Gabi	154
Fotografia 39 - Representação da experiência de ser mãe negra, pela Gabi	155

Fotografia 40 - Representação da força pessoal pela participante Gabi.....	155
Fotografia 41 - Representação do futuro, pela Gabi	156
Fotografia 42 - Registro da sessão de mapeamento corporal de Gabi, terceiro encontro, redação da mensagem aos outros, 2020	157
Fotografia 43 - Registro da sessão de mapeamento corporal narrado de Pati, primeiro encontro, 2019	160
Fotografia 44 - Representação da postura pela Pati, parte da cabeça	162
Fotografia 45 - Representação do slogan pessoal pela participante Pati.....	163
Fotografia 46 - Representação do símbolo de ser mulher mãe negra pela participante Pati.....	164
Fotografia 47 - Representação da experiência de ser mãe negra, pela Pati.....	165
Fotografia 48 - Representação das marcas sob/sobre a pele, pela Pati, dos peitos caídos.....	166
Fotografia 49 - Representação do futuro pela participante Pati	167
Fotografia 50 - Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Preta, primeiro encontro, 2020	170
Fotografia 51 - Representação do autorretrato pela participante Preta.....	173
Fotografia 52 - Representação do slogan pessoal pela participante Preta	174
Fotografia 53 - Representação do símbolo: ser mãe pela participante Preta.....	174
Fotografia 54 - Representação do símbolo ser mulher mãe negra pela participante Preta.....	175
Fotografia 55 - Representação da experiência de ser mãe negra: ensinamentos aos/às filhos/as pela participante Preta	176
Fotografia 56 - Representação da experiência de ser mãe negra: ensinamentos aos/às filhos/as pela participante Preta	176
Fotografia 57 - Representação das marcas sob/sobre, pela participante Preta	177
Fotografia 58 - Representação das marcas sob/sobre, pela participante Preta	178
Fotografia 59 - Representação da força pessoal pela participante Preta.....	178
Fotografia 60 - Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Gabriela, segundo encontro, 2019.....	180
Fotografia 61 - Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Nina, primeiro encontro, 2020	190
Fotografia 62 - Representação da música sobre o momento atual da vida, pela participante Nina	193

Fotografia 63 - Representação do autorretrato pela participante Nina	194
Fotografia 64 - Representação da experiência de ser mulher negra, pela participante Nina, linha divisória verde	195
Fotografia 65 - Representação da experiência de ser mulher negra, pela participante Nina	196
Fotografia 66 - Representação da experiência de ser mulher negra, pela participante Nina	197
Fotografia 67 - Representação da experiência de ser mulher negra, pela participante Nina	197
Fotografia 68 - Representação do relacionamento amoroso – noivo, pela participante Nina	198
Fotografia 69 - Representação da escola, pela participante Nina	198
Fotografia 70 - Representação do relacionamento amoroso: pai da filha, pela participante Nina	199
Fotografia 71 - Representação da experiência de ser mãe negra: ensinamentos aos/às filhos/as, pela participante Nina	199
Fotografia 72 - Representação do futuro da filha, pela participante Nina	201
Fotografia 73 - Representação das estruturas de apoio, pela participante Nina	201
Fotografia 74 - Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Úrsula, segundo encontro, 2019	204
Fotografia 75 - Representação do autorretrato, pela participante Úrsula	208
Fotografia 76 - Representação da experiência de ser mulher Negra, pela participante Úrsula, flores	209
Fotografia 77 - Representação da experiência de ser mulher negra, pela participante Úrsula, cor amarelo	210
Fotografia 78 - Representação do relacionamento amoroso: esposo e pai das filhas	211
Fotografia 79 - Representação do símbolo ser mãe negra, pela participante Úrsula	211
Fotografia 80 - Representação das filhas, pela participante Úrsula	212
Fotografia 81 - Representação da experiência de ser mãe, pela participante Úrsula	213
Fotografia 82 - Representação da experiência de ser mãe negra: ensinamentos aos/às filhos/às	214

Fotografia 83 - Representação das marcas sob/sobre a pele, pela participante Úrsula	215
Fotografia 84 - Representação das marcas sob/sobre a pele, pela participante Úrsula	216
Fotografia 85 - Representação das marcas sob/sobre a pele, pela participante Úrsula	216
Fotografia 86 - Representação das estruturas de apoio, pela participante Úrsula ..	217
Fotografia 87 – Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Maria Fernanda, terceiro encontro, 2020	219
Fotografia 88 - Representação da cor das mãos, pela participante Maria Fernanda	222
Fotografia 89 - Representação da música do momento da vida, pela participante Maria Fernanda.....	223
Fotografia 90 - Representação do slogan pessoal da participante Maria Fernanda	224
Fotografia 91 - Representação do símbolo: ser mãe negra, pela participante Maria Fernanda.....	224
Fotografia 92 - Representação do relacionamento amoroso – esposo e pai dos filhos	225
Fotografia 93 - Registro de Sessão	285
Fotografia 94 - Registro de Sessão	285
Fotografia 95 - Registro de Sessão	286
Fotografia 96 - Registro de Sessão	288
Fotografia 97 - Registro de Sessão	289
Fotografia 98 - Registro de Sessão	289
Fotografia 99 - Registro de Sessão	290
Fotografia 100 - Registro de Sessão	291
Fotografia 101 - Registro de Sessão	291
Fotografia 102 - Registro de Sessão	292
Fotografia 103 - Registro de Sessão	293

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Mapeamento sobre socialização do racismo por mães negras	54
Gráfico 2 - Faixa etária dos filhos das participantes, por gênero.....	98

QUADROS

Quadro 1 - Informações sobre o levantamento bibliográfico	49
Quadro 2 - Mapeamento dos estudos sobre socialização do racismo por mulheres mães negras.....	54
Quadro 3 - Princípios da Teoria Racial Crítica	62
Quadro 4 - Procedimentos de aproximação com as lideranças em Uberaba-MG.....	91
Quadro 5 - Critérios de inclusão para participação no estudo.....	91
Quadro 6 - Descrição das participantes do estudo.....	95
Quadro 7 - Descrição dos encontros com as participantes	101
Quadro 8 - Procedimentos de registro, conforme o método de pesquisa adotado..	102
Quadro 9 - Procedimentos para tratamento dos dados gerados no estudo	104
Quadro 10 - Apresentação dos resultados do estudo	107

TABELAS

Tabela 1 - Comparativo da idade reprodutiva, por faixa etária e referenciais de cor, entre mulheres brancas e não brancas	45
---	----

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – APRENDIZAGENS E RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS RACIAIS EM TERAPIA OCUPACIONAL.....	27
1.1 LOCALIZANDO O ESTUDO: COMO A TESE SE INICIOU?.....	27
<i>Experiência como Terapeuta Ocupacional: O Caso Da Menina Negra</i>	29
<i>Estudos sobre Maternidade: Experiência como Pesquisadora da Graduação à Pós-Graduação Stricto Sensu em Terapia Ocupacional</i>	31
<i>Revisitando Minha Experiência e Constituição de ser Mulher Negra</i>	35
<i>Argumento Central da Tese</i>	44
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA.....	44
1.2.1 <i>Estudos sobre Racismo e População Negra</i>	46
1.2.2 <i>Estudos sobre Terapia Ocupacional e Racismo</i>	48
1.2.3 <i>Estudos sobre as Mães Negras e Racismo</i>	52
1.3 PONTOS-CHAVE DO ESTUDO.....	55
<i>Questão de Pesquisa</i>	55
<i>Objetivos</i>	55
<i>Termos-Chave do Estudo</i>	55
1.4 ESTRUTURA E CONTEÚDO DOS CAPÍTULOS.....	57
CAPÍTULO 2 – TEORIA RACIAL CRÍTICA, TERAPIA OCUPACIONAL E MATERNAGEM DE MULHERES NEGRAS.....	59
2.1 TEORIA RACIAL CRÍTICA E LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO.....	61
2.2. TERAPIA OCUPACIONAL, OCUPAÇÃO E RACISMO.....	65
2.3. MATERNAGEM E OCUPAÇÃO MATERNA DE MULHERES NEGRAS:.....	71
<i>Ocupação Materna</i>	74
<i>Experiências: Identidade(s) e Diferença(s)</i>	75
CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	77
3.1 ABORDAGEM QUALITATIVA E METODOLOGIA VISUAL CRIATIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO DAS RELAÇÕES RACIAIS.....	77
3.1.1 <i>Abordagem Qualitativa e Campo das Relações Raciais</i>	77
3.1.2 <i>Mulheres Negras e Maternagem: Mapeamento Corporal Narrado como Metodologia de Pesquisa</i>	82
3.2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	84
3.2.1 <i>Aspectos Formais e Técnicos dos Mapas Corporais Narrados</i>	84
3.2.2 <i>Maternidade de Mulheres Negras: Representação Visual</i>	85
3.2.3 <i>Lócus da Pesquisa</i>	86
3.2.4 <i>Seleção das Participantes e Critérios de Inclusão</i>	91
3.2.5 <i>Descrição das Participantes</i>	95
3.2.7 <i>Procedimentos de Registro dos Dados</i>	102
3.2.8 <i>Procedimentos de Tratamento, Análise e Síntese dos Dados</i>	103
3.2.9 <i>Estratégias de confiabilidade da pesquisa</i>	107
3.2.10 <i>Considerações Éticas</i>	108
CAPÍTULO 4 – CONTANDO HISTÓRIAS DA MATERNAGEM NEGRA.....	113
4.1 PARTE I - DEZ HISTÓRIAS DE MATERNAGEM NEGRA NARRADAS ATRAVÉS DE MAPAS CORPORAIS.....	113
4.1.1 <i>Visão Geral dos Dez Mapas Corporais</i>	113
4.1.2 <i>Histórias Visuais: Possibilidades de Expressão sobre os Contentamentos e Processos de Desumanização de Ser uma Mulher Negra</i>	115
4.1.2.1 <i>História da Sol: “Não Consigo Assim Ver essa Diferença, Mãe Negra e Mãe Branca, Tudo Igual, né?!”</i>	117

4.1.2.2 História da Bia: “É onde todo mundo perguntava: ‘cê que é a babá?’”	130
4.1.2.3 História da Dandara: “O meu filho me fez uma pergunta eu fiquei até sem resposta, ‘porque que o fulano não gosta de mim, só porque eu sou negro, e daí’”	137
4.1.2.4 História da Gabi: “Ela não recebeu nada, eles nem, assim, sabe? Nem notou que a menina ‘tava lá. Daí nós ficou no nosso canto”	149
4.1.2.5 História da Pati: “Se tiver algum cheiro tem que ser bom, seu cabelo tem que estar limpo, tem que ser assim porque você é negro”	158
4.1.2.6 História da Preta: “Eu pedi ‘pra Deus não deixar meu filho nascer preto”	168
4.1.2.7 História da Gabriela “Por que que a pessoa ‘tá me tratando desse jeito, eu acho que o maior desafio pra mim agora é no tentar ajudar eles a perceber essas coisas, sabe?!”	179
4.1.2.8 História da Nina: “Ela tem uma dificuldade também que nem eu tinha, tem dificuldade com autoestima e eu, quando era mais nova, eu pensava (que), por ser negra, eu não era legal, eu não ia ser amada, ninguém gostava de mim”	189
4.1.2.9 História da Úrsula: “Se você fala não para o seu filho no espaço público, a primeira coisa que vem é que você não tem dinheiro pra pagar”	203
4.1.2.10 História da Maria Fernanda: “Às vezes eu posso estar errada, eu prefiro pensar que não tem tanto, né, preconceito”	218
4.2 PARTE II - O QUE É UM PROBLEMA COLETIVO? IMPACTOS DO RACISMO, NO COTIDIANO DE MULHERES MÃES NEGRAS	227
4.2.1 <i>Narrativas Plurais e, ao Mesmo Tempo, Particulares</i>	227
4.2.1.1 Categoria I – “Não existe um ‘day one’”. A constituição da(s) Identidade(s) Negra(s)	229
4.2.1.2 Categoria II – “Existe diferença?” Experiência de Ser Mulher Mãe Negra	268
4.2.1.3 Categoria III – “A forma que eu vou Ensinar”: Identidade Racial Negra e Racismo... ..	277
4.3 PARTE III – PROPOSTA DE AGENDA: EXPOSIÇÃO DAS MENSAGENS DAS MULHERES MÃES NEGRAS AOS OUTROS	284
CONCLUSÕES	295
ARGUMENTO CENTRAL DO ESTUDO	296
IMPLICAÇÕES DO ESTUDO	297
LIMITAÇÕES DO ESTUDO	298
RETOMANDO MINHA REFLEXÃO INICIAL SOBRE A PRÁTICA EM TERAPIA OCUPACIONAL	298
REFERÊNCIAS	301
APÊNDICES	317
ANEXOS	356

Do fundo do meu coração
Essa aqui vem do meu coração
Do mais profundo canto do meu interior, oh oh oh
Pro mundo em decomposição
(Essa aqui também é uma forma de oração)
Escrevo como quem manda cartas de amor

Emicida¹

¹ Emicida é o nome artístico do cantor Leandro Roque de Oliveira. Emicida é rapper, letrista e compositor brasileiro. O trecho foi retirado da letra da música “Cananéia, Iguape e Ilha Comprida”, lançada em 2019.

CAPÍTULO 1 – APRENDIZAGENS E RESOLUÇÃO DE PROBLEMAS RACIAIS EM TERAPIA OCUPACIONAL

Esse capítulo introdutório está dividido em quatro partes. A primeira delas, **“Localizando o estudo: como a tese se iniciou”**, subdividida em quatro tópicos que abordam a minha experiência como terapeuta ocupacional (com destaque para o caso da menina negra que acompanhei na assistência); minha experiência como pesquisadora relacionada aos estudos sobre a maternidade e; algumas reflexões do processo de revisitar as experiências, revelando meu posicionamento pessoal, profissional e acadêmico até chegar ao tema de pesquisa. Na segunda parte, **“Problema de Pesquisa”**, contextualizo o problema da tese. Na terceira, **“Pontos-Chave do Estudo”**, descrevo o problema de pesquisa, a questão norteadora da investigação, os objetivos e os termos-chave. Por fim, na quarta, **“Estrutura e Conteúdo dos Capítulos”**, apresento a organização e conteúdo de cada um dos quatro capítulos desta tese: Capítulo 2 - “Teoria racial crítica, terapia ocupacional e maternagem de mulheres negras”; Capítulo 3 - “Considerações metodológicas”, Capítulo 4 - “Contando histórias da maternagem negra”; e Conclusões.

1.1 LOCALIZANDO O ESTUDO: COMO A TESE SE INICIOU?

Seria injusto, principalmente comigo, dizer que esta pesquisa se iniciou na pós-graduação porque me faria partir do pressuposto de que a vida ocorre linearmente e de forma acumulativa. Eu já acreditei nessa forma de entender, analisar a vida e as situações. Hoje, provável e contraditoriamente, influenciada pelo conjunto de experiências cronológicas da vida, não mais. Nesta situação, de cursar o Doutorado, acredito ter vivido um ciclo, tempo de aprofundamento em parte do viver, em sua dimensão pessoal, profissional e acadêmica. Tudo acontece ao mesmo tempo.

Antes de dar seguimento com a apresentação, muitas reflexões, sentimentos, sensações, leituras, escutas, diálogos e desapegos já aconteceram até aqui. Como desloquei e desconstruí conhecimentos, ideias, pensamentos, valores, crenças sobre mim, sobre a terapia ocupacional, sobre a vida humana!

Algo que gostaria de compartilhar é que, recentemente, fui apresentada, neste processo de aprendiz sobre autoras/es e diversidade epistêmica, a cosmopercepção², o que me leva a compreender e a desejar novas formas de aprender, de conhecer e de valorizar, cada vez mais, as possibilidades de experimentar a vida, tão invocada por nós terapeutas ocupacionais. Sei, inclusive, que esta tese teria mil possibilidades de ser elaborada, desenvolvida, interpretada e concluída. No entanto, a história que eu narrarei aqui, neste espaço textual, é aquela possível neste tempo simbólico e concreto.

Antes de contar a história deste estudo, especificamente falando do trabalho desenvolvido, com os pontos de partida, o desenvolvimento, os achados, as discussões e as conclusões, gostaria de criar um espaço para o nosso encontro. E quero iniciar compartilhando que tenho ciência de que assumi a responsabilidade de desenvolver esta tese a partir de um conjunto de circunstâncias ao longo da vida, criadas e divididas com pessoas negras, que me deixaram inquietas. Desse modo, assumi o compromisso ancestral e corajoso de levar adiante a luta antirracista iniciada pelos/as mais velhos/as e construir pontes para a continuidade dessa prática pelos/as mais novos/as.

Dito isso, eu poderia dizer várias coisas sobre mim, mas, eu acredito que para esta ocasião seja importante destacar que eu sou terapeuta ocupacional, estou no meio da quarta década de vida e minha motivação é trabalhar com famílias e crianças. Compreendo, por uma perspectiva política, que sou pessoa negra, mulher negra, pela minha constituição familiar e pelas agressões de cunho racista que sofri, e sofro até hoje, associadas às minhas características fenotípicas, em distintos contextos. E uma informação que julgo elementar: até o desenvolvimento da tese, eu não tinha noção da existência do campo das relações étnico-raciais. Assim, há uma alegria imensa por esta oportunidade desafiante.

Na localização deste estudo, mostro as ligações entre os elementos da prática profissional como terapeuta ocupacional, da pesquisa e meu processo de autoconhecimento que me levaram a buscar referenciais teóricas que me

² Adilbênia Freire Machado cita, em sua tese, a autora Oyëwùmí que explica a cosmopercepção: “As filosofias africanas contemporâneas com sua diversidade e transversalidade nasce do encantamento, pois é uma implicação diante da vida. É tecida pela cosmopercepção de sua diversidade cultural, o aprender / ser / criar / pensar de corpo inteiro, pois a cosmopercepção “...é uma maneira mais inclusiva de descrever a concepção de mundo por diferentes grupos culturais (...) que podem privilegiar sentidos que não sejam o visual ou, até mesmo uma combinação de sentidos” (OYÉWUMÍ, 1997 apud MACHADO, 2019, p. 67-68).

oferecessem subsídios para resolver problemas da prática profissional e do campo de conhecimento em terapia ocupacional e, especificamente, contextualizo os motivos da escolha do tema da maternagem das mulheres negras para ser desenvolvido neste estudo de doutoramento.

Esta pesquisa faz interface com o campo da terapia ocupacional, da ciência ocupacional, das relações raciais e dos estudos qualitativos.

Experiência como Terapeuta Ocupacional: O Caso Da Menina Negra

Na prática em terapia ocupacional, temos a oportunidade de encontrar pessoas com diferentes demandas. O impedimento na participação de uma atividade com valor pessoal e/ou social pode gerar diferentes níveis de sofrimento na vida de uma pessoa. Na minha experiência profissional como terapeuta ocupacional - que me orgulho em partilhar porque conheci pessoas incríveis neste percurso, que modificaram a minha forma de pensar e me instigaram a continuar meu compromisso de estudar para auxiliar cotidianamente na resolução de problemas da vida -, tive a chance de ouvir e aprender sobre um universo de experiências.

Vi de perto o desespero, a decepção, a quebra de expectativas que uma condição pode conformar, mas também conheci a capacidade e a criatividade, o sentimento de alegria e o olhar de superação do ser humano. Quantas histórias a vida me deu a chance de conhecer. O quanto aprendi com tantas pessoas, de distintas idades, por me permitirem participar, estar junto e pensar formas mais aconchegantes e expansivas de viver esta vida, mesmo com a presença de uma condição que pudesse ter aspectos impeditivos - seja oriunda da deficiência visual, do sofrimento mental, da deficiência física, do déficit cognitivo, da dependência química e outras drogas, dos atrasos no desenvolvimento infantil, da condição socioeconômica. Quantas celebrações inesquecíveis de pequenas e importantes conquistas!

Sobre a condição das pessoas, na terapia ocupacional, aprendemos um conjunto teórico de pontos de partida para compreender os impactos que uma situação pode modificar e acarretar sobre a vida de uma pessoa. Na nossa formação em terapia ocupacional, aprendemos e atualizamos conhecimentos sobre diversas disfunções e condições que impactam o fazer de uma pessoa, de um grupo, de um coletivo de pessoas. E em perspectivas mais críticas da terapia ocupacional, aprendemos sobre o impacto dos processos e estruturas sociais nas relações sociais

e no campo do trabalho. Gosto bastante de pensar que terapeutas ocupacionais aprendem sobre universos das vidas das pessoas. Mais do que isso, aprendemos a pensar formas e caminhos críticos ao, pelo menos, tentar facilitar a resolutividade de uma diversidade de problemas oriundos de tantas condições.

No entanto, até a minha prática profissional, no ano de 2012, quando encontrei uma criança, uma menina negra³, que vinha sendo depreciada devido suas características físicas na escola (MARTINS; FARIAS, 2020), eu não havia identificado a ausência de um debate sobre os impactos do racismo na vida das pessoas, quer no período de escolarização, quer no período de graduação, quer no período de pós-graduação. Revisitando memórias da graduação, a única recordação sobre o tema que me aparece é a explicação da pirâmide das opressões que mostra os dados sobre distribuição e desigualdade de renda a partir dos segmentos populacionais por gênero e cor ou raça⁴.

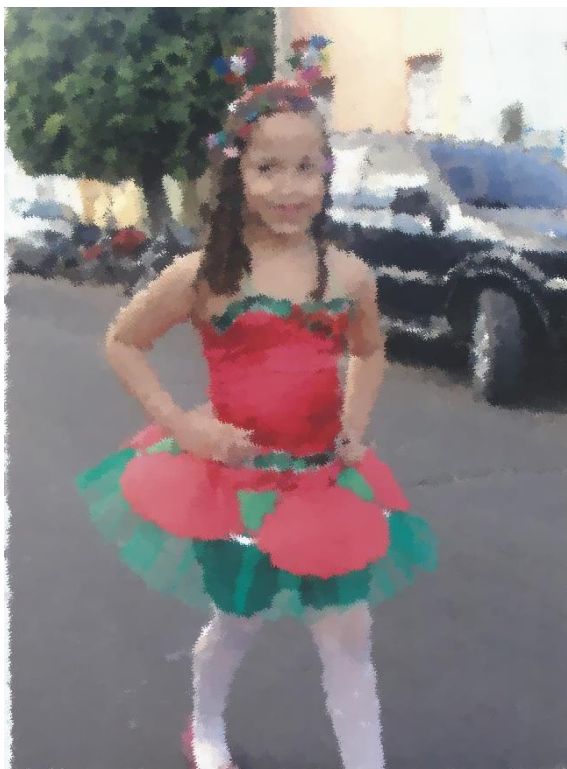
Nesta recordação, semelhante com as experiências da escola, quando aprendíamos sobre o período de escravização dos povos africanos e indígenas nas disciplinas de história e geografia, eu senti (muita) vergonha, porque a condição apresentada sobre as pessoas negras é feita de uma forma que nos remete à fixação, em um formato fortemente negativo, e que não apresenta o contexto da situação. Em outras palavras, falar sobre a condição dos negros é feita, no meu ponto de vista, com frequência, de forma descontextualizada, soando como um problema de responsabilidade pessoal.

Assim, no caso do atendimento dessa criança, em um momento da minha primeira saída da casa dos meus pais, no início da minha prática como terapeuta ocupacional, o meu raciocínio profissional para a resolução do caso, atenta ao que impactava no seu fazer, foi guiado pelas minhas identificações e experiências raciais, tão guardadas e raramente acionadas.

³ O caso desta criança foi discutido em formato de capítulo no livro “Práticas em Terapia Ocupacional” no período do doutoramento a partir do convite das autoras (GRADIM; FIRNARDE; CARRIJO, 2020).

⁴ Em aula, aprendíamos sobre o documento Retrato das Desigualdades de Gênero e Raça (PINHEIRO *et al.*, 2008).

Fotografia 1 - Fotografia enviada pela criança, como presente, depois do seu retorno à escola



Fonte: Acervo da Autora.

Ainda hoje, penso que aquela criança me trouxe grande aprendizado: havia algo, que fui aprender somente durante o doutoramento, nos espaços de debate e majoritariamente frequentado por pessoas negras, que era dimensionar o racismo. No doutorado, eu não estaria aprendendo sobre o racismo ensinado em casa, pelos meus pais, sobre como me comportar e agir nos ambientes, por ser negra. Eu aprenderia sobre o contexto e a história do racismo, os benefícios políticos e econômicos dele, as lutas e desafios dos movimentos negros no processo de resistência.

Estudos sobre Maternidade: Experiência como Pesquisadora da Graduação à Pós-Graduação Stricto Sensu em Terapia Ocupacional

A minha experiência com a pesquisa iniciou-se na época em que eu cursava a graduação em terapia ocupacional. Tomei consciência, apenas em meados entre o fim do mestrado e início do doutorado que venho me debruçando, interessando e aprendendo sobre estudos da maternidade, em perspectivas e sob orientações diferentes desde a graduação, o que significa dizer que tenho pensado perspectivas

que transitam em dimensões mais individualizadas e dimensões mais contextuais e coletivas.

Na época da graduação, a Profa. Daniela Tavares Gontijo foi a primeira pessoa com titulação de doutorado que assumiu o cargo de docente na Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Eu vivia um momento de desinteresse pelo curso de Terapia Ocupacional porque não compreendia o raciocínio profissional e a especificidade da profissão. Por recomendação e sugestão do meu irmão, pois, ele acreditava que o contato com a pesquisa poderia me auxiliar a fazer escolhas e conhecer outras possibilidades de atuação na minha área, fui conversar com a Profa. Daniela sobre o interesse em fazer iniciação científica.

Fui a primeira estudante de iniciação científica sob orientação da Profa. Daniela, nos anos de 2008 e 2009, e participei, como voluntária, do Projeto de Pesquisa “Gravidez na Adolescência em Contextos de Vulnerabilidade Social: Caracterização e Processos de Significação”. A proposta do Projeto foi caracterizar o perfil biopsicossocial de mães adolescentes e compreender os sentidos atribuídos por elas na experiência de maternidade. Na pesquisa com as participantes adolescentes, utilizamos, em diferentes momentos, métodos quantitativos e qualitativos para as entrevistas. Participei da divulgação de dois resultados (GONTIJO *et al.*, 2009, 2010) deste estudo. Para além de um conjunto de aprendizados, destaco que esse também foi o meu primeiro contato com os estudos sobre a maternidade, por um viés atento ao contexto social.

O desejo em cursar o mestrado veio forte e posteriormente ao limite de conhecimento com o qual me deparei durante o período em que atuava na assistência como terapeuta ocupacional. Entre 2012 e 2015 acompanhei uma diversidade de populações, com distintas demandas nos estados do Ceará e da Paraíba, e posteriormente ao meu retorno, em Minas Gerais. Nesta época compreendi que o meu interesse e afeto estavam norteados por uma prática com famílias e crianças, mas, o conhecimento que eu havia adquirido na graduação mostrou-se, evidentemente, insuficiente. Passei a viver ansiosa, pois, o número de questionamentos era infinitamente superior se comparado com as bases teóricas que possuía. A prática profissional também me mostrou que as mulheres mães, que buscavam atendimentos para os seus filhos, viviam sofrimentos, para além da condição do filho, levando-me a indagações da complexidade do que eu vivia, e se de fato eu estava sendo capaz de acolhê-las. Eu chegaria, então, ao mestrado, buscando debates e discussões sobre

processos estruturais que influenciavam a vida das pessoas, mas, eu não conseguia nomeá-los.

Na prática profissional, acompanhei um conjunto de dúvidas, choros e sentimentos de desespero expressados pelas mães. Cotidianamente, elas recebiam listas de orientações que precisavam fazer com seus filhos, mas, não conseguiam. Eu questionei-me muito sobre o quanto estava imposta a ideia de que, por ser mulher, ocorria uma transformação, quase que mágica, dessa mulher em mãe, com saberes que a tornavam pronta para aquela função. Esse entendimento fazia com que, no meu ponto de vista, as dificuldades, os anseios e as dúvidas fossem invisibilizados.

Prestei o mestrado na UFSCar em 2014, na linha de pesquisa “Promoção do Desenvolvimento Humano nos Contextos da Vida Diária”, apresentando um projeto de pesquisa que estava relacionado ao meu tema de Trabalho de Conclusão de Curso (MARTINS; GONTIJO, 2011), que indagava como os adolescentes utilizavam o seu tempo. Em uma das entrevistas da iniciação com uma adolescente, a qual eu classificaria como de cor/raça negra, tive grandes incômodos. A adolescente tinha 13 anos e quando eu perguntei sobre os seus sonhos, perspectivas de futuro, ela respondeu que não possuía nenhum. Comparando as perspectivas da adolescente à minha própria experiência aos 13 anos, eu buscava entender como, em um mesmo momento da vida, eu poderia ter tantos sonhos, e ela nenhum.

No entanto, quando entrei no mestrado, fazia mais sentido para mim, especialmente por ter a Prof. Regina Helena V. T. Joaquim como orientadora, ajustar nossos interesses de pesquisa, a partir da sua produção e conhecimento em maternidade. No mestrado (MARTINS, 2017), a minha pesquisa foi sobre o modo como as adolescentes iam construindo as suas identidades maternas, em uma perspectiva ocupacional, a partir das escolhas que elas faziam durante cada trimestre de gestação, após a descoberta da gravidez.

Vale destacar que, paralelamente ao desenvolvimento da pesquisa do mestrado, em relação a essa minha experiência na Pós-Graduação, em São Carlos, ao frequentar e permanecer na universidade pública, passei a me relacionar com pessoas de cursos diferentes, a ser identificada e reconhecida como mulher preta, bem como a ser convidada para compor os grupos e as discussões dos coletivos das pessoas negras. Passei, então, a frequentar discussões nos campos da Sociologia e da Educação, e especificamente as do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB-UFSCar). Cotidianamente passei a revisitar experiências, vivências e histórias

familiares imbricadas nos vários processos e dimensões da vida enquanto mulher negra. Foi nesse momento que, concretamente, constatei que as minhas experiências, sofrimentos, sentimentos individuais e as dúvidas sobre as demandas que as crianças traziam nos atendimentos, durante a minha prática profissional, se assemelhavam com as minhas, e já vinham sendo revelados e abordados por um coletivo, ou melhor, por um campo de conhecimento sobre e para a população negra.

Retomando o período do mestrado, na experiência de desenvolvimento do campo da pesquisa, entrevistei uma participante que, quando questionei a cor que ela se autodeclarava, respondeu que era “morena” porque as pessoas diziam que se autodeclarar como negra ou preta era ruim. Essa fala desencadeou muitas reflexões que não puderam ser abordadas no estudo da dissertação, mas, permaneceram em mim. Neste momento, me questionava sobre os diálogos que ela teria com o filho, que provavelmente nasceria negro.

Em meados do segundo semestre de 2015, a Profa. Lilian Magalhães é selecionada na vaga do Concurso para Professor Titular da UFSCar. No ano de 2016, ela inicia a promoção de um conjunto de debates centrados na dimensão ocupacional das condições de saúde e vida das minorias e populações vulneráveis e na formulação de metodologias de pesquisa adequadas a esse público. O vínculo da Profa. Lilian com a linha de pesquisa “Redes Sociais e Vulnerabilidades” marca o ineditismo da realização e orientação dos estudos do campo das relações raciais, especialmente do racismo como categoria de análise de estudos empíricos (COSTA, 2019; MARTINS; MAGALHÃES, 2021) na produção de conhecimento em terapia ocupacional da UFSCar.

A partir deste contexto, não tenho dúvidas de que participar dos debates empreendidos pelo NEAB-UFSCar, no ano de 2016, e ter sido questionada pela Profa. Ana Cristina Juvenal, “*E você, Sofia, quando irá discutir as relações raciais na terapia ocupacional?*”, em um final de grupo de estudos, mesmo que despreziosamente, tenha impactado diretamente no meu movimento de interesse e aproximação teórica com o campo. Tocada pela ausência epistêmica das relações raciais, do racismo e das temáticas específicas da população negra nos projetos pedagógicos do curso de terapia ocupacional na graduação e na pós-graduação, até aquele momento, me inscrevo no processo seletivo para cursar o doutorado no ano de 2017. Naquele momento, eu havia aprimorado que ser negra ultrapassava a minha consciência individual, mas atingia uma consciência política. Eu percebia que a minha consciência

coletiva, da luta e compromisso dos movimentos negros, era temporalmente tardia, mas me dispôs a desenvolver o projeto da pesquisa.

Revisitando Minha Experiência e Constituição de ser Mulher Negra

De certa forma, eu sempre soube que esta era a pesquisa da minha vida. Havia entendido, desde que me aproximei dos estudos das relações raciais, que eu vivia um processo de aprendizagem dos processos históricos que impactavam as minhas várias experiências, ao longo da vida, e mais do que isso: estava aprendendo sobre os subsídios teóricos para entender os problemas da prática e da pesquisa que haviam se apresentado. A participação nos eventos com enfoque nas temáticas raciais me fazia identificar, reviver e nomear minhas experiências de infância, adolescência e vida adulta. Vivi grandes e profundos processos de reflexão.

Na prática profissional como terapeuta ocupacional, aos meus 26 anos, uma psicóloga chamou-me de macaca, aos gritos, na recepção do nosso local de trabalho. Não fiz boletim de ocorrência, embora soubesse que racismo, materializado em ato de injúria racial, fosse crime. Essa profissional acusou-me de roubar pacientes e me violentou publicamente ao acessar a minha agenda profissional e identificar que nela havia um número alto de pacientes e na sua, não. Ela simplesmente proferiu, “*Essa macaca está roubando os meus pacientes*”. Assistiram duas recepcionistas, a proprietária do local e os usuários que aguardavam na recepção. O que explicaria uma atitude desta? No processo de ascensão social, diziam que bastava estudar, dedicar-se e sonhar. Por que é que uma pessoa usaria um termo tão depreciativo, usado para inferiorizar pessoas negras há décadas, com colega de trabalho?

Ballestrin (2013) enfatiza a necessidade de conhecimento geopolítico e defende uma noção de giro decolonial nos âmbitos epistêmico, teórico e político. Nesse sentido, entender que nasci em um país da América Latina, que se orgulha do discurso “*somos todos iguais*”, posteriormente ao fim do extenso período de tráfico negreiro e escravização dos povos africanos e indígenas, ignorando o tratamento hierarquizado, opressor, segregador e desumano da relação entre negros e brancos, e justificando essa suposta igualdade com a narrativa da falácia da democracia racial (CARNEIRO, 2003; SCHUCMAN, 2010), fez todo o sentido!

Caminhando para o fim das reflexões que auxiliam na constituição da tese, destaco dois momentos da minha vida pessoal: (1) Início da vida (1985-2021) onde

mostro o impacto do racismo na minha história pessoal de vida; e (2) contextos de realização da pesquisa: vulnerabilidade econômica, pandemia e estudo do racismo.

1) Início da vida no século XX/XXI – (1985-2021): as primeiras reflexões que fiz em 2017, sobre a minha história

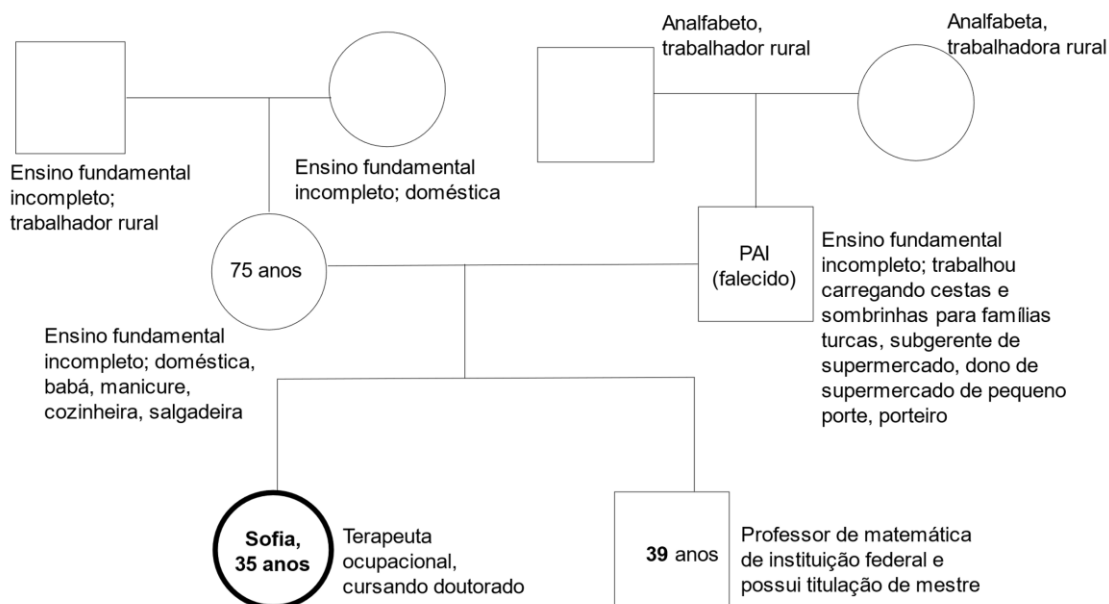
Vivemos reforçando que estamos no século XXI, talvez pelos avanços tecnológicos e científicos que marcam a nossa sociedade. No entanto, nascer no Brasil é engajar-se em situações de turbulência e de instabilidade. As leis e os direitos são revistos e revogados. Os direitos humanos são considerados inimigos por parte da população. Há um radicalismo nas falas, escolhas e posicionamento político. Há uma superficialidade, vazio, descontextualização e desmanche de diálogos. Todos querem ter razão. A polarização acentuou-se. As problematizações de temas emergentes e urgentes frequentemente são rasas. Parece difícil debater e pensar em trabalhos coletivos. Culpabilizar vítimas é recorrente. Para alguns, parece impossível entender como as questões micro e macrosociais são correspondentes e convergentes. Nesse sentido, ao iluminar as questões do racismo, compreendo que elas estejam tão vivas quanto a respiração.

Quarta década de vida. Olho para o teclado procurando localizar letras para escrever palavras que reflitam o que mudou desde que eu nasci no segundo semestre de 1985, em Uberaba-MG. Eu sou filha de uma família negra e fui constituída em uma família negra. Isso significa dizer que aprendi que eu era negra desde criança. Eu me tornei negra provavelmente no ventre da minha mãe, da forma mais genuína e bonita de desenvolver e chegar a este mundo. No entanto, o entendimento de ser negra foi sendo revisto ao longo das minhas primeiras experiências de comparação da cor de pele, em brincadeiras dentro das minhas próprias famílias.

Mas, sim, muita coisa mudou. Hoje estou em fase de conclusão do doutorado, estudei em universidades públicas, transitei por muitos espaços. Faço uma história muito diferente da de meus pais e familiares. Pude fazer muitas escolhas, dentre elas desejar e construir minha história, que é a possível. Muitas pessoas esperaram e esperam isso de mim. De fato, eu estou mudando a história, a história da nossa família. Serei a primeira pessoa a ter cursado o doutorado, a ser cientista, na nossa

família⁵ (Figura 1). Sei, por uma diferença inegável, que a minha realidade⁶ não é majoritária quando se fala da população negra.

Figura 1 - Árvore genealógica da minha família



Fonte: Elaboração da Autora.

Sobre a infância, ainda me lembro das conversas com meu pai, que já faleceu, explicando a lógica do mundo. “Filha, a lógica é assim: as pessoas sempre vão perguntar quem você é. Nessa pergunta, elas querem saber o que você faz ou o que você tem. Você vai precisar dizer o que tem de bens materiais ou de profissão. Eu quero que você estude para ter uma profissão e poder dizer coisas que têm”. Ele continuava, “por você ser preta, você vai precisar ser melhor duas vezes. Você precisa

⁵ Durante o período do campo de pesquisa, muitas vezes, eu sentia em algumas participantes a ausência de desejo de falar sobre as gerações familiares passadas. Eu mesma percebi e dialoguei com o meu núcleo familiar sobre a presença de poucos diálogos sobre a história da nossa família. Em conversas com os membros da minha família fiquei refletindo o quanto as pessoas negras pensam sobre suas árvores genealógicas. Isso porque também notei muitas vezes na minha própria família, um desejo inclusive de distanciamento com a história das nossas gerações anteriores. É como se o passado não fosse valorizado, fosse distante, não fizesse parte da história para o entendimento do presente. Assim, escolhi construir a árvore genealógica das participantes (ver Capítulo 4), assim como a minha, com a intenção de valorizar cada história, inclusive de perceber tantas semelhanças. Seríamos, nós, ou parte de nós, pessoas negras ensinadas a apagar a nossa história cultural e individual?

⁶ Por ter cursado o ensino médio em instituição particular, nunca usufruí das políticas de ações afirmativas que requeriam comprovação da condição de vulnerabilidade socioeconômica. O que interferiu em alguma medida no meu acesso a certas oportunidades, certamente, foi o apoio financeiro da minha tia Madalena que auxiliava meus pais no investimento da minha educação. Embora, de fato, as minhas condições socioeconômicas façam parte do perfil que as políticas contemplam.

sempre saber chegar e sair dos lugares. Um branco pode sair de uma festa derrubando a mesa e ficar tudo bem. Você, não. Se você sair de uma festa assim, as pessoas falarão de você e dirão que seu comportamento é esse porque é preta. Você ficará marcada”.

As conversas e as justificativas de meu pai sobre a questão de sermos negros eram sempre direcionadas para que entendêssemos que tínhamos uma diferença das outras pessoas, mas que isso não devia ser motivo para nos sentirmos inferiores. Muito pelo contrário, elas serviam para não vacilarmos nos lugares que iríamos, durante toda a nossa vida. Meu pai não media esforços para trabalhar e dentro de suas possibilidades oferecer, conjuntamente com a minha mãe, as condições financeiras, materiais e emocionais para que eu e meu irmão pudéssemos estudar e fazer uma história diferente da deles, que estudaram até o ensino fundamental incompleto, não deram continuidade aos seus estudos e trabalhavam em serviços não valorizados pela sociedade. O último emprego do meu pai foi porteiro de apartamento e, antes da chegada da pandemia, minha mãe era cozinheira. Mas, uma coisa que eu prezo no exemplo dado pelos meus pais é o comprometimento em sempre tentar fazer o melhor que pudermos.

Fotografia 2 - Minha infância com parte da minha família 1



Fonte: Acervo da Autora.

Fotografia 3 - Minha infância com parte da minha família 2



Fonte: Acervo da Autora.

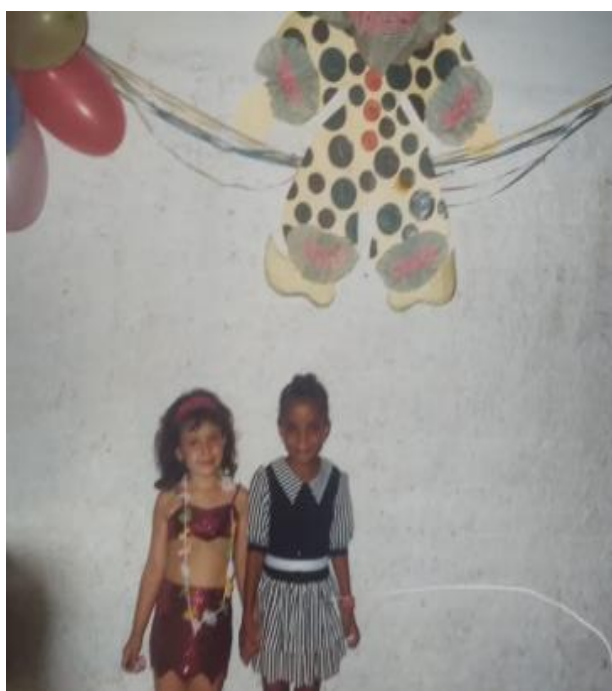
Retomando, cresci entendendo o que é diferença e como é se sentir inferior, mesmo quando você mal entende isso ou mesmo quando você nem pensa sobre isso. Embora desde uns sete anos de idade meu pai desses conselhos para a sobrevivência diante de questões raciais e econômicas, acho que eu demorei para entender bem sobre o que ele estava dizendo.

Por exemplo, ainda lembro bem da perua que me levava para a escola no ensino infantil. Não sei os motivos, mas, eu ia frequentemente na frente junto com o motorista, mas, sou capaz de retomar ao passado e recordar as sensações desses momentos. Lembro de uma criança que se sentava atrás de mim. Era um menino. Ele ia puxando o laço do meu cabelo e dizendo como eu era feia, como meu cabelo era feio ou que eu parecia com um “cocô”. As recordações e as lembranças são perfeitas. Consigo escutar a voz, sentir o toque e a sensação de frio na barriga por sentir medo. Após essas situações, sempre chegava calada na escola ou em casa. Não contava essas coisas para a minha mãe, porque eu tinha medo. Ainda na educação infantil, a última experiência, dentre tantas que aconteceram, é a da mãe de uma criança e de sua filha, que era muito maior do que eu, falando que se eu batesse no filho dela de novo quem me bateria seria essa menina, que era mais velha e maior. Esse menino dizia para a mãe dele que eu sempre batia nele. Eu guardei isso comigo até os 18 anos, quando tive coragem de contar para a minha mãe.

Desde a educação infantil, dos meus cinco anos até os 18 anos, imagino que para minha mãe exercer seu trabalho materno tenha sido bem difícil. Conforme fui crescendo, passei a desejar persistentemente querer ser branca! Em minhas

brincadeiras, imaginava lindamente ser aquelas *barbies* loiras que eu morria de amor. Quando eu e outras amigas brincávamos de casinha ou de imitação, eu sempre imaginava ser alguma das mulheres brancas com seus cabelos enormes. Sim, eu colocava uma toalha na cabeça para me sentir branca. E isso era maravilhoso. Passei então a encher minha mãe com perguntas de como afinar meu nariz, ter cabelo liso, clarear a pele, ter olhos claros, mudar as minhas pernas, meu corpo, qualquer coisa que me remetesse no dia a dia a ser branca.

Fotografia 4 - Eu com a minha melhor amiga de infância



Fonte: Acervo da Autora.

Eu não costumava dizer para minha mãe o porquê desses desejos. Eu apenas compartilhava com ela o que eu queria mudar em mim. A cada pedido desses ela sempre reforçava a minha beleza e dizia como eu era bonita. Chamava-me sempre que possível para eu ver alguma negra e dizer como eu era parecida, ou mesmo simplesmente dizia como eu era bonita do jeito que ela imaginava que eu seria durante a gravidez. Acho que ela passou a comprar a revista “Raça” que trazia imagens e histórias de negros por algo neste sentido. Não sei.

Acredito que se pode esperar que, quanto mais contato com as pessoas brancas, seus jeitos, beleza, sucesso e poder, mais desejo por ser parecida com elas uma pessoa negra, sem referências e espelhos de negros de sucesso, deseja.

Noventa e oito por cento das pessoas que eu conheci, até os meus dezoito anos, bem-sucedidas, eram pessoas brancas. Quase todas as pessoas negras que tive contato, nessa mesma época, eram empregadas domésticas das minhas amigas, cozinheiras das escolas, faxineiras de qualquer espaço público, garçom ou garçonetes de bares, festas. Ir à casa das minhas amigas era uma tortura porque eu nunca sabia como me portar diante das situações. A identificação, o espelho, as referências eram complicados. Eu sempre pensava: todo negro sempre precisa trabalhar para servir alguém?

Em um período da minha vida, estudei em um colégio particular conceituado da minha cidade, em Minas Gerais. É uma escola renomada com um grande alunado. Eu era uma, de no máximo dez alunos negros, que estudavam no colégio inteiro. Professores negros? Se me lembro bem, eram três. Eu poderia contar todos os lugares em que eu fui e era a única ou somava o 5% do número de negros da festa inteira, que foi para se divertir e, portanto, não estavam trabalhando. Ou mesmo a infinidade de histórias sobre os encontros nas relações branco-negros ou encontros negros-negros em que a saúde mental era colocada em abalo.

Retomando o momento presente da minha vida, relembro essas experiências todas e me deparo com o mesmo mundo, senão muito idêntico. Ao olhar as notícias mundiais, ao olhar especialmente as notícias do Brasil, me deparo com as manchetes dos jornais, nas redes sociais que muito se assemelham à minha história, que durante tanto tempo tentei aceitar, apagar, entender o que eu deveria ter feito ou fazer com ela. Ao olhar para as manchetes que envolvem negros, revivem em mim as lembranças que tenho de minhas experiências e que passo a me recordar perfeitamente ao me localizar na minha infância por volta dos meus cinco anos de vida. Ou seja, décadas depois, muitas pessoas continuam tendo experiências de ser negro de um modo que pareça que estamos sendo sempre humilhados, errados e incomodando.

As experiências como filha do meu pai e da minha mãe marcam diálogos que constituíram formas particulares de existir, ser, pensar, fazer, pertencer e mesmo me tornar uma pessoa negra durante o meu processo de desenvolvimento humano. Analiso que esses elementos demonstrem reflexões diversas, mas, tipicamente recorrentes na experiência de famílias negras, especialmente ao tratar de processos de construção da identidade racial e orientações em relação (ou não) ao enfrentamento do racismo.

Uma tentativa de entendimento para essa situação é que as associações que remetem à escravização dos povos africanos e indígenas ainda não foram superadas, que o discurso de superioridade racial europeia ou da população branca ainda é real, justificando a invisibilidade da população negra nos espaços de poder e a naturalização de não os ver em locais considerados espaços ditos meritocráticos. É um “apartheid silencioso” que opera resistindo à democratização das possibilidades de populações negras e indígenas ao dificultar, impossibilitar e exterminar o imaginário dos sonhos; assassinando cuidados, histórias, memórias, conhecimento, sonhos e direitos.

2) Contextos de realização da pesquisa: vulnerabilidade econômica, pandemia e estudo do racismo

Esta pesquisa foi realizada sob um conjunto de circunstâncias que merecem destaque. Durante os três primeiros anos do doutorado, entre 2017 e 2019, ela não recebeu financiamento. Acredito que, embora a ausência de financiamento não seja um fator impeditivo da realização de uma pesquisa, ela revela uma condição. A condição que é necessária de ser dita neste espaço é que precisei buscar formas de me manter em São Carlos-SP, motivada por um desejo que compreendia o tamanho da oportunidade que eu vivia, no que se refere a estudar em um Centro como o da UFSCar, em um dos melhores cursos de Terapia Ocupacional do Brasil e, na época, a única Pós-Graduação em Terapia Ocupacional na América Latina. É a realização de um sonho!

Mas, analiso que foi um período inquestionavelmente desafiador. Não conseguiria comparar a condição que vivi a nenhum outro momento da vida, especialmente pela duração da condição. Por precisar trabalhar em dias e finais de semana, em trabalhos que tinham a intenção de completar a renda mensal, ficava muito cansada mental e fisicamente. Neste período, é importante dizer que eu vivi com rendas inferiores a uma bolsa de mestrado que eram organizadas para o pagamento de todo o custo de morar fora de Minas. A minha mãe trabalhava como cozinheira e eu contava com o suporte da minha tia Madalena, sem ela seria insustentável fazer algo. Acredito que eu tenha conseguido chegar até aqui por carregar os olhos e corações da minha mãe e da minha tia tão cheios de fé em mim.

Mencionar a minha vulnerabilidade econômica é importante porque acredito que ela justifique a ausência de investimentos em aspectos que poderiam auxiliar na condução da pesquisa, como ocorreu nos últimos anos^{7,8} da pós-graduação. A criatividade reinou. Minha mãe e minha tia Madalena, por exemplo, foram grandes protagonistas deste estudo. Elas me deram importantes devolutivas sobre a experiência de construção de seus mapas corporais, conduzidas a partir da proposta do tema deste estudo.

Fotografia 5 - Minha mãe e tia Madalena construindo seus mapas corporais



Fotografia da minha mãe (73 anos) e da minha tia Madalena (74 anos) construindo cada uma o próprio mapa corporal, respectivamente. Fonte: Acervo da Autora.

No último ano do doutorado, em 2020, passei a receber o financiamento da CAPES para a realização da pesquisa. Logo em seguida, vivemos as consequências da pandemia - minha mãe, por ser idosa, foi desligada do trabalho. Assim, passei a ser a principal fonte de renda da minha casa. Esta pesquisa também foi realizada durante o governo do presidente Jair Bolsonaro, quando mais de meio milhão de

⁷ Curso “Fanon e a crítica da razão ocidental racializada”, ministrado pelo Prof. Dr. Deivison Faustino (Nkosi) e organizado pelo CDINN – Coletivo de Intelectuais Negras e Negros, de 17 a 20 de fevereiro de 2021.

⁸ Minicurso “Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas e pesquisa” realizado pela Livraria Africanidades e ministrado pela Profa. Dra. Aparecida de Jesus Ferreira, de 17 a 21 de maio de 2021.

peças morreram da Covid 19 e o Presidente, como ele mesmo disse no dia 08/07/2021 no contexto da CPI, declarou que “cagou”⁹ para a situação.

Argumento Central da Tese

O tema desta tese, maternagem de mulheres negras, é o foco do estudo a partir do meu interesse e experiência pessoal como mulher negra, mas, principalmente das demandas da prática e da pesquisa em terapia ocupacional. Compreendo que os ensinamentos da minha mãe foram valiosos para que eu pudesse elaborar um raciocínio profissional para aquela criança que me permitiu visualizar os processos de segregação que ela vivia. Na pós-graduação, dediquei-me a refletir sobre as dificuldades que a mãe dessa criança havia exposto, mesmo que não explicitamente, em falar sobre racismo com a sua filha, bem como da gestante adolescente, que entrevistei no mestrado. Eu passei a pensar sobre o que ela falaria para os seus filhos sobre negritude e identidade racial negra ao longo da vida.

Resumindo, os ensinamentos da minha mãe tiveram duas dimensões durante a minha vida: valorização e aceitação das minhas características e a compreensão de que eu poderia ser tratada diferente por ser negra, acompanhada da recomendação de um conjunto de comportamentos que eu deveria adotar nas relações sociais.

1.2 PROBLEMA DE PESQUISA

A caracterização do cenário brasileiro pelo recorte de gênero e racial/étnico mostra que, considerando o período reprodutivo das mulheres brancas, negras e indígenas, na faixa etária de 15 a 49 anos de idade, 55,1% do total da população feminina participa da idade reprodutiva (IBGE, 2014). Em relação à idade reprodutiva por grupos etários, nota-se, pelos referenciais da cor da mulher, que pretas ou pardas apresentam indicadores superiores aos das brancas quando se trata da porcentagem de filhos por faixa etária. Seguem as porcentagens de mulheres que tinham ao menos um filho nascido vivo por cor/raça e faixa etária em 2014 (Tabela1):

⁹ Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/politica/caguei-para-a-cpi-diz-bolsonaro-ao-afirmar-que-nao-respondera-carta-sobre-denuncia/>.

Tabela 1 - Comparativo da idade reprodutiva, por faixa etária e referenciais de cor, entre mulheres brancas e não brancas

Mulheres com ao menos um filho nascido vivo		
	Indicativo de mulheres brancas (%)	Indicativo de mulheres pretas ou pardas (%)
Faixa etária (anos)		
15 a 19	8,8	14,1
20 a 24	31,9	45,6
25 a 29	53,4	66,3
30 a 34	72,2	79,5
35 a 39	82,5	85,3
40 a 44	85,8	87,5

Fonte: (IBGE, 2014). Elaboração da Autora.

A compreensão de que, por situação de cor, o percentual de mulheres pretas e pardas que exercem o papel de mãe é superior ao de mulheres brancas, leva-me a questionar como as experiências de mães pretas e pardas têm recebido atenção das políticas públicas, têm tido visibilidade no campo da ciência e sendo assistidas, na prática. Anteriormente à maternidade, acredito que pensar sobre as mães negras se torna ainda mais desafiador quando os dados de Estatística de Gênero do Brasil (IBGE, 2014) sobre as mulheres pretas ou pardas são analisados nos âmbitos da família, da educação, do mercado de trabalho e da renda. Isso porque os dados constataam diferenças e taxas de desigualdades, quando comparados com os das mulheres brancas, em relação ao número de filhos, ao principal responsável de famílias com e sem crianças, frequência escolar e ao nível de instrução, taxa de atividades e garantia de direitos trabalhistas. Nesse sentido, de acordo com Collins (2016), pensar sobre a imagem da mulher mãe negra é compreender que há desigualdades que precisam ser priorizadas, pois, nossa sociedade ainda as coloca em posição inferiorizada.

Aprimorando a experiência da mulher negra, contemplando o evento da maternidade, é possível identificar um conjunto de demandas que essa mulher poderá vivenciar: a silenciosa violência sofrida pelas crianças negras no contexto escolar (CAVALLEIRO, 2005; PACHECO; CALADO; SOUZA, 2017), o histórico de genocídio de adolescentes (MINAYO, 1990) e de jovens negros (CERQUEIRA *et al.*, 2020) e, conseqüentemente, a experiência do luto crônico das mães que perdem seus filhos, fruto da violência letal do Estado (CALADO, 2020). Em outras palavras, as mães

negras vivem uma realidade em que pode haver extermínio simbólico e subjetivo de suas memórias e história, configurado em um processo que pode ser compreendido como genocídio da população negra (NASCIMENTO, 1978), e letal, cunhado por Mbembe (2018) como necropolítica.

Destaco que as demandas da população negra, sobretudo das mulheres negras, atreladas às desigualdades e ao racismo, em distintas dimensões da vida, nos âmbitos da moradia e da família, da educação, do ambiente de trabalho, das condições de vida, das redes sociais e comunitárias, do estilo de vida e das mídias sociais, vêm sendo pensadas por distintas áreas de conhecimento. No entanto, embora os dados do IBGE (2014) mostrem que a representação numérica das mães negras seja superior, estudos acadêmicos sobre a população de mães negras associados ao racismo e à criação de filhos ainda são escassos na literatura.

1.2.1 Estudos sobre Racismo e População Negra

A desproporcional expressão numérica da população negra e a escassez de investigações na pesquisa é atestada quando se analisa o Sistema Único de Saúde. A presença majoritária da população negra e o reconhecimento do racismo, conquistado no plano político, pela formulação da Política Nacional de Saúde Integral da População negra, como o principal elemento que constitui as iniquidades em saúde na vida de homens e mulheres negros, de todas as regiões do Brasil, em todas as fases de suas vidas, não se expressa no campo de pesquisa (DAMASCENO; ZANELLO, 2018; WERNECK, 2016).

A análise recente das produções científicas referentes a estudos de revisão sobre o racismo mostra resultados que revelam o impacto do racismo institucional no quadro de desigualdades, identificando o quanto este é um tema ainda velado e interfere na vida das pessoas negras, independente da condição social (QUADROS *et al.*, 2020). A mudança da expressão do racismo para uma forma implícita e sutil e baixa quantidade de estudos empíricos sobre o tema (MONTALVÃO; FARIA, 2020); e a baixa produção de temas relacionados às questões raciais e desenvolvimento infantil (CARVALHO; FRANÇA, 2019).

O interesse em mapear a produção bibliográfica brasileira sobre o tema saúde mental e racismo, entre 1999 e 2014, pelas pesquisadoras Damasceno e Zanello (2018), considerando as categorias profissionais presentes no Centro de Atenção

Psicossocial (CAPS) – psicologia, psiquiatria, assistência social, terapia ocupacional e enfermagem –, identificou a ausência da autoria de terapeutas ocupacionais nos estudos. Um outro elemento que merece destaque, é o desconhecimento, por profissionais da área de saúde mental, das políticas públicas existentes que beneficiam a população negra, possibilitando concluir que os profissionais têm uma prática baseada em padrões díspares da realidade negra. Por fim, destaco, dentre os pontos das conclusões dos dezenove artigos selecionados, a incipiência da pesquisa da saúde mental no Brasil conjugadas às relações étnico-raciais, a importância da pesquisa da interseccionalidade no caso das mulheres negras e a existência da lacuna estatística nos serviços de saúde no Brasil, que negligencia o pertencimento étnico-racial da população atendida.

No caso específico dos estudos do racismo relacionados às mulheres negras, Werneck (2016) põe em tela que a saúde da mulher negra não é uma área de conhecimento ou um campo de estudos relevante nas Ciências da Saúde. A pesquisadora constata que o tema é inexpressivo na produção de conhecimento científico e não participa do currículo dos diversos cursos de graduação e pós-graduação em saúde. O estudo de Oliveira e Kubiak (OLIVEIRA; KUBIAK, 2019) corrobora mostrando resultados da incipiência dos estudos que associam racismo e saúde da mulher negra, assim como informa que a entrada do assunto na literatura brasileira é recente, iniciado no ano 2000.

É possível ainda caracterizar que os estudos sobre a população negra articulados ao racismo vêm sendo abordados a partir de distintas temáticas: saúde e bem-estar da mulher negra (CRUZ; PINTO, 2002); efeitos de intervenções sociais nas trajetórias de jovens de camadas populares (CECCHETTO; MONTEIRO, 2006); consequências do racismo na saúde mental em gestantes negras e não negras (GUIMARÃES; PODKAMENI, 2008); adolescentes e HIV/Aids (TAQUETTE; MEIRELLES, 2013); mulheres negras no Programa Bolsa Família (MARIANO; CARLOTO, 2013); hipertensão entre afrodescendentes com história percebida de racismo (FAERSTEIN *et al.*, 2014); e mulheres negras e HIV/Aids (SANTOS, 2016).

Em relação ao enfoque desses estudos, observo que, de uma forma geral, há a priorização de objetos de estudo que focalizam demandas e necessidades específicas da população negra. Enfatizo algumas análises e considerações oferecidas pelos/as pesquisadores/as, em seus resultados e discussões, que ora revelam a caracterização dos processos de discriminação enfrentados pela população

negra, ora apresentam os impactos dos projetos realizados para a população negra e ora fazem menção aos mecanismos de enfrentamento utilizados pela população negra nas situações de discriminação.

Em síntese, os estudos evidenciam os contextos de vulnerabilidade para homens e mulheres negras, bem como estratégias que vêm sendo utilizadas como enfrentamento - projetos direcionados à população negra. Também é possível identificar que os processos de discriminação e racismo são variados e não agem com a mesma força entre as pessoas negras, embora sejam sempre danosos. Esses estudos ainda mostram que as vivências de preconceito e discriminação levam as pessoas a terem uma autoimagem distorcida, provocando sentimento de insegurança quanto ao caráter, ao aspecto físico e à intelectualidade, que se revelam como fruto do racismo institucional.

Constatai ainda que os estudos que se dedicam à compreensão do processo específico de discriminação baseados nos fenótipos (DU BOIS, 1999; FANON, 2008) e que, explicitamente, estão interessados nas estratégias utilizadas para a superação do racismo, ainda são incipientes. Métodos que valorizem compreender melhor esses elementos podem oferecer possibilidades de aprofundar a compreensão do processo de discriminação e torná-los visíveis.

1.2.2 Estudos sobre Terapia Ocupacional e Racismo

A análise do tema racismo, no campo de conhecimento em terapia ocupacional, foi conduzida a partir de um levantamento bibliográfico, não sistematizado, que teve como base a investigação das produções de conhecimento estrangeiras e nacionais que trouxessem o racismo e a população negra como foco. Três levantamentos em bases de dados, em periódicos específicos da área e em bancos de teses e dissertações (Quadro 1) foram guiados pela questão “Como a literatura baseada em perspectivas ocupacionais tem abordado o racismo?”.

Inicialmente, em 2020, conduzi um levantamento e uma sistematização dos artigos por meio da combinação dos descritores “*occupational therapy*” AND “*racism*” e de versões correlatas em português. Na estratégia de tentar recuperar o maior número de referências, o ano de publicação não foi definido. Posteriormente, os estudos publicados no ano de 2021 foram acrescentados.

A consulta foi realizada nos bancos de dados *PsycINFO*, *Web of Science*, *Scopus*, *CINAHL*, *PubMed*, *LILACS* e *SciELO – Scientific Electronic Library Online*, visando acessar textos disponíveis. Além disso, pelo fato de esta pesquisa abordar questões vinculadas à dimensão ocupacional do racismo, optou-se por buscar trabalhos publicados nos periódicos nacionais e latinos da área, visto que nem todos os periódicos e/ou volumes estão indexados nas bases de dados, mas, em contrapartida, reúnem uma considerável parte das publicações feitas por terapeutas ocupacionais. Assim, foi realizada uma varredura manual nos periódicos *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, *Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo*, *Revista Baiana de Terapia Ocupacional*, *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional*, *Revista Argentina de Terapia Ocupacional*, *Revista Chilena de Terapia Ocupacional*, *Revista del Colegio de Profesionales de Terapia Ocupacional de Puerto Rico*, *Revista Colombiana de Terapia Ocupacional* e *Revista de Estudiantes de Terapia Ocupacional*. Por fim, a *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)* e o *Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES* foram consultados.

Os critérios de inclusão dos trabalhos para análise foram: abordar a terapia ocupacional e o racismo e/ou população negra como foco de atenção dos terapeutas ocupacionais. O intuito foi buscar aproximações e diálogos propostos nos textos entre a terapia ocupacional e o campo das relações raciais, mais especificamente com o do racismo, especialmente, desenvolvidas na América Latina, mas sem a pretensão de esgotá-las.

Quadro 1 - Informações sobre o levantamento bibliográfico

Questão norteadora:	
Como a literatura baseada em perspectivas ocupacionais tem abordado o racismo?	
Descritores: “occupational therapy” AND “racismo” e correlatos em português	
Locais de busca	
Bases de dados	PsycINFO, Web of Science, Scopus, CINAHL, PubMed, Lilacs, SciELO –
Periódicos	Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional, Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional, Revista Argentina de Terapia Ocupacional, Revista Chilena de Terapia Ocupacional, revista del Colegio de Profesionales de Terapia Ocupacional de Puerto Rico Revista Colombiana de Terapia Ocupacional, Revista de Estudiantes de Terapia Ocupacional
Teses e dissertações	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), Catálogo de Teses e Dissertações - CAPES

Fonte: Elaboração da Autora.

Referente ao primeiro levantamento, realizado em junho de 2020, do total de 146 estudos selecionados, 12 deles foram excluídos porque eram repetidos e outros 97 porque não eram do campo da área da terapia ocupacional e/ou não tinham foco no racismo. Quinze estudos foram selecionados para análise. A atualização do levantamento, realizada em 2021, selecionou e analisou outros dezenove textos que versavam sobre racismo e assuntos correlatos. Destaca-se que se achou conveniente manter no mapeamento, inclusive, os textos editoriais. Os resultados mostram que as discussões feitas pelos terapeutas ocupacionais têm ocorrido principalmente nos formatos teórico-reflexivos e de revisão da literatura.

O conjunto dos artigos teórico-reflexivos mostram uma diversidade de perspectivas como a presença das narrativas opressivas na formação em terapia ocupacional e da reprodução da supremacia branca e do racismo nas práticas em saúde do Canadá (GRENIER, 2020); propostas de descolonização da ocupação e da terapia ocupacional (EMERY-WHITTINGTON; TE MARO, 2018; GIBSON; FARIAS, 2020), a experiência de vergonha e desconhecimento de privilégios por estudantes de terapia ocupacional e terapeutas ocupacionais (NICHOLLS; ELLIOT, 2019); possibilidades de atuação junto com a população negra e apresentação de estratégias centradas na participação da população negra, na constituição das identidades negras e negritudes e articulação de políticas sociais para fortalecimento de redes e direitos sociais (FARIAS; LEITE JUNIOR; COSTA, 2018).

Em um outro conjunto de textos, centralizados em discussões com perspectivas antirracistas, é possível visualizar temáticas sobre posicionamentos e aspectos da prática antirracista na terapia ocupacional (AMBROSIO *et al.*, 2021); valorização das contribuições epistêmicas das memórias negras na história da profissão (LEITE JUNIOR; FARIAS; MARTINS, 2021); provocações sobre a prática e a produção de conhecimento sobre a população negra e apresentação de iniciativas pautadas nas questões raciais por terapeutas ocupacionais negros (AMORIM *et al.*, 2020); além de um sensível ensaio fotográfico, realizado no projeto “Espaço seguro: acolhimento e estratégias de enfrentamento às violências cotidianas do machismo e do racismo”, capa da Revista Brasileira Interinstitucional de Terapia Ocupacional, valorizando a identidade e a imagem negra (ANDRADE *et al.*, 2020).

Os estudos teóricos-reflexivos também abordam reflexões de termos como o conceito de humildade cultural, buscando compreender teorias e práticas pautadas na diversidade cultural em terapia ocupacional que hierarquizam e determinam

oportunidades ocupacionais (HAMMELL, 2013); assim como o conceito de transculturalidade para pensar práticas culturais sensíveis no contexto do Reino Unido (HOWARTH; JONES, 2016).

O conjunto dos artigos de revisão estrangeiros aborda os impactos do traumatismo craniano na população negra, buscando compreender a integração do cuidado e os quadros de privação ocupacional (OMAR *et al.*, 2020). E a síntese de práticas que podem ser antirracistas, como a reflexão sobre o poder e os privilégios na relação terapêutica, o uso de modelos inclusivos – consideração do impacto do racismo nas ocupações e acesso aos cuidados de saúde, assim como a abordagem do racismo estrutural (STERMAN; NJELESANI, 2021).

Dentre os dois artigos de revisão nacionais examinados, um deles aborda a emergência de uma formação e prática antirracista na terapia ocupacional (FARIAS; LEITE JUNIOR; AMORIM, 2020), utilizando-se do referencial teórico-metodológico da terapia ocupacional social. Os autores mostram a incipiência do tema e destacam que as produções vinculadas com a terapia ocupacional social se ressaltam. Destacam-se os temas encontrados na revisão referente a esse campo, elencando-se que eles estão relacionados com a população de imigrantes africanas no Brasil, imigrantes africanos nos albergues de São Paulo, ações de valorização dos africanos no Brasil, vida cotidiana das mulheres africanas no Brasil, desqualificação social da população negra imigrante, população quilombola e povos do terreiro.

O outro artigo de revisão aborda o panorama de publicações da terapia ocupacional social na interface com a temática da África, destacando a categoria diversidade cultural para o entendimento de vivências, histórias e saberes do pesquisador e dos interlocutores das sociedades africanas nas interfaces com a religião, a cultura, o gênero, a mobilidade, os direitos, entre outros (PASTORE; SATO, 2018).

Referente às produções empíricas, os estudos mostram desenhos metodológicos com abordagem qualitativa (HOJJATI *et al.*, 2018; WHITEFORD, 1995), abordagem quantitativa (STEED, 2014) e mista (BEAGAN; ETOWA, 2009).

As discussões contemplam os povos indígenas, buscando entender as desigualdades no pós colonialismo e na saúde no Canadá (HOJJATI *et al.*, 2018); as atitudes dos estudantes brancos americanos em relação aos estudantes afro-americanos, nas escolas de terapia ocupacional (STEED, 2014); os efeitos do racismo nas experiências ocupacionais das mulheres afro canadenses (BEAGAN; ETOWA,

2009); o desenvolvimento e competências no trabalho com indivíduos culturalmente diferentes entre os estudantes de terapia ocupacional do Canadá (WHITEFORD, 1995).

Por fim, a busca realizada na *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)* e *Catálogo de Teses e Dissertações – CAPES* mostrou uma única dissertação (COSTA, 2019). Esse estudo buscou compreender a dimensão ocupacional do racismo no acesso e permanência de três estudantes universitárias negras, sendo uma de graduação, uma de mestrado e uma de doutorado. O trabalho mostra a presença do preconceito racial, das dificuldades econômicas e do processo de construção da subjetividade da negritude no espaço universitário, assim como a importância das motivações familiares, sociais e políticas.

É possível constatar que o mapeamento das produções dos estudos que abordam perspectiva ocupacional do racismo na terapia ocupacional mostra-se incipiente no contexto nacional e estrangeiro. A caracterização dos estudos permite identificar que a maioria deles são teórico-reflexivos e trazem debates importantes para o campo como a supremacia branca, a descolonização, a constituição das identidades negras e das negritudes e o fortalecimento de direitos sociais. Vemos também que terapeutas ocupacionais utilizam da categoria da ‘diversidade cultural’ para discutir hierarquizações, assim como o entendimento das sociedades africanas, no caso da terapia ocupacional social no Brasil. Nunes, Leite Junior e Amorim (2020) destacam a escassez dos estudos voltados à saúde da população negra e enfatizam a necessidade de pesquisas que abordem a negritude brasileira devida aos processos diaspóricos.

1.2.3 Estudos sobre as Mães Negras e Racismo

Para entender a repercussão do racismo enfrentado pelas mulheres negras em suas ocupações maternas, construí um desenho metodológico para realizar o levantamento bibliográfico que sistematizasse e selecionasse a produção estrangeira e nacional de conhecimento, focalizando a interface da maternidade com o racismo, mais precisamente na socialização do racismo com os filhos. O levantamento da literatura teve como finalidade elencar os artigos conceituais, de revisão e empíricos sobre as práticas maternas relacionadas aos ensinamentos sobre negritude e racismo aos filhos, visando reunir informações que envolvessem o objeto de estudo proposto.

Com o interesse, portanto, de localizar estudos que correlacionassem, exclusivamente, **mães negras e racismo**, fiz buscas em quatro locais, sem delimitação temporal, entre os dias 11 e 12 de julho de 2021: 1) Base de dados *Web of Science*; 2) *SciELO*; 3) *Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES*; 4) *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)* utilizando os descritores “*mother**” AND “*racism*” e “*maternidade*” AND “*racismo*”.

No *Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES*, dentre os dezessete trabalhos localizados, onze foram selecionados. Na *BDTD*, dos trinta trabalhos, quatro foram elencados. Assim, dos 47 trabalhos de dissertação e teses, dois se repetiram e treze foram contemplados.

Uma análise do resumo desses trabalhos mostra que a produção do racismo, atrelado à maternidade, tem discutido um conjunto diversificado de temáticas que envolvem experiências no momento da adolescência (CARNAÚBA, 2019), de violência obstétrica (SANTOS, 2016), de perda dos filhos para o Estado (ARAÚJO, 2019; CUNHA, 2019; OTA, 2019), no contexto do sistema carcerário (OLIVEIRA, 2019), do uso do crack (LOPES, 2018), da doença falciforme (PAZ, 2015; SILVA, 2018; SILVA, 2017) e da saúde das mulheres haitianas (MOMADE, 2018). Encontra-se também preocupação com as disparidades do cuidado pré-natal entre mulheres negras e brancas (ALMEIDA, 2017; RODRIGUES, 2009). Nesse conjunto de trabalhos, os dois estudos de doutorado referem-se à utilização do crack durante a maternidade (LOPES, 2018) e à luta das mães contra a violência do Estado (OTA, 2019).

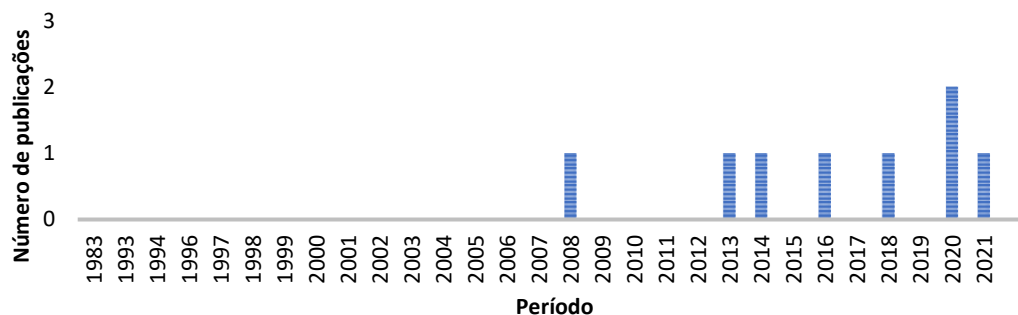
Nas bases de dados, *Web of Science*¹⁰ e *SciELO*¹¹ um total de 408 títulos e resumos, entre 1983 e 2021, foram lidos e analisados. Os oito estudos selecionados abordam a socialização do racismo por mulheres mães negras. O número de publicações dessa produção, por ano, é representado no Gráfico 1 abaixo:

¹⁰ A combinação dos descritores resultou em 401 estudos.

¹¹ A combinação dos descritores resultou em sete estudos, sendo que dois eram repetidos.

Gráfico 1 - Mapeamento sobre socialização do racismo por mães negras

PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO SOBRE A SOCIALIZAÇÃO DO RACISMO POR MÃES NEGRAS



Fonte: Elaboração da Autora.

Nesse mapeamento foi possível identificar que o primeiro estudo sobre a socialização do racismo foi divulgado por Suizzo, Robison e Pahlke (2008). Na sequência, Rollins e Hunter (2013), Odom, Garrett-Peters e Vernon-Feagans (2016), Curenton, Crownley e Mouzon (2018), Turner (2020), Leath *et al.* (2020) e Martins e Magalhães (2021). Destaca-se a revisão sistemática dos últimos 30 anos sobre a socialização étnico-racial por Priest *et al.* (2014). Os títulos e os periódicos dos estudos são detalhados no Quadro 2 a seguir:

Quadro 2 - Mapeamento dos estudos sobre socialização do racismo por mulheres mães negras

Ano	Periódico	Título	Autoria
2008	Journal of Family Issues	African American mothers' socialization beliefs and goals with young children: Themes of history, education, and collective independence	Suizzo, Robinson, & Pahlke
2013	Family Relations	Racial Socialization of Biracial Youth: Maternal Messages and Approaches to Address Discrimination	Rollins & Hunter
2014	International Journal of Intercultural Relations	Understanding the complexities of ethnic-racial socialization processes for both minority and majority groups: A 30-year systematic review	Priest <i>et al.</i>
2016	Journal of Family Issues	Racial Discrimination as a Correlate of African American Mothers' Emotion Talk to Young Children	Odom, Garrett-Peters & Vernon-Feagans
2018	Journal of Family Issues	Qualitative Descriptions of Middle-Class, African American Mothers' Child-Rearing Practices and Values	Curenton, Crownley & Mouzon

2020	Sociology of Race and Ethnicity	Black Mothering in Action: The Racial-Class Socialization Practices of Low-Income Black Single Mothers	Turner
2020	Psychology of Women Quarterly	What Happens If They Come for You? An Exploration of Mothers' Racial Socialization on Discrimination with Black College Women	Leath <i>et al.</i>
2021	Interface - Comunicação, Saúde, Educação	Vai arrumar este cabelo, neguinha! Mapeamento Corporal Narrado por Gabriela, mãe negra	Martins & Magalhães

Fonte: Elaboração da Autora.

1.3 PONTOS-CHAVE DO ESTUDO

Questão de Pesquisa

Esta pesquisa questionou: como a experiência do racismo enfrentado pelas mulheres negras repercute nas suas ocupações maternas?

Objetivos

Objetivo Geral

- Compreender a experiência de racismo enfrentado por mulheres negras e suas repercussões nas suas ocupações maternas.

Objetivos Específicos

- Descrever as trajetórias das mulheres negras e suas eventuais experiências de racismo, relacionando-as à maternidade.
- Descrever as ocupações maternas realizadas pelas mulheres negras, focalizando suas percepções sobre a influência do racismo nestas atividades.
- Identificar e criar chaves taxonômicas para o conjunto de ocupações maternas que são realizadas pelas mulheres negras, sob a égide do racismo.
- Buscar entender, em termos ontológicos, como o racismo modifica a experiência de maternidade de mulheres negras.

Termos-Chave do Estudo

Raça

Compreendido do ponto de vista científico, pela acepção sociológica, em referência a um grupo humano com origens e características fenotípicas compartilhadas por essas pessoas. É a marca de distinção evidente entre os grupos raciais (tons de pele, textura de cabelo, formato do rosto). Em outras palavras, designa as características políticas e culturais de um determinado grupo. É termo construído social, cultural e historicamente de forma discursiva para possibilitar privilégios de um grupo sobre o outro. Termo usado para se referir aos grupos que, historicamente, são privilegiados (não precisando, por exemplo, definir o próprio pertencimento racial, como demonstra o campo de estudos sobre a branquitude) e/ou sofrem por discriminação de cunho racial, o que requer atenção às suas necessidades sociais e políticas.

Racismo

Refere-se ao comportamento expresso em hostilidade e menosprezo em relação a pessoas ou grupos humanos que têm associados uma ideia imaginária e falsa de características físicas, biológicas ou raciais às intelectuais e morais de forma inferiorizada. É expresso, individual e institucionalmente, por atos discriminatórios de indivíduos contra indivíduos em níveis diversificados de violência: agressão, destruição de bens ou propriedades, assassinatos, segregação no espaço urbano (especialmente escola e mercado de trabalho) e representação inadequada em material didático e mídias sociais. Trata-se de um crime inafiançável e imprescritível definido pela Constituição Brasileira.

Preconceito

Refere-se ao julgamento, baseado em uma opinião ou sentimento, ou seja, sem fundamento ou razão, formulado sobre uma pessoa, grupo ou povo que é desconhecido. É uma ideia enraizada em uma cultura. Muitas vezes, o preconceito justifica o tratamento desigual e a discriminação de indivíduos ou grupos.

Discriminação

Refere-se ao comportamento, ações, atividades que desqualificam membros de um grupo na obtenção de oportunidades que estão disponíveis para outros.

Negros

É uma categoria social, usada pelo IBGE, que une as pessoas que se autodenominam como pretos e pardos.

Ocupação

Acepção que se refere à variedade de atividades, benéficas, ou não, realizadas pelas pessoas, diariamente e se associam à saúde e ao bem-estar. É a experiência de fazer. Em outras palavras, é o que as pessoas fazem com o tempo, o modo como fazem, com quais objetivos e significados, individuais e para a sociedade contextualizadas cultural, social e historicamente.

Ocupação Materna

É uma prática, um comportamento, um trabalho, resultante de um processo sociocultural e histórico específico que informa o que as mães fazem. Refere-se às demandas e responsabilidades de cuidado, desenvolvimento, proteção e educação dos filhos.

Maternagem

É um conjunto de ações que considera o cuidado com os filhos, independentemente de parentesco sanguíneo e gênero, mas, para além disso, atende às necessidades da comunidade como um todo. Compreensão politizada do trabalho materno.

Imaginário

O imaginário social possui uma dimensão individual e outra coletiva, ou seja, ultrapassa o indivíduo. Relaciona-se a interface de algo real e imaginário, que se sente. Conjunto de elementos relacionados a emoções, lembranças, afetos e estilos de vida. É estruturado por contágio: aceitação do modelo do outro, disseminação e imitação.

1.4 ESTRUTURA E CONTEÚDO DOS CAPÍTULOS

A tese contém **cinco** capítulos. No capítulo 1, “**Aprendizagens e Resolução de Problemas Raciais em Terapia Ocupacional**”, no qual busco apresentar um conjunto de informações que mostram o processo de construção e contextualização deste estudo.

No capítulo 2, “**Teoria Racial Crítica, Terapia Ocupacional e Maternagem de Mulheres Negras**”, procuro articular um conjunto de termos-chave desta tese, possibilitando compreender o entendimento das questões de pesquisa que nortearam este estudo.

No capítulo 3, “**Considerações metodológicas**”, busco detalhar o processo de desenvolvimento deste estudo com a apresentação da orientação teórica e do percurso metodológico.

No capítulo 4, “**Contando histórias da maternagem negra**”, primeiramente, mostro a visão geral e individual dos dez mapas corporais, bem como as narrativas de cada participante. Em seguida, apresento uma parte dos resultados principais deste estudo junto com uma breve discussão. Por fim, faço uma exposição das mensagens aos outros feitas pelas mães.

Por fim, no último capítulo, “**Conclusões**”, reflito sobre os pontos que, a partir da questão norteadora deste estudo, foram identificados.

A análise do real é delicada. Um pesquisador pode adotar duas atitudes diante do seu tema. Na primeira ele se contenta em descrever – à maneira do anatomista que se surpreende quando, ao descrever a tíbia, alguém lhe pergunta o número de depressões anti-peroneais que ele possui. É que, nas suas pesquisas, os anatomistas nunca tratam de si próprios, mas dos outros; no início dos nossos estudos médicos, após algumas sessões nauseabundas de dissecação, pedimos a um calejado para nos dizer como evitar o mal-estar. Ele nos respondeu simplesmente: “Meu caro, faça como se você estivesse dissecando um gato, e tudo irá bem” ...

Na segunda atitude, após ter descrito a realidade, o pesquisador se propõe a modificá-la. Aliás, em princípio, a intenção de descrever parece uma preocupação crítica e, por conseguinte, uma exigência de superação em busca de alguma solução. A literatura oficial ou anedótica criou tantas histórias de pretos, que não podemos mais ignorá-las. Porém, ao reuni-las, não se avança na verdadeira tarefa, que é mostrar seu mecanismo. O essencial para nós não é acumular fatos, comportamentos, mas encontrar o seu sentido

(FANON¹², 2008, p. 145).

¹² Frantz Fanon é conhecido como um revolucionário. Ele nasceu na ilha da Martinica em 20 de julho de 1925. Estudou psiquiatria e filosofia na França. Fez parte da Frente de Libertação Nacional da Argélia. As ideias de Fanon influenciaram Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire (FANON, 2008).

CAPÍTULO 2 – TEORIA RACIAL CRÍTICA, TERAPIA OCUPACIONAL E MATERNAGEM DE MULHERES NEGRAS

O que são violências racistas? Como as mulheres e mães, responsáveis pelo cuidado de tantas brasileiras e brasileiros negros e não negros, e assoladas por tantas violências no cotidiano, são assistidas? Como a violência e a morte concreta e simbólica de seus filhos, que também vão contribuir para a construção do país, são consideradas, cuidadas? Como o sofrimento, fruto do racismo, e tantas vezes silenciado, pode ser acolhido? O que terapeutas ocupacionais têm feito e quais recursos buscam para desenvolver a leitura de violências tão enraizadas e naturalizadas?

A experiência da maternidade pelas mulheres negras na sociedade atual, em um contexto sexista e racista, exige um conjunto de considerações sobre as situações que elas experienciam no cotidiano, desde as constituições positivas de suas identidades até as cotidianas violências racistas. E um conjunto de outras considerações no percurso de constituição da maternagem ou, em outro entendimento epistêmico, por perspectiva ocupacional das ocupações maternas, que vão desde o processo de idealização do bebê até o momento de educar, ensinar e preparar este filho para a vida.

Passos (2021) problematiza o sofrimento oriundo da negação da maternidade negra, que não é desencadeado de forma existencial, mas pela sobrevivência, ao serem as negras desautorizadas a serem mães por meio de processos de produção e reprodução do sofrimento, da violência e das diversas expressões do racismo.

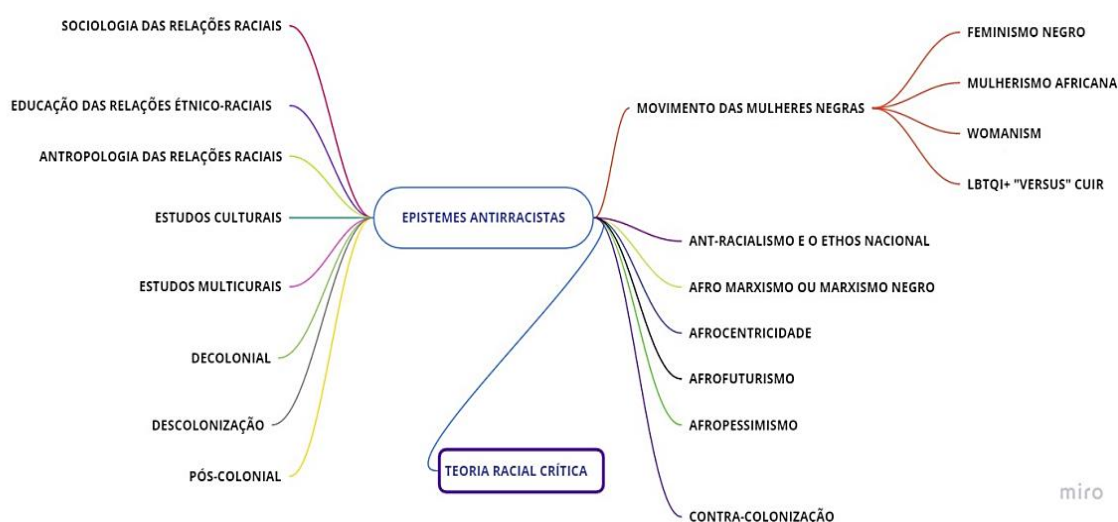
O corpo, a maternidade, o cuidado, o afeto, o amor e a família tudo isso é negado às mulheres negras por meio da violência que se materializa através dos diversos braços do Estado. Não estamos aqui defendendo o mito do amor materno ou uma certa essencialização do gênero feminino, mas problematizamos o lugar que as mulheres negras são condicionadas a ocuparem — a zona do não ser —, o que leva à desumanização e destina ao cuidado colonial. (PASSOS, 2021, p. 306).

Dito isso, neste Capítulo, ensaio a apresentação teórico-epistêmica de acepções que podem nos guiar na leitura e rompimento de barreiras moldadas por práticas racistas. O tópico foi organizado em três subseções: I) Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico; II) Terapia Ocupacional, Ocupação e Racismo; III) Ocupação Materna de Mulheres Negras: Formas Ocupacionais da Maternagem em

um Contexto Racista. É importante que eu compartilhe o desafio de refletir, escolher e apresentar um caminho que trouxesse análises e, ao mesmo, transformações cognitivas no processo requerido por uma tese de doutoramento.

Um desses desafios, que merece destaque, faz parte de um conjunto diversificado e coexistente de paradigmas e epistemes que vem sendo desenvolvido, debatido e acompanhado de tensões, rupturas e negociações pelos movimentos negros em resposta ao racismo, e demorei um longo tempo para compreendê-los. O caminhar de minhas construções teóricas se desfez e foi refeito, de forma profunda, sucessivas vezes. Recentemente, tive a oportunidade de acessar um mapeamento¹³ da diversidade política, teórica e epistêmica dos antirracismos, apreciado na Figura 2 a seguir:

Figura 2 - Mapeamento das epistemes antirracistas



Fonte: Elaboração da Autora.

O sentido de detalhar essa diversidade de construções do campo das relações raciais é possibilitar o reconhecimento de diferentes paradigmas e assegurar o desafio de apresentar uma escolha, um posicionamento teórico, que tornasse possível o

¹³ Esse mapeamento preliminar e provisório é um retrato de algumas abordagens epistemológicas para a questão da negritude. Algumas abordagens deste mapeamento foram organizadas e apresentadas no Curso "Fanon e a Crítica da Razão Ocidental Racializada", do qual participei, pelo Prof. Dr. Deivinson Faustino (Nkosi) visando mostrar a diversidade política e epistêmica das discussões e paradigmas que vêm sendo conduzidos e disputados em espaços acadêmicos e no contexto tecnológico, por exemplo. É importante informar que a Teoria Racial Crítica não havia aparecido no mapeamento do Profa. Deivison, mas optei por colocá-la, pois foi a minha opção teórica.

diálogo e o debate sobre o tema e as complexidades epistêmicas envolvidas. Assim, escolhi a Teoria Racial Crítica e o Letramento Racial Crítico por compreender que essas abordagens me permitiram articular a leitura das experiências de raça e racismo às narrativas de maternagem pelo viés ocupacional e, mais do que isso, pela adesão e consistência teórica do referencial aos resultados deste estudo.

2.1 TEORIA RACIAL CRÍTICA E LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO

No Brasil, as pesquisas sobre relações raciais, raça, racismo e estudos raciais críticos têm sido desenvolvidas principalmente nas áreas de educação, sociologia, antropologia, linguagem e linguística aplicada, avançando e provocando mudanças significativas no contexto educacional. Nessas áreas, as discussões têm abarcado os temas das ações afirmativas, cotas nas universidades, contextos escolar, universitário e mídia, estudo dos livros didáticos e outros setores da vida nacional (FERREIRA, 2015).

De acordo com Delgado & Stefancic (2000, p. xvi), a “Teoria Racial Crítica surgiu em meados dos anos 1970 com o trabalho de Derrick Bell (um africano-americano) e Alan Freeman (um branco). Os dois estavam extremamente cansados do passo lento da reforma racial nos Estados Unidos”. Teoria Racial Crítica é vista como uma resposta das falhas dos estudos críticos legais (*Critical Legal Studies* – CLS). Apesar de a teoria racial crítica ter sido usada principalmente no campo da pesquisa legal, Ladson-Billings & Tate (1995) são conduzidos por introduzi-la no campo educacional. (FERREIRA, 2006, p. 51).

A Teoria Racial Crítica (Critical Race Theory – CTR) é perspectiva que foi utilizada no Brasil, pela primeira vez, no contexto educacional no texto “Para além de uma Educação Multicultural: Teoria Racial Crítica, Pedagogia Culturalmente Relevante e Formação Docente (Entrevista com a Professora Gloria Ladson-Billings)” (FERREIRA, 2014), mas, tem sido extensivamente usada no contexto dos Estados Unidos. Essa perspectiva tem proposto alterações no currículo e na formação de professores relacionadas às questões raciais. Gloria Ladson-Billings defende a ideia de participação do Brasil, a nível mundial, no movimento de construção de uma consciência crítica racial (GANDIN; DINIZ-PEREIRA; HYPOLITO, 2002).

A Teoria Racial Crítica (TRC) possui como importante característica a centralidade da raça, principalmente na condução das análises na pesquisa

educacional, o que não implica desconsiderar as questões de gênero e de classe, mas entendê-las como entremeadas. A abordagem da Teoria Racial Crítica é utilizada porque segue o princípio de contar histórias e contra narrativas não hegemônicas. O uso da TRC tem ocorrido como referencial teórico e analítico, objetivando examinar experiências de estudantes africano-americanos, latinos e suas intersecções com classe, gênero e sexualidade (FERREIRA, 2015).

A Teoria Racial Crítica é norteada e definida por cinco princípios (SOLORZANO, 1997) fundamentais descritos no Quadro 3 abaixo:

Quadro 3 - Princípios da Teoria Racial Crítica

Princípios da Teoria Racial Crítica
1º Princípio - A intercentricidade ¹⁴ de raça e racismo
2º Princípio - O desafio à ideologia dominante
3º Princípio - O compromisso com a justiça social
4º Princípio - A perspectiva interdisciplinar
5º Princípio - A centralidade do conhecimento experiencial

Fonte: Elaboração da Autora.

A versão adaptada apresentada e traduzida por Ferreira (2015) explica cada um deles:

1º Princípio da Teoria Racial Crítica – A intercentricidade de raça e racismo. Na educação, essa premissa explica a raça e o racismo como endêmicos e permanentes na sociedade dos EUA. O racismo faz intersecção com as formas de subordinação baseadas em gênero, classe, sexualidade, linguagem, cultura e status de imigrante.

2º Princípio da Teoria Racial Crítica – O desafio à ideologia dominante. As reivindicações de objetividade e neutralidade são desafiadas, assim como os discursos de raça, meritocracia e igualdade de oportunidades. A compreensão é de que essas posturas mascaram a divisão e os problemas relacionados com o poder e privilégio dos grupos dominantes.

3º Princípio da Teoria Racial Crítica – O compromisso com a justiça social. A finalidade é a criação de uma agenda de pesquisa atrelada à justiça social e racial que tenha como convergência ganhos de direitos civis – acesso ao ensino superior e trabalhos que almejam a eliminação do racismo, sexismo e pobreza.

¹⁴ A TRC parte da premissa de que raça e racismo são termos centrais e interseccionados.

4º Princípio da Teoria Racial Crítica – A perspectiva interdisciplinar. A extensão das fronteiras disciplinares – sociologia, estudos da mulher, estudos étnicos, história e psicologia, para que seja analisada a raça e o racismo, permitindo análises abrangentes e multifacetadas de processos de manifestação da raça, racismo e (des)igualdade.

5º Princípio da Teoria Racial Crítica – A centralidade do conhecimento experiencial. Há o reconhecimento do conhecimento empírico das pessoas de cor¹⁵ como altamente valioso e vital para compreender, analisar e ensinar sobre a subordinação racial em todas as suas facetas. As experiências vividas são feitas utilizando-se de métodos contra narrativos “*counterstorytelling*” interessadas em histórias de família, parábolas, depoimentos e crônicas.

Além desses princípios, é imprescindível na abordagem da raça e racismo como centrais na experiência de pessoas negras, a reflexão sobre a identidade racial branca, que compõe o campo de estudos da branquitude (BENTO, 2002; CARDOSO, 2014; MÜLLER; CARDOSO, 2017; SCHUCMAN, 2012), isso porque, no processo de transformação social, no debate e lutas por mudanças transformadoras das desigualdades e desequilíbrios, a branquitude é a categoria que permite fazer a análise do grupo que vem sendo beneficiado através do processo de colonização europeu.

A branquitude é apontada aqui para destacar o poder associado com a identidade branca configurando as hierarquias cultural e racial como mostra essa síntese de Silva (2017).

A “superioridade estética” é “um dos traços fundamentais da construção da branquitude no Brasil”. (SCHUCMAN, 2012, p. 69); há um silenciamento diante do assunto das desigualdades raciais e sociais. Silenciar é uma estratégia para proteger os privilégios em jogo. (BENTO, 2009); Neutralidade: ainda que se mostre “neutra” (padrão de normalidade), é uma identidade marcada racialmente, porém, ao indivíduo branco é dado o poder de escolher evidenciá-la ou não; A raça é vista não apenas como diferença, mas como hierarquia. (PIZA, 2009); Pode-se até reconhecer as desigualdades raciais, porém, estas não são associadas a discriminação (BENTO, 2009); é um “lugar de poder” com capacidade de atuação também nas instituições. (SILVA, P., 2014; LABORNE, 2014); É um “símbolo da dominação”. (MALOMALO, 2014); tem raízes no colonialismo e reproduz um colonialismo epistemológico. (LABORNE, 2014); tem a “tendência a resvalar para a classe como marcador para definir a própria condição de branquitude”. (COROSSACZ, 2014);

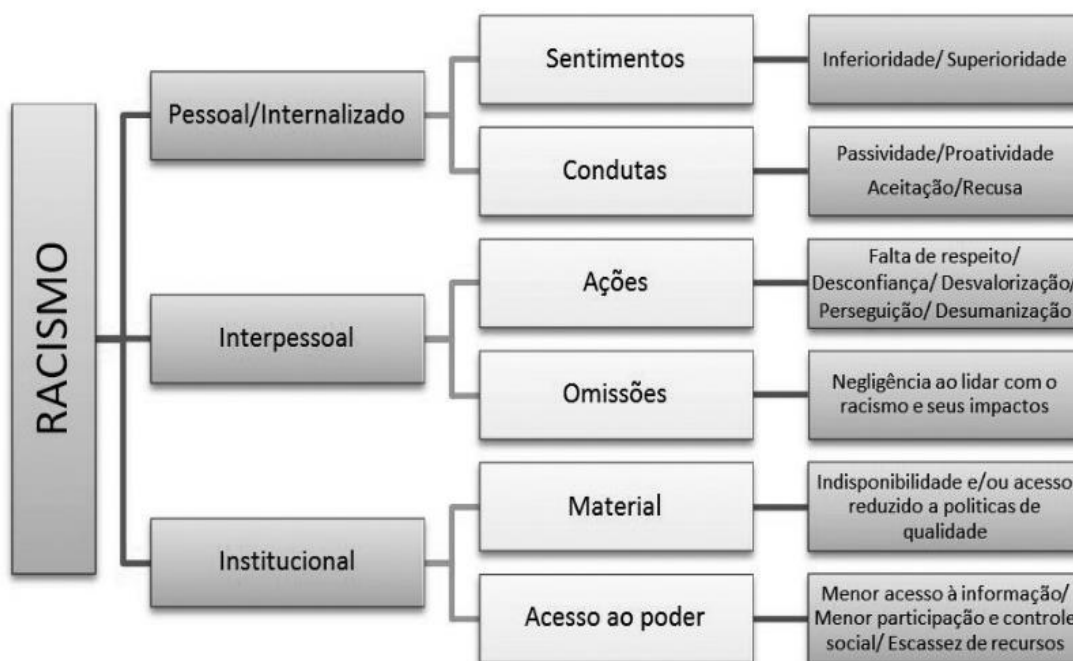
¹⁵ No Brasil, a expressão “pessoas de cor” não tem sido utilizada no contexto acadêmico, mas mantenho aqui o uso feito pelo autor.

demonstra capacidade de exercer autorreflexão, o que é denominado por “branquitude crítica”. (LOURENÇO CARDOSO 2010). (SILVA, 2017, p. 27).

Letramento racial crítico é a compreensão da influência da raça nas experiências sociais, econômicas, políticas e educacionais e em seu uso como instrumento de controle social, geográfico e econômico em indivíduos e grupos brancos e negros. O propósito do letramento racial crítico é a mobilização de todas as identidades raciais no processo de reflexão sobre raça e racismo em prol da construção de uma sociedade justa e igualitária. Nas análises das narrativas, o letramento racial crítico funciona como uma ferramenta que identifica palavras e sentidos atribuídos na identificação da identidade racial branca e da identidade racial negra (FERREIRA, 2014).

É fundamental entender os mecanismos de funcionamento do racismo na expressão da vida individual e em grupo, em suas três dimensões (Figura 3) – pessoal/internalizado, interpessoal e institucional:

Figura 3 - Dimensões do racismo



Fonte: Werneck (2016, p. 542).

Para ser racista basta ter a crença na existência das raças como algo hierarquizado, estruturado e determinante, classificando as raças como inferiores e superiores. A invisibilidade da representação do negro na sociedade traz o negro

sempre ligado ao seu passado escravocrata, fazendo com que as crianças identifiquem o negro com certas profissões estigmatizadas, e além do mais, internaliza nas pessoas a visão de que o negro é pouco inteligente, criando representações das pessoas negras como tendo baixa capacidade intelectual (MUNANGA, 2003).

A discriminação racial é manifesta no âmbito das relações sociais, podendo se apresentar em diferentes configurações e circunstâncias, desde atitudes de hostilidade demonstradas de forma verbal, até a símbolos, como por exemplo, o símbolo da suástica, que criam ou reforçam estereótipos racistas. Os estereótipos são considerados generalização, normalmente indefinidos e rígidos a mudanças. (BORGES; MEDEIROS; D'ADESKY, 2009).

2.2. TERAPIA OCUPACIONAL, OCUPAÇÃO E RACISMO

A construção da identidade da terapia ocupacional e seu processo de desenvolvimento histórico estão em debate por uma uniformização dos princípios, das práticas e conceitos. A ampliação da área em múltiplas subáreas de atuação, possibilitou o desenvolvimento diversificado de técnicas e fundamentações teóricas das especialidades de cada especificidade (FERIOTTI, 2013).

Córdoba Guajardo (2016) argumenta sobre a impossibilidade de pensar a terapia ocupacional a partir de um lugar único, como as posições geográficas, epistemológicas, mas, especialmente em relação ao fundamento da compreensão do real. O autor destaca a existência de inúmeros lugares (fundamentação, pressupostos de ordem ontológica) que permitem a compreensão e a produção da terapia ocupacional, que admitem dizer sobre a existência de **terapias ocupacionais**.

A produção de conhecimento em terapia ocupacional no Brasil tem sido construída e guiada por um grupo de termos – fazer, atividade, cotidiano e/ou práxis, ocupação (GALHEIGO *et al.*, 2018; LIMA, E. M. F. de A.; OKUMA; PASTORE, 2013; MAGALHAES; GALHEIGO, 2010; SALLES; MATSUKURA, 2016), que geram debates acirrados na área, especialmente direcionados ao uso do termo e concepção de ocupação. Sobre a discussão terminológica, Magalhães e Galheigo (2010) corroboram apontando a falta de consenso sobre o uso do termo ocupação.

Na história da profissão, o entendimento da ocupação baseava-se no modelo tradicional, biomédico e hegemônico, advindo de países norte-americanos e situado em um paradigma reducionista da ciência moderna. Somado a isso, a concepção

semântica do termo, na nossa cultura, era/é compreendida como passatempo, um fazer sem significado. Naquele contexto histórico e político, essa definição de ocupação desenhava-se em intervenções norteadas pelo treinamento de hábitos e um fazer alienado, frente a um conjunto de problemáticas (FERIOTTI, 2013; GALHEIGO *et al.*, 2018).

Inquestionavelmente, essa acepção de terapia ocupacional mostrou-se insustentável com a demanda e momento vivido pelas profissionais daquela época. Esse debate contextualiza a escolha pelo termo atividade humana para subsidiar o saber/fazer da terapia ocupacional (FERIOTTI, 2013; LIMA; PASTORE; OKUMA, 2011; LIMA; OKUMA; PASTORE, 2013). Em tempos subsequentes, o uso do termo cotidiano ganha destaque na literatura quando Berenice Rosa Francisco critica a compreensão profissional, que reduzia as atividades da vida diária a ações mecânicas e repetidas, e a visão funcionalista do mundo (GALHEIGO, 2020b).

A complexidade da “atividade humana” promoveu a rica construção de aportes inter e transdisciplinares (FERIOTTI, 2013). Feriotti (2013) propõe, a partir do pensamento de Morin, que a unidade e as diversidades humanas sejam respeitadas aprimorando as identidades simultaneamente em suas formas concêntricas e plurais, e analisando-as em seu processo histórico e cultural. Em se tratando dos princípios básicos de sustentação do desenvolvimento da terapia ocupacional, as questões relacionadas à atividade humana ou ocupação são aquelas consideradas como nucleares e indicativas de seu objeto.

A definição do objeto da terapia ocupacional gera alguma estabilidade na compreensão da identidade do campo e informa que um mesmo objeto tem muitas facetas, que podem ser contempladas por diferentes pontos de vista, uma vez que pode receber tratamentos distintos em diferentes contextos e conforme as circunstâncias – culturais, filosóficas, científicas e históricas – na produção do conhecimento (FERIOTTI, 2013). Assim, a abordagem da terapia ocupacional, por uma perspectiva da complexidade e de um pensamento sistêmico, possibilitaria lidar com os aspectos multifacetário, dinâmico e contextual que configuram a atividade humana. Isso significa uma atitude constante de questionamento e de se deparar com a dinamicidade e certezas provisórias correspondentes a um determinado contexto, num determinado momento histórico (COSTA; FERIOTTI, 2007).

O processo de reflexividade epistemológica da terapia ocupacional, denominado como a perspectiva crítica da terapia ocupacional ou pensamento e

prática críticos em terapia ocupacional tem sido inspirado pelas ideias e argumentos de Boaventura de Sousa Santos e problematizado desde o fim dos anos 1970 com as ideias de Berenice Francisco e Jussara Pinto (GALHEIGO, 2020). A construção dessa perspectiva, em países do Sul Global, fez dois deslocamentos para alcançar o sujeito histórico da terapia ocupacional crítica. Primeiro, a superação da concepção de um indivíduo da terapia ocupacional tradicional, em uma perspectiva associal e a-histórica. E depois, a revisão e o avanço da concepção de indivíduo proposta pelo humanismo, na qual a terapia centra-se na pessoa ou no cliente, inspirada na psicologia humanista norte-americana (GALHEIGO, 2020).

Tomando essas ideias como inspiração, afirmamos que a ação crítica e emancipatória da terapia ocupacional no Brasil contemporâneo deve considerar o sujeito individual e coletivo em sua complexidade, diversidade e heterogeneidade. Isto significa que um sujeito se constitui sob a colonialidade de poder, produtora de relações intersubjetivas e culturais no contexto do capitalismo colonial/moderno, marcadas por processos de exploração, discriminação, dominação e naturalização, com base em diferenças sociais, étnicas, geracionais, de gênero e de orientação sexual, bem como nas produzidas por dissonância e conflito com os padrões hegemônicos de normalidade, capacidade, produtividade e legalidade. As práticas da terapia ocupacional, em uma perspectiva crítica, hoje, a nosso ver, convocam à escuta, ao acolhimento, ao encontro dialógico, à articulação social e em rede, e à construção de projetos terapêuticos e de vida com aqueles que necessitam e/ou reivindicam cuidado, suporte, uma vida digna, participação social e acesso a direitos. (GALHEIGO, 2020, p. 14).

Nesse entendimento, o campo construído como terapia ocupacional social no contexto brasileiro surge, nos finais da década de 70, delineando proposta que se diferenciava por completo das perspectivas da terapia ocupacional anglo-saxã direcionadas à recuperação da funcionalidade e centradas na pessoa. Isso significava o rompimento com a reprodução das técnicas do discurso dominante e do *status quo* e a sustentação de ações comprometidas ético-politicamente por meio de uma escuta sensível dos sujeitos e coletivos em seus contextos sociais e políticos (LOPES, 2016).

No entanto, embora os postulados da terapia ocupacional tenham passado por revisão, configurando novos desenhos e adoção de novas nomenclaturas pela área, é necessário contrapor que a baixa expressão da produção do termo “ocupação” nas produções não é sinônimo de ruptura nos processos de formação pelas Escolas de Terapia Ocupacional. Nesse sentido, acredito que seja conveniente exemplificar a minha própria formação profissional, entre 2006-2010, na qual o termo compunha a discussão da realidade e vida das pessoas. Talvez, isso possa ser materializado na

análise de Galheigo *et al.* (2018) sobre as produções em terapia ocupacional referenciadas em modelos internacionais de terapia ocupacional e da Ciência da Ocupação.

Ainda, é possível identificar, na produção, uma reincorporação de perspectivas teórico-metodológicas, referenciais teórico-práticos e modelos de terapia ocupacional internacionais, tais como a Estrutura da Prática da Terapia Ocupacional: domínio e processo, produzida pela Associação Americana de Terapeutas Ocupacionais (AOTA), as Práticas Baseadas em Evidência, o Modelo Canadense de Terapia Ocupacional, o Modelo da Ocupação Humana, com destaque para os papéis ocupacionais, e a Ciência Ocupacional. (GALHEIGO *et al.*, 2018, p. 733).

No tocante a história e reiterando a transição paradigmática na terapia ocupacional dos estudos centrados na “área da ocupação” (FERIOTTI, 2013; FLORENCE; LAWLOR, 2011; MAGALHÃES, 2013; MORRISON; OLIVARES; VIDAL, 2011), nesta tese optou-se por delimitar o objeto da terapia ocupacional na concepção da ocupação. Os meus argumentos são fundamentados anteriormente ao aprofundamento¹⁶ nas discussões sobre a história e repercussões que marcam a produção de conhecimento em terapia ocupacional. Primeiramente, falar da terapia ocupacional, explicando-a a partir dos próprios termos que a compõe faz, obviamente, sentido, principalmente justificando o argumento da simplicidade. E mesmo com todas as contradições que isso alimenta, é essencial pensar a profissão contextualizada e problematizada em um cenário no qual o mercado encontra-se cada vez mais competitivo, requerendo que pensemos em nossa sobrevivência (VAN PETTEN; FARIA-FORTINI; MAGALHÃES, 2019) enquanto campo.

No entanto, a despeito das contradições, é sabido que nas produções de conhecimento em terapia ocupacional no contexto brasileiro aparece o uso do termo ocupação (MORRISON *et al.*, 2017; POELLNITZ, 2018; SALLES; MATSUKURA, 2016), exemplificado na recente criação do Curso de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação pela Universidade Federal de Minas Gerais (VAN PETTEN; FARIA-FORTINI; MAGALHÃES, 2019). E, nesse sentido, percebe-se, conforme expressam Clark e Lawlor (2011), a necessidade de maior elaboração teórica a respeito do conceito de ocupação nos currículos de terapia ocupacional.

¹⁶ Os seis anos somados entre Curso de Mestrado e Doutorado em Terapia Ocupacional na Universidade Federal de São Carlos foram fundamentais para o aprofundamento nas discussões sobre a produção de conhecimento em terapia ocupacional.

Um outro argumento é que os debates sobre as críticas à individualização da ocupação (MORRISON; OLIVARES; VIDAL, 2011; RUDMAN, 2013), assim como processos de reflexão sobre a sua descolonização, têm ganhado destaque nas discussões em ciência ocupacional (BEAGAN, 2020; EMERY-WHITTINGTON; TE MARO, 2018; MAGALHÃES *et al.*, 2018; RAMUGONDO; KRONENBERG, 2015), demonstrando processos de expansão da concepção da ocupação (RAMUGONDO; GALVAAN; DUNCAN, 2015), ou seja, não estamos mais propondo uma discussão de ocupação alimentada por visões biomédicas e reducionistas (MORRISON *et al.*, 2021) como modelo resolutivo dos problemas da vida humana.

A concepção de ocupação que utilizo filia-se, portanto, com a Ciência Ocupacional. Essa concepção focaliza o que os seres humanos fazem com o seu tempo, como organizam suas atividades, com quais objetivos as realizam e quais os significados elas têm para os indivíduos e para a sociedade (DICKIE, 2011). A Ciência Ocupacional foi fundada, nos anos de 1990, nas ciências sociais interdisciplinares e tem sustentado conexões com a sociologia, antropologia, filosofia e psicologia, entre outras. Ela é reconhecida por estabelecer uma relação única com a terapia ocupacional, conduzindo intersecções entre as disciplinas acadêmicas e as práticas profissionais a partir dos estudos sobre a ocupação humana. A Ciência Ocupacional é uma disciplina que foi definida, por Yerxa e Wilcock, como um estudo aprofundado dos seres humanos como seres ocupacionais (FLORENCE; LAWLOR, 2011).

Clark & Lawlor (2011) e Magalhães (2013) ressaltam que o foco da Ciência Ocupacional não está somente nas atividades diárias, como também nos atores sociais engajados em suas ocupações, conforme as circunstâncias - sociais, culturais e históricas de seu mundo vivido; e principalmente como estas se relacionam com a saúde, o bem-estar e a participação social. Magalhães (MAGALHÃES, 2013) assinala que o conceito de ocupação ainda é inconsistente, com definições contraditórias, propondo um foco na busca pela pluralidade de perspectivas culturais, incluindo as epistemologias do sul. Morrison, Olivares e Vidal (2011) explicam que na América Latina houve um reposicionamento filosófico e epistemológico para pensar os modelos referenciados na ocupação humana que pudessem contemplar as necessidades contemporâneas das pessoas e comunidades.

Tratando-se do conceito, uma diversidade de paradigmas tem definido a ocupação na Ciência Ocupacional (MORRISON *et al.*, 2017). No entanto, utilizo aquele que reconhece a limitação do olhar tradicional a partir do indivíduo, para adotar

aquele que sugere analisar a ocupação compreendendo-a pelo seu significado, em seu contexto social e coletivo e de maneira complexa (MORRISON *et al.*, 2017; REED; HOCKING; SMYTHE, 2011).

Nesse sentido, Morrison, Olivares e Vidal (2011) falam da existência de quatro paradigmas - paradigma mecanicista, paradigma da ocupação terapêutica, paradigma da ocupação humana e paradigma social da ocupação. Destaco o paradigma social da ocupação, pois, ele foi desenvolvido a partir da necessidade de um posicionamento teórico coerente com a prática que os profissionais de terapia ocupacional realizam, pautado na perspectiva da complexidade. Para estes autores, a ocupação precisa ser entendida como um fenômeno social – sistêmico, complexo, econômico, político, sanitário, cultural, social – coerente com a justiça e o bem-estar das comunidades.

Compreendo que a perspectiva filosófica de entendimento dos estudos da ocupação humana realizados pela Ciência Ocupacional, enquanto objeto de natureza complexa, multifacetada, plural e democrática, é condizente com a leitura que pretendo construir nesta tese. Isso porque essa concepção de ocupação permite a inclusão de contextos, circunstâncias e amplas condições e estruturas sociais que moldam a participação das populações e comunidades na condução de suas vidas e no reconhecimento do que estimula ou ameaça sua saúde (WILCOCK; TOWNSEND, 2011), além de possibilitar um diálogo interdisciplinar (MAGALHÃES, 2013).

A análise da ocupação pelo terapeuta ocupacional requer um apurado senso crítico, uma vocação em terapia ocupacional que não se esgota em sua análise ou na leitura. Ademais do senso crítico, devemos dominar um panorama ocupacional amplo, teoricamente solidificado no cenário da terapia ocupacional, mas principalmente, a ocupação com amparo à ciência ocupacional. Assim, foi no processo de estar atenta ao modo como as pessoas fazem as suas atividades, que identifiquei a necessidade de contextos estruturantes e opressivos como o racismo.

Na terapia ocupacional brasileira e estrangeira, encontrei um único estudo empírico refletindo sobre o impacto do racismo na ocupação de mulheres afro-americanas (BEAGAN; ETOWA, 2009). Como pontua Beagan (2020) a discussão entre racismo, ciência ocupacional e terapia ocupacional é lenta:

A discussão aberta do racismo está em crescimento na ciência ocupacional e na terapia ocupacional, mas notavelmente lentamente. Uma pesquisa rápida da palavra mostra quão pouco tem sido publicado sobre o racismo, mesmo em 2020. O termo colonialismo também recebe algumas citações, mas o campo ainda é demasiado pequeno. Para ser claro, a ocupação

simplesmente não pode ser adequadamente compreendida sem atender à opressão e ao privilégio. Tudo o que fazemos e não fazemos, as expectativas que enfrentamos, o encorajamento ou desânimo que recebemos, os significados que atribuímos às ocupações, os impactos dos nossos compromissos profissionais, as barreiras à ocupação - tudo é afetado pela nossa pertença a grupos sociais tanto oprimidos como privilegiados. Todos os nossos fazer, ser, pertencer e tornar-se são moldados pelas relações de poder da opressão, e por sua vez servem para manter, reforçar, resistir, transformar, ou minar a opressão e o privilégio (BEAGAN, 2020, tradução nossa)¹⁷.

Nesse sentido, é oportuna a reflexão e questionamento sobre o silenciamento epistêmico na terapia ocupacional trazido por Costa e Alves (2017):

Que sujeitos, que histórias, que atividades e que ocupações encontram centralidade nas narrativas dos diferentes grupos e etnias que constituem nosso país? Como podemos ouvir tais narrativas, em nossas universidades ainda tão eurocêntricas? Onde ficam os saberes e ocupações tradicionais – sua oralidade, sua espiritualidade, sua perspectiva de integralidade – quando falamos de terapia ocupacional num país tão diversos quanto violento com as diferenças? (COSTA; ALVES, 2017, p. 527).

2.3. MATERNAGEM E OCUPAÇÃO MATERNA DE MULHERES NEGRAS:

No Brasil, as teses e dissertações referentes à maternidade negra têm mostrado preocupações, já apresentadas no Capítulo 1, que envolvem experiências diversas. É conveniente retomar que, historicamente, a relação mãe-criança tem seus valores modificados nas concepções e práticas relacionadas à maternagem. Em 1985, Badinter questionava a natureza intrínseca da maternidade ou, em outras palavras, o mito do amor materno, que era descrito como ‘natural’ e ‘instintivo’ pelos discursos filosófico, médico e político no século XVIII (BADINTER, 1985). No entanto, em se tratando dos estudos da maternidade negra é possível constatar a ausência contemporânea da problematização do sofrimento desencadeado pelo racismo na vida das mulheres e crianças negras (PASSOS, 2021).

¹⁷ Trecho original: “Overt discussion of racism is growing in occupational science and occupational therapy, but remarkably slowly. A quick search of the word shows how little has been published about racism, even in 2020. The term colonialism also garners some citations, but the field is still far too slight. To be clear, occupation simply cannot be adequately understood without attending to oppression and privilege. Everything we do and don’t do, the expectations we face, the encouragement or discouragement we receive, the meanings we attribute to occupations, the impacts of our occupational engagements, the barriers to occupation—all are affected by our membership in social groups both oppressed and privileged. All of our doing, being, belonging, and becoming are shaped by the power relations of oppression, and in turn serve to maintain, bolster, resist, transform, or undermine oppression and privilege.

Os estudos da maternidade negra têm sido desenvolvidos por pesquisadoras feministas como Patrícia Hill Collins que propõe um conhecimento epistêmico de mulheres negras para mulheres negras (COLLINS, 1994, 2016, 2019). Destaco que nesta tese optei, sempre que possível, por usar os termos mulher mãe negra e não apenas mãe negra. Enfatiza-se que a concepção de maternagem adotada não é a biológica, mas, no caso deste estudo, ela é vivenciada exclusivamente por mulheres. E é nesse sentido, que valorizo que as mães sempre sejam mulheres com seus sentimentos, desejos e ideias próprias. Em outras palavras, tomo o cuidado em garantir que as subjetividades das mulheres negras sempre apareçam, rompendo com a unicidade da categoria mãe negra.

Nesse sentido distingue-se os termos maternidade e maternagem. Para Rocha-Coutinho, a maternagem não é inerente à biologia, sendo realizada independentemente de gênero (GEBARA, 2014). Collins (2019) define, do ponto de vista das mulheres negras, a maternagem como uma perspectiva que deve ser constantemente revista de acordo com a cultura e demandas do contexto. Nesses termos, nos Estados Unidos, as mães de criação¹⁸ ajudam mães biológicas nas comunidades africanas e afro-americanas por compreenderem que a plena responsabilização individual pelos filhos não é forma viável e sensata.

A maternagem da mente que ocorre entre mulheres negras é descrita como uma ética de cuidado e de responsabilidade pessoal com o propósito de levar o desenvolvimento da comunidade.

Assim como a relação entre mãe e filha, essa “maternagem da mente” entre mulheres negras busca alcançar a mutualidade da irmandade que une as afro-americanas como mães de criação da comunidade. As mães de criação da comunidade contribuíram enormemente para construir um tipo diferente de comunidade em ambientes políticos e econômicos frequentemente hostis [79]. A participação das mães de criação da comunidade na maternagem ativista demonstra uma clara rejeição da separação e do interesse individual como base da organização comunitária e da realização pessoal (COLLINS, 2019, p. 417).

Utilizo nesta tese uma perspectiva da maternidade que foge à ideia da visão da mãe da sociedade ocidental. Essa visão da sociedade branca antevê a mãe como essencialmente generosa, presente, auto sacrificante e atendendo, antecipadamente, a todas as necessidades das crianças (BADINTER, 1985; BASSIN; HONEY; KAPLAN,

¹⁸ A expressão mãe de criação é utilizada não tem sido utilizada no contexto acadêmico, mas mantenho aqui o uso feito pela autora.

1994). A perspectiva ocidental da maternidade retrata a existência ideológica e normativa da boa mãe. Nesse sentido, as imagens e narrativas, que culturalmente são apresentadas na mídia e cultura popular, da mãe generosa associam-se a um perfil que não contempla a pluralidade de representações da maternidade conforme a descrição abaixo:

(...) as boas mães, tal como retratadas nos meios de comunicação social ou na cultura popular em geral, são brancas, heterossexuais, casadas, de classe média a alta, corpos saudáveis, suburbanas, com trinta e poucos anos, apolíticas, de uma família nuclear com um a dois filhos pequenos com os quais têm uma relação biológica e, idealmente, são mães que ficam sempre em casa (O'REILLY, 2014, p. 2, tradução nossa)¹⁹.

Para a superação do mito normalizador da condição das mães com vistas a uma mudança da realidade social, busco pensar as mães a partir da perspectiva de construção da maternidade (BASSIN; HONEY; KAPLAN, 1994) de modo a romper com a ideologia cultural dominante ao considerar suas subjetividades e capacidades de reflexão sobre suas experiências (RUDDICK, 1994). Abordo a condição de mãe por uma perspectiva feminista que prevê e valoriza as mães como sujeitos, considerando-as como pessoas com interesses, sentimentos e necessidades próprias e caracterizadas por sua ligação à experiência infantil e à complexidade, continuidade e profundidade dos sentimentos pessoais, configurados pela cultura popular, medicina, psicologia e tribunais. Ou seja, compreendo-a como fenômeno complexo, socialmente construído, com múltiplos significados e contradições (BASSIN; HONEY; KAPLAN, 1994).

Considero que o trabalho materno é experiência que se fundamenta nas realidades sociais e políticas, pautado em caminhos singulares de ser e saber da própria mãe. O engajamento no trabalho de mães é experiência que vai além do desenvolvimento e proteção da criança. Esse engajamento contribui para o desenvolvimento pessoal, a politização e reestruturação da ordem social da própria mãe (BASSIN; HONEY; KAPLAN, 1994).

Especificamente para pensar as experiências das mães negras, utilizo argumentos de Collins (COLLINS, 1994), que reconhece maternidades que não

¹⁹ Trecho original: "good mothers, as portrayed in the media or popular culture more generally, are white, heterosexual, married, middle to upper class, able-bodied, suburban, thirty-something, apolitical, in a nuclear family with one to two young children to whom she is biologically related and ideally is a full time, stay-at-home mother".

podem ser analisadas, isoladas de seu contexto, como as das Afro-Americanas. Isso porque, a partir da teoria feminista, elas se configuram em um contexto histórico específico e são interseccionadas por estruturas de gênero, raça e classe, contrastantes com o contexto dos filhos das mães brancas que tiveram oportunidades e proteção, enquanto filhos e filhas de mães étnico-raciais desconheciam seus destinos durante o processo de escravatura das mulheres afro-americanas.

Collins (1994) frisa que as experiências subjetivas da maternidade das mulheres negras²⁰ estão conectadas com as preocupações socioculturais dos grupos étnico-raciais. O'Reilly (2014), ao retratar o pensamento de Collins, expressa que o paradigma dela tem como centralidade o desenvolvimento de nova consciência que visa à capacitação das mulheres Afro-Americanas, possibilitando a superação dos desafios da maternidade negra e da realização de suas possibilidades.

Acredito que, no caso das mães negras brasileiras, esta consciência poderá auxiliar na criação e construção de políticas públicas e estratégias que priorizem a proteção de crianças, adolescentes e *jovens negros que têm sido encarcerados e exterminados* (MBEMBE, 2018).

Ocupação Materna

Na perspectiva da Ciência Ocupacional, a maternidade, como um saber-fazer, pode significar um comportamento que as mulheres não possuem ao nascer (ESDAILE; OLSON, 2004). Sustento que a maternidade é ocupação aprendida e construída na interação com os outros e ao longo do tempo, além de ser fruto de um complexo processo sociocultural e um contexto histórico específico. Como já mencionei, as ocupações maternas não são definidas pelo gênero ou biologicamente, e abrangem as práticas e o trabalho que as mães fazem relacionadas às responsabilidades e tarefas no cotidiano (LLEWELLYN; MCCONNELL, 2004).

A maternagem de uma criança é ocupação intensa, que envolve as tarefas de cuidar, ensinar e educar diariamente. Essas atividades são compostas de múltiplas tarefas, requerendo uma atenção simultânea, que, entretanto, não são organizadas sistematicamente, pois elas variam individualmente entre as mães e as pessoas que exercem o trabalho materno e mudam com a idade e com o tempo (BROWN, 2004).

²⁰ No contexto americano, o termo mulheres de cor é utilizado, mas aqui adequamos o termo para a realidade brasileira.

Experiências: Identidade(s) e Diferença(s)

Na busca por referenciais teóricos que agreguem análises da experiência e da subjetividade²¹ de ser mulher negra, considero relevante destacar pensadores/as que conceituam as suas discussões nas chaves de leitura da identidade²² e diferença. Silva (2014) destaca que a identidade e a diferença são produtos do processo de produção simbólica e discursiva. Esses produtos são vislumbrados como relação social, sujeitos a vetores de força e relações de poder. Assim, tanto identidade como diferença são definições impostas, hierarquizadas e disputadas.

Na intenção de fugir da fixação da identidade que os processos discursivos e linguísticos produzem, busca-se processos que possibilitem o movimento e a transformação, ou seja, a ideia de ‘tornar-se’ (SILVA, 2014). Essa perspectiva de não unicidade da identidade racial permite enfatizar a multiplicidade de narrativas que vêm sendo reproduzidas e acessar o tipo de conhecimento produzido para outras gerações, tendo como questões norteadoras: de onde se fala? por que se fala? Hall (2014), ao questionar “quem precisa de identidade?” destaca, como uma das respostas centrais, a questão da agência e da política, entendendo o conceito por uma perspectiva estratégica e situada. O autor também destaca que as identidades são multiplamente construídas ao longo dos discursos, práticas e posições sujeitas a uma historicização, que se encontra em processo contínuo de mudança e transformação.

Por fim, entende-se que este primeiro exercício de pensar a experiência das mulheres-mães negras à luz das concepções de identidade, diferença e demais conceitos imbricados favorece as reflexões feitas pelo pensamento feminista negro. Isto porque, conforme afirma Collins (COLLINS, 2016), este pensamento consiste na produção de ideias por e sobre a experiência de mulheres negras, ilustrando pontos de vista²³ de e para mulheres negras, que são construídos de maneira múltipla e plural.

²¹ Sustento que por meio dos estudos culturais é possível compreender o nosso eu – sentimentos e pensamentos pessoais – em um contexto social no qual a linguagem e a cultura estão relacionadas ao significado dado à experiência que temos de nós, ocorrendo a adoção de uma identidade (HALL, 2014).

²² Woodward (2014) afirma que as identidades são as posições que assumimos e com as quais nos identificamos. Já a diferença é o que separa uma identidade da outra, distinguindo-se em forma de oposições binárias. Essas definições são essenciais para a produção dos significados nas relações sociais e na compreensão do processo de construção cultural das identidades.

²³ Collins (2016) sugere que tradicionalmente essa experiência tem sido produzida oralmente por mulheres negras comuns em seus papéis distintos de mães e professoras, entre outros. A autora também destaca que são temas-chaves deste pensamento: a) autodefinição e autoavaliação da mulher

“Senti saudades, mas sabia que estavam no melhor lugar para vocês. Eu teria sido uma péssima mãe. Não tinha a menor paciência. Maya, quando você tinha mais ou menos dois anos, você me pediu alguma coisa. Eu estava conversando, daí você bateu na minha mão, e, sem pensar duas vezes, te dei um tapa tão forte que você caiu da varanda. Isso não significa que eu não te amava; só significa que não estava preparada para ser mãe. Estou te explicando isso, não pedindo desculpas.”
(ANGELOU²⁴, 2018, p. 29-30).

negra; b) a natureza interligada da opressão de raça, classe e gênero; c) a importância da cultura da mulher negra, destacando-se que esta não é homogênea, pois, de fato, múltiplas construções sociais coletivas formam a sua cultura.

²⁴ Maya Angelou nasceu em 1928. Viveu como escritora, atriz, bailarina, cantora, diretora de cinema e mãe. Este trecho é retirado de seu livro *Mamãe & Eu & Mamãe*.

CAPÍTULO 3 – CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Este capítulo é composto por duas seções. A primeira seção é denominada **Abordagem qualitativa e metodologia visual criativa: contribuições para o campo das relações raciais**, na qual apresento o meu processo de reflexão e aproximação com a metodologia. Na segunda seção, nomeada **Percorso metodológico**, descrevo o porquê, para qual propósito e como a metodologia foi utilizada, bem como os recursos utilizados para gerar e analisar os dados da pesquisa. Concluo o capítulo descrevendo as medidas para assegurar a qualidade da pesquisa e finalizo com as considerações éticas do estudo.

3.1 ABORDAGEM QUALITATIVA E METODOLOGIA VISUAL CRIATIVA: CONTRIBUIÇÕES PARA O CAMPO DAS RELAÇÕES RACIAIS

3.1.1 Abordagem Qualitativa e Campo das Relações Raciais

Compreendo a inexistência de uma ciência neutra, pois, embora as pesquisas sigam uma sistematização de métodos, técnicas e quadros teóricos, elas se articulam a partir de interesses e visões de mundo construídos historicamente (DENZIN; LINCOLN, 2006; MINAYO, 2007; OLIVEIRA; PICCININI, 2009). Assim, caminho tendo como horizonte uma ciência reformulada, pautada em projetos contextualizados e com uma finalidade moral, colaborativa e comunitária (DENZIN; LINCOLN, 2006b).

Na pesquisa qualitativa há uma variedade de metodologias, métodos, técnicas, instrumentos e teorias (CRESWELL, 2010; DENZIN; LINCOLN, 2006b; FLICK, 2009; NAYAR; STANLEY, 2015). Assim, compreender qual a metodologia mais apropriada para desenvolver um estudo é um processo desafiador, marcado por tensões e contradições (DENZIN; LINCOLN, 2006a), especialmente quando é necessário estudar fenômenos interdisciplinares.

Denzin e Lincoln (2006a) apresentam a pesquisa qualitativa como um campo de investigação, subsidiado por uma complexidade de termos, conceitos e suposições. Esses autores destacam que, na América do Norte, a pesquisa qualitativa constrói-se a partir de uma complexidade histórica²⁵, subdividida em momentos

²⁵ Denzin e Lincoln (2006b) descrevem sete momentos históricos que se sobrepõem e atuam simultaneamente no desenvolvimento do campo – tradicional, modernista ou da era dourada, gêneros (estilos) obscuros, a crise da representação, pós-moderno, investigação pós-experimental e futuro.

históricos e com significados diferentes em cada um deles. Esses autores definem a pesquisa qualitativa, caracterizando-a pela sua abordagem naturalista e interpretativa:

(...) uma atividade situada que localiza o observador no mundo. Consiste em um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão visibilidade ao mundo. Essas práticas transformam o mundo em uma série de representações, incluindo as notas de campo, as entrevistas, as conversas, as fotografias, as gravações e os lembretes. Nesse nível, a pesquisa qualitativa envolve uma abordagem naturalista, interpretativa, para mundo, o que significa que seus pesquisadores estudam as coisas em seus cenários naturais, tentando entender, ou interpretar, os fenômenos em termos dos significados que as pessoas a eles conferem. (DENZIN; LINCOLN, 2006a, p. 17).

Lincoln e Guba (2006) mostram que a reflexividade é um processo de reflexão crítica sobre a função do eu no exercício de pesquisar. Nessa ação, a pesquisadora envolve-se com o problema de pesquisa, com quem participa do processo, mas também consigo mesma, juntamente com as múltiplas identidades do eu (*eus* baseados na pesquisa, *eus* trazidos – responsáveis pela geração dos pontos de vistas, *eus* criados com a situação) que se modificam no cenário da pesquisa.

Neste aspecto, a reflexividade subsidia, inclusive, a escolha e a subversão da linguagem, ou seja, de como a realidade e as atitudes são pensadas e do que e como será nomeado pela pesquisadora. Acredito que neste aspecto seja fundamental estimar os imensos desafios requeridos para exercitar essa reformulação subversiva da ciência. Posicionar e construir processos de pesquisa de forma reinventada, especialmente quando a intenção é tecê-los a partir de pesquisadoras/es e colaboradoras/es historicamente invisibilizados, suscita e provoca rupturas com lógicas prévias de conhecimento. Para que, em sequência, seja iniciada uma travessia, buscando-se novas escolhas e possibilidades de pensar, perceber, ver e estar na vida. Assim, penso ser urgente a construção de espaços físicos e subjetivos que possibilitem processos de reflexão e troca, assim como de experienciar ações transformadoras, conduzidas por pensadoras/es e povos que têm construído e vivido a partir de legados de uma outra construção epistêmica – que não centralizados no modelo eurocêntrico.

Nesse sentido, urge a leitura de referências provocativas como, por exemplo, a de Antônio Bispo dos Santos (SANTOS, 2015) que denuncia o extermínio e a agressão do Estado Brasileiro aos modos e significados de vida quilombola, mas também reconta, pela perspectiva da experiência quilombola, a história do Brasil. É

nessa genialidade e sensibilidade que a escrita de Bispo nos deixa desconfortáveis. Por exemplo, o piauiense apresenta uma descolonização da linguagem quando opta pelo uso dos conceitos de colonização e contra-colonização para abordar os processos de enfrentamento dos povos, raças e etnias pelo espaço geográfico (SANTOS, 2015).

Vamos compreender por colonização todos os processos etnocêntricos de invasão, expropriação, genocídio, subjugação e até de substituição de uma cultura pela outra, independentemente do território físico geográfico em que essa cultura se encontra. E vamos compreender por contra-colonização todos os processos de resistência e de luta em defesa dos territórios dos povos contra-colonizadores, os símbolos, as significações e os modos de vida praticados nesses territórios. (SANTOS, 2015, p. 47).

Assim, reconhecendo os meus limites para pensar novos modos de linguagem e escrita, apresento exercícios para desenvolver uma prática de pesquisa que tentou ser condizente com uma prática de contra-colonização, nos termos de Bispo (SANTOS, 2015). Nesse sentido, ao longo do desenvolvimento do campo desta pesquisa, busquei aproximar-me das pessoas que tivessem interesse, explicando os objetivos do estudo e descrevendo a minha disponibilidade para:

- a) criar diálogos não hierarquizados, em que todas nós pudéssemos sentir que estávamos “ganhando” com a pesquisa;
- b) garantir a leitura e a entrega do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido antes de iniciar a pesquisa, informando que a pesquisa aconteceria e se manteria apenas a partir do desejo da participante;
- c) ser escuta e menos fala, buscando respeitar as opiniões semelhantes e contrárias aos meus pontos de vista;
- d) posicionar-me nos momentos em que elas tivessem dúvidas sobre a pesquisa e/ou sobre as minhas intenções com a pesquisa;
- e) considerar que, mesmo que houvesse a percepção de que a pessoa não houvesse sofrido situações de racismo, ela poderia contar sua história sobre ser mãe negra, ou seja, dando o enfoque que ela desejasse;
- f) amenizar eventuais desconfortos durante ou após a pesquisa por precisar relembrar/reviver memórias de suas histórias de vida;
- g) não enfatizar qualquer tipo de relato que produzisse um reflexo negativo sobre as mães/famílias negras;

h) ser sincera em relação a qualquer tipo de pergunta, respondendo somente com verdades, mesmo que isso me deixasse desconfortável.

Ainda sobre o processo fundamental de reflexividade, no exercício de refletir sobre o problema e metodologia de pesquisa desta tese, constato que a agenda prioritária de estudos voltados para a população negra tem recebido destaque em distintos documentos (BRASIL, 2015; BRASIL, 2018). Neles evidencia-se a necessidade da realização de pesquisas de abordagem quali e quantitativa para a construção desse campo de conhecimento. No entanto, em relação aos marcos teóricos, metodologias e métodos que vêm sendo utilizados para compreender temáticas da população negra mostraram-se incipientes, notadamente aqueles que explorem recursos visuais e reflexivos a partir das experiências e socialização dos corpos com epidermes e traços racializados (ver levantamento de dados no capítulo 1). Esse é um aspecto que considero importante enfatizar.

Lincoln e Guba (2006) abordam a questão do controle do estudo, questionando quem inicia e determina os problemas importantes, a composição das descobertas, o modo de coleta dos dados, as formas de tornar as descobertas públicas e as representações feitas dos participantes. Contemplando a construção do estudo, compartilho como ocorreu a minha escolha da metodologia de pesquisa.

É salutar destacar a minha recente aproximação com o campo de estudos das relações étnico-raciais. Em 2016, enquanto eu ainda cursava o mestrado, aproximei-me curiosa e despretensiosamente das discussões teóricas sobre a população negra proporcionadas pelo NEAB-UFSCar e concomitantemente sobre as metodologias e métodos visuais apresentados pela Profa. Lilian Magalhães no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional. Nesse processo, eu estava aprendendo sobre a complexidade e tensões do campo das relações étnico-raciais e sobre o caráter inovador dos métodos visuais na prática da pesquisa qualitativa, pelo caráter participativo e reflexivo sobre os processos e estruturas de poder que permeiam a corporeidade. Até aquele momento, eu não havia correlacionado que esse processo se tornaria a minha tese de doutoramento, pois eu frequentava essas discussões com o mero intuito de aprendizado pessoal e profissional.

Assim, assumo que um dos aspectos fundamentais da escolha da metodologia deste estudo foi a vinculação da minha orientadora Profa. Dra. Lilian Magalhães ao Departamento de Terapia Ocupacional e ao Programa de Pós-graduação em Terapia

Ocupacional, no ano de 2015, com seu trabalho, dentre outras metodologias qualitativas, com as metodologias visuais. Portanto, o processo de aprofundamento em relação à aplicação do método foi ocorrendo com o acesso ao material disponibilizado por ela, nas propostas de minicursos fornecidas sobre as metodologias visuais. Posteriormente, tive a oportunidade de acompanhar aulas ministradas por ela para estudantes de graduação e a confecção dos mapas corporais em grupo e individualmente pelos estudantes.

Nas conversas durante esses encontros, fui compreendendo que, quando se tratava de projetos de pesquisa qualitativos, havia um conjunto de formas de desenvolvê-los para além de métodos de entrevista (CONCEIÇÃO; MAGALHÃES; GASTALDO, 2021; CRESWELL, 2010; DENZIN; LINCOLN, 2006b; GASTALDO; RIVAS-QUARNETI; MAGALHÃES, 2018), especialmente quando se trata de temáticas nas quais o corpo assume um papel central. Essas discussões fizeram sentido porque ainda me lembro que, em um dos encontros realizados pelo NEAB-UFSCar, a Prof.^a Ana Cristina Juvenal enfatizava a necessidade de usar metodologias criativas que deslocassem o enfoque dos problemas enfrentados pela população negra, possibilitando trazer ideias criativas e avanços para o campo das relações étnico-raciais.

A escolha da metodologia do Mapeamento Corporal Narrado (MCN) para abordar a história das mulheres negras foi, então, selecionada, no primeiro ano do doutoramento, 2017, na disciplina de Seminários de Pesquisa em Terapia Ocupacional II, ministrada pela Profa. Lilian Magalhães. Uma das etapas avaliativas da disciplina requeria realizar um projeto piloto da pesquisa e, posteriormente, apresentar o resultado na classe. Naquele momento, convidei a minha própria mãe para participar do projeto piloto, que foi realizado em um único encontro, mas a experiência se mostrou sensível e promissora.

Depois de aprender e ouvir as devolutivas da minha mãe sobre o processo de mapeamento, compreendi que este método tinha pontos fortes ao ser aplicado conforme destaquei acima. Mas, mais do que isso, eu poderia desenvolvê-lo em meu doutorado em um formato o mais respeitoso possível, com qualquer pessoa que tivesse interesse em compartilhar a sua história comigo.

3.1.2 Mulheres Negras e Maternagem: Mapeamento Corporal Narrado como Metodologia de Pesquisa

Nesta tese a corporeidade das participantes é central. Assim, as escolhas das técnicas de pesquisa buscam revelar a subjetividade que envolve ser uma mulher mãe negra, bem como as relações sociais e as relações de poder reveladas através de uma plataforma visual e criativa. O uso de imagens²⁶ possibilita a leitura de diferentes aspectos visuais – elementos utilizados na composição; a consideração do contexto; as construções e reflexões interdisciplinares; a consideração e a promoção do diálogo ao apresentar a imagem de diferentes possibilidades subjetivas; bem como possibilitar a geração de novos significados.

Neste sentido, a aposta do uso do MCN reside no poder da autodefinição (COLLINS, 2016, 2019) e da representação (HALL, 2016) de si pelas mulheres negras participantes deste estudo. Compreendo que a autodefinição e a representação oferecem a possibilidade de trazer elementos da história das participantes que são silenciados entre os valores culturais do brasileiro ao invisibilizar suas narrativas com o discurso da democracia racial. Inspirada em Bispo (SANTOS, 2015), entendo que este é um espaço de criação que vai ao encontro da contra-colonização e da apresentação de contra narrativas no que se refere ao uso das imagens de controle da mulher negra no contexto brasileiro.

O termo “autodefinição”, cunhado por Patrícia Hill Collins, refere-se à busca criativa pela expressão da voz própria das mulheres afro-americanas. O tema da autodefinição trata, portanto, de um ponto de vista coletivo e autodefinido que objetiva conciliar a dificuldade de viver duas vidas - as próprias imagens internas de mulheres afro-americanas em oposição às objetificadas pelo Outro, criadas em um contexto no qual prepondera a depreciação da mulher negra no cotidiano (COLLINS, 2019).

Quando nós, mulheres negras, nos autodefinimos, rejeitamos claramente o pressuposto de que aqueles em posição de autoridade para interpretar nossa realidade têm o direito de fazê-lo. Independentemente do conteúdo real das autodefinições das mulheres negras, o ato de insistir em nossa autodefinição valida nosso poder como sujeitos humanos. (COLLINS, 2019, p. 264).

²⁶ Os aspectos considerados na leitura de imagens foram apresentados na Oficina “Imagens falam contra a educação étnico-racial?” da qual participei no XI Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as realizada no dia 24/05/2021 pelas professoras Clarice Martins de Souza Batista e Fernanda Fares Lippmann Trovão. Essa informação faz parte dos meus registros durante o evento.

Já a concepção do termo representação, apresentado por Hall (2016), ocupa um lugar importante no campo dos Estudos Culturais. O termo representação significa o uso da linguagem para expressar algo sobre o mundo ou a busca para representá-lo a outras pessoas, ou seja, relaciona-se à produção de sentido de acordo com o pertencimento a uma determinada cultura.

Autodefinir-se e representar a si torna-se crucial em um contexto, como o brasileiro, em que as imagens da história, da vida e cultura das pessoas negras são, ainda, recorrentemente ausentes, silenciadas e/ou representadas de forma estereotipada e depreciada na mídia, nos livros didáticos e em jornais (SILVA, 2005), e mesmo no processo cotidiano de viver a vida.

No campo dos estudos qualitativos, Rose (2007) nomeia como metodologia visual crítica a interpretação de imagens fundamentada em seu significado cultural e de poder. A concepção crítica, por seu turno, é entendida como uma abordagem que valoriza o significado cultural, a prática social e as relações de poder refletidas na produção de um elemento visual. A escolha da metodologia visual crítica implica, entretanto, em um olhar atento, detalhado e consistente da imagem; implica também em reflexões sobre as condições sociais e condições de produção das imagens visuais resultantes dos processos de investigação (ROSE, 2007), além da maneira singular de análise do pesquisador (BAPTISTA, 2015; ROSE, 2007).

Gastaldo, Rivas-Quarneti e Magalhães (2018) definem o mapeamento corporal como uma metodologia visual, narrativa e participativa. Um fato bem importante é a nova percepção que as autoras trazem sobre o mapeamento como uma metodologia, e não mais como um simples método de pesquisa. Essa mudança ocorreu, segundo elas, pois o mapeamento passou a ser utilizado nas pesquisas em saúde articulado às tentativas de descolonização da produção de conhecimento no campo, sendo capaz de criar uma pluralidade de vozes, engajar os participantes como coprodutores do conhecimento e afetar as hierarquias de processos de exclusão.

Os mapas corporais têm sido utilizados internacionalmente nas pesquisas em saúde (Canadá, África do Sul, Austrália, Brasil, Chile, Reino Unido, Bolívia, Estados Unidos, Espanha e Colômbia, entre outros), por pesquisadores com diferentes formações disciplinares e contextos acadêmicos. Os mapas têm sido associados a distintos contextos políticos, de condições físicas e da subjetividade das pessoas. A partir de seus marcos críticos, o uso dos mapas tem permitido o exame de estruturas, relações de poder e dos condicionantes culturais, bem como o entendimento das

experiências de saúde e bem-estar de pessoas desprovidas de poder (GASTALDO; RIVAS-QUARNETI; MAGALHÃES, 2018).

Há quatro principais argumentos utilizados para o uso dos mapas corporais, sendo: 1. a sua capacidade de gerar informações contextualizadas relacionadas a trajetórias de vida e experiências em saúde, 2. a criação de espaços onde os participantes narram suas histórias a partir do uso de seus próprios termos e da escolha de informações que consideram relevantes e/ou desejam compartilhar, 3. a possibilidade de combinar informações visuais, textuais e orais, facilitando a sumarização das complexas histórias das participantes, além da 4. capacidade de atuar como um processo sensível de narrar histórias (GASTALDO; RIVAS-QUARNETI; MAGALHÃES, 2018).

3.2 PERCURSO METODOLÓGICO

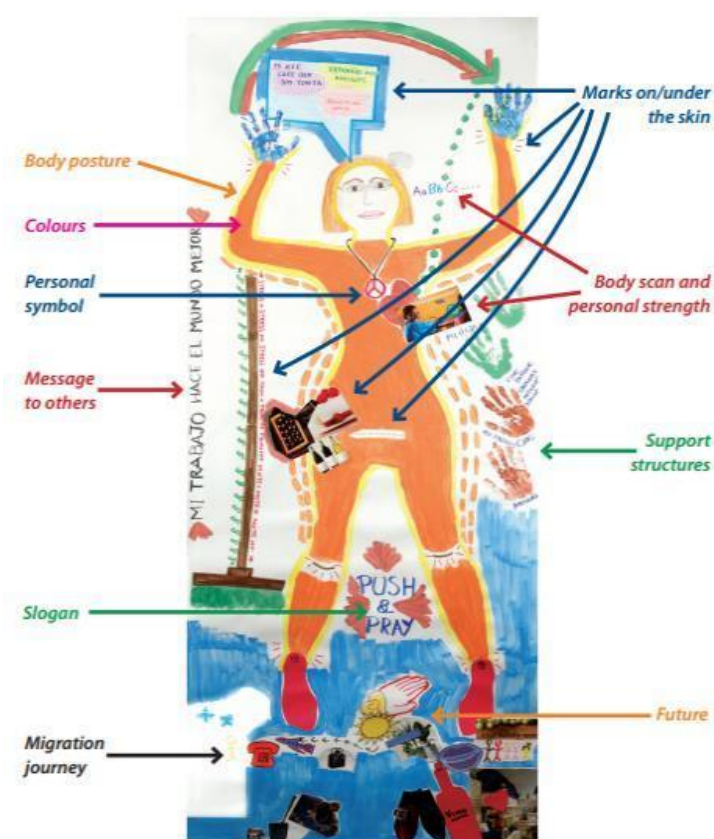
3.2.1 Aspectos Formais e Técnicos dos Mapas Corporais Narrados

Mapas corporais têm sido definidos como imagens do corpo humano feitas em tamanho real, que utilizam desenho, pintura ou técnicas baseadas em artes gráficas com o propósito de representar visualmente dimensões da vida, dos corpos e do mundo em que as pessoas vivem (GASTALDO *et al.*, 2012). O método foi desenvolvido por Jane Solomon, em 2002, e utilizado pela primeira vez como uma estratégia para compartilhar narrativas de pessoas que estavam vivendo com HIV/AIDS na África do Sul. O mapeamento corporal tornou-se uma ferramenta para contar histórias de vida (SOLOMON, 2007).

No âmbito das metodologias visuais, os mapas começaram a ser utilizados em pesquisas, pela compreensão que o uso isolado das entrevistas se mostrava limitado (GASTALDO *et al.*, 2012; GASTALDO; CARRASCO; MAGALHÃES, 2012). O mapa corporal é método que objetiva gerar dados para contar uma história de maneira criativa. Visualmente, os mapas corporais narrados refletem processos sociais, políticos, econômicos, circunstâncias de vida e transformações vividas pelos participantes, bem como possibilitam a conexão de tempo e espaço na vida das pessoas. O produto do processo é uma história constituída por um mapa do corpo em tamanho real (Figura 4), o testemunho – brevemente narrado em primeira pessoa – e

a legenda com a descrição de cada elemento do mapa (DAVY *et al.*, 2014; GASTALDO *et al.*, 2012; GASTALDO; MAGALHÃES; CARRASCO, 2013; GASTALDO; RIVAS-QUARNETI; MAGALHÃES, 2018; GELATTI; ANGELI, 2019; HARRIES; SOLOMON, 2018; LUDLOW, 2012; MATOS; SILVA; GARCIA, 2018; OTERO CAICEDO; FERNANDEZ MORENO, 2017; SOLOMON, 2007).

Figura 4 - Exemplo de mapa corporal



Fonte: (GASTALDO; RIVAS-QUARNETI; MAGALHÃES, 2018, on-line).

3.2.2 Maternidade de Mulheres Negras: Representação Visual

A busca pela compreensão do fenômeno deste estudo por meio de pesquisa qualitativa realizada à luz da metodologia visual justifica-se porque, para além da aproximação dos sentidos e significados da experiência das participantes sobre serem mulheres mães negras, conseguimos aprofundar a autorreflexão do processo de ser mulher, tornar-se mulher negra e criar filhos para se proteger do racismo. Uso o verbo no plural, ainda que de forma distinta, pois não sou mãe negra, mas embarquei, vivenciei e me transformei ao ouvir pensamentos, ideias, opiniões, formas de ver o

mundo de experiências particulares. Assim, inspirada no sentido adotado da “maternagem da mente” (ver capítulo 2), por Collins (2019), compreendo a minha responsabilidade individual e o meu pertencimento ao conjunto das mães de criação²⁷ da comunidade negra, ou seja, que resistem e ensinam umas às outras.

O mapeamento corporal, como uma ferramenta aplicada a dez mulheres negras diferentes, exibiu graus possíveis de elaboração a partir da questão norteadora “Qual a sua experiência de ser uma mulher mãe negra?”. A ferramenta mostrou-se consistente com a experiência de ser mulher negra porque revela as noções complexas e diversas das identidades e diferenças de ser e tornar-se uma mulher e mãe negra. A experiência me mostrou que a riqueza do mapeamento corporal consiste em permitir um processo de construção livre a partir da intencionalidade, possibilidade e elaboração de cada uma dessas mulheres mães negras.

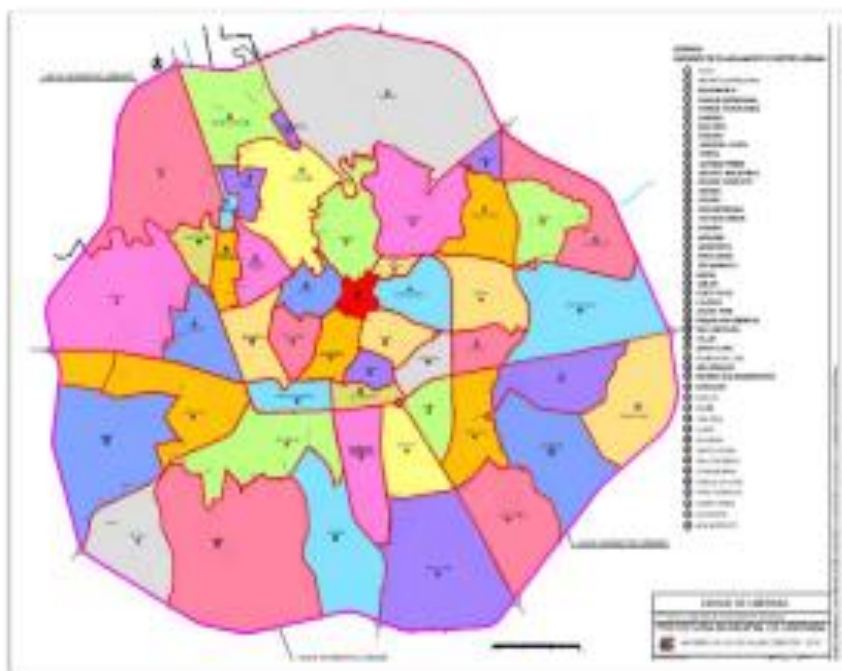
3.2.3 Lócus da Pesquisa

Este estudo foi conduzido na cidade de Uberaba, em Minas Gerais, minha cidade de origem, que estou familiarizada com a cultura, estrutura geográfica e contexto. Conforme dados da Secretaria Municipal de Planejamento e Gestão Urbana de Uberaba (UBERABA, [2020]), a cidade consta de 46 unidades de planejamento e gestão (UPG), que correspondem aos bairros²⁸ da cidade (Figura 5).

²⁷ O sentido da expressão mãe de criação é de responsabilidade coletiva.

²⁸ O uso do termo bairro como sinônimo de UPG é utilizado conforme explicação, via telefone pelo responsável pelo Departamento de Geoprocessamento e arquivo técnico.

Figura 5 - Unidades de Planejamento e Gestão Urbana (UPG) de Uberaba



Fonte: Retirado do sítio <http://www.uberaba.mg.gov.br/>.

Segundo dados do IBGE, em 2010, a população total do estado de Minas Gerais era de 21.040.662 habitantes. Em relação à cor/raça da população residente, 8.736.860 se autodeclararam como pardos, e 1.807.526 como pretos, totalizando 10.544.386 negros, 8.830.978 brancos, 187.869 amarelos e 31.601 indígenas. Especificamente no município de Uberaba a população atual está estimada em 330.361 pessoas, 25.546 pessoas autodeclaradas pretas, e 83.643 autodeclaradas pardas (BRASIL, 2011). Isso significa que há um número expressivo, 33%, de pessoas negras na cidade, o que a tornou um local interessante para a realização do estudo.

As pessoas negras que residem em Uberaba, conforme Oliveira (OLIVEIRA, 2015; RIBEIRO JÚNIOR, 1997; SOUZA, 2012) têm relacionado a história da escravização e resquícios dessa na socialização da população Uberabense, evidenciando o apagamento da história dessa população, bem como das lutas e resistências. O descaso com a população negra expressa-se também na não divulgação da Lei de Libertação dos escravizados em 1888. Em 2015, após pesquisas realizadas pela equipe da Superintendência de Arquivo Público, constatou-se que não houve a divulgação, nas Atas da Câmara Municipal de Uberaba, da aprovação da Lei Áurea, pelos vereadores da Câmara Municipal de Uberaba no período entre 1857 e 1917, publicada no Diário Oficial de 14 de maio de 1888. No período, essa descoberta

fez com que o Presidente da Câmara Municipal, Luiz Humberto Dutra, determinasse uma retratação pública que ocorreu no dia 13 de maio de 2015 (ARQUIVO PÚBLICO DE UBERABA, 2015).

Os “pequenos esquecimentos” pelos representantes uberabenses de marcos políticos na mudança dos proprietários de escravizados, que resultaram na ausência de responsabilidade na garantia das condições concretas da vida e na elaboração de políticas públicas para a população negra de Uberaba, são condizentes com a realidade do restante do país. A memória cruel dos processos de escravização, o apagamento de processos das lutas, resistências e contribuições do povo negro para o desenvolvimento da cidade, assim como da implementação de políticas públicas são despretensiosamente, mas cuidadosamente invisibilizados.

Sobre as especificidades históricas da cidade de Uberaba em relação ao tratamento do povo negro, Ribeiro Júnior (1997) provoca e apresenta em sua monografia “A conquista da Liberdade: cenas do cotidiano uberabense nas últimas décadas da escravidão no Brasil”, que os conflitos da relação entre os escravizados e os senhores, especialmente relacionados ao contexto do controle social e da situação da polícia, mostravam-se distantes do local, pois, a preocupação estava direcionada ao tempo presente daquele momento, ou seja, para o combate do aumento da criminalidade e das tensões entre senhores e escravos. Diferentemente, embora Uberaba estivesse próxima geograficamente a cidades de regiões como Rio de Janeiro e São Paulo, onde já havia preocupação na passagem do trabalho escravo para o trabalho livre, os produtores e proprietários buscavam impedimentos na produção como demonstra o trecho abaixo:

É possível encontrar no início deste século nos grandes centros urbanos brasileiros, especialmente as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, maiores cidades do país, uma força policial eficiente no que diz respeito ao controle e repressão aos indivíduos que não se enquadram nas normas estabelecidas pelas necessidades da produção e as chamadas ‘classes perigosas’. Tal efetividade encontra motivações não apenas na tentativa de constituição de um mercado de trabalho livre organizado de acordo com as necessidades da produção, mas atende também ao processo de viabilização de projetos higienistas, correspondendo estes à introdução de uma administração pública racionalizada. A efetividade da ação policial indica também que o Estado, nas primeiras décadas do século XX irá assumir por completo a administração, gerenciamento e operacionalidade das políticas de controle sobre os trabalhadores. (RIBEIRO JÚNIOR, 1997, p. 50-51).

Nesse sentido, essa particularidade de Uberaba que parece distanciá-la de violências letais, desde o final do período dos oitocentos, pode ser condizente com as taxas apresentadas no Atlas de Violência 2020 no que se refere ao estado de Minas Gerais. Considere-se que as maiores taxas de homicídios contra pessoas negras estão localizadas na região Norte e Nordeste (Roraima, Ceará, Sergipe e Amapá). Em contrapartida, as menores taxas de homicídios são registradas nos estados de São Paulo, Santa Catarina, Paraná e Minas Gerais. A análise, por recorte de raça, das vítimas de homicídio, apresenta que, apenas em 2018, a população negra representou 75,7% das vítimas (a taxa de homicídios por 100mil habitantes foi de 37,8. Entre os não negros – brancos, amarelos e indígenas foi de 13,9). Essas taxas significam que para cada indivíduo vivo no ano de 2018, 2,7 negros foram assassinados (CERQUEIRA *et al.*, 2020).

No entanto, possuir baixas taxas de violência letal no estado de Minas, não deixa de pôr em xeque a urgência de reflexão sobre o aprofundamento das desigualdades raciais em outros âmbitos. O descaso no tratamento da população negra em Uberaba, embora velado, como parte do próprio mecanismo de operacionalização do racismo estrutural e institucional é histórico. Sobre as desigualdades de cunho racial experimentadas na região do Triângulo Mineiro, nas considerações finais de sua monografia, Ribeiro Júnior (1997) descreve:

Uberaba, uma cidade que durante o século XIX abrangeu boa parte da região do Triângulo Mineiro, apesar de estabelecer-se como entreposto comercial jamais abdicou do uso da mão-de-obra escrava. Tal fato nos ajudaria a entender em nosso século por que os cinemas uberlandenses tinham espaços separados para brancos e negros não poderem caminhar juntos. E ainda porque os agrupamentos políticos e culturais de defesa da figura do negro sempre foram tão constantes nesta região, influenciados, vale destacar, pelas agremiações paulistanas. (RIBEIRO JÚNIOR, 1997, p. 72).

Souza (2012) objetivando resgatar a história da escravidão em Uberaba, e colocá-la em debate com a Educação Popular, entrevista e apresenta trechos da história da sra. Maria Luzia, moradora de Uberaba, neta de escravizados, que, no momento da pesquisa, estava com 78 anos de idade. Ela conta sobre a liberdade mascarada posteriormente à Lei Áurea, na cidade de Uberaba, expressa nas impossibilidades de mobilidade nas ruas e cinema:

O negro não podia, aqui dentro da cidade de Uberaba, é coisa que eu presenciei, na Artur Machado, não descia negro... subia no calçadão, ali só

descia gente branca... negro tinha que ficar no jardim... no jardim tinha uma fonte luminosa, soltava água de toda cor, então era assim, o homem, descia para baixo, as mulheres subiam para cima... o único cinema que podia ir, é o Royal (Maria Luzia). (SOUZA, 2012, p. 60).

Assim como na impossibilidade de entrada em clubes²⁹ e festas:

Ali, depois de muito tempo que passaram a ir... os homens, negro podia ir só de dia. Eles chamava de pulgueiro, o Royal... não misturava... no Jóquei, aqui dentro de Uberaba, não entrava negro e nem pobre... quando eu fiquei mocinha, na época de carnaval, teve um presidente do Jóquei, que abriu mão, para o cordão dar uma volta na época, nos dia de carnaval, lá dentro, para o pessoal entrar lá, fazia fila, um segura o outro, aquele cordão assim ó, entrava na porta lá, passava assim no meio da coisa assim óh... e saía, eles subia tudo em cima das mesa, das cadeira, e ficava gritando quando o cordão tava passando, que Uberaba teve muito preconceito demais. Teve não, ainda tem... ainda tem muita gente que tem muito preconceito, mas, na festa os trem era tudo separado, não misturava... a gente, era muito, com diz o ditado... muito humilhado... na vida” (Maria Luzia). (SOUZA, 2012, p. 61).

Para exemplificar, o tratamento desumanizador oferecido a pessoas negras, em Uberaba, reaparece recentemente, em 2014, no episódio³⁰ protagonizado por um professor de História do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professor Corina de Oliveira (CORDEIRO *et al.*, 2015); outro, em 2020, por meio de invasão de rede social durante uma live³¹ conduzida por uma professora que tratava do tema das relações étnico raciais no Instituto Federal do Triângulo Mineiro, outro, em 2021, por uma idosa que insulta um funcionário na drogaria³². Os três acontecimentos foram fartamente noticiados e geraram protestos.

A cidade de Uberaba é um local onde tenho contatos com pessoas ligadas com as lideranças de grupos de pessoas negras. Assim, foi essa intermediação que permitiu que eu apresentasse a pesquisa, participasse dos encontros dos grupos que se mostraram receptivos e tivesse o apoio com um espaço em uma região estratégica para desenvolver o estudo. Nesta pesquisa, contatei as responsáveis pela Coordenadoria de Políticas de Igualdade Racial (Apêndice A), Coletivo Afrontar-se (Apêndice B), grupo “Abayomi – apoio à maternidade” (Apêndice C) e Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI) Professora Dirce Miziara (Apêndice D).

²⁹ Em 1999, quando eu estava com treze anos, mesmo sendo convidada a frequentar o clube Jóquei e o clube Uirapuru, eu não podia frequentá-los. Não havia um informe explícito sobre a proibição, mas era consenso entre os moradores de Uberaba sobre os espaços permitidos e proibidos para a entrada de brancos e negros. Uma das participantes do estudo, na seção de resultados, narra a impossibilidade de circular por estes mesmos espaços.

³⁰ Disponível em: <http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2014/09/professor-abandona-cargo-apos-suspeita-de-racismo-em-uberaba.html>.

³¹ Disponível em: <https://jmonline.com.br/novo/?noticias,2,CIDADE,200909>.

³² Disponível em: <https://jmonline.com.br/novo/?noticias,91,SENTINELA,211012>.

Destaco que agendei encontros presenciais com cada responsável anterior e posteriormente à aprovação do Comitê de Ética, entregando impressa uma cópia do parecer de aprovação, um resumo da pesquisa e informações sobre a parceria.

O Quadro 4 abaixo mostra as formas de aproximação com cada uma dessas lideranças.

Quadro 4 - Procedimentos de aproximação com as lideranças em Uberaba-MG

Liderança	Indicação	Responsável	Colaboração
Carmen Amâncio	Elizabeth Sandra (pessoas próximas da minha família, trabalham na Fundação Cultural de Uberaba)	Coordenadoria de Políticas de Igualdade Racial	Aproximação da pesquisadora com as mães negras e disponibilização de um espaço para realizar o campo da pesquisa.
Agnes Maria	Abadia Evangelista (membro da minha família)	Coordenadora do Coletivo Afrontar-se	Aproximação da pesquisadora com as mães negras e disponibilização de um espaço para realizar o campo da pesquisa.
Vanessa Gomes	A Vanessa é um membro da minha família	Criadora do grupo "Abayomi – apoio à maternidade"	Aproximação da pesquisadora com as mães negras e orientação do acolhimento dessas durante a pesquisa.
Gismeire de Fátima	Carmen Amâncio	Diretora do CEMEI Prof. ^a Dirce Miziara	Aproximação com as mães negras e disponibilização de um espaço para realizar o campo da pesquisa.

Fonte: Elaboração da Autora.

3.2.4 Seleção das Participantes e Critérios de Inclusão

As participantes deste estudo são mulheres que se autodeclararam como negras e se consideram mães. Busquei ouvir histórias de mulheres que tiveram o interesse em compartilhar sobre a experiência e as percepções de ser uma mulher-mãe negra. Seguem os critérios de inclusão no Quadro 5:

Quadro 5 - Critérios de inclusão para participação no estudo

Critérios de inclusão	Argumentação
Autodeclarar-se como preta ou parda.	Essas são as cores que as pessoas se autodeclararam e que compreendem a população negra, a partir dos critérios do IBGE (BRASIL, 2011). O foco do trabalho é entender como as mulheres se percebem constituindo o grupo étnico-racial negro.

Residir em Uberaba-MG.	Compreendo que ter participantes residindo em Uberaba, me auxiliou no entendimento das narrativas, diante das menções de locais e experiências, e da construção da própria noção de cultura, por eu também ter crescido e vivido em Uberaba.
Ter idade superior a 18 anos;	Essa idade determinou a não necessidade do consentimento de terceiros no desenvolvimento da pesquisa.
Ter exercido o papel de mãe (biológica e/ou adotiva);	Compreender os processos e as características que envolvem a maternidade.
Ter filhos com idade entre quatro e dezoito anos.	Essa é a faixa que compreende o período de inserção na educação infantil até a conclusão do ensino médio (BRASIL, 2013), o que garante o estabelecimento de um diálogo com os filhos em possíveis casos de experiências de racismo. Isso porque estudos demonstram que as atitudes racistas se iniciam em idades muito precoces (CAVALLEIRO, 2005; SANTIAGO, 2015).

Fonte: Elaboração da Autora.

É importante revelar que o critério de inclusão “ser natural de Uberaba” foi revisto para residir em Uberaba. Isso aconteceu, pois, a primeira participante com quem iniciei a realização do estudo, no momento do primeiro encontro, após o preenchimento do formulário e anterior ao início da sessão de mapeamento corporal, questionou-me se haveria problema em ela participar do estudo mesmo não sendo natural de Uberaba. Eu não soube como reagir a essa informação. Como já havia um tempo que havíamos agendado a sessão, e considerando a sua grande disponibilidade, optei por alterar o critério de inclusão para que ela pudesse participar da pesquisa. Considero que a alteração não desencadeou prejuízos, pois o critério de inclusão tinha como ideia ter pessoas que pudessem narrar histórias dos locais e que a posteriori foram/puderam ser correlacionadas a partir da contextualização histórica da cidade de Uberaba.

Composição da População

Quando pensei no universo de participantes (MINAYO, 2017; STANLEY, 2015) deste estudo, considerei a importância da apresentação de um grupo de mulheres mães que se diferenciavam em faixa etária, tipo de trabalho e de formação, estado civil, critérios socioeconômicos, composição familiar, localização geográfica na cidade, nível de escolaridade, entre outros, com o intuito de acessar características e experiências diversificadas, captando semelhanças e particularidades nas histórias. Pensar a maternidade atrelada a corpos racializados no contexto brasileiro exigiu a

tentativa de dialogar com uma diversidade de mulheres mães que pudessem representar o universo complexo que compõe esse fenômeno.

a) Estratégias de Encontro das Participantes e Consentimento

Em 2019, após o estabelecimento de parcerias³³ que auxiliariam no encontro de mulheres mães negras e na disponibilização de espaços físicos³⁴, submeti o projeto de pesquisa ao Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar pela Plataforma Brasil, que foi aprovado pelo parecer: 3.523.238, em agosto de 2019 (Anexo A).

Posterior ao aceite do Comitê de Ética, iniciei a estratégia de encontro de mulheres interessadas por meio da divulgação de um folheto (Apêndice E), elaborado por mim, contendo informações e explicações sobre o estudo e os procedimentos para participação. Essa divulgação iniciou-se em agosto de 2019.

A ideia foi divulgar a pesquisa e acessar as mães que vissem a divulgação e quisessem contar suas histórias. Assim, a divulgação ocorreu por meio dos seguintes grupos do *WhatsApp*³⁵: 1) grupo “Abayomi – apoio a maternidade”, coordenado pela Vanessa Gomes, 2) grupo Empoderação das Pretas, coordenado pela Agnes M. A. Anjos, 3) grupo Vempromovimentonegro e 4) grupo StiloPretas. A pesquisa também foi divulgada nas redes sociais *Facebook*[®] e *Instagram*[®]³⁶, contando com o compartilhamento do folheto em diversos perfis de pessoas e grupos.

As participantes que desejaram contar suas histórias, enviaram mensagens via redes sociais *Facebook*[®] e *Instagram*[®] e/ou demonstraram interesse através de envio de mensagens por *WhatsApp*[®], permitindo que eu fizesse um primeiro contato. O segundo contato aconteceu via mensagem pelo aplicativo *WhatsApp*[®] e/ou ligação por telefone, quando pude explicar o objetivo e a proposta da pesquisa, esclarecer

³³ O estabelecimento de parcerias em Uberaba foi um processo bastante positivo. As entidades e pessoas com quem estabeleci contatos demonstraram interesse pelo tema da pesquisa e viabilizaram o que estava ao alcance de cada uma. Foi um processo muito importante para mim porque me senti acolhida e respeitada.

³⁴ A parceria com o Cemei Prof.^a Dirce Miziara (Apêndice D) foi estabelecida posteriormente à submissão do Projeto de Pesquisa ao Comitê de Ética, no entanto, para realizar a pesquisa no local, segui os mesmos procedimentos das outras parcerias.

³⁵ *WhatsApp*[®] é um aplicativo gratuito que oferece serviços de mensagens e chamadas simples em aparelhos celulares. Disponível em: https://www.whatsapp.com/about/?lang=pt_br.

³⁶ *Instagram*[®] é um aplicativo gratuito de compartilhamento de fotos e vídeos. Disponível em: <https://www.instagram.com/>.

dúvidas e elas puderam confirmar a manutenção do interesse em participar da pesquisa.

Nesse segundo contato, geralmente por ligação telefônica, as participantes potenciais já faziam descrições de suas experiências de ser mulher e mãe negra, trazendo incômodos, questionamentos, desabafos, sentimentos e até mesmo expressões de negação e ambivalência em relação ao sofrimento do racismo. Uma das mães, por exemplo, após dizer que participaria do estudo, disse que não concordava em atribuir o termo “pretas” às pessoas, pois o termo era negro. As conversas por telefone eram sempre muito intensas, em virtude da necessidade do estabelecimento da confiança, pois nos apresentávamos e falávamos sobre os nossos pensamentos comuns. Durante esse momento, houve risos, choro e, finalmente, estabelecimento (ou não) de parcerias.

No processo de encontro das participantes, na primeira semana de divulgação, houve em torno de 12 pessoas interessadas. Estabeleci contato com todas elas, no entanto, como no folheto constava que a pessoa precisava ser natural de Uberaba, elas mostraram-se disponíveis, mas compreenderam os critérios de inclusão. Assim, posteriormente, ao primeiro filtro, mantive contato com sete mães uberabenses interessadas em narrar suas histórias. No entanto, com duas mulheres foi inviável realizar a pesquisa. Após vários reagendamentos, elas terminaram desistindo, por razões de saúde ou não reveladas.

Essas situações evidenciaram o óbvio, ter interesse em participar não condiz com a possibilidade de fazê-lo. A vida com seus imprevistos e seus desafios emocionais, físicos, mentais, financeiros, disponibilização de tempo, acaba por contribuir com a impossibilidade de agenciar desejos. É importante destacar também que tive uma certa dificuldade para convidar pessoas com a diversidade de marcas de meu interesse, como mulheres que tivessem estudado até o ensino médio, via divulgação do folheto pelas redes sociais. Assim, a representante da Coordenadoria de Políticas de Igualdade Racial indicou o contato da diretora do CEMEI Profa. Dirce Miziara, a Profa. Gismere Ribeiro. Este Centro localiza-se em um bairro de maioria negra, tem um perfil socioeconômico empobrecido e as mães das crianças frequentavam o local.

Nesse processo de encontros, a Profa. Gismere mediou o contato com as mulheres, indicando cinco potenciais participantes. Além disso, ela propôs a criação de um grupo do *WhatsApp*® com profissionais do CEMEI e mulheres que

concordassem em participar, facilitando a organização do espaço durante as minhas idas ao local. O grupo foi criado em novembro de 2019 e realizei um primeiro contato com cada pessoa individualmente, via aplicativo de comunicação.

É válido destacar que do grupo de cinco pessoas indicadas, apenas duas delas participaram da pesquisa. Infelizmente chegou ao meu conhecimento que, durante esse período de agendamento, uma dessas pessoas apresentou um grave problema de saúde mental que determinou o seu afastamento social, o que, obviamente, impediu a sua participação.

Como gostaria de incluir na pesquisa pessoas com titulação até o ensino médio, divulguei o projeto novamente e pedi auxílio a pessoas negras próximas, para encontrar as mulheres mães que eu estava procurando. Assim, na segunda busca de participantes realizada entre os meses de novembro/2019 e janeiro/2020, três novas mães foram contatadas.

A participação na pesquisa só foi formalizada mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice F).

3.2.5 Descrição das Participantes

Os dados que descrevem as participantes do estudo (Quadro 6) foram retirados do formulário sociodemográfico que as mulheres preencheram no início do processo.

Quadro 6 - Descrição das participantes do estudo

Total de participantes = 10 (dez)	N
Cor/raça autodeclarada	
Parda	1
Preta	8
Negra	1
Mãe	
Biológica	10
Adotiva	0
Orientação sexual	
Heterossexual	10
Faixa etária (em anos)	
20-24	1
25-29	1
30-34	3
35-39	2
40-44	1
45-49	2
Cidade de nascimento	
Uberaba	7

Outras	3
Está estudando?	
Sim	3
Não	7
Escolaridade	
Ensino médio completo	1
Ensino médio incompleto	1
Ensino superior completo	3
Ensino superior incompleto	1
Especialização completa	3
Mestrado	0
Doutorado completo	1
Estado Civil	
solteira	3
casada	1
divorciada	1
companheira	3
outro	2
Composição familiar (nº de pessoas)	
2	2
3	2
4	5
Mais que 5	1
Trabalha	
sim	8
não	2
Faixa de renda em reais (R\$)	
sem renda	1
entre 350 - 1039	2
entre 1039-2078	4
entre 2078-3117	0
entre 3117-4156	1
entre 4156-5195	0
entre 5195-6234	0
entre 6234-7273	1
entre 7273-8312	0
entre 8312-9351	0
entre 9351-10.390	1
Religião	
Nenhuma, mas acredita em Deus	1
Evangélica	2
Espírita	2
Católica	2
Cristã	2
Cultua IFA; Candomblé e umbanda	1
Número de Filhos	
1	4
2	5
3	0
4	1
Já utilizou sistema de cotas	
Sim	5
Não	5
Identifica experiências de rejeição baseadas nas características físicas	
Sim	7
Não	3

Fonte: Elaboração da Autora.

Por meio do formulário elas receberam um código de identificação e escolheram um nome fictício para ser atribuído a si mesmas na pesquisa: Bia, Dandara, Gabi, Gabriela, Maria Fernanda, Nina, Pati, Preta, Sol e Úrsula.

Dez participantes participaram do estudo com idade média de 35,9 anos, variando na faixa entre 24 e 49 anos, no momento do preenchimento do formulário. Entre elas, oito autodeclararam-se pretas, uma parda e uma negra. Embora seja uma minoria, isso indica a falta de consenso existente sobre a questão de raça/cor, pois nove delas acompanharam a descrição feita pelo IBGE (2014) e uma tomou a posição de se chamar de negra.

Todas são mães biológicas de seus filhos. A origem de nascimento de sete delas é Uberaba, de outras duas, São Paulo (SP), e de uma é Sacramento (MG). Há uma diversidade na afiliação religiosa do grupo: duas declaram-se evangélicas, duas espíritas, duas católicas, duas cristãs, uma cultura Ifá³⁷ com prática de candomblé e umbanda e uma não tem religião.

Em relação à escolaridade, sete delas não estavam estudando. Destaca-se, na composição do grupo, que uma delas possui o ensino médio incompleto, três delas têm ensino superior e uma tem pós-graduação, no nível de doutorado. Cinco delas cursaram o ensino público e o privado, e outras cinco apenas o público. Quanto ao uso do sistema de cotas ou de programas do governo federal, cinco revelaram ter utilizado e outras cinco não.

Em relação ao trabalho remunerado, oito delas informaram que trabalham, uma informou que é aposentada e uma que não possui trabalho assalariado. Das que estão em exercício profissional, as atividades são: serviço de limpeza urbana (2), mídia social (1), prestação de serviço na área da saúde (3), docente em instituição de ensino superior (1) e vendedora ambulante (1). A faixa salarial mensal das participantes varia entre R\$350,00 e R\$10.390,00. Sete participantes informaram não ter uma rede de apoio financeiro e três informaram tê-la (por exemplo: mãe e marido).

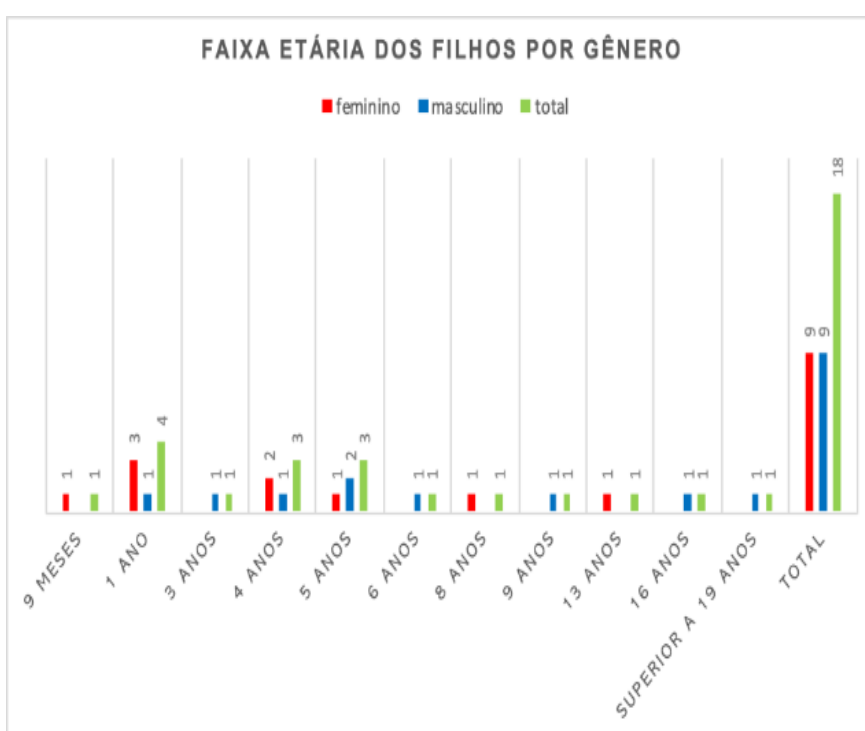
Todas as 10 participantes são heterossexuais. Três delas são solteiras, mas uma assinalou que também está numa relação de namoro, três têm um companheiro,

³⁷ **Ifa** (em iorubá: *Ifá*) é um oráculo africano. É um sistema divinatório que se originou na África Ocidental entre os iorubás, na Nigéria. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/If%C3%A1>.

uma é casada, uma divorciada e duas assinalaram outros, sendo que uma descreveu união consensual e outra não descreveu.

A composição familiar de cinco dessas mulheres é de quatro pessoas; de duas participantes, duas pessoas; de duas participantes, três pessoas; e uma participante, sete pessoas. A faixa etária dos/as filhos/as das participantes variou entre nove meses e 30 anos, sendo que do total de 18 filhos, nove deles são do gênero masculino e nove do gênero feminino (Gráfico 2).

Gráfico 2 - Faixa etária dos filhos das participantes, por gênero



Fonte: Elaboração da Autora.

As participantes residem em oito distintas regiões no município (Figura 6) o que configura diferentes sentidos de pertencimentos de residir em Uberaba.

Figura 6 - Localização das participantes por bairros no município de Uberaba-MG



Fonte: Elaboração da Autora. Imagem disponibilizada pelo Departamento de Geoprocessamento e Arquivo técnico da Secretaria de Planejamento de Uberaba (UBERABA, [2020]).

Legenda: 1 – Grande Horizonte; 2 – Fabrício; 3 – Boa Vista; 4 – Santa Maria;
5 – Abadia; 6 – Lourdes; 7 – Recreio dos Bandeirantes; 8 - Maracanã

Sobre a situação familiar habitacional, as 10 participantes declararam viver em área urbana, sendo que seis delas possuem residência própria, duas delas residência financiada e duas delas a residência é alugada. Dentre os tipos de residência, nove delas moram em casa e uma mora em condomínio. Oito participantes não possuem imóveis além daquele que reside. Em relação a posse de veículos, duas participantes não possuem nenhum. Já dentre as que possuem, seis delas possuem um automóvel e duas delas possuem dois.

Questionadas sobre terem vivenciado experiências de racismo, sete responderam sim e três não. Dentre as experiências vividas, as participantes descreveram episódios de rejeição (cabelo, cor de pele, características físicas) e contextos de racismo institucional (relacionamento amoroso, emprego/trabalho, estudante ou profissional no ambiente universitário).

3.2.6 Procedimentos de Geração dos Dados

As participantes foram convidadas a contar suas histórias sobre ser/tornar-se mulher negra, ser mãe negra, e experiências de serem tratadas de uma forma diferente, positiva ou negativamente. A organização de cada encontro inspirou-se em

estudos já realizados, utilizando o método de mapeamento corporal (DAVY *et al.*, 2014; GELATTI; ANGELI, 2019; MATOS; SILVA; GARCIA, 2018; MURASAKI; GALHEIGO, 2016).

Cada encontro foi previamente agendado via aplicativo *WhatsApp*®, conforme a disponibilidade da participante e da instituição. Esses encontros aconteceram, inicialmente, em três espaços: Coletivo Afrontar-se, CEMEI Profa. Dirce Miziara e Casarão da Fundação Cultural. No entanto, em novembro de 2019, o Coletivo sofreu um roubo, o que inviabilizou a continuidade da parceria, pois posteriormente foi fechado. Assim, a minha tia Madalena disponibilizou um espaço de sua residência, onde foram concluídos os últimos encontros.

Em cada encontro, busquei preparar o ambiente, oferecendo pequenos lanches e bebidas, bem como organizei a sala deixando os materiais de trabalho expostos. Três encontros foram realizados, individualmente, com cada participante durante o período entre setembro/2019 e fevereiro/2020, totalizando 30 encontros. Todas as dez participantes realizaram os três encontros. Em três deles, dentre os 30 encontros, houve a presença dos filhos/as das participantes durante as sessões de mapeamento. Ocorreram diversos imprevistos e /ou um conjunto de situações que dizem sobre o próprio movimento da vida, da previsibilidade dinâmica da maternidade e da dificuldade em encontrar disponibilidade das participantes tais como o adoecimento dos filhos, perda de celular, horário de trabalho, cuidado dos filhos, participação em reunião da escola, entre outros.

O material artístico de papelaria e de registro (Smartphone Samsung Galaxy J4®, Câmera fotográfica) utilizado para a realização do estudo e confecção dos mapas corporais foi disponibilizado por verba de projeto do CNPq, coordenado pela Profa. Lilian Magalhães. Uma caixa com imagens e recortes de revista também foi disponibilizada. Em cada encontro, uma música de fundo era colocada a partir da escolha da participante, e para aquelas que não escolhiam, eu mesma fazia a escolha, tentando deixar o ambiente mais aconchegante. Houve casos em que a música foi retirada devido à interferência na narrativa da participante.

Nesses encontros, utilizei um formulário socioeconômico e um roteiro com questões disparadoras para a condução do mapeamento corporal. No primeiro encontro, uma prancheta era entregue à participante, contendo os dois TCLE e o formulário. O Termo foi lido por mim e em voz alta na presença da participante, sendo que uma participante pediu para fazer a leitura do Termo. Antes dos dois encontros

seguintes, eu conferia a resposta dos formulários e fazia uma escuta do áudio do encontro anterior.

Nas duas sessões seguintes para a confecção do mapa corporal, a participante dava continuidade ao preenchimento do mapa e respondia às questões do roteiro de mapeamento corporal. No terceiro encontro foi feita uma avaliação da experiência de fazer o mapeamento corporal e o encerramento dos encontros. A descrição dos encontros está detalhada no Quadro 7.

Quadro 7 - Descrição dos encontros com as participantes

Encontros	Descrição
1º Encontro	<ul style="list-style-type: none"> ○ Apresentei-me e lhe expliquei sucintamente o tema e a proposta da pesquisa. ○ Entreguei duas versões do TCLE para a participante. Posteriormente, realizei a introdução da pesquisa e fiz a leitura do TCLE para a participante. Questionei se havia dúvidas e solicitei, caso a participante estivesse de acordo, a assinatura de autorização e a rubrica em todas as páginas do Termo (versão destinada à pesquisadora) sendo que a outra versão era entregue à participante. ○ Solicitei o preenchimento do formulário sociodemográfico pela participante. ○ Apresentação do material que poderia ser utilizado. Início da elaboração do mapa corporal com a temática sobre a experiência de ser mulher negra. ○ Entrega da mensagem com a tarefa para o encontro seguinte.
2º Encontro	<ul style="list-style-type: none"> ○ Preenchimento do mapa corporal a partir das percepções sobre a experiência de ser mãe negra. ○ Entrega da mensagem com a tarefa para o encontro seguinte.
3º Encontro	<ul style="list-style-type: none"> ○ Preenchimento do mapa corporal a partir das percepções sobre as barreiras e suportes que constituem o processo de enfrentamento do racismo nas práticas maternas. ○ Finalização das sessões de mapeamento corporal. ○ Avaliação da experiência de fazer o mapeamento corporal. ○ Entrega de uma mensagem de agradecimento e de um vaso com a flor rosa do deserto.

Fonte: Elaboração da Autora.

As dúvidas que as participantes tiveram, entre os encontros, sobre as tarefas propostas foram respondidas por mensagens via WhatsApp®. Os mapas feitos em cada local permaneciam ou eram levados do espaço conforme cada caso. Por exemplo, se a participante tivesse utilizado material como cola colorida e tinta, o mapa ficava no local até a secagem completa. Os materiais eram dispostos e guardados após o término de cada encontro. Nenhuma participante teve acesso ao mapa de outra. As participantes que não conseguiram realizar as tarefas em casa, tiveram um tempo disponibilizado para desenvolver a tarefa.

3.2.7 Procedimentos de Registro dos Dados

Os encontros foram registrados de acordo com cada método e instrumento utilizado (Quadro 8):

Quadro 8 - Procedimentos de registro, conforme o método de pesquisa adotado

Métodos	Instrumentos	Procedimentos de registro
Entrevista.	Formulário Sociodemográfico.	Folhas impressas do formulário
	Roteiro de entrevista semiestruturada.	Gravados em áudio de mídia e vídeo.
Mapeamento corporal narrado.	Mapa do tamanho real do corpo.	Plataforma visual em tamanho real do corpo.
	Processo de mapeamento.	Gravados em áudio de mídia e vídeo e registrado por fotos.

Fonte: Elaboração da Autora.

a) Métodos de Entrevista

- *Instrumento - Formulário Sociodemográfico*

Para caracterizar as mulheres e mães do estudo, um guia com 23 questões fechadas e abertas sobre as informações sociodemográficas das participantes foi desenvolvido (Apêndice G). Todas as participantes preencheram o próprio formulário, informando dados pessoais e atribuindo um pseudônimo a si mesmas. As questões envolviam perguntas referentes à composição familiar, residência, condições econômicas, religião, escolaridade, profissão, acesso ao sistema de cotas e experiências de rejeição devido ao racismo.

Durante o preenchimento deste formulário, as participantes apresentaram dúvidas em relação às opções do estado civil, não se vendo nas categorias apresentadas nas opções. Acredito que a inclusão da opção “união consensual” poderia ter facilitado o processo. Várias participantes trouxeram também dúvidas sobre os termos da questão sobre a orientação sexual, por não saberem como diferenciar as opções apresentadas.

A religião também provocou dúvidas, pois alguns participantes se viam em um processo de descoberta de sua religiosidade, refletindo sobre a impossibilidade de assinalar uma alternativa específica. A questão sobre experiências de rejeição por

suas características físicas devido ao racismo é um ponto que deve ser discutido ao longo dos resultados do trabalho. Três participantes assinalaram que não sofreram experiências de racismo, mas ao longo dos encontros de mapeamento corporal, essas mesmas mulheres narraram episódios que as inferiorizavam e segregavam.

Os dados obtidos pelo formulário sociodemográfico foram preenchidos e registrados em papel impresso.

- Instrumento - Roteiro de Entrevista Semiestruturada

O propósito deste roteiro (Apêndice H) foi apresentar questões sobre a história de vida das mulheres-mães negras, suas experiências de racismo e práticas maternas com os/as filhos/as negros/as. Esse roteiro foi adaptado de Gastaldo *et al.* (2012), intencionando contemplar os objetivos da pesquisa e o referencial teórico que a embasa. Em relação à estrutura original do roteiro, foi mantido o formato. Já a temática de cada sessão bem como as perguntas norteadoras foram criadas buscando compreender os fenômenos abordados neste estudo.

a) Método mapeamento corporal narrado

O mapeamento corporal narrado gerou uma plataforma visual e criativa em tamanho real do corpo e uma narrativa do testemunho e da legenda com a descrição de cada elemento do mapa sobre a experiência de ser uma mulher mãe negra. A avaliação da experiência do processo é apresentada no Apêndice (I).

3.2.8 Procedimentos de Tratamento, Análise e Síntese dos Dados

Os dados gerados por cada um dos métodos foram tratados, conforme está detalhado no Quadro 9, para posterior análise:

Quadro 9 - Procedimentos para tratamento dos dados gerados no estudo

Dados	Procedimento de tratamento dos dados
Registros em papel impresso dos formulários sociodemográficos	Computados e tabelados no Programa <i>Microsoft® Office Excel</i>
Narrativas das sessões de mapeamento corporal	Transcritos por uma empresa de assessoria acadêmica
Mapeamento corporal narrado	Plataforma visual foi digitalizada em PDF e transformada em arquivo <i>.jpg</i>

Fonte: Elaboração da Autora.

a) Formulário Sociodemográfico

Os dados obtidos por cada formulário sociodemográfico foram digitados conforme cada categoria de interesse, computados e tabulados no Programa *Microsoft® Office Excel*. Os resultados foram apresentados em tabelas, gráficos e de maneira descritiva, caracterizando as participantes do estudo.

b) Narrativas do Processo de Confeção dos Mapas Corporais e Plataforma Visual em Tamanho Real

Após a conclusão do campo da pesquisa, construímos um material de 30 entrevistas, em um total de 1571 minutos³⁸ de áudio gravados em arquivos MP3, que foram transcritos em sua totalidade, gerando 1405 páginas.

Referente ao processo de transcrição das entrevistas, tive a intenção, em um primeiro momento de fazê-las utilizando o *Software VoiceMeeter®*, programa que captura áudios, transformando-os em texto transcritos. No entanto, em meados do mês de outubro, como o processo de transcrição avançava lentamente por fatores emocionais em relação ao processo de escuta das narrativas, contactei uma empresa de assessoria para auxiliar na conclusão do processo. Para exemplificar, uma hora de áudio, era concluída por mim em torno de 15 dias, o que considerei ser inviável a continuidade, especialmente devido à sobrecarga pessoal e prazos para concluir a

³⁸ O total de tempo de gravação das entrevistas foi de 59h33m. O tempo em minutos refere-se aos áudios editados.

escrita da tese. O trabalho vinha sendo realizado por três transcritores, que também tiveram problemas de cunho emocional durante a escuta e transcrição dos áudios. Dois deles inclusive desistiram do trabalho. O prazo de entrega, acordado para ser entregue em meados do fim de novembro, foi concluído no dia 10 de fevereiro de 2021.

Já os dados gráficos do mapeamento corporal foram digitalizados em formato PDF, em gráfica, e posteriormente convertidos para o formato jpg. As fotos e vídeos dos registros do mapeamento corporal foram arquivados em pastas, organizadas por participante, no *notebook* e em espaços de armazenamento de arquivos na internet. Os arquivos contendo os mapas corporais foram codificados por ordem de contato com as participantes e nomeados pelos pseudônimos.

- *Análise dos dados qualitativos*

Na pesquisa qualitativa o modo de análise é, frequentemente, interpretativo, o que significa revelar conceitos e relações por meio de articulações teóricas (STRAUSS; CORBIN, 2008). Dentre os métodos analíticos das imagens dos mapas corporais e das narrativas que acompanham a produção dos mapas, utilizei procedimentos preconizados pela análise temática (BRAUN; CLARKE, 2006).

A análise temática é “um método para identificar, analisar e relatar padrões (temas) dentro dos dados” (BRAUN; CLARKE, 2006, p. 5). Ela é flexível e pode ser aplicada em uma variedade de abordagens teóricas e epistemológicas, podendo ofertar dados ricos, detalhados e complexos. Entende-se por *tema* aquilo que é captado e importante sobre os dados, referente à questão de pesquisa e que representa um nível de resposta que é padronizado ou significativo dentro do conjunto de dados (BRAUN; CLARKE, 2006).

Assim, o material foi analisado a partir de uma adaptação que fiz nas fases³⁹ propostas por Braun e Clarke (2006):

- 1) familiarização com as histórias narradas;
- 2) destaque dos pontos das histórias que explicam as questões e objetivos de pesquisa;

³⁹ As seis fases da análise temática proposta por Braun e Clarke (2006) visam identificar, codificar e analisar os temas de todo o conjunto de dados para encontrar padrões repetidos de significados: 1) familiarizando-se com seus dados; 2) gerando códigos iniciais; 3) buscando por temas; 4) revisando temas; 5) definindo e nomeando temas; e 6) produzindo o relatório.

- 3) busca por temas das marcas que foram e ficaram narradas em mim;
- 4) revisitação dos temas;
- 5) organização e nomeação de três categorias que são preenchidas com os respectivos temas.

A alteração das etapas foi feita por dois motivos principais. O primeiro surge como uma proposta que adveio das professoras que compuseram o Exame de Qualificação. Elas refletiram sobre o cuidado para não transformar rigidamente as narrativas em objetos de análise. Segundo porque as narrativas, mesmo em formato de texto, ficaram muito extensas e emocionalmente pesadas, o que me mobilizou a valorizar a percepção e nomeação, considerando os meus aspectos subjetivos, a partir do que as histórias provocavam em mim.

Acredito que esta estratégia de mudança se justifique, porque no período dos encontros com as participantes, na escuta dos áudios, nas tentativas de transcrição e na leitura do material, senti profundos desconfortos expressos em sudorese, perda e excesso de sono, cansaço, exaustão e alteração frequente das minhas condições emocionais. Demorei para identificar as alterações físicas e emocionais que eu sentia neste processo, o que impossibilitou um distanciamento que fosse suficiente para retomar posteriormente. Além disso, eu precisava desenvolver as etapas do trabalho para seguir os prazos necessários para a conclusão da redação da tese, o que inviabilizava o distanciamento necessário. Por fim, consegui examinar a ligação entre os temas criados e fui usando uma abordagem dedutiva a partir das teorias, refinando a análise de forma a responder estritamente às questões de pesquisa (GASTALDO; RIVAS-QUARNETI; MAGALHÃES, 2018).

- Apresentação dos dados qualitativos

Para responder à questão norteadora “Como a experiência do racismo enfrentado pelas mulheres negras repercute nas suas ocupações maternais?” e aos objetivos do estudo, os resultados são apresentados em três seções (Quadro 10):

Quadro 10 - Apresentação dos resultados do estudo

Resultados do estudo	
Parte I	Dez histórias de maternagem negra narradas através de mapas corporais (Testemunho, Mapa Corporal e Legenda)
Parte II	O que é um problema coletivo? Impactos do racismo, no cotidiano de mulheres mães negras
	Categoria 1 - Não existe um <i>'day one'</i> . A constituição da(s) identidade(s) negra(s)
	Categoria 2 – “Existe diferença?” Experiências de ser mulher mãe negra
	Categoria 3 – “A forma que eu vou ensinar”: identidade racial negra e racismo
Parte III	Proposta de agenda: exposição das mensagens das mulheres mães negras aos outros

Fonte: Elaboração da Autora.

A apresentação de cada participante, o testemunho em formato autobiográfico, os mapas corporais, algumas fotografias do processo de confecção, e a legenda autobiográfica são apresentados na Parte I.

A Parte II, que é constituída por três categorias, há trechos apresentados no interior do texto, de acordo com temas escolhidos que justificam os objetivos do estudo, assim como as marcas que ficaram impressas em mim.

Na última parte, Parte III, o tópico das mensagens aos outros, que compõem o processo apresentado na Parte I, é retomado aqui, porque expressa uma intenção de comunicação das mulheres mães negras com diferentes grupos sociais sobre o que elas elencam como importante, prioritário e necessário de ser enunciado.

3.2.9 Estratégias de confiabilidade da pesquisa

A validade e a confiabilidade qualitativa significam, respectivamente, verificar a precisão dos resultados por meio de certos procedimentos e o reconhecimento de que a abordagem do pesquisador é consistente em toda a extensão do projeto (CRESWELL, 2010). Destaco que a minha preocupação de rigor da pesquisa esteve relacionada às estratégias de validação no sentido de usar uma linguagem horizontal e respeitosa com as participantes. Com a intenção de garantir o uso de termos e formas de conduzir a pesquisa, que fossem contrários a uma ingenuidade que viesse a reforçar estereótipos e/ou opressões, segui um conjunto de estratégias que me auxiliassem a garantir a não violência simbólica. Assim:

a) Os instrumentos para geração dos dados da pesquisa foram submetidos a revisão por pares.

b) Os eventuais vieses da pesquisa da pesquisa são descritos na seção introdutória da tese (ver Capítulo 1).

c) Pretendeu-se, mesmo que timidamente, descrever e comunicar a metodologia e os resultados de forma densa e rigorosa.

- Revisão das Questões do Roteiro do Estudo por Pares

Para a revisão das questões dos instrumentos de geração dos dados, a partir de um convite por meio eletrônico, encaminhei os documentos a sete profissionais, seis mulheres e um homem, dos campos de história, pedagogia, psicologia e terapia ocupacional. Após o aceite de cada um, enviei um convite apresentando o resumo, os objetivos, a proposta metodológica do estudo e as orientações quanto à avaliação solicitada.

Desse total, obtive cinco devolutivas, contendo contribuições em relação à validação do formulário e roteiro de entrevista. Dentre as cinco respondentes, três delas autodeclaram-se como negras e duas, brancas. As respondentes estão vinculadas a área da história, pedagogia, psicologia e terapia ocupacional com experiência nos eixos de maternidade, relações étnico-raciais e terapia ocupacional. Essa validação externa permitiu que as juízas analisassem a estrutura, o conteúdo, a linguagem e a pertinência dos instrumentos.

As juízas apresentaram desde reflexões sobre as questões até a revisão de questões. Todas as propostas de alterações foram contempladas e os pontos reflexivos considerados.

3.2.10 Considerações Éticas

A pesquisa seguiu os preceitos previstos e destacados no Comitê de Ética e Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar (Anexo A). Mas, para além do que prevê a Resolução nº510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 2016), nos encontros busquei manter relações horizontais e que garantissem o respeito às pessoas, à justiça, à autonomia, ao anonimato. Em relação à horizontalidade, compreendo que a minha influência na pesquisa possa ter se dado por motivos de diferentes ordens como a minha formação profissional, o fato de eu cursar o doutorado em uma universidade pública, por ser mulher e especialmente por ser mulher negra.

Dentre os momentos éticos que considero relevante apresentar, menciono: a) as perguntas das participantes sobre o que eu estava achando dos resultados da pesquisa, se eu achava que elas estavam me ajudando, como eu me sentia com as respostas; b) esquecimento pelos coordenadores de um dos locais dos horários combinados para realizar a pesquisa no espaço, gerando desconforto para mim e para a participante em relação ao tempo permitido para ficar no espaço; c) aos episódios de racismo vividos pelas participantes simultaneamente à participação na pesquisa.

Sobre as experiências de racismo que ocorreram durante o processo de participação da pesquisa, é fundamental ressaltar que a criação de um espaço propiciado pelo estudo para ouvir experiências de mulheres mães negras fez com que eu testemunhasse e acompanhasse processos únicos de reflexão sobre suas vidas. Entre cada um dos encontros, tive a oportunidade de acompanhar a revisão de posicionamentos por meio de episódios de dor, simultâneos à participação na pesquisa. Por exemplo, no caso de uma das participantes, durante o segundo encontro, ela mencionava que imaginava que ensinaria sobre fortalecimento da identidade racial negra no processo de criar as filhas. No entanto, entre os encontros, ela foi buscar a filha na escola de educação infantil e um coleguinha branco da sala da filha, chamou-a de feia na porta da escola, levando as outras crianças, inclusive a própria filha a repetirem o adjetivo. No terceiro encontro, ela relatou o ocorrido e choramos juntas enquanto ela narrava o fato. Dentre tantos processos desconfortáveis de reflexão, esta participante se mobilizou para fazer uma mensagem direcionada a mães de crianças brancas.

Outra participante imaginava que ensinaria as filhas sobre a identidade racial negra, a partir das memórias do passado. No entanto, entre os encontros, ela foi ao supermercado e um funcionário chamou a filha de “tostada”. No mesmo dia, ela enviou uma mensagem pelo *Whatsapp*®, dizendo que precisaria compartilhar algo que havia acontecido. E outra participante que vivia um processo de angústia pelas experiências do filho em uma escola particular tomou uma decisão posteriormente à finalização dos encontros.

No caso desta participante, convidei uma pedagoga e assumimos o compromisso, após a pesquisa, de discutir sobre a situação que vinha ocorrendo com o filho, no sentido de analisar aspectos do desempenho escolar ou mesmo de refletir sobre os impactos que o racismo poderia estar trazendo na vida do filho dela.

Conversei com a participante sobre a Lei 10.639, que obriga a inclusão no currículo da Rede de Ensino a temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, ofereci referências sobre racismo na escola, e de escolas de Uberaba, que eu tinha conhecimento, que tinham esse compromisso no contexto escolar. Um tempo depois, ela enviou uma mensagem comunicando que havia optado pela mudança do filho da referida escola e seu filho vinha se sentindo muito bem.

Os 30 encontros me permitiram uma imersão que me fazia confundir o meu papel de pesquisadora com o de alguém que estava em processo profundo de identificação com as histórias e com o de terapeuta ocupacional que se angustiava com aquelas experiências. A cada encontro, eu saía preocupada, ansiosa, profundamente triste e muito cansada. Inclusive demorei um tempo importante para aprender a nomear os meus sentimentos e fazer a análise necessária que a pesquisa requeria. Eu carreguei as histórias, sonhei com elas e sofri tentando entender em que medida e como elas me impactavam.

Mais de um ano depois da conclusão das entrevistas, em um processo de leitura do material, **entendi**, para além de **saber**⁴⁰, que as experiências narravam vivências das participantes centralizadas e a partir do corpo, e que diziam das participantes, mas diziam fortemente sobre mim. Eu revivi a cada momento, as minhas próprias experiências traumáticas. Vivi tempos de ansiedade, porque fui aprendendo a dissecar o racismo a cada uma das histórias até mesmo onde eu achava que ele não existia. Depois de carregá-las por tanto tempo e me mesclar a cada história, veio o momento de apresentá-las.

⁴⁰ Fiz o destaque dos verbos entender e saber, porque é evidente que eu sempre soube que o racismo era algo desumanizador, mas entendê-lo e senti-lo trouxe uma outra dimensão de percepção, de compreensão.

Eu sou frágil.

E sei que isso me torna forte.

Aceitar ser (que é) uma pessoa frágil é um processo duro, aprisionador. Mas

hoje eu definitivamente aceitei e nunca me senti tão livre.

Dizem que quem sente demais é frágil. Por um bom tempo acreditei. Mas me

diz algo mais forte do que sentir?

Eu sinto MUITO!

Sinto que por muitos momentos me afastei de mim, coloquei barreiras nos

meus sentimentos. Por muito tempo vivi afogada, por engolir tanto minhas

lágrimas.

Que engraçado isso de viver afogada, né!?

E é!

Quantas mortes eu já vivi.

Se hoje continuo viva sei que é justamente por ser frágil, por sentir demais.

Eu me mergulho.

Em todas as lágrimas engolidas e afogadas.

Eu me resgato, me salvei.

"Todo corpo tem água, lágrima, suor e gozo", foi o que disse Letrux em Déjà-

vu Frenesi.

E hoje sentada na minha cama, aqui, olhando o céu, o gato na janela, tenho

certeza de que já estive aqui, assim, aceitando ser um ser frágil, que sente

muito e sente tudo.

Tenho passado a maioria dos meus dias aqui dentro, do quarto, de mim.

Tenho encontrado muitas coisas perdidas aqui dentro, de mim.

São como vales, debaixo d'água, sombrios, bonitos, cinzas, verdes...

Às vezes sinto medo do que vou encontrar, mas sigo mesmo assim, com frio

na barriga que às vezes me congela.

Mas eu me mergulho, um pouquinho a cada dia, e derreto, dissolvo.

Num lugar profundo entre tantos vales, brilhos e pavor, me encontrei na

imagem da certeza de que já me senti como agora, aceitando ser frágil e

sendo bom, mas também trombei no escuro das barreiras que fui colocando

no meu sentir, pra um dia sentir menos, como as pessoas dizem que é bom.

Doeu, as trombadas, o encontro e hoje, agora, entendo os roxos que às vezes

aparecem em mim. Fui me roxeando.

Comecei a quebrar as barreiras e não aguentei, mais uma vez me afoguei, eu
ainda afogo.

Porém, de um tempo pra cá, aprendi, entendi, que não adianta quebrar tudo
de uma vez, vai ser pior pra limpar depois.

Tudo bem afogar agora, eu me salvo, sempre foi assim, eu por mim.
Num escombros encontrei todas as vezes que escrevi poesia, sim, essa mesma
que é coisa de gente frágil, que ironia, né!? A poesia sempre foi meu ar
debaixo d'água, com ela aprendi a respirar.

O céu claro, beirando 18h sempre me faz marejar e por mais que nem
sempre eu desague (às vezes me afogo as 18h).

E ta ai mais uma ironia, pois foi bem nessa hora que eu nasci, 18h! Seis da
tarde! Às vezes naufragando, às vezes marejando, no limbo entre o fundo e a
superfície, as seis da tarde sempre me sinto viva. VIVA!

Hoje me marcou e ainda nem são 18h (17h45 pra ser exata), nem quis
mergulhar, porém quando vi já estava ali inquieta ou quieta demais,
atravessando entre os vales, aqueles vales dentro de mim.

A barriga gelou, mas as mãos suaram quente, foi bem quando o encontro
aconteceu.

"Eu sou frágil", foi isso que eu disse, em silêncio, aqui, dentro do quarto.

Fazia tempo que eu não me sentia tão bem como agora.

Hoje vivi o déjà-vu.

Eu sinto tanto, tanta coisa nesse momento e tem sido bom.

Hoje me deparei frágil entre as barreiras do meu quarto e tem sido bom.

Eu sou frágil e me sinto tão forte sendo assim.

Hoje me aceitei, mais uma vez, mais uma parte de mim.

Talvez tenha quebrado a maior barreira, só que não doeu, não roxeou, não
bagunçou.

Hoje me sinto forte, aqui dentro, consigo respirar com calma, frágil calma no
turbilhão dos vales nem tão sombrios assim.

Tem sido bom. Me sinto bem.

18h! Seis da tarde!

Julia Beatriz⁴¹.

⁴¹ Julia é mulher negra, uberabense, psicóloga. Em sua prática, aborda o viver das pessoas fazendo interface com as questões raciais e utiliza da esquizoanálise como abordagem profissional. Nos últimos

CAPÍTULO 4 – CONTANDO HISTÓRIAS DA MATERNAGEM NEGRA

Este capítulo apresenta dez narrativas sobre vivências de racismo sofrido por mulheres negras, enfatizando as repercussões dessas experiências em suas ocupações maternas, bem como as estratégias de enfrentamento elaboradas por elas para criar, proteger e educar seus filhos e filhas. Essas vivências são apresentadas visualmente por meio de mapas corporais narrados, registros fotográficos e trechos das narrativas de cada participante da pesquisa. Na primeira subseção, **Dez histórias de maternagem negra narradas através de mapas corporais**, mostro uma visão geral dos dez mapas corporais e, em seguida, apresento o testemunho autobiográfico, o mapa corporal de cada participante e suas respectivas legendas das histórias narradas nos mapas corporais. Na segunda subseção, **O que é um problema coletivo?** Exibo três temas que emergem das narrativas individuais. E, por fim, na terceira subseção, **Mensagem aos outros**, apresento uma exposição do conteúdo, o destinatário e a justificativa das mensagens feitas nos mapas, mas selecionadas para uma única seção com a intenção de comunicar o que as participantes consideram importante saber, assim com o destinatário e as importâncias considerada por elas das mensagens.

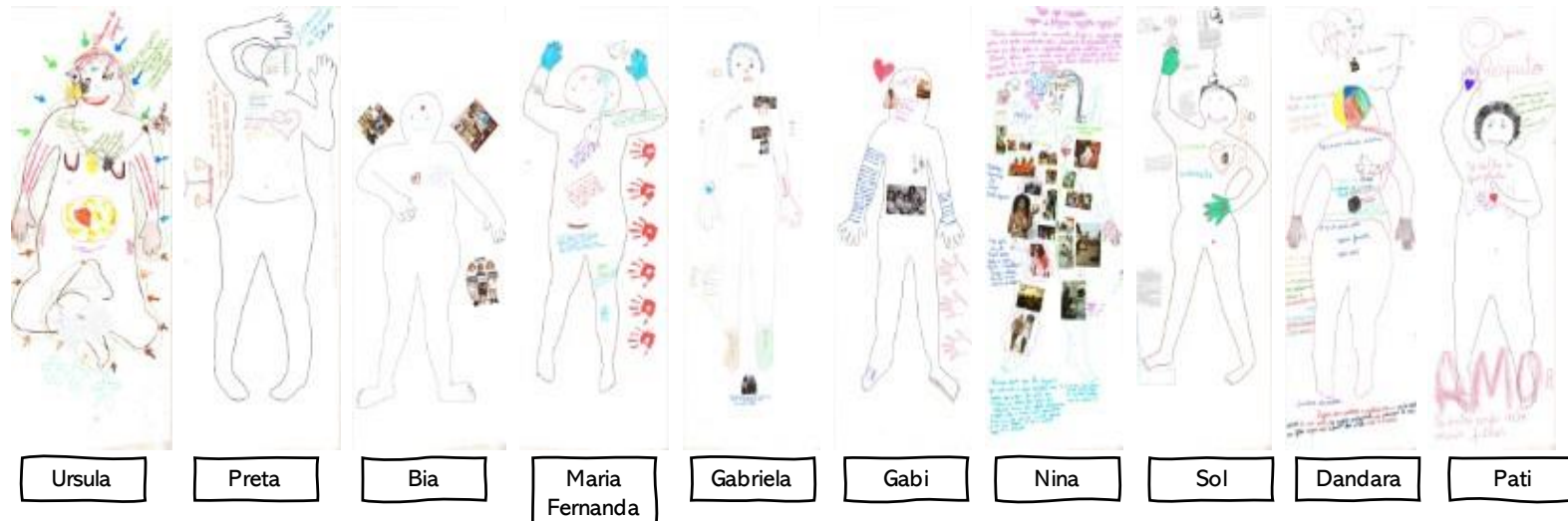
4.1 PARTE I - DEZ HISTÓRIAS DE MATERNAGEM NEGRA NARRADAS ATRAVÉS DE MAPAS CORPORAIS

4.1.1 Visão Geral dos Dez Mapas Corporais

Nesta seção, apresento uma visão geral e visual do conjunto de mapas corporais (Figura 7) que expressa particularidades da repercussão da experiência de racismo sofrida por mulheres negras em suas ocupações maternas.

anos do doutorado, ela me auxiliou a cuidar da minha vida emocional e do meu sentir para escrever a tese.

Figura 7 - Visão geral das representações visuais dos processos de constituição de ser mulher negra e das repercussões das experiências de racismo nas ocupações maternas, elaboradas por mulheres



Fonte: Elaboração da Autora.

A produção artística individual das participantes mostra posturas e cores dos traços diversificadas. É possível visualizar formas singulares de representar a experiência de ser mulher e mãe negra, utilizando diferentes recursos de expressão e de materiais. Neste processo, as participantes exploraram a representação de suas experiências de forma escrita, pintada, colada e desenhada.

4.1.2 Histórias Visuais: Possibilidades de Expressão sobre os Contentamentos e Processos de Desumanização de Ser uma Mulher Negra

Os mapas são apresentados a partir de um processo de observação dos incômodos sentimentos que a minha reflexividade como mulher negra, terapeuta ocupacional e pesquisadora, identificou durante os encontros com as participantes. Neste processo de encontro, destaco as sessões de mapeamento, mas também aquele que permeou o transcrever, o (re-)ler e o (re-)trabalhar as narrativas. Assim, compreendi que os encontros norteados pelas experiências vividas no corpo das participantes, imprimiram marcas concretas em meu próprio corpo.

Esse processo foi tortuoso, pois, as histórias foram esculpindo marcas que me fizeram inclusive sentir, concretamente, uma sobrecarga emocional e física. Vivi diferentes processos, ora me via totalmente mesclada com as histórias, ora me via sobrecarregada, ou desejosa de distanciamento. Assim, a escolha da sequência da apresentação das histórias guiou-se a partir de um olhar sensível do meu sentir a cada encontro e reencontro com cada mulher mãe presencial, auditiva e textualmente, inquestionavelmente permeado pela minha própria definição de identidade racial. A escolha do título não necessariamente está presente na autodefinição visual e descritiva dos mapas, pois várias delas foram ditas nos diálogos e reflexões a cada uma das sessões.

Nas seções de apresentação de cada um dos dez mapas corporais narrados, começo detalhando a forma como a participante soube da pesquisa, a idade, o estado civil, a naturalidade, a orientação sexual, a religião, a escolaridade, a profissão e a renda salarial mensal. Além disso, enfatizo dois dados do formulário sociodemográfico – a autodeclaração e a identificação de experiências de rejeição por suas características físicas, caráter ou capacidade intelectual. Apresento também uma árvore genealógica, que foi criada com as informações que obtive ao longo dos

encontros. Por fim, o testemunho e o mapa corporal com a respectiva legenda são exibidos.

É importante explicar que para facilitar a leitura nos trechos de falas das participantes, utilizei reticências sem colchetes, na maior parte do texto, para indicar pausas na fala, interrupções, ruídos, falhas no som e trechos omitidos. Isso porque o texto se apresentaria muito poluído, caso as reticências entre colchetes fossem usadas com tal propósito, embora seja possível encontrar trechos nesse formato. As palavras usadas na linguagem coloquial foram preservadas com o intuito de manter a característica e o jeito de cada uma das participantes. Por fim, palavras ou frases entre colchetes foram inseridas nas situações que havia necessidade de deixar o texto mais compreensível.

4.1.2.1 História da Sol: *“Não Consigo Assim Ver essa Diferença, Mãe Negra e Mãe Branca, Tudo Igual, né?!”*

Introdução

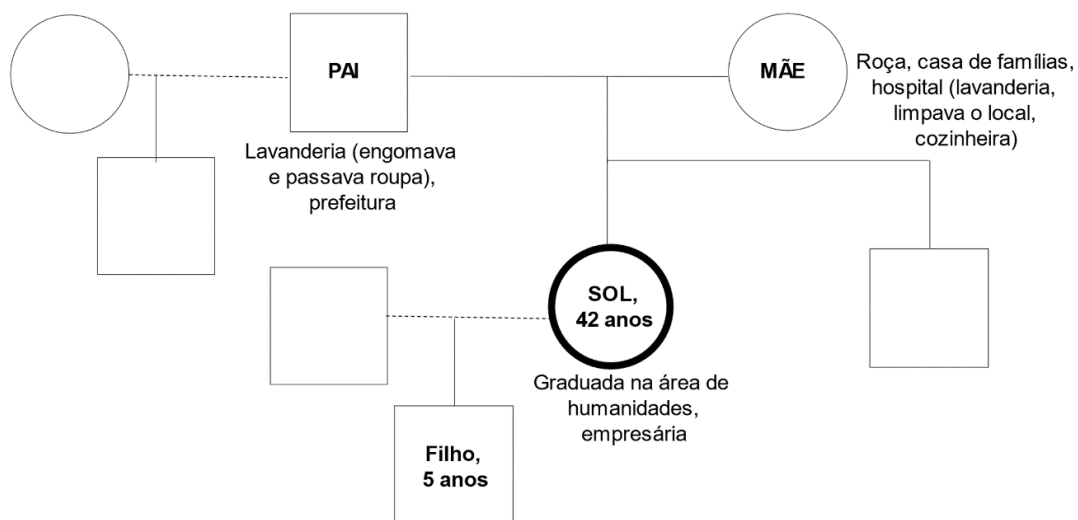
Sol soube da divulgação para participar da pesquisa pela rede social *Instagram*®. Ela nasceu em 1977 e estava com 42 anos no momento da pesquisa. Sol é solteira, natural de Uberaba, heterossexual, evangélica, graduada na área de humanidades, mas sua profissão atual é empresária.

Sol estudou até o segundo grau completo em escola pública e cursou a graduação em faculdade particular. Sol recebe um pouco mais de um salário-mínimo nacional. Na residência da família, moram três pessoas – Sol, o filho pequeno e a mãe (idosa). No formulário sociodemográfico, ela assinalou a cor/raça como preta e não identificou nenhuma experiência de rejeição por suas características físicas, caráter ou capacidade intelectual. Sol também indicou já ter utilizado o sistema de cotas ou de programas do governo federal, mas não especificou qual deles.

A mãe de Sol tem mais de 70 anos, e iniciou, ainda pequena, a vida de trabalho na roça. Depois mudou-se para uma cidade pequena. A mudança destinada à Uberaba aconteceu, pois, acompanhava a família para quem prestava serviços na casa. A aposentadoria da mãe de Sol veio posterior à experiência de trabalho em um hospital, onde cuidou da limpeza, da lavanderia e da cozinha. O pai, já falecido, prestou serviços gerais e aposentou-se trabalhando na prefeitura.

Segue a árvore genealógica de Sol elaborada com as informações sobre a sua família trazidas durante as sessões de mapeamento corporal (Figura 8).

Figura 8 - Árvore genealógica da participante Sol



Fonte: Elaboração da Autora.

O testemunho, o mapa corporal e a legenda

Fotografia 6 - Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Sol, terceiro encontro, 2019



Fonte: Acervo da pesquisa.

Testemunho

Gente, eu sou a Sol. Essa daqui sou eu, eu me vejo, né, é eu com os meus sonhos, com as minhas dores, né, porque a vida não é feita só de alegria. A vida é feita, né, de muitos desafios. Pensa em desafios, gente, pensa se acha que é fácil, sempre sorrindo, sorrindo, mas não foi sempre que eu estive sorrindo, já passei por um monte de dificuldade até quem sou eu, né?! Águia ou galinha. Já tive um monte de galinha gente, muito. Deus tenha misericórdia quando essa galinha me pega, e ela me pega até hoje, mesmo eu aprendendo que essa galinha é medrosa, ela tem medo de tudo, morre de cabeça baixa, ... morre cabisbaixa, independente da gente ser negro, a gente tem que andar sempre de cabeça erguida como a águia né... Aí essa sou eu que vai continuar caminhando eu e o meu, né, o meu menino. E aí eu acredito que é só benção, é só coisas boas que tem aí pela frente, só coisas boas, de acordo com a minha fé, eu creio então é assim.

Mapa corporal e legenda

O mapa corporal da participante Sol (Figura 9) é apresentado a seguir:

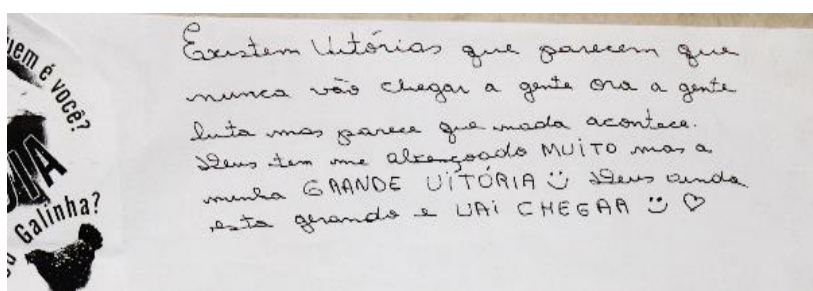
“Nunca estive na zona de conforto, mas agora eu tenho caminhado mais rápido, mais rápido, né, só não consigo ir mais rápido por quê... eu me acalmei também o meu coração porque aí eu acabo sofrendo” (Participante Sol, sobre a pessoa em que se tornou).

Legenda

Música representativa do momento

Vou escrever nesse cantinho. Existem vitórias que parece que nunca vão chegar... Deus tem me abençoado muito, mas a minha grande vitória Deus ainda está gerando e vai chegar... [A música] é do irmão Lázaro. É muito linda. E ele começa assim, cantando: existem vitórias que parece que nunca vão chegar, a gente ora, a gente luta, mas parece que nada acontece, Deus tem me abençoado muito, mas a minha grande vitória Deus ainda está gerando e vai chegar.

Fotografia 7 - Música representativa do momento da participante Sol



Fonte: Acervo da pesquisa.

Postura do corpo

[...] eu sou tão "petitinha"... Eu sou muito forte, faço muita coisa, eu queria ser mole, porque todo mundo que é mole, alguém acaba fazendo pra ela, acaba que alguém faz... (risadas). Como é que seria uma mulher forte? ... Mulher forte, ... tá tudo concentrado na barriga. [...] de mulher-maravilha... Ah é, assim, né?! Não é, a mulher-maravilha?! Eu me sinto como a mulher-maravilha, tem um pôster que eu vi, gente é igualzinha.

Fotografia 8 - Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Sol, terceiro encontro, 2019



Fonte: Acervo da pesquisa.

Cor do traçado

Ah então o marrom... fala negro, mas é marrom porque é minha cor, né? Me representa.

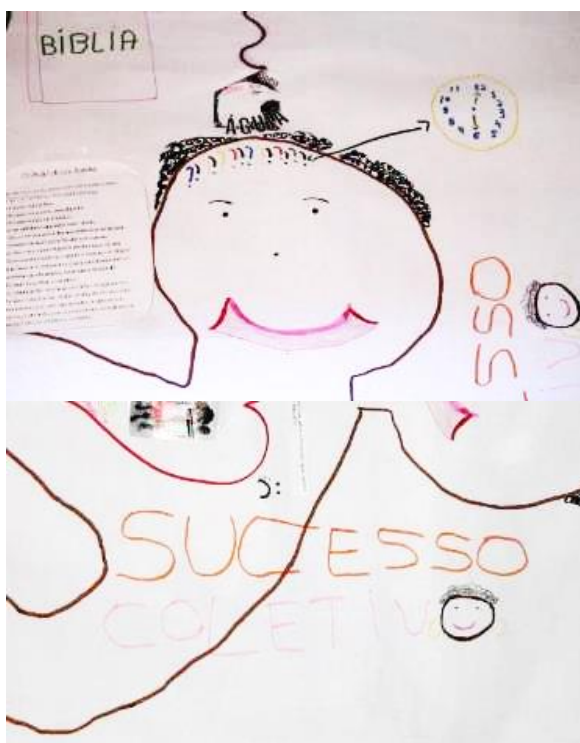
Cor das mãos

Ah sei lá. Gosto de verde, é esperança. por causa dessas questões ambientais, eu gosto desses trem de verde, de natureza, eu gosto muito de verde, por isso, aí a estrela, uma estrela brilhante. É uma estrela porque eu 'tô brilhando, né? Eu venho brilhando.

Autorretrato

Meu cabelo black. Aí o meu cabelo, não, nossa senhora, que eu sempre andei linda, linda gente, Deus tenha misericórdia de mim, eu não ando andando linda, eu ando andando mais ou menos, 'tô mais pra menos do que pra mais, os meus cachinhos, é..., dourado, iluminando, assim, o meu cabelo, que eu queria, mas eu ando me deixando muito para lá, muito. Eu preciso ficar mais linda. Eu vou pôr um brinco aqui pra ver que é menina. Ah eu acho que eu vou colocar o sorriso. E o meu olho hein gente. Ele é alegre. Se eu estou sorrindo é porque eu estou feliz. Eu não vou fazer nariz não (risadas). Dá não. Eu vou fazer minha sobrancelha, vai ficar linda. Um batom rosa, neguinha não pode usar batom rosa.

Fotografia 9 - Representação do autorretrato da participante Sol



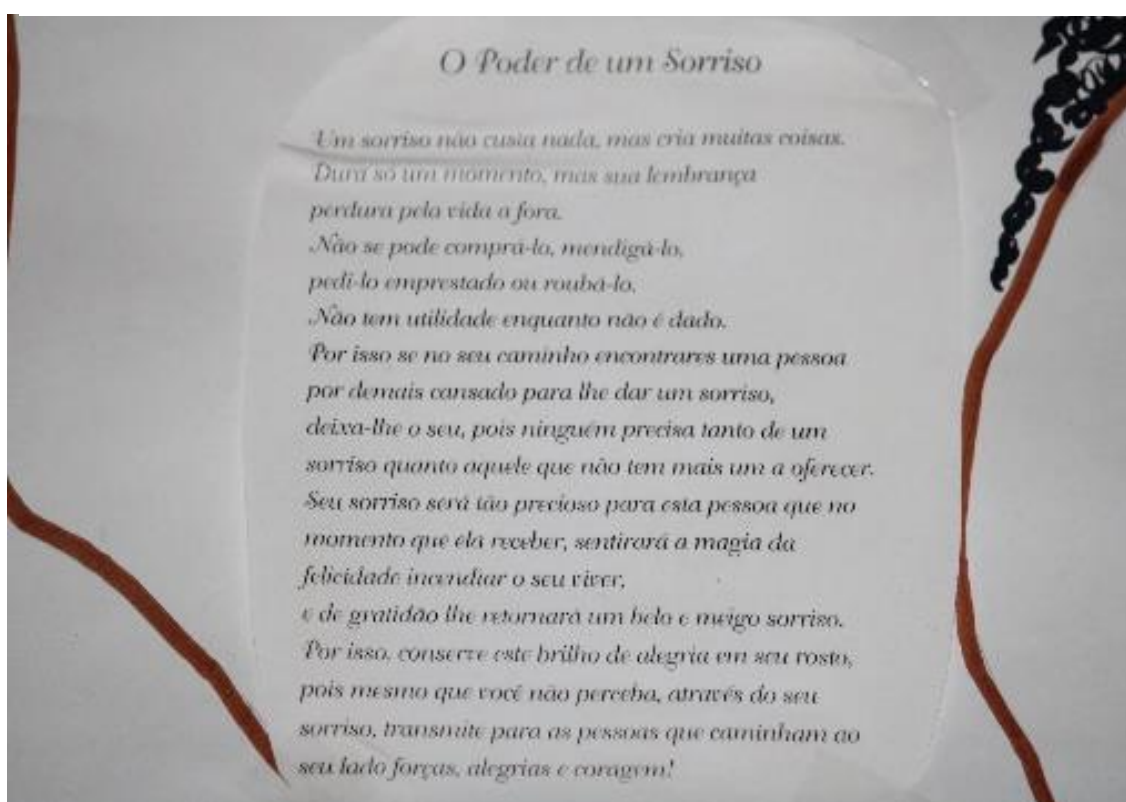
Fonte: Acervo da pesquisa.

Experiência de ser mulher negra

[Desenho do sorriso]: aí eu fico muito feliz, posso colocar um sorriso ali? Aí sorriso. E batom rosa? Não sei usar batom rosa porque minha tia falava que não combinava. É superação, o símbolo lá e as coisas superação.

O poder do sorriso: aí eu tenho também o poder do meu sorriso. Um sorriso não custa nada, Sofia. Mas cria muitas coisas. Por isso no seu caminho se encontrases uma pessoa por demais cansada dá-lhe um sorriso. Pois ninguém precisa tanto de um sorriso quanto aquele que não tem mais um para oferecer. E tem momentos que eu também não tenho um sorriso mais pra oferecer e aí acaba aqui, né, Deus manda as pessoas e me faz voltar a sorrir.

Fotografia 10 - Representação da experiência de ser mulher negra da participante Sol: o poder do sorriso



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Desenho do troféu]: vamos por um troféu, aí como é que é quando a gente ganha uma coisa de homenagem? Que um dia eu vou ganhar também. Meu sonho é fazer e ensinar o povo. Vai ser rosa porquê de mulheres ...coisa assim...

[Sucesso coletivo]: o coletivo é... não é só o meu sucesso, mas é assim ó: se você quer ir mais rápido, vá sozinha. Se você quer ir mais rápido, Sofia, vá sozinha, mas se você quer ir mais longe, vá acompanhada.

[Palavras – “determinação”, “paciência” e “superação”]: eu acho que eu vou escrever. Determinação, vou pôr a superação [e a paciência].

Fotografia 11 - Representação da experiência de ser mulher negra da participante Sol: palavras determinação, paciência e superação



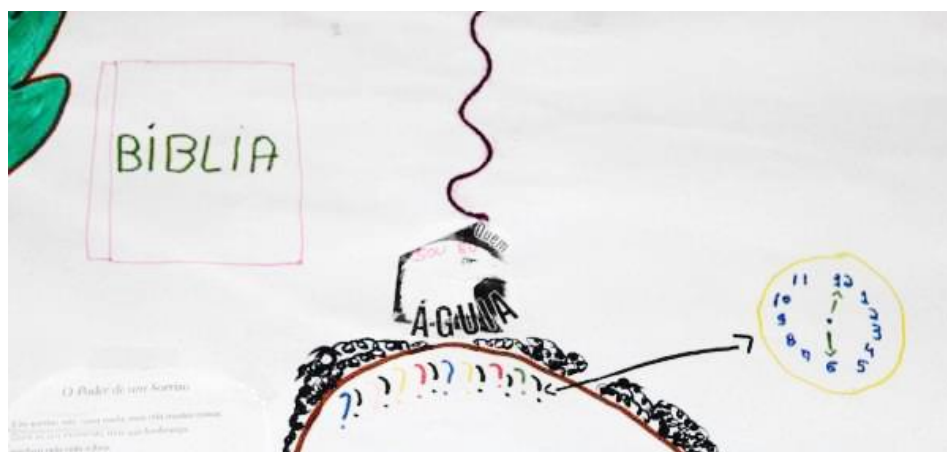
Fonte: Acervo da pesquisa.

[Escada]: deixa eu pôr uma escada, vou desenhar uma escada porque eu venho de pouquinho em pouquinho...

Experiência-chave por ser mulher-mãe negra.

[Desenho do relógio]: aí gente, como que eu vou representar a organização?! Vou pôr um relógio ali, porque relógio ele é terrível. Mas aí assim as pessoas precisam da Tríade do tempo⁴².

Fotografia 12 - Representação da experiência-chave por ser mulher mãe negra da participante Sol



Fonte: Acervo da pesquisa.

Slogan pessoal

[3, Eclesiastes]: 3 Eclesiastes, é tempo pra tudo, que aí fala: tudo tem o seu tempo determinado. E há tempo pra todo propósito debaixo do céu, há tempo de nascer, tempo de

⁴² "A tríade do tempo" é um livro de autoria do empresário Christian Barbosa.

morrer, há tempo de florir, há tempo de deixar de florir, há tempo de...é...de sorrir, há tempo de chorar, que tudo tem o seu...o seu tempo determinado.

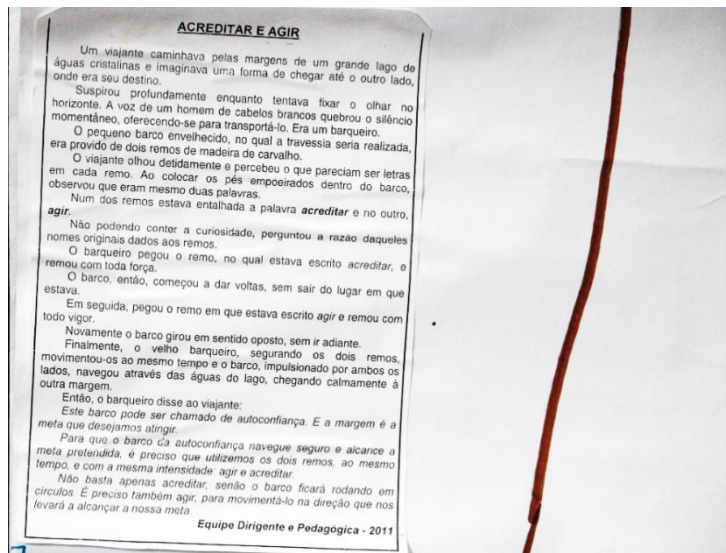
Fotografia 13 - Representação do slogan pessoal da participante Sol: 3, Eclesiastes



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Acreditar e agir]: eu precisei para eu conseguir sair de casa, eu precisei de ter [atitude]. Eu tinha que acreditar em mim, mas eu também tinha que agir. Porque não adiantava eu só acreditar, e eu ficar, né, parada, eu precisava agir, que foi o que eu fiz. Não basta apenas acreditar senão o barco ficará rodando em círculos e é preciso também agir para movimentá-lo na direção que nos levará ao alcance das nossas metas, que é lá, é aqui, subindo, né?

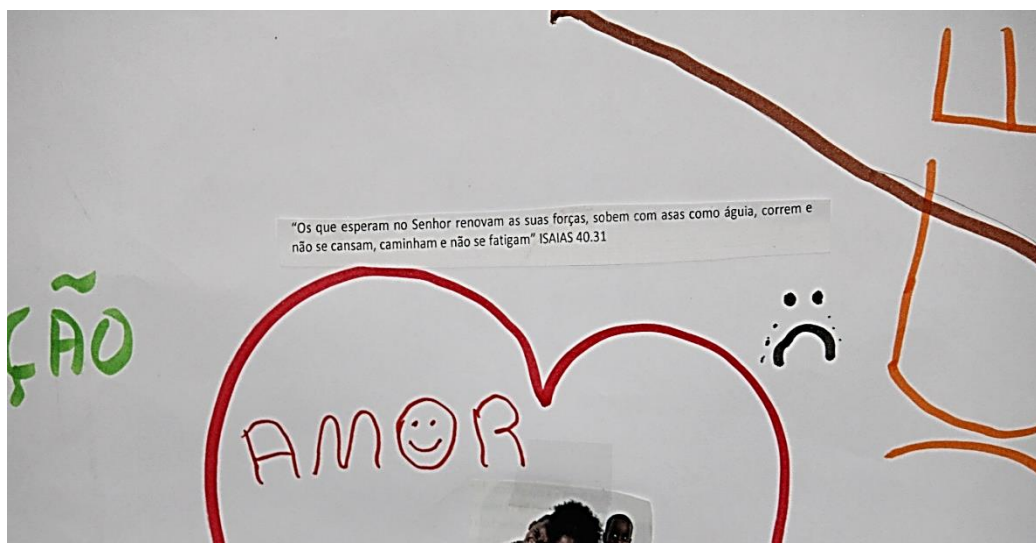
Fotografia 14 - Representação do slogan pessoal da participante Sol: acreditar e agir



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Oração]: e aí a oração fala: Senhor, quero ser como uma águia, quero voar acima das nuvens. Que tem dia que eu 'tô correndo, mas eu canso, mas aí eu não me deixo cansar. E eu caminho, mas eu não vou me fatigar.

Fotografia 15 - Representação do slogan pessoal da participante Sol: oração



Fonte: Acervo da pesquisa.

Símbolo: ser mãe negra

O símbolo vai ser a águia, né?! [...] Aqui vai ser aqui. Sou euzinha mesma. A galinha é domesticável, a águia é corajosa. A galinha é medrosa, a águia é corajosa. A galinha se sujeita a ficar presa, a águia nem sempre fica presa. A galinha faz seu ninho ao nível do chão, a águia constrói o ninho no penhasco. A galinha tem de várias espécies, a águia espécie rara. A galinha só enxerga durante o dia, a águia vê durante o dia e à noite. A galinha tem o ninho dela, é feito de pena e capim, a águia o ninho dela é de pena, capim e espinho. A galinha aceita mais de um galo, a águia só aceita um macho por toda vida. A galinha morre cabisbaixa, a águia morre voando. (Fotografia 16).

Marcas sob/sobre a pele

[Pontos de interrogação]: qual que é a ideia? Vou pôr um ponto de interrogação, um monte de ponto de interrogação na vida da gente. A gente não sabe o que que faz, né? Cada coisinha disso aí ó foi uma ideia que eu tive da caixa, foi ideia. (Fotografia 16).

[Rosto triste]: aí vou botar um rostinho triste, gente. Um rostinho triste que você 'tava falando das feridas, né?! Que nem tudo são flores. Aí tem hora que eu choro. (Fotografia 16).

[Cirurgia]: Cirurgia... (Fotografia 16).

Fotografia 16 - Representação das marcas sob/sobre a pele da participante Sol





Fonte: Acervo da pesquisa.

Futuro

Aí para onde nós vamos?! Não sei. Meu futuro, acho que eu vou colocar uma casa... uma casa, um carro que aí, porque a casa é o meu sonho. A casa e o meu carrão. A educação do V. que eu priorizo muito, né, eu acho que foi por isso que ainda Deus não abençoou, porque Deus sabe das coisas.

Fotografia 17 - Representação do futuro da participante Sol



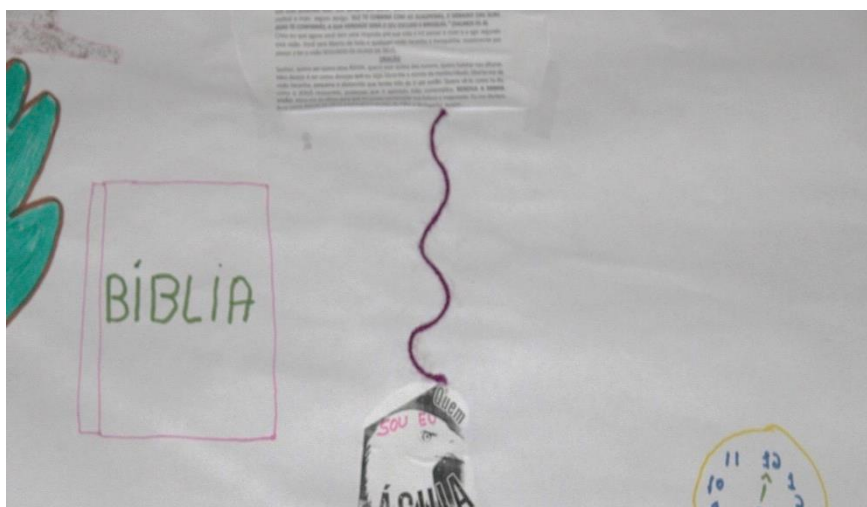
Fonte: Acervo da pesquisa.

Estruturas de Apoio

[Bíblia]: aí eu vou ver se eu coloco uma Bíblia, porque lá na Bíblia tá tudo.

[Filme O Segredo]⁴³: aí assim ó, se você for [ler] cada ponto, assim, do Segredo, assim, eu queria sentar com os alguns amigas pra elas entenderem porque muitas vezes a gente não entende, porque tá tudo lá na Bíblia, tudo da parte que ele fala, tudo, é de Deus.

Fotografia 18 - Representação das estruturas de apoio da participante Sol



Fonte: Acervo da pesquisa.

Mensagem aos outros:

Eu acho que eu vou colocar aqui, do lado de cá. Determinação, Paciência, Superação.

⁴³ O filme “O Segredo” é um documentário australo-estadunidense dirigido por Drew Heriot, em 2006.

4.1.2.2 História da Bia: *“É onde todo mundo perguntava: 'cê que é a babá?”*

Introdução

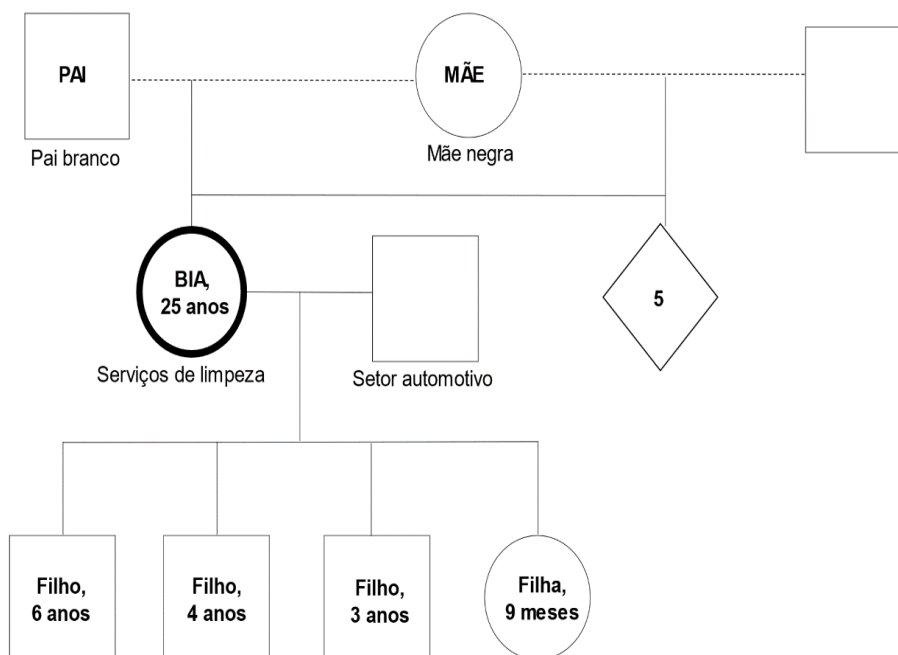
Bia aceitou participar da pesquisa a partir da indicação da diretora do CEMEI “Profa. Dirce Miziara”. No diário de campo, há o registro de que a diretora indicou Bia porque ela não se via como uma pessoa negra, mas morena.

Bia nasceu em 1995 e estava com 25 anos quando participou da pesquisa. Ela é natural de Uberaba-MG, heterossexual, casada e não possui religião – embora acredite em Deus. Bia possui ensino médio incompleto, sendo que estudou sete anos em escola pública e três anos em escola particular. Trabalha em serviços de limpeza, cuja renda mensal é menor que a metade de um salário-mínimo, em regime de meio período.

Na residência da família, moram sete pessoas – a Bia, o marido, os quatro filhos e duas irmãs jovens. O marido de Bia trabalha no setor automotivo e, com relação à cor/raça, Bia atribui que ele tenha a pele clara, queimada do sol. Com relação a sua própria autodeclaração de cor/raça, assinalou parda e informou não ter tido nenhuma experiência de rejeição por suas características físicas, caráter ou capacidade intelectual. Bia declara já ter utilizado de Programas do Governo Federal, especificando o Bolsa Família.

Bia não quis compartilhar informações sobre a sua família biológica. Ela informou que era filha de um pai branco e uma mãe negra, e que seus seis irmãos eram filhos de pais diferentes. Dessa forma, segue a árvore genealógica a partir das informações que foram trazidas durante as sessões de mapeamento corporal sobre a sua família (Figura 10).

Figura 10 - Árvore genealógica da participante Bia



Fonte: Acervo da pesquisa.

Referente à percepção de família, Bia compartilhou que a diretora da creche é como uma mãe adotiva para ela e a filha. Bia detalhou que a diretora da escola a considera como filha, pois, o coração da diretora adotou-lhe. Em relação ao sentimento de afeto, explica que a diretora passa em sua casa para vê-la, assim como a seus filhos.

O testemunho, o mapa corporal e a legenda

Fotografia 19 - Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Bia, terceiro encontro, 2020



Fonte: Acervo da pesquisa.

Testemunho

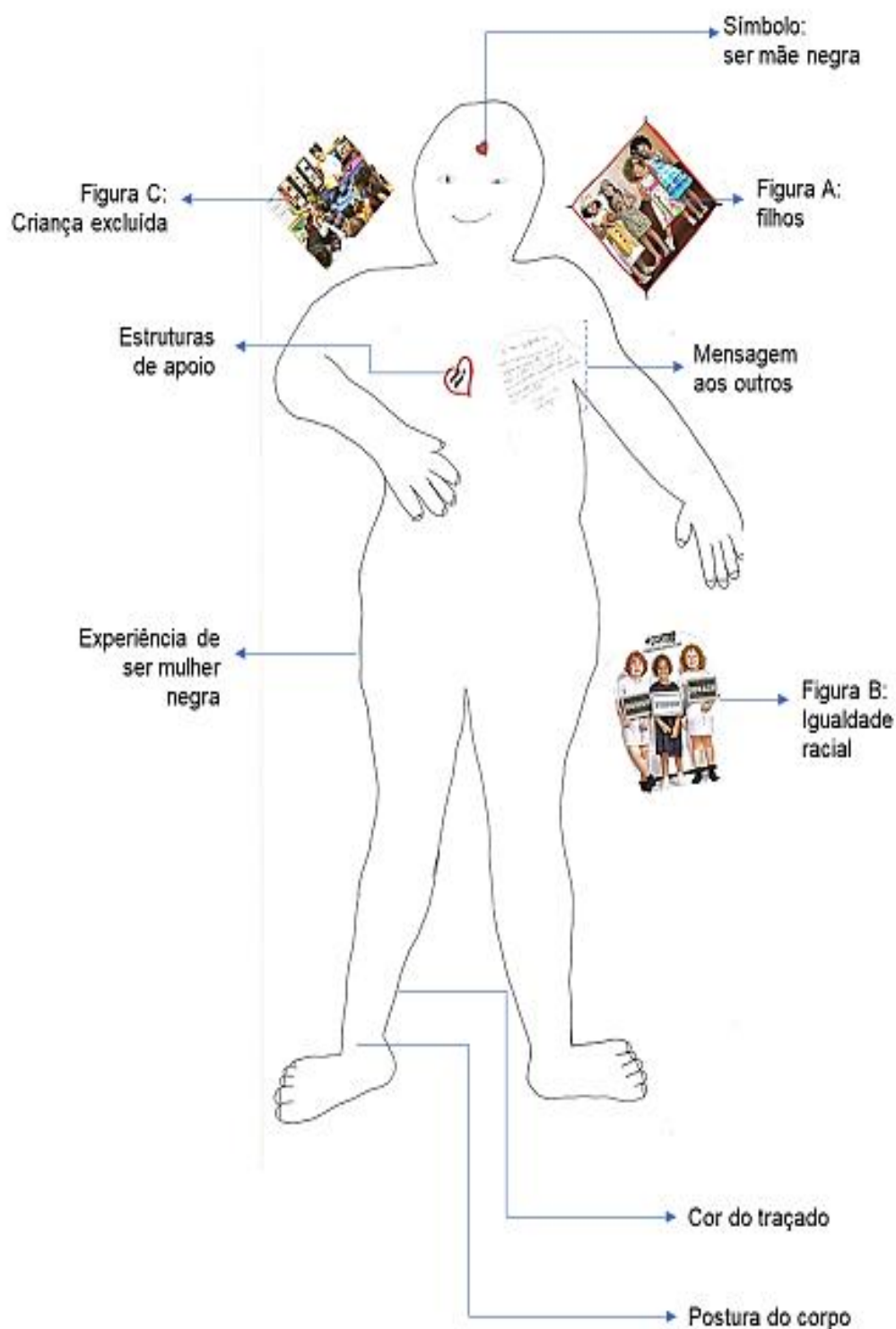
Ah, eu só quero ser lembrada com um sorriso porque eu sempre vou levar as pessoas que eu amo, que estão no coração. Esse Mapa vai representar 'pra muitas pessoas, porque cada um vai olhar com um olho diferente, não vai saber fazer a mesma interpretação que eu fiz e que é sempre lembrando dos meus filhos e sempre querendo [fazê-los] socializar, né?

Mapa corporal e legenda

O mapa corporal da participante Bia (Figura 11) é apresentado a seguir:

“Que eu tenho caráter”. (Participante Bia, sobre a pessoa em que se tornou).

Figura 11 - Mapa corporal narrado da participante Bia, confeccionado em Uberaba-MG, 2020



Fonte: Mapa corporal elaborado por Bia.

Legenda

Postura do corpo

Porque eu queria dormir, porque mãe merece descanso. É, minha fia, aproveita quando num tem fio, que depois 'cê não sabe mai que que é dormir, comer, descansar.

Cor do traçado

Eu gosto só de cor preta. Qualquer cor que desenha o preto 'tá legal.

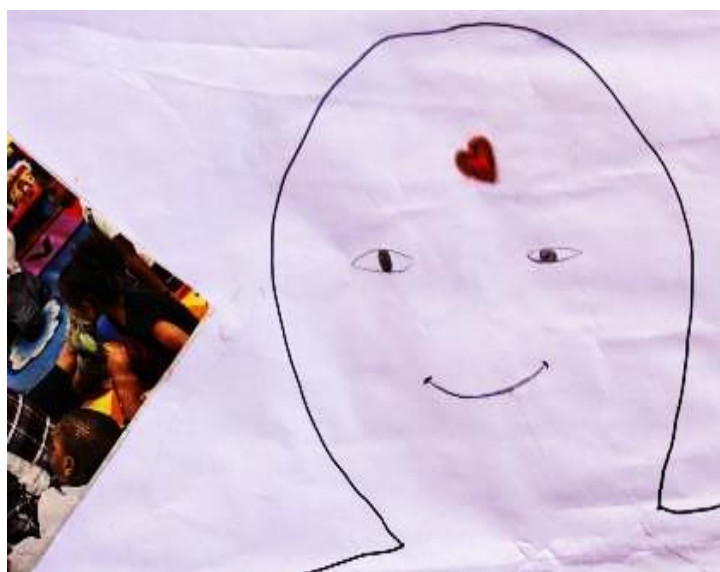
Experiência de ser mulher negra

Natural, só assim, ó!

Símbolo: ser mãe negra

Ela⁴⁴ disse, pela questão da nossa união tudo, tudo, tudo do nosso jeito resume um coração. E aí, onde que faz o coração? Meu coração é ali, ué, não é não? [Mas] vou colocar o coração na cabeça [porque é onde faz sentido para mim].

Fotografia 20 - Representação do símbolo de ser mãe negra da participante Bia



Fonte: Acervo da pesquisa.

Figuras

[Figura A: filhos]: é porque aqui, ó: eu tenho dois filhos clarinhos, um mais clarinho e um... assim, ele não é 'tão pretinho, mas ele é um neguinho bonitinho.

⁴⁴ Bia conversou com uma pessoa sobre o mapa corporal narrado e sobre a tarefa do segundo encontro que consistia em escolher um símbolo sobre ser mulher-mãe negra. Na legenda de seu mapa, aparece a referência a esta conversa.

(...) porque a M., até então, ela tem o cabelo liso, é... o meu menino tem liso; ela já é clarinha, mas tem o cabelinho mais ruinzinho; o meu de cá, ele tem o... ah, apesar que o Í. tem um cabelo muito liso, ele é desse tom de pele do cabelo lisinho.

Fotografia 21 - Representação dos filhos da participante Bia



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Figura B - igualdade racial]: é questões da raça, que somos todos iguais, e preconceito não.

Fotografia 22 - Representação da igualdade racial pela participante Bia



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Figura C: criança excluída]: Eu só achei que tinha que complementar um pouco o Mapa, e eu estou completando. [Ali] tinha que incluir a criança. A lá, 'tá excluída, brincando lá sozinha.

Fotografia 23 - Representação de uma criança excluída pela participante Bia



Fonte: Acervo da pesquisa.

Estruturas de apoio

A J. e a G. [Eu coloquei] amor eterno [e elas estão representadas] no coração.

Fotografia 24 - Representação das estruturas de apoio da participante Bia



Fonte: Acervo da pesquisa.

Mensagem aos outros

Eu só escolhi esse lugar do mapa aí [para colocar a mensagem], porque foi o primeiro lugar que veio na minha mente.

4.1.2.3 História da Dandara: *“O meu filho me fez uma pergunta eu fiquei até sem resposta, ‘porque que o fulano não gosta de mim, só porque eu sou negro, e daí’*

Introdução

Dandara soube da pesquisa a partir do recebimento da divulgação por uma terapeuta ocupacional de Uberaba. Dandara nasceu em 1970, no momento da pesquisa, ela estava com 48 anos. Ela é uberabense, heterossexual e possui um companheiro – pai de seu filho, a quem ela atribui a cor/raça negra e não mora em sua residência.

Sobre a família do companheiro, Dandara compartilhou que a sogra e os sete filhos foram abandonados pelo sogro, embora a sogra o amasse. Essa situação fez com que o esposo de Dandara fosse criado na rua, situação a qual fazia com que a sogra se indagasse quanto aos erros na educação do filho. Dandara analisa a situação de desestrutura e dos efeitos gerados pelo racismo na vida das pessoas, como a de seu companheiro.

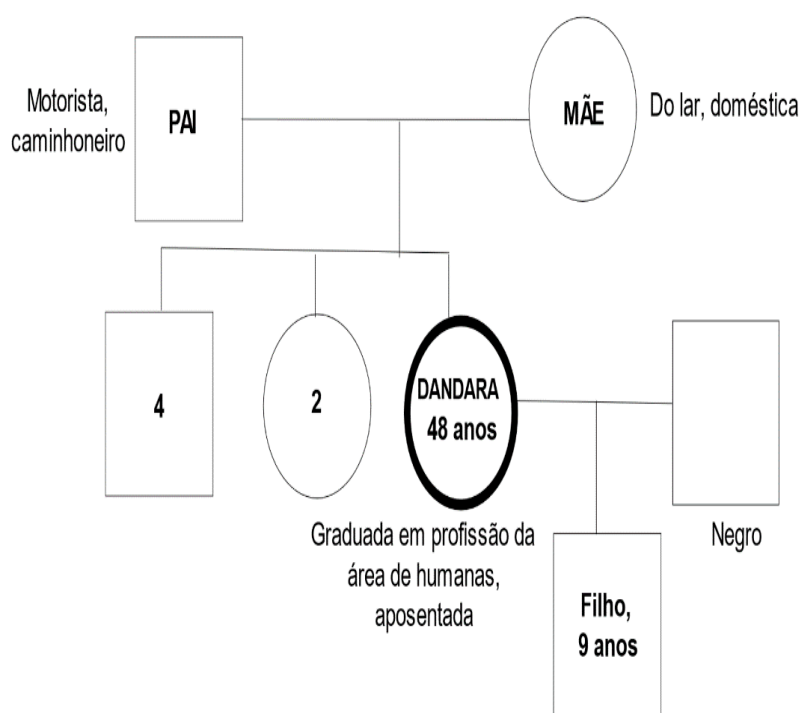
Dandara assume-se católica, embora tenha relatado que esteja em um processo de busca pela religião que se identifica. O nível de escolaridade dela é ensino superior completo, graduada numa profissão da área de humanas, e tem título de especialista. Dandara aposentou-se como militar e a sua renda salarial mensal é equivalente a sete salários-mínimos. Na residência da família, moram três pessoas – Dandara, o irmão (mais velho) e o filho (pré-adolescente). Dandara autodeclara-se preta e identifica experiências de rejeição devido ao seu tipo de cabelo, cor da pele e características físicas de seu corpo. Ela não utilizou sistemas de cotas ou programas do governo federal.

Dandara é a filha mais nova de uma extensa família. Seus pais são falecidos. A mãe dela era do lar, doméstica. Já o pai, do setor de transportes. Dandara tem duas irmãs e quatro irmãos, sendo que um deles já faleceu. Com relação à sua família, Dandara mencionou a felicidade que sente por fazer parte desta porque seus pais, avós, tios, irmãos, primos foram presentes, e, por ela ser a filha mais nova, mimaram-na muito, prática entre eles que perdura até hoje. Dandara nasceu em Uberaba, mas toda a sua família mudou-se para São Paulo quando ela ainda era pequena. O retorno para Uberaba ocorreu no final da adolescência.

Ainda sobre os membros familiares, a avó paterna de Dandara era branca, porque o seu pai era filho adotivo, embora Dandara destaque que o pai tivera uma boa relação com a mãe biológica. Dandara reconhece que as mulheres de sua família são fortes, além de exaltar a beleza de sua mãe. No momento atual, uma das irmãs de Dandara vive em São Paulo, e a outra, no exterior. Ela analisa que as irmãs são mais fortes que os irmãos. Dessa forma, Dandara tem as irmãs como exemplos de vida. As irmãs dela são casadas, têm filhos, têm a própria vida e, segundo Dandara, são sobreviventes. Todas fizeram aquilo que desejaram fazer.

Abaixo segue a árvore genealógica (Figura 12) de Dandara com as informações que foram apresentadas durante os encontros:

Figura 12 - Árvore genealógica da participante Dandara



Fonte: Elaboração da Autora.

O testemunho, o mapa corporal e a legenda

Fotografia 25 - Registro da sessão de mapeamento corporal narrado da participante Dandara, segundo encontro, 2019



Fonte: Acervo da pesquisa.

Testemunho

Bom, ser mãe negra nos dias de hoje, eu não pensava que seria um desafio tão grande né, Sofia?! É um desafio muito grande que eu só fui perceber depois de alguns anos de ter o meu filho. Eu acho que Deus me concedeu um presente fantástico que é ser mãe negra, né?! de um filho negro, né?! com muita melanina, né?! Passando, às vezes, pelo que eu fui na juventude, uma juventude boa, eu não [posso] falar que eu sofri racismo ao longo, às vezes indiretamente, mas diretamente eu sempre tive a proteção da minha família... Para eu falar quem é a Dandara e como eu gostaria de ser lembrada, eu gostaria de ser lembrada a Dandara, mãe do V. G., né?! Porque a gente nasce de novo quando tem filho. E enquanto negra a gente nasce duas vezes, né?! Porque aí a gente vai ter consciência madura de como enfrentar determinados desafios que a vida dá. Porque quando a gente é novo, quando a gente é adolescente, a gente não pensa nisso e a gente não enxerga que a imaturidade não deixa a gente enxergar. Mas quando você é mãe você tem que proteger aqueles ser, né?! É parte da célula, da célula mãe, coisa de mãe, a gente tem que ser mãe para ver o tanto que você quer proteger, então a Dandara hoje, a mãe do V., eu gostaria de ser lembrada assim, né?! O meu filho mudou a minha vida. Quando eu montei esse mapa, sinceramente eu não pensava que fosse tão intenso assim, né?!, esse autorretrato...você vê que o meu filho mudou, né?! Mudou toda

a minha estrutura. Todos os dias eu tento ouvir o que eu falo, eu faço essa dinâmica comigo todos os dias, né?! Para ver se eu não 'tô machucando alguém, se eu não estou sendo preconceituosa, se eu não estou sendo racista e se aquilo que eu estou fazendo 'tá certo porque a sociedade, ela muda e eu não sou um poste, eu sou um ser humano e como ser humano eu posso mudar a minha opinião, a minha visão e é por isso que eu gosto tanto dessa frase, eu quero ser uma metamorfose ambulante a todo o instante, né?!... Eu usei muito o vermelho nesse desenho, eu acho o vermelho uma cor forte, e eu não posso deixar essa força sair nunca, né?! A gente sempre tem que ser forte, claro que às vezes você tem que tranquilizar, mas a gente tem que ter uma força muito grande. As questões raciais me incomodam muito, as desigualdades me incomodam muito a ponto de às vezes me desestruturar, né?! O tratamento do ser humano para com o outro ser humano incomoda muito, e isso me faz ser a Dandara (risadas),

Mapa corporal e legenda

O mapa corporal da participante Dandara (Figura 13) é apresentado a seguir:

Então, hoje eu sou a mãe Dandara, tenho orgulho de ter o filho que eu tenho, o marido que eu tenho, eu tenho orgulho de ser Dandara, de ter a família que eu tenho, com todos os problemas, brigamos, com todas as diferenças, mas é lindo, eu estou aposentada, já cumpri minha meta e isso é muito gostoso... então, hoje, eu sou eu, literalmente sou eu, não tenho vergonha daquilo que eu sou. Saio na rua do jeito que eu 'tô em casa, saio fedendo a alho, têm dias que eu saio de chinelo, têm dias que é assim que eu quero sair, então é assim que eu vou sair, né?
(Participante Dandara, falando sobre a pessoa em quem se tornou).

Legenda

Postura do corpo

Deitada. É porque é a posição que eu mais penso, que eu mais divago nos meus pensamentos é quando eu estou deitada. [...] Dá a impressão que eu 'tô de costas, né?!

Fotografia 26 - Posição e cor do traçado do corpo da participante Dandara



Fonte: Acervo da pesquisa.

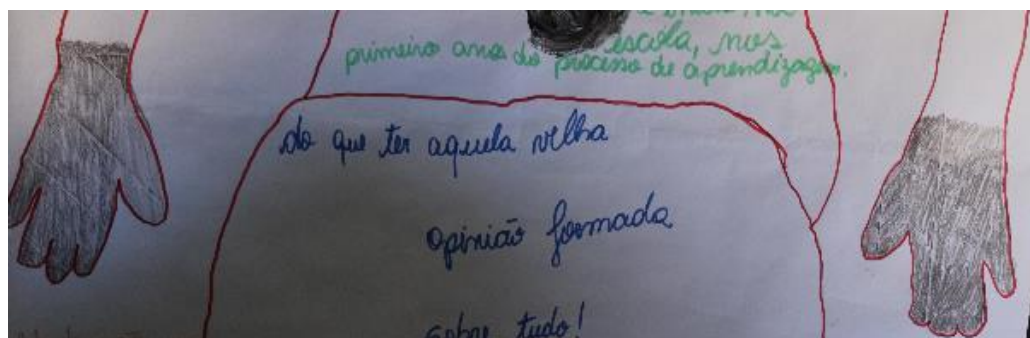
Cor do traçado

Vou contornar de vermelho. O contorno vermelho é angústia (risadas) angústia. [...]

Cor das mãos

Eu quero preto mesmo. [...] O preto, as mãos pretas é força mesmo, é força.

Fotografia 27 - Representação da postura do corpo pela participante Dandara, cores das mãos



Fonte: Acervo da pesquisa.

Autorretrato

O desenho eu fiz aleatório, mas as cores não foram aleatórias. Eu escolhi amarelo, vermelho, marrom, verde, azul. Eu acho [que] são cores, é um colorido, um colorido mais fechado, né? Meu filho até fala 'mãe, ri um pouco.'. Então eu perdi minha alegria, eu não sei por que, eu não sei se foram as dores ou né?! As coisas. Porque não é só as dores da perda, às vezes são as dores de você ouvir determinadas coisas, porque às vezes uma palavra dói mais que um tapa, então você escuta muita coisa, né? Foi nesse sentido que eu fui pintando nessas cores... Na cabeça.

Fotografia 28 - Representação do autorretrato pela participante Dandara



Fonte: Acervo da pesquisa.

Experiência de ser mulher negra

[Jorge Aragão]: Um símbolo que me faça representar? Um símbolo, uma imagem... Eu não sei se se pode, mas eu gosto muito das imagens dos negros antigos, sabe? [Representa] força, muita força que a gente tem que ser muito forte, né?! A gente mata um leão por dia, né?! Que me traz ancestralidade, força, a gente precisa de mais, têm horas que eu fico pensando 'eu tenho tanto orgulho, é um símbolo que me diz realmente, eu sou negra, 'cê entendeu?... Primeiro, um dos meus cantores prediletos, né?! Eu amo o Jorge Aragão. E o Jorge Aragão, ele fez parte da minha adolescência. Eu dancei muito Jorge Aragão nessa época, né?! (risadas) A parte boa da vida, né?!

Fotografia 29 - Representação da experiência de ser mulher negra pela participante Dandara: Jorge Aragão



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Pomba]: Um símbolo, vamos colocar uma pomba, né?! porque é de paz, porque é de tranquilidade, porque eu tive uma infância de paz, de tranquilidade, normal como todo mundo,

eu não vou falar que foi um mar de rosas, mas assim, em vista, eu fui muito criança, eu fui muito mimada, eu fui muito abençoada, eu fui (risadas).

Fotografia 30 - Representação da experiência de ser mulher negra pela participante Dandara, pomba

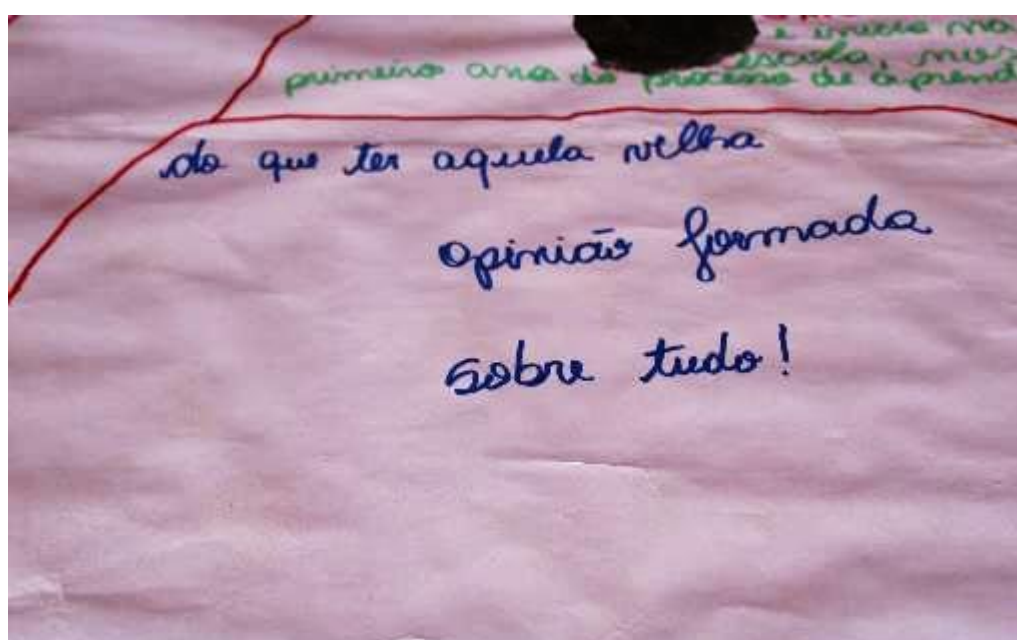


Fonte: Acervo da pesquisa.

Slogan pessoal

Como slogan eu pensei numa coisa, não é um slogan assim, é uma frase de uma música que a todo instante eu uso e que mudou a minha forma de pensar, minha forma de viver, toda vez que eu 'tô indecisa em alguma coisa eu penso na frase e falo 'mas para que ser assim'. É uma música do Raul Seixas que eu amo é Metamorfose Ambulante, quando ele diz 'eu não quero ser essa metamorfose ambulante', né?! 'Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo'. Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo, isso para mim é fantástico, ele foi muito feliz nessa frase porque nós somos assim.

Fotografia 31 - Representação do slogan pessoal pela participante Dandara



Fonte: Acervo da pesquisa.

Relação com a mãe

Esse aqui é o cordão umbilical meu e da minha mãe. Eu queria fazer um cordão até aqui porque eu sempre, assim, eu acho que eu sempre vivi... não é que eu vivi, eu sempre fui muito da minha mãe, eu não sei te falar o que que é. Mas a minha mãe tem uma presença muito forte em tudo que é meu. Eu e minha mãe, a gente era muito amiga e esse cordão umbilical ele foi arrancado drasticamente com a morte dela, né?! Eu sou uma pessoa que até os 37 anos eu dormia com a minha mãe, né?! A gente saía juntas, a minha mãe era minha vida, né?

Fotografia 32 - Representação da relação com a mãe pela participante Dandara



Fonte: Acervo da pesquisa.

Símbolo: ser mãe negra

Pensei com um carinho tão grande. Esse grande é o da mamãe. Esse um pouco mais distante é o do V. Esse [entre o coração do centro e o distante] é o meu. Esse aqui comigo e com a minha mãe e com o V. é do meu pequeno. [...]. Então eu pensei em um coração grande entrelaçado com o coração do meu filho, do meu marido e dela, são quatro corações, um entrelaçado no outro, porque eu tenho uma ligação maior, o coração maior da minha mãe, né?! E ser mãe negra é muito amor, é muito amor, né?... Então o fato de ser mãe me renovou, fez eu olhar pra dentro e ver não 'tá bom nisso, não 'tá bom naquilo, vamos mudar naquilo, eu ainda faço esse exercício hoje. E mãe negra, gente, não tem como, Sofia, descrever isso, não tem como. Nossa gente, a minha cabeça ficou fantástica (risadas).

Fotografia 33 - Representação do símbolo: ser mãe negra, pela participante Dandara



Fonte: Acervo da pesquisa.

Força pessoal

Eu acho que a minha força... eu representaria no meu sobrenome mesmo, mas o problema é onde que eu vou colocar ele, né?! Eu penso que seria interno, né?! É porque aqui [é] o maior peso que a gente carrega dentro da espiritualidade, né? A política foi uma experiência também legal. Eu acho assim, devido a minha mãe ser forte, minha mãe era muito forte, as mulheres

da minha família são fortes, né?! Então não tinha como a gente não ter uma base, né?! Lá em casa não tem ninguém frágil, a gente faz acontecer. O meu pai também criou a gente assim, eu com as minhas irmãs né? em Minas, nós fizemos um movimento, eu estava iniciando a faculdade... E nós fizemos uma greve, dessa greve surgiram duas pessoas públicas e eu conheci essas duas pessoas, nós aqui em Uberaba, teve eleições parlamentares estaduais, então nós criamos um grupo aqui. Eu era a única mulher do grupo, eu tinha 24 anos, né?! Eu era a única mulher do grupo. E eu aprendi muito com esse grupo. Só que eu era nova, linda; linda e maravilhosa eu sou até hoje, né?! (risadas) mas era novinha, tudo em cima, tudo bonitinho e, às vezes, as pessoas confundiam as coisas, né?! E a carreira militar tem muito disso, e eu tive que gritar muito pra muito homem 'pera aí, não é assim, querido, as coisas não são assim'. Sofia, eu conversava com os coronéis de igual para igual e nunca abaixei pra ninguém e não abaixo, né?! Mas a política em si, porque é um submundo dos ricos (risadas) ali não tem jeito, é coisa de doido né?! Então a política ela fez eu ganhar a respeito, porque agora depois de velha que eu fui ver o tanto que as pessoas têm medo de conversar comigo.

Fotografia 34 - Representação da força pessoal pela participante Dandara

Fonte: Acervo da pesquisa.



Futuro

Vou representar... os passarinhos. Parece passarinho? ... Voando, porque eu quero que o meu filho voe, desgruda de mim (risadas). Corte esse cordão umbilical aqui, por mais que a gente esteja ligado eternamente, né?! Só (risadas) quero que ele voe bem alto... Sempre de cabeça erguida, né?! E lutando porque a luta não é fácil. E esse cordão umbilical aí é difícil de você cortar, mas eu quero que ele voe (risadas).

Fotografia 35 - Representação do futuro pela participante Dandara



Fonte: Acervo da pesquisa.

Mensagem aos outros

Aos educadores... Quero bem colorido. Que é a cor da espiritualidade, né?! Eu sou muito espiritual. É para que realmente chegue no coração das pessoas. Vamos dizer, é difícil, mas que toque no coração de alguém. As cores eu escolhi aleatório, mas assim, educadores em geral, a minha revolta com os educadores por isso que eu escrevi em caixa alta e em letra diferente, educadores, racismo, né?! As palavras, elas têm um peso muito grande e ninguém sabe disso, né?! Então a força de um educador, né?! A palavra racismo, né? Ra-cis-mo. Ninguém pára pra entender o que é isso, eu 'tô tentando entender o que é isso... a gente não consegue chegar num conceito único do que é o racismo de tão forte que ele é. Então são palavras fortes que causam um problemão muito grande para nós que a gente não consegue respirar, você entendeu?! Mas assim eu sei que não vai acabar, né [o racismo]?! (risadas) mas a minha vontade seria essa (risadas)... Meu desejo, né?! Meu maior desejo.

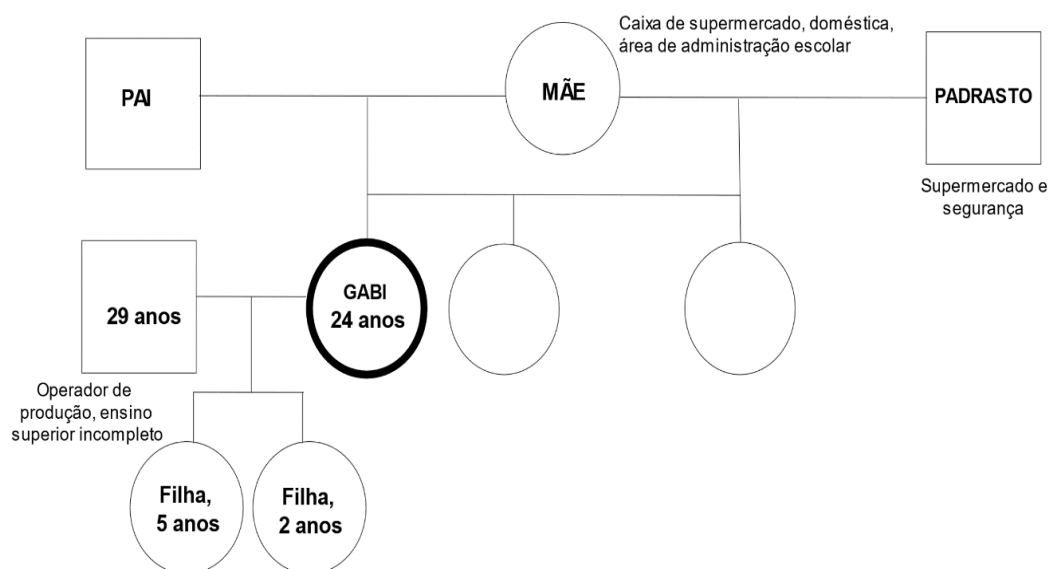
4.1.2.4 História da Gabi: *“Ela não recebeu nada, eles nem, assim, sabe? Nem notou que a menina 'tava lá. Daí nós ficou no nosso canto”*

Introdução

Gabi soube da pesquisa porque a irmã e a mãe indicaram-na. Gabi nasceu em 1995, e, no momento da pesquisa, estava com 24 anos. Gabi é natural de Uberaba, heterossexual e está em um relacionamento estável. Ela é evangélica e possui o ensino médio completo. Referente ao processo de escolarização, Gabi cursou a educação infantil em escola particular e o ensino fundamental e médio em escola pública. Atualmente Gabi não está trabalhando e sua rede de apoio financeiro é o esposo, cuja renda mensal é em torno de três salários-mínimos. Gabi mora em condomínio com quatro pessoas – Gabi, o esposo e duas filhas pequenas. Gabi autodeclarou-se de cor/raça preta e assinalou não ter passado por nenhuma experiência de rejeição por suas características físicas. Gabi não informou a cor/raça de seu esposo.

A mãe de Gabi trabalhou como doméstica e atualmente trabalha na área de administração escolar. A mãe de Gabi teve duas filhas com um mesmo parceiro, ela e a irmã. Gabi analisa que a sua mãe exerceu a função de mãe e pai. Ela descreve ausência de contato com o pai e vivências de situações de dificuldade no início de sua vida. As dificuldades se intensificaram com uma tragédia sofrida pelos avôs que fizeram com que a mãe ficasse sozinha. Depois da tragédia, a mãe de Gabi iniciou um novo relacionamento, com quem teve mais uma filha. Esse companheiro da mãe de Gabi era comerciário e mais tarde atuou no setor de segurança. Gabi considerava-o como padrasto. Ele também é a referência de exemplo de base e de figura masculina. Segue a árvore genealógica de Gabi a partir de suas informações durante as sessões de mapeamento corporal (Figura 14).

Figura 14 - Árvore genealógica da participante Gabi



Fonte: Elaboração da Autora.

O testemunho, o mapa corporal e a legenda

Fotografia 36 - Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Gabi, segundo encontro, 2020



Fonte: Acervo da pesquisa.

Testemunho

Esse aqui é o meu mapa, e eu escolhi essa posição que é a de frente, porque é essa que eu [me] vejo, passando por todas as dificuldades, obstáculos, que a gente tem que ser sempre

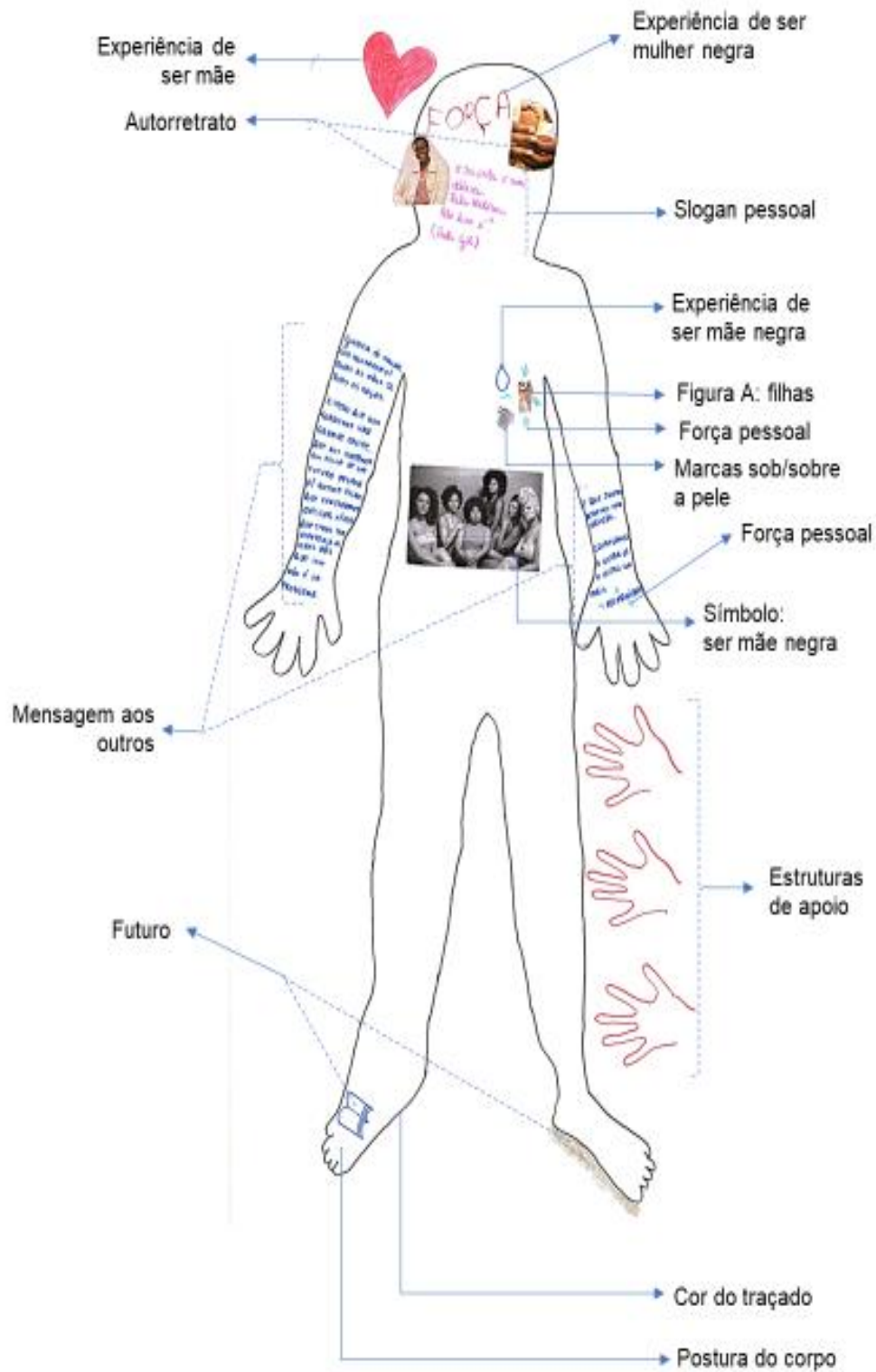
de frente e não virar as costas para o mundo, para a forma que as pessoas nos tratam. Aqui [na cabeça] eu escrevi força porque sou uma mãe negra, então, não necessariamente a mãe tem que ser negra, mas todas as mães têm que ser fortes e a negra mais ainda porque as dificuldades são maiores, os preconceitos são maiores. Então eu acho que força me define. Aqui [em um olho] coloquei os pezinhos, que representam os das minhas meninas, que eu coloquei justamente na cabeça, que é para que eu planeje e cultive isso nelas, para que lá na frente elas tenham um caminho saudável e feliz. Aqui [no outro olho] eu coloquei uma imagem que representa uma mulher negra alegre porquê... a gente tem que ser sempre alegre... não deixar abater... A frase que peguei da Preta Gil fala "Ser preta é uma dádiva pela história e pelo que é". E realmente é uma dádiva ser preta, representar as mulheres negras é uma dádiva porque conta a história lá de trás, de como era a luta, de como é cada dificuldade passada, por ter conquistado o que a gente tem hoje, né? Aqui [na região do coração], eu coloquei a imagem de duas crianças, que representam as minhas filhas, que ficam bem no coração. Aqui [neste rabisco tom de cinza próximo ao coração] é uma coisa triste que representa a ausência de um pai que eu tive, mas isso não impediu que eu crescesse sabendo de todo esse processo, já que a minha mãe é uma mulher negra. Aqui [na região do abdômen], eu coloquei várias mulheres negras, empoderadas também, que eu acho que é assim que a gente tem que ser, unidas. Sabe? Dar a mão uma para outra e ser forte e levantar uma a outra. Empoderamento. "Gostaria de mandar essa mensagem para todas as mães de todas as raças. Espero que nos tornemos uma grande equipe, que nos juntemos em busca de um futuro melhor para nossos filhos e consigamos explicar para eles que temos sim diferença de cores, mas que isso não é um problema e que juntas achemos uma solução, começando a olhar para o outro com mais humanidade". Essas mãos representam a minha mãe e as minhas duas tias. Nos momentos de felicidade, de dor, de tristeza, em todos os momentos da minha vida, elas sempre me deram as mãos, sempre fizeram de tudo para não me deixarem para baixo, em depressão, sempre me apoiando, sempre com palavras, então elas são a minha base. Coloquei um livro nos meus pés que é o que eu planejo futuramente para mim, que são os estudos que eu vou me focar, para que as minhas filhas lá na frente tenham um futuro melhor também. E aqui eu coloquei uma cor brilhante embaixo de um pé que representa a semente que eu tenho semeado agora, que eu vejo que lá na frente vai ser um caminho bem iluminado para as meninas no futuro, é onde eu vejo a gente muito feliz.

Mapa corporal e legenda

O mapa corporal da participante Gabi (Figura 15) é apresentado a seguir:

É, eu me considero forte. Eu sou uma pessoa tranquila, forte e determinada também. Então, assim, depois que eu me tornei mãe, acho que eu 'to 'pra qualquer, sabe, qualquer situação aí, se for pelo bem das minhas filhas, eu encaro. (Participante Gabi, sobre a pessoa em quem se tornou).

Figura 15 - Mapa corporal narrado da participante Gabi, confeccionado em Uberaba-MG, 2020



Fonte: Elaboração da Autora.

Legenda

Postura do corpo

De frente. Porque de frente é maneira que encara... prefiro encarar a vida, é de frente.

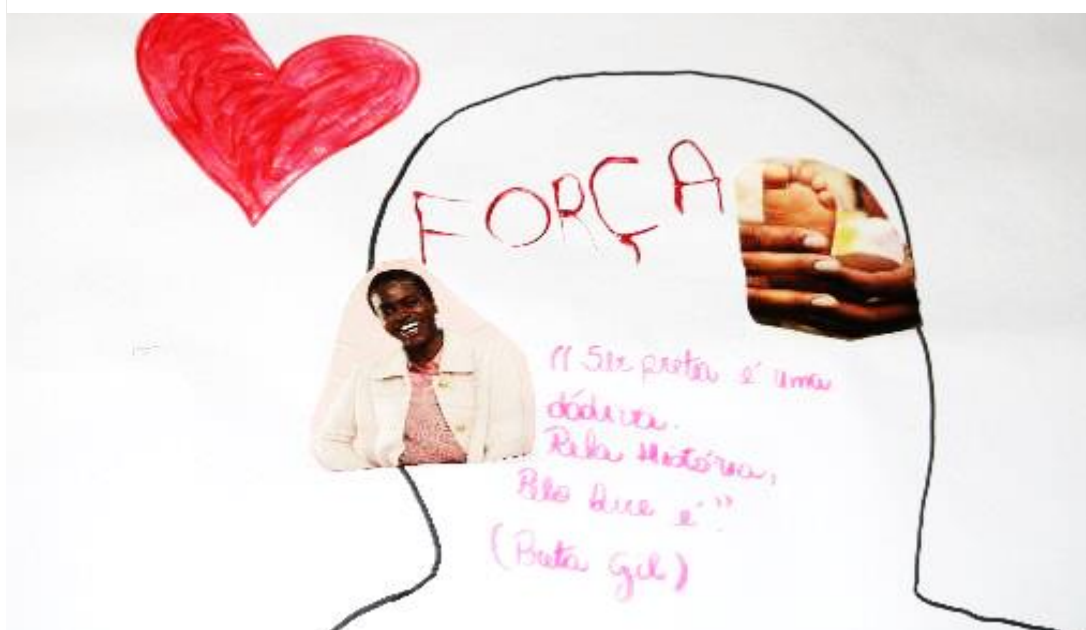
Cor do traçado

A cor, eu escolhi porque preto é uma cor forte. Acho que a mulher mãe negra é isso, a gente é... tem que ser forte, a gente é forte, independente de qualquer situação que vier, a gente encara e é isso. (risos).

Autorretrato

[Olhos] Meu rosto reflete eu cuidando dos passos das minhas meninas - né, sempre cuidando 'pra que elas não 'pra que elas tenham conhecimento... 'pra que elas não sofram preconceito e também não passe preconceito... Eu sou feliz com a minha cor, eu sou feliz com o cabelo, eu sou feliz com tudo, então eu acho que é isso.

Fotografia 37 - Representação do autorretrato pela participante Gabi



Fonte: Acervo da pesquisa.

Experiência de ser mulher negra

[Palavra força] [Vou] escrever uma palavra: força. (Fotografia 37).

Slogan pessoal

Eu peguei [a frase] da Preta Gil. Ser preta é uma dádiva pela história, pelo que é. É uma dádiva, né? 'Cê for olhar a história dos antepassados, tudo que já passou, tudo que já lutou 'pra ser conquistado e era impossível na época, né? E hoje é conquistado. É uma dádiva. (Fotografia 37).

Símbolo: ser mãe negra

Eu escolhi um grupo de mulheres negras que, 'pra mim, representa que - a maioria delas aqui são mães, provavelmente - e, 'pra mim, a união delas faz a força, né?

Fotografia 38 - Representação do símbolo: ser mãe negra, pela participante Gabi



Fonte: Acervo da pesquisa.

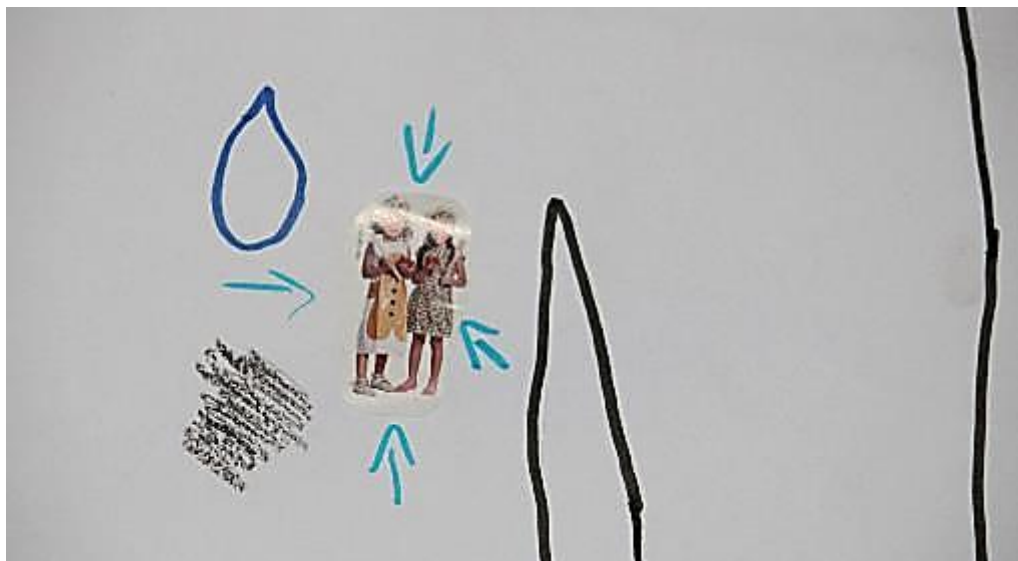
Experiência de ser mãe

Vou pôr um coração aqui, de fora. (Fotografia 37).

Experiência de ser mãe negra

Eu vou pôr uma lágrima, porque eu me senti triste [na situação em que um homem no supermercado elogia a filha chamando-a de tostada]. Vamo' ver. Ah, vou pôr uma lágrima. [Foi uma dor] interna, foi perto do coração. É uma gotinha.

Fotografia 39 - Representação da experiência de ser mãe negra, pela Gabi



Fonte: Acervo da pesquisa.

Figura A: filhas

Pode colocar... Como é que faz? Criança, 'pra representar as meninas'? Ou pode pôr elas? Não né? É melhor pôr uma imagem mesmo, de criança. É meu coração, né? Elas é minha f... minha vida. (risos). (Fotografia 39).

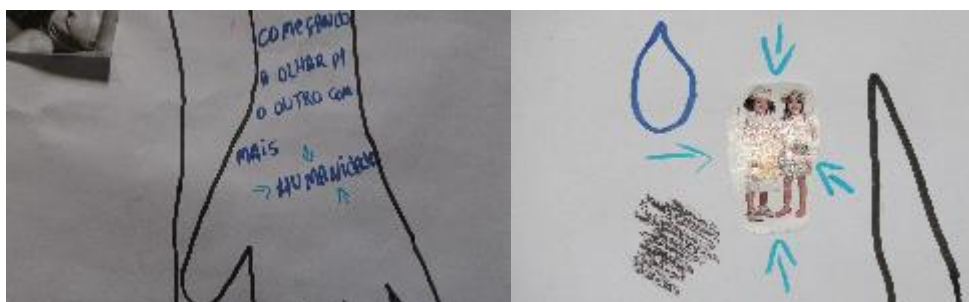
Marcas sob/sobre a pele

[Cor cinza] (Fotografia 39) ah, se for por dentro, eu tenho, que é a ausência do meu pai. Tipo um pai ausente, Nossa! Ai, machuca muito ainda, ainda não superei. Eu me sinto triste em ter um pai e ele não ligar 'pra mim, então é isso: eu acho que é mais tristeza.

Força pessoal

Eu vou marcar elas [com setas azuis] e esse finalzinho aqui [com setas azuis], que é... acho que a minha força também vem desse começar a olhar 'pro outro com mais humanidade.

Fotografia 40 - Representação da força pessoal pela participante Gabi



Fonte: Acervo da pesquisa.

Futuro

[Livro] E eu vou pôr nos meus pés, porque são novos caminhos que eu vou seguir a partir deste ano... Eu nem sei nem desenhar um livro! (risos). eu coloquei no pé, porque esse é o meu novo caminho, o meu novo objetivo.

Fotografia 41 - Representação do futuro, pela Gabi



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Filhas] então eu acho que uma cor é o brilho 'pra... na vida delas, acho que eu vejo isso lá na frente, eu acho que isso representa a gente também, acho que estrela no brilho. Sabe quando a gente bate o pé e fala "Não, não é assim!".

Estruturas de apoio

[Mãos da cor vermelha] é elas, é minha mãe, minhas [duas] tias. Vermelho [significa] amor. Pôr três mão'.

Mensagem aos outros

Lugar, lugar, lugar. Eu queria um lugar que não vai caber. (risos). Então eu vou começar no braço, ver ser se chega até nas mãos, que é onde eu acho que a gente tem que dar a mão 'pro outro, né?

Fotografia 42 - Registro da sessão de mapeamento corporal de Gabi, terceiro encontro, redação da mensagem aos outros, 2020



Fonte: Acervo da Autora.

4.1.2.5 História da Pati: *“Se tiver algum cheiro tem que ser bom, seu cabelo tem que estar limpo, tem que ser assim porque você é negro”*

Introdução

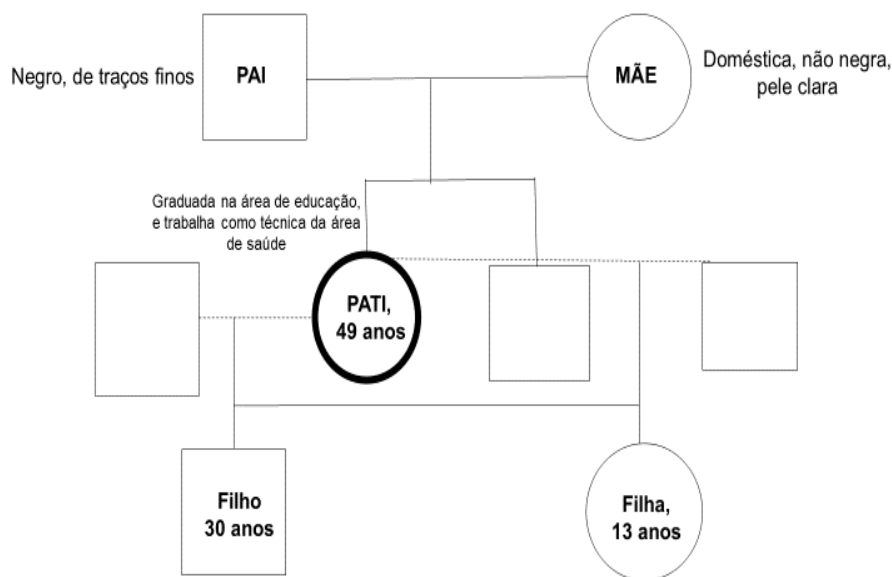
Pati soube da pesquisa pela divulgação do estudo na rede social *Facebook*®. Ela nasceu em 1970 e, no momento da pesquisa, estava com 49 anos. Pati é natural de Uberaba, heterossexual, solteira, mas está namorando. Ela cultua IFA e pratica a religião candomblé e umbanda. É graduada na área da educação e está cursando uma especialização.

Cursou todo o ensino em escola pública e o superior em instituição particular. Pati é técnica da área de saúde e tem uma renda salarial mensal de quatro salários-mínimos.

Pati reside em casa própria na qual moram ela e a filha adolescente, que tem uma deficiência sensorial. No entanto, ela também tem um filho adulto, que reside em outra cidade. Pati é filha única. Ela descreve o pai como “à toa, bebum”. A mãe dela era doméstica. Pati atribui a cor/raça do pai como “negro, negro, negro, negro, negro, negro, mas de traços finos, bem de branco, nariz fino, cabelo liso...”, e a mãe como “clara, bem clara, mais clara que você, de cabelo bom”.

Para falar dos pais, Pati menciona a geração de seus avós descendentes de índios e negros. A mãe dela é “bem clara, de cabelo bom, mas de traços negros”. Pati observa que a mãe nunca esteve em reuniões da escola. A avó dela é quem ia. Por ser índia, sua mãe tinha o cabelo claro, até a bunda, e era “branca, branca”. Isso fazia com que Pati vivesse situações em que era questionada sobre o parentesco com a mãe. Quando afirmava a relação de parentesco com a mãe, era desmentida, e julgada como adotada. Segundo ela, isso ocorria porque ela é negra, o pai é negro, mas a mãe dela não era. A árvore genealógica de Pati (Figura 16) é apresentada a seguir:

Figura 16 - Árvore genealógica da participante Pati



Fonte: Elaboração da Autora.

Pati define-se como uma pessoa familiar, que gosta de estar grudada com a família, fazendo festa, e de estar com os filhos. O pai faleceu, e Pati considera que a sua família seja os filhos e a mãe, embora enfatize a relação conflituosa que ocorre entre elas. Pati revela que não está se relacionando com nenhum dos pais dos filhos. Embora namore, não sente o parceiro como membro da família.

‘porque eu já falei com ele, eu não consigo, eu não tenho esse amor para te dar, um amor que é de tolerância, eu respeito, mas eu não tenho um amor que de repente um homem espera de mim, eu não tenho, né?!’

Embora as opções de autodeclaração de raça/cor no formulário fossem pretas e pardas, Pati optou por se definir como negra. Ela assinalou ter tido experiências de rejeição por suas características físicas nos contextos de trabalho e relacionamento amoroso. Ela jamais utilizou sistema de cotas ou programas de governo federal.

O testemunho, o mapa corporal e a legenda

Fotografia 43 - Registro da sessão de mapeamento corporal narrado de Pati, primeiro encontro, 2019



Fonte: Acervo da pesquisa.

Testemunho

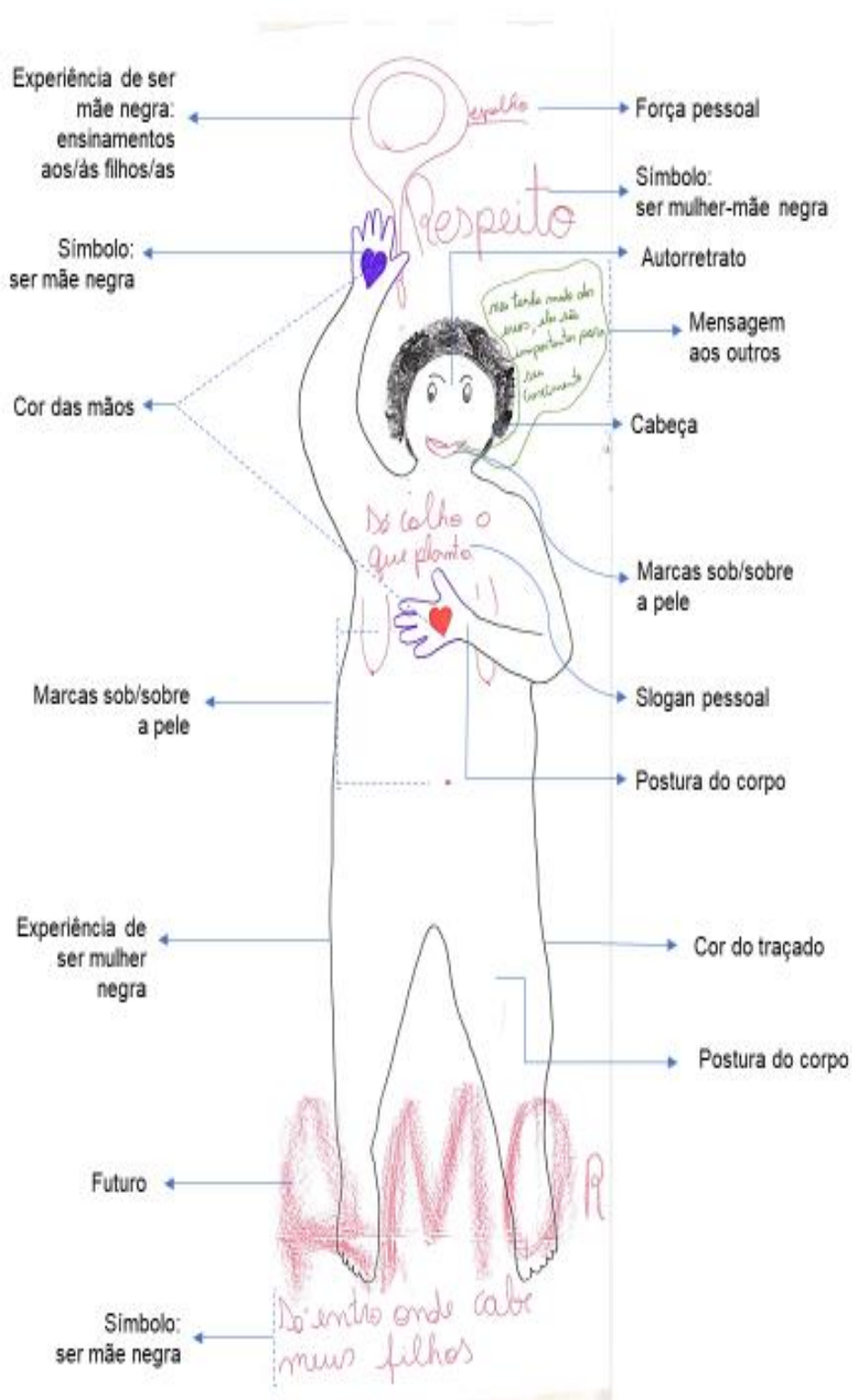
Certo. Eu gostaria que todo mundo se lembrasse de mim como Pati de Nanã. Porque as pessoas quando eu morrer falem 'quem morreu?', 'ih a Pati, de Nanã', é isso que eu quero (risadas) de verdade, super me representa isso. E esse mapa, tem a minha história, olha. Eu sou uma pessoa que sou sustentada e tenho os meus pés no amor, no amor profundo, né?! E que acima desse amor, acima até mesmo de mim, está o respeito e o respeito que é um respeito que sai de mim porque ele reflete quem sou eu. Sou empoderada, sou linda, maravilhosa (risadas). Eu falo para as pessoas que eu sou azeite, que eu não misturo, verdadeiramente, eu não misturo, eu sou única. E é muito engraçado, se você prestar atenção, eu só entro onde cabe os meus filhos junto com o meu amor, e são exatamente os meus filhos que me sustentam, que me colocam para frente, que me dão xeque-mate a todo o momento da minha vida. Um filho que me botou para ir fazer faculdade, uma filha que me cobra o mestrado, o doutorado, que eu estude, que eu vá para faculdade, que eu tire nota boa, que eu entre para o Candomblé, que eu tenha coragem de raspar o meu cabelo e assumir isso para mim, por que para os outros, os outros vão ter que engolir, né?!

Mapa corporal e legenda

O mapa corporal da participante Pati (Figura 17) é apresentado a seguir:

Uma mulher negra, eu, que sou eu, não tem nem um pedacinho de ninguém, sou eu mesma. Ah, mas você é preta', eu sou, mas eu sou linda, eu sou linda e eu não tenho que explicar, eu sou linda, 'seus peitos são caídos', aham, minha família mamou sete anos nele... tudo meu aqui ó, tudo meu, original de fábrica e cada coisinha, cada cicatriz tem uma história, tem um por que, então é tudo meu, tudo meu, tudo meu, tudo meu.
(Participante Pati, sobre a pessoa em que se tornou).

Figura 17 - Mapa corporal narrada da participante Pati, confeccionando em Uberaba-MG, 2019



Fonte: Mapa corporal elaborado por Pati.

Legenda

Postura do corpo

Então essa mão que eu coloquei em cima do meu peito, sempre ela está no meu peito porque eu sigo e eu sinto todos os mandatos do meu coração. Meus pés vão ser assim mesmo, porque eu vou estar em pé. E eu acho que eu tenho o pé no chão muito, muito chão, eu sei até onde eu posso ir sem machucar ninguém. [Cabeça] eu coloquei ali a minha cabeça que brilha porque a cabeça rege o corpo.... Eu brilho porque eu sou negra e tenho, assim, tenho Orixá, eu tenho a minha luz, eu tenho a minha intuição, eu tenho os meus filhos. Assim, as pessoas podem até me achar pretensiosa, mas eu acho que a minha cabeça brilha. A posição é essa, eu sempre estou em pé. Sim pra tudo na minha vida. E para ser mãe também, né?!

Fotografia 44 - Representação da postura pela Pati, parte da cabeça



Fonte: Acervo da pesquisa.

Cor do traçado

Eu quero contornar de preto.

Cor das mãos

Eu quero as mãos de lilás. Tem lilás? Pode ser de qualquer material, desde que seja lilás. Eu quero agora o vermelho, vermelho vivo, coração, isso aqui.

Autorretrato

Eu penso que eu sou muito expressiva. Meu olhar mata, às vezes, eu não falo, eu só olho. Então meu olho me representa muito. Eu não sei desenhar o meu olho... Vou colocar um olho aqui, né?! Eu coloquei sobancelha porque eu acho que sobancelha tem tudo a ver com a expressão, né?! (Fotografia 44).

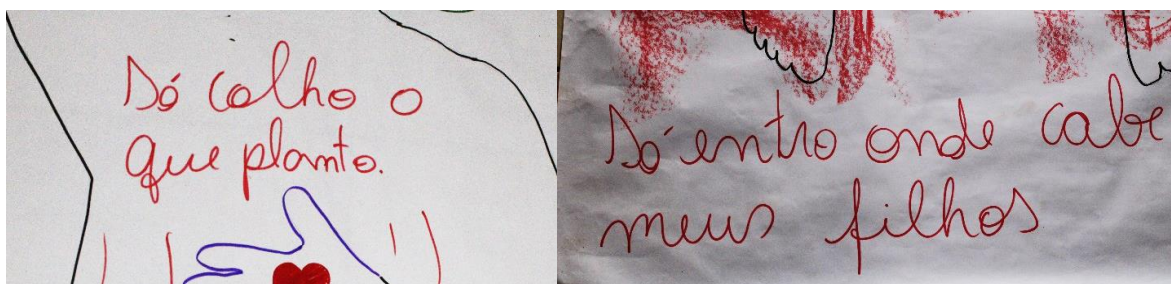
Experiência de ser mulher negra

[Contornar o corpo]. Os meus filhos me representam, são meus frutos, né?! Eles não têm que ser eu, eles têm que ser muito melhor que eu, eu sempre falo para eles isso 'eu sou muito boa porque de onde eu saí para onde eu estou, eu sou ótima', mas eles têm que ser muito melhores que eu... Eu acho que é isso que me faz levantar a mão sempre, porque a Nanã está sempre à frente, ela está sempre dizendo sim, sempre... Então o meu símbolo verdadeiramente é sempre eu dizendo sim para vida. Pati verdadeiramente...

Slogan pessoal

O respeito me representa muito. E aqui no meu coração, eu tenho uma coisa assim que é o que eu acho 'só colho o que planto', só, não tem nada, é simples assim. O que me sustenta, é o meu chão, verdadeiramente, são os meus filhos.

Fotografia 45 - Representação do slogan pessoal pela participante Pati



Fonte: Acervo da pesquisa.

Símbolo: ser mulher mãe negra

[Respeito] eu acho que o que me representa é respeito, é o que eu procuro sempre, sempre, sempre, em tudo e procuro respeitar também as pessoas as pessoas, né?! Então acima de tudo é o respeito. De tudo, de tudo até do dinheiro porque se eu não me respeitar ninguém vai me respeitar também, né?! O respeito me representa muito. A gente 'tava falando sobre o respeito, o respeito acima de mim.

Fotografia 46 - Representação do símbolo de ser mulher mãe negra pela participante Pati



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Mão levantada] depois pensar em outro símbolo no meu corpo, meu desenho, eu acho que o coração, sim, eu estou sempre, verdadeiramente, com o coração na mão... Você não sabe, mas meu filho tem um centro de Candomblé hoje e eu ocupo um cargo dentro do centro dele que é de mãe, né?! E é uma mãe portuguesa, mãe cuidadora, então eu que cuido e ele 'tá com dois filhos, duas meninas recolhidas lá e eu estou uma mãe chocadeira. Então, assim, em todos os lugares aonde eu chego, verdadeiramente, eu sou uma mãe, até mesmo na minha religião.

Experiência de ser mãe negra

Ah representaria com espelho; Com a mesma mão que eu levanto, eu mostro o espelho porque você é o que você aparenta ser... 'A primeira impressão é a que fica', 'não é a que fica, mas é a que deixa marca, é a que te identifica'. Se o primeiro dia que você for na sua faculdade, se for lá vestida de funkeira, você vai ser a funkeira para sempre. Então você é o que você aparenta ser sim.

Fotografia 47 - Representação da experiência de ser mãe negra, pela Pati



Fonte: Acervo da pesquisa.

Eu comecei a explicar para minha filha, na prática, o que era importante. Eu deixei ela ir esfarrapada para escola, roupa suja. No outro dia eu pus ela uma boneca para ir para escola. Eu falei 'foi diferente?', 'foi, todo mundo me olhou de volta, eu cheirosa', 'nossa muito cheirosa', é diferente. ...é assim que eu identifico os erros, os acertos, os meus filhos, mostro para eles como é que eles estão, se eles estivessem do outro lado se teria credibilidade.

Marcas sob/sobre a pele

[Boca] eu acho que a minha boca é tudo na minha vida porque daqui sai coisas boas e coisas ruins, sai as minhas verdades, o meu eu, a partir do momento que eu sou obrigada a me calar, eu deixo de ser eu... Eu me abstenho na política porque eu acho a política do Brasil vergonhosa e como eu acredito que a gente só colhe aquilo que planta, então eu também plantei essa merda, então eu me recuso a falar sobre política. Mas a minha boca fala da minha vida, do meu eu, diz os 'sim' da minha vida, diz os 'não', né?! É através da minha boca que eu sobrevivo, em algum momento se quiser me matar, me cale, aí eu vou me sentir morta verdadeiramente.

[Peitos caídos] quando eu tiro a roupa e me olho no espelho o que eu vejo, eu vou te contar o que que é, os peitinhos caídos, bem... a minha mãe tem 70 anos e não tem peito caído, mas a minha mãe não me deu mamá, minha mãe não deu mamá pro meu irmão, eu tive um irmão que morreu com 15 anos. Minha filha mamou 7 anos consecutivos, foi o que salvou ela, porque se tinha um avião caindo e era perigoso para D., ela vinha e mamava... era a solução e que me ajudou a ser mãe da D., porque D. sempre foi uma interrogação, criança por si é uma interrogação... Aí eu penso gente eu vou colocar os peitos no lugar, mas aí eu vou perder eu (risadas) vou me olhar no espelho não vai ser eu. Assim, a minha marca eu penso o que é o peito caído, né?!

Fotografia 48 - Representação das marcas sob/sobre a pele, pela Pati, dos peitos caídos



Fonte: Acervo da pesquisa.

Força pessoal

[Palavra e desenho do espelho] vejo que eu 'tô criando rugas, meu cabelo 'tá branco, que eu 'tô gorda, o que que eu fiz de errado, hoje eu não escovei o dente, meu dente 'tá amarelo, aí nossa não fiz a sobrancelha e a sobrancelha 'tá torta. Então o espelho me reflete, me faz pensar no que eu quero que ele me reflita. Então se eu quero que ele me reflita uma aparência melhor, eu passo uma base, eu passo um batom, né?! Então assim é com as minhas atitudes, a todo o momento eu penso é isso que eu quero para mim, essa atitude e se fosse comigo eu ia gostar, 'Pati, você gostaria que fosse assim'.

Futuro

Eu achei uma coisa que é um suporte, que me sustenta, é o amor, se eu amo em consequência eu sinto amor, eu. [O amo] tem que ficar muito grande. O 'R' eu vou por aqui, assim. Não por falta de espaço, porque é amo, e o amor é uma consequência desse amo. É isso que eu acho e sinto. Ó é ação e reação, verdadeiramente, eu amo logo eu sinto amor. Eu acho que é esse amor que me fortalece. Agora sim eu fiquei satisfeítíssima.

Fotografia 49 - Representação do futuro pela participante Pati



Fonte: Acervo da pesquisa.

Mensagem aos outros

Eu acho que eu quero que as pessoas me ouçam falando isso. Então eu vou colocar ali um balãozinho e vou falar isso. Eu quero um verde para pessoa ficar bem alerta ao que eu 'tô falando. Porque é um sinal de alerta. ...e eu escolhi o verde justamente por isso, o verde é a liberdade, eu penso, né?! É curador, quem estuda aqueles negócios de cores fala que o verde é cura e eu acho que essa mensagem é um sinal de alerta, é um remédio para quem precisa. Então, assim, eu escolhi o verde por isso, acho que é um sinal de alerta, vai lá 'tá aberto para você.

4.1.2.6 História da Preta: “*Eu pedi 'pra Deus não deixar meu filho nascer preto*”

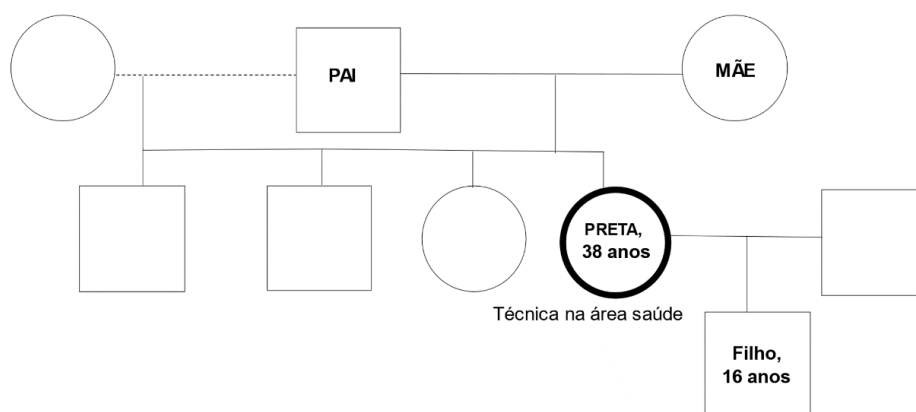
Introdução

Preta soube da pesquisa porque uma colega dela viu a divulgação do estudo nas redes sociais e compartilhou com ela. Preta nasceu em 1981 e, no momento de participação na pesquisa, estava com 38 anos.

Preta é natural de Uberaba, heterossexual, divorciada e cristã. O nível de escolaridade dela é ensino médio completo e possui formação em curso técnico na área da saúde. Com relação ao processo de escolarização, todo o ensino de Preta ocorreu em escola pública, sendo que apenas o curso técnico ocorreu em instituição particular. Referente ao trabalho, Preta atua como técnica em instituição de saúde e a faixa de renda mensal dela é em torno de um salário-mínimo e meio. Preta reside em casa alugada e possui uma moto. Em sua residência, moram ela e o filho adolescente.

Preta é a filha mais nova de três irmãos por parte de pai e mãe (Figura 18). Ela também informou que há um irmão “bastardinho” que é filho só do pai dela. Ela atribui que ela e o irmão sejam negros e a irmã, não, pois é mais clara. Preta mencionou que a família inteira dela é misturada, identificando que a bisavó possuía descendência italiana.

Figura 18 - Árvore genealógica da participante Preta



Fonte: Elaboração da Autora.

A avó de Preta casou-se com um homem negro, modificando a configuração da família, pois até então não havia nenhum negro entre eles. Preta reflete que não

possui nenhum tio negro, mas, recorda-se que, posteriormente, algumas de suas tias casaram-se com pessoas negras, inclusive a própria mãe. Além disso, Preta destacou que recentemente um tio casou-se com uma "neguinha". Ela descreve que todos os seus primos possuem um "pezinho negro". Entretanto, considera que negro, de pele negra, há apenas quatro pessoas na família, incluindo-a, pois o restante tem a pele clara.

Preta contou que, em uma época da vida, a mãe dela saiu de Uberaba para trabalhar, deixando-a mais os dois irmãos sob os cuidados da avó materna. Preta avalia que a decisão de sua mãe decorreu de uma tentativa de viver sozinha, embora a mãe justificasse a mudança para que pudesse ter condições de mandar dinheiro e os filhos não morressem de fome. Preta diz não possuir uma recordação de uma vida boa financeiramente. Várias vezes precisou pedir comida na porta de outras pessoas, passou vontade de comer um pão, e que comia carne muito raramente. Ela lembrou que comia muito a sopa oferecida no Chico Xavier⁴⁵. Preta relatou um conjunto de experiências que vivenciou, destacando que a avó a tratava como uma filha.

Preta avalia que sempre foi muito independente, diferentemente de seus irmãos que são excessivamente dependentes da mãe. O irmão de Preta ficou preso por muito tempo. Na análise dela, a dificuldade encontrada pelo irmão, posteriormente 'à saída da prisão, de conseguir emprego, é por ele nunca ter trabalhado e não ser capaz de fazer "nada" na vida aos seus 40 anos de idade, responsabilizando a própria mãe pela condição do irmão. Ela contou que, mesmo antes de ir preso, a mãe deles não deixava o irmão trabalhar. Preta recordou que, frente aos conflitos com a mãe, saiu de casa e aprendeu a se virar. Preta morou um tempo na rua, no interior de SP.

No formulário, Preta definiu-se como preta. No entanto, durante o contato por telefone, ela disse que não era preta e sim negra. Ela associa preto a uma cor, e o termo negro a uma conquista. Ela informou que já teve experiências diversificadas de rejeição devido ao seu tipo de cabelo e cor de pele.

O testemunho, o mapa corporal e a legenda

⁴⁵ Chico Xavier é uma casa espírita, localizada em Uberaba-MG, onde se oferecia sopas a pessoas empobrecidas.

Fotografia 50 - Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Preta, primeiro encontro, 2020



Fonte: Acervo da pesquisa.

Testemunho

Bom, começando pela minha imagem, né? Essa imagem 'pra mim é a imagem que me deixa mais à vontade, assim, quando eu 'to descansando, mais relaxada, né? E que eu quis retratar o seguinte: que na minha infância eu sofri muito, né? Eu tive muito... desilusão, muito preconceito, mas eu aprendi tudo quando eu conheci a Deus, né?... Então aqui eu quis dizer que a partir do momento que eu conheci a Deus, tudo na minha vida mudou, né? Eu tinha uma carência familiar muito grande, eu tinha uma insegurança em mim muito grande, né? Eu tinha ódio da minha imagem, mágoa, tinha mágoa das pessoas que me magoavam. Eu não sentia... não conseguia gostar de mim, né?... Tinha raiva do meu cabelo, tinha raiva da minha cor... Eu tinha preconceito até quando eu engravidei, né? muitas das vezes, eu pedia 'pra Deus não deixar o meu filho nascer negro, porque eu não queria que ele passasse pelo que eu já tinha passado. Eu achava que o meu filho não nascer negro ia evitar muito sofrimento dele... Hoje não tanto, hoje eu aprendi a blindar muito em relação a tudo na minha vida, principalmente ao preconceito da cor, preconceito do cabelo, preconceito de mim, né? A gente se entristece com algumas coisas que acontecem, mas não que nos afeta, né? Que nos perturba como antigamente me perturbava, me afetava. Eu converso muito com o meu filho, passo 'pra ele o sofrimento que eu já tive em relação de ser negra, né? Hoje, graças a Deus... Eu tinha muito, muito medo do meu filho ter vergonha de mim na escola por eu ser negra... As cicatrizes não servem 'pra gente ir lá chorar pelo machucado, a gente... cicatriz serve 'pra mostrar que a gente sofreu, a gente venceu, né? A gente sofreu, 'tá ali, mas a gente conseguiu vencer, a gente conseguiu cicatrizar as feridas, não deixou que elas fossem... ficassem maiores... Tenho uma cicatriz no corpo, né? Que é a minha cicatriz de cirurgia que eu fiz. E também tinha a cicatriz do coração, mas que hoje

foi.... No coração 'tá escrito o meu filho, porque meu filho me deu muita força... foi uma base na minha vida, foi tudo mesmo tentando proteger ele e ele me ensinou muita coisa.

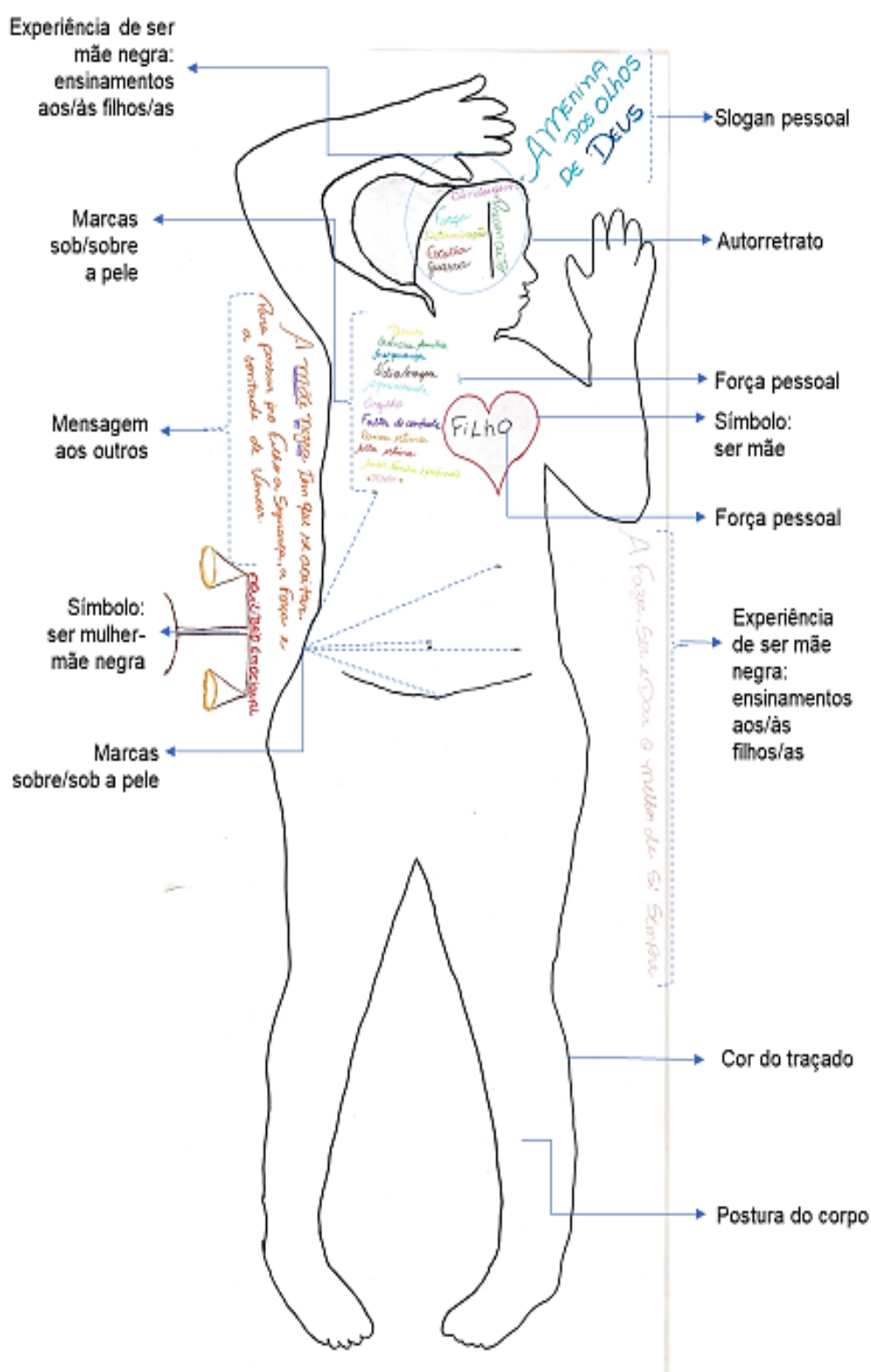
Mapa corporal e legenda

O mapa corporal da participante Preta (Figura 19) é apresentado a seguir:

Hoje eu não tenho problema de falar de mim. É uma coisa que 'tá sendo muito bem resolvida, sabe? Eu já tive muito... Sabe? Eu pensei em matar o meu filho, me matar. Hoje, não. Hoje, Deus trabalha em mim. É o que eu quero cada dia mais, eu quero que Deus trabalhe mais e mais e mais e mais... Consegui, primeiramente, me perdoar, me aceitar, me amar. É isso a Preta.

(Participante Preta, sobre a pessoa em quem se tornou).

Figura 19 - Mapa corporal narrado da participante Preta, confeccionado em Uberaba-MG, 2020



Fonte: Mapa corporal elaborado por Preta.

Legenda

Postura do corpo

Toda posição é bem de boa. Eu acho que de lado vai caber mais no papel. Vou deitar e vou ficar de lado. [Essa posição com a mão debaixo do travesseiro significa] força, conforto, de relaxar.

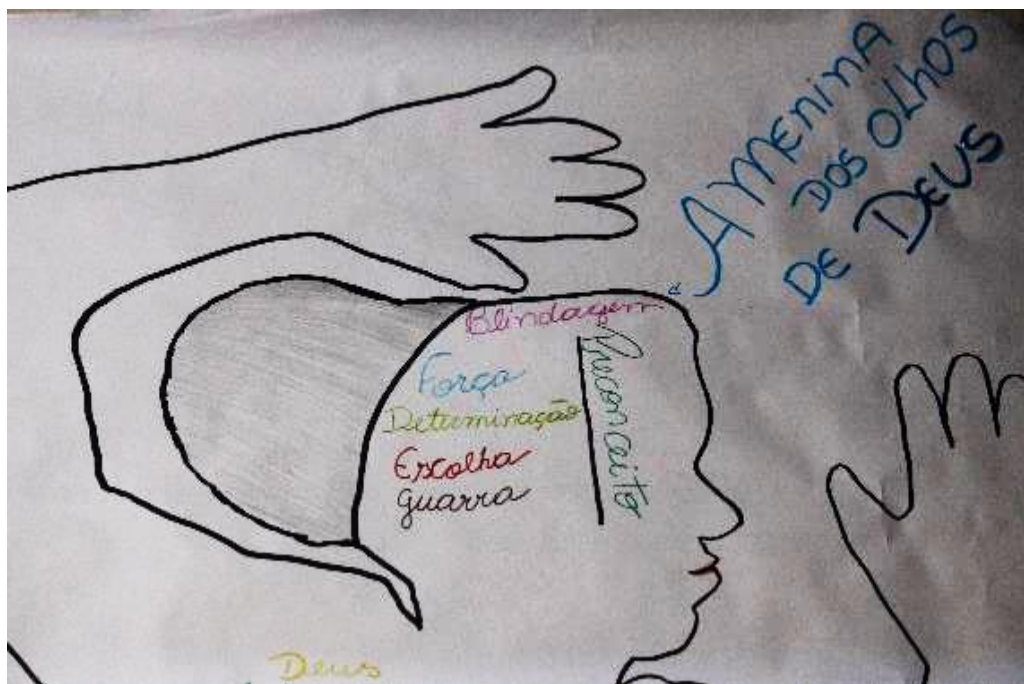
Cor do traçado

Preto. Eu sou pretinha, né? É eu. Significa tudo, né? Significa eu, significa eu me assumir, eu me amar, significa tudo 'pra mim.

Autorretrato

Pode fazer o narizinho. A boquinha também. Aí, aqui 'tá um "coisadinho" da sobrancelha, depois vem o meu "zóinho" (meus olhinhos), dá uma curvada 'pra cima. E depois que vem o meu nariz. Mas a minha sobrancelha 'tá muito lá em cima, né? [Meu] cabelo avoado. [...] Bastante cabelo. Bastante cabelo!

Fotografia 51 - Representação do autorretrato pela participante Preta

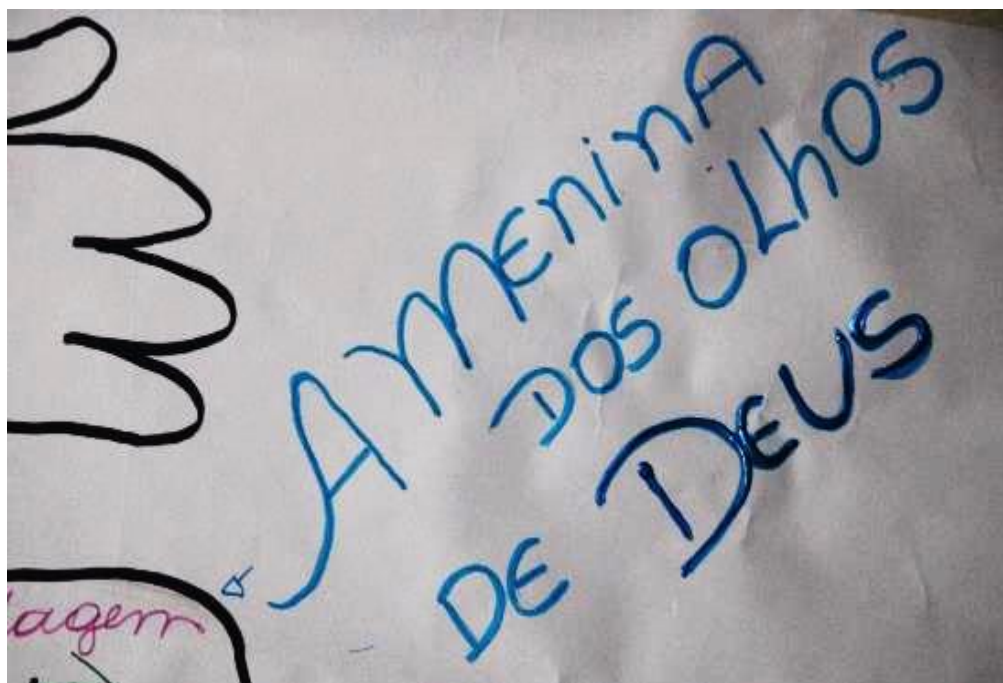


Fonte: Acervo da pesquisa.

Slogan pessoal

Tem uma frase muito forte na Bíblia que fala que somos ... a menina do olho de Deus. Então isso me fortaleceu muito, porque eu penso assim, se eu sou a menina do olho de Deus, eu não posso me tratar de qualquer forma. Então é uma frase que sempre me faz refletir mais do jeito que eu to sendo. E isso, 'pra mim, me ajuda muito.

Fotografia 52 - Representação do slogan pessoal pela participante Preta



Fonte: Acervo da pesquisa.

Símbolo: ser mãe

[Coração]. Só o coração... O amor do meu filho, o amor de ser mãe. 'Pra mim é uma... Ser mãe foi tudo. Esperei 'pra ter ele três anos depois que eu perdi meu primeiro filho. Comecei a perder ele também, sabe? Então foi muito bom 'pra mim, ter o N. E por muitos momentos da minha vida, ele foi minha força, minha base.

Fotografia 53 - Representação do símbolo: ser mãe pela participante Preta



Fonte: Acervo da pesquisa.

Símbolo: ser mulher mãe negra

[A balança]: por que que eu pus a balança? 'Pra dar um complexo 'pra frase, né? O equilíbrio, né? Equilíbrio. O amor e o preconceito, um equilibra o outro. O preconceito que eu sofro, que eu sofri, isso tornei em amor 'pra passar 'pro meu filho... Eu ficava revoltada com Deus, muitas das vezes eu falava "Deus, por que que 'cê foi me fazer negra?! Por que que eu fui nascer preta?". Quantas vezes eu f... eu falei isso, quantas vezes eu usei essa frase, sabe? Me abalava muito emocionalmente, sabe assim?

Fotografia 54 - Representação do símbolo ser mulher mãe negra pela participante Preta

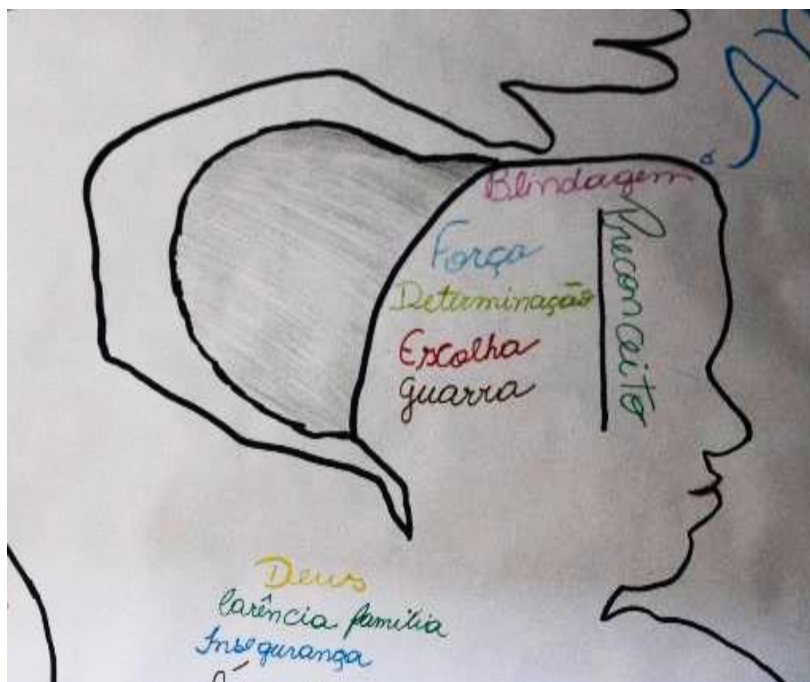


Fonte: Acervo da pesquisa.

Experiência de ser mãe negra: ensinamentos aos/às filhos/as

Como que a gente põe o blinde [na mente]? Como que a gente desenha o blinde? Só uma parede, não é? Ah, eu faria uma parede assim, e punha d'um lado "preconceito" e do outro eu colocaria... a força. É a determinação. [...] Força. Garra. A blindagem começa primeiro com a determinação, eu determino... Determinação: eu tenho que determinar que... se o preconceito vai entrar ou eu vou blindar ele. Escolha: eu escolho a não aceitar o preconceito dentro da minha vida. Eu escolho não f... ser como o ...todos acha' que eu tenho que ser. Ser a porca, né? Porque eles fala' que preto quando não caga na saída, caga na entrada, eles fala' né? Serviço porco, sempre. "Ah serviço foi...". "Ai, serviço de preto". Por que de preto? Eu escolho não fazer o serviço porco. Eu escolho não fazer o "serviço de preto", como muitos falam. Aliás, eu escolho fazer o serviço de preto, que é um serviço bem-feito, é um serviço diferenciado. Então eu escolho fazer, mas não como a sociedade me mostra, porque, querendo ou não, eu falo gente, a gente vê... A gente escolhe muito isso...

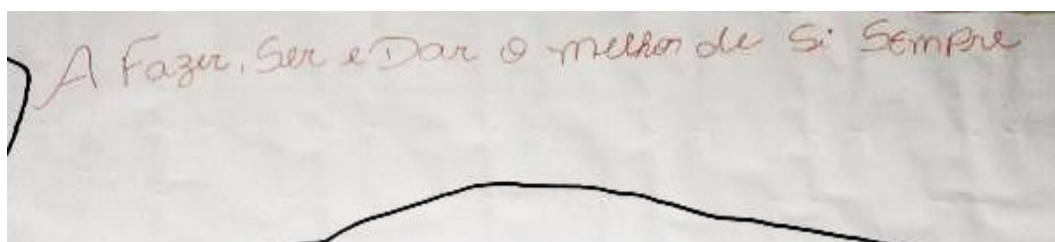
Fotografia 55 - Representação da experiência de ser mãe negra: ensinamentos aos/às filhos/as pela participante Preta



Fonte: Acervo da pesquisa.

["Fazer, ser e dar o melhor de si"]: Porque a gente já tem o preconceito, né? Aí, se 'ocê for lá fazer o trem cagado, aí eles cai matando em cima.

Fotografia 56 - Representação da experiência de ser mãe negra: ensinamentos aos/às filhos/as pela participante Preta



Fonte: Acervo da pesquisa.

Marcas sob/sobre a pele

Ah, pode por um "tic". [...] de cirurgia. Eu fiz uma cirurgia de refluxo aqui ó. Pelo umbigo aqui, né? Uma marquinha aqui, pertinho do umbigo. Eu fiz várias cirurgias.

Fotografia 57 - Representação das marcas sob/sobre, pela participante Preta



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Palavras] ah... Tem hora que eu sou orgulhosa, eu acho que eu sou assim, hora eu não gosto de ficar pedindo nada de ninguém, eu não gosto de ficar dependendo nada de ninguém, sabe? Mas como que eu desenho isso? Eu não gosto muito de depender dos outros. Eu se tiver arroz e feijão na minha casa eu como 'pra não ficar pedindo dos outros, 'pra mim pedir só se for no último dos casos mesmo. Eu sempre fui muito agredida, né? Então, quando a gente é muito agredida, 'pra você começar a se defender, você começa a agredir também, é uma forma de se defender. A baixa-estima: essa baixa-estima eu tive muito na minha vida, principalmente quando eu engravidei. Por quê? Porque, quando eu conheci meu marido, eu era o corpinho perfeito, peito durinho, bunda durinha, tudo em cima. Quando eu engravidei a segunda, eu engordei 45Kg (quarenta e cinco quilos). 'Pra quem pesava 80, fui 'pra 120 é muita coisa, né? [...]. Peito cresceu, bunda cresceu, aí enchi de estria, coisa que eu nunca tive na minha vida, estria, celulite, [...]. Então e o meu marido usou muito e eu era muito fixada no meu marido, eu tinha muito ciúme dele... Eu não me olhava, a minha gravidez... Um pouco da minha gravidez, eu não me sentia bonita, eu me sentia feia, eu me sentia horrível, sabe? Eu não culpo ele, eu me culpo eu, porque eu fui me anulando, eu fui deixando me ser assim, eu fui me achando feia, eu fui deixando aquelas coisas que ele me falava entrar dentro da minha mente.

Fotografia 58 - Representação das marcas sob/sobre, pela participante Preta

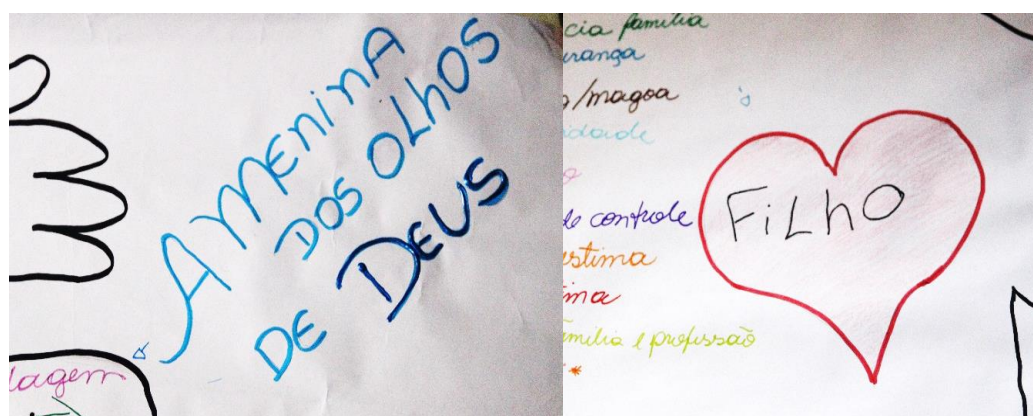


Fonte: Acervo da pesquisa.

Força Pessoal

Deus. Eu acho que resume tudo. Eu aprendi muito a me valorizar, me amar, me gostar e ver a... o mundo, ver as pessoas com outros olhos, 'tendeu?... A Deus, primeiro lugar, eu, depois meu filho em terceiro, então junto dentro do meu coração.

Fotografia 59 - Representação da força pessoal pela participante Preta



Fonte: Acervo da pesquisa.

4.1.2.7 História da Gabriela “Por que que a pessoa tá me tratando desse jeito, eu acho que o maior desafio pra mim agora é no tentar ajudar eles a perceber essas coisas, sabe?!”

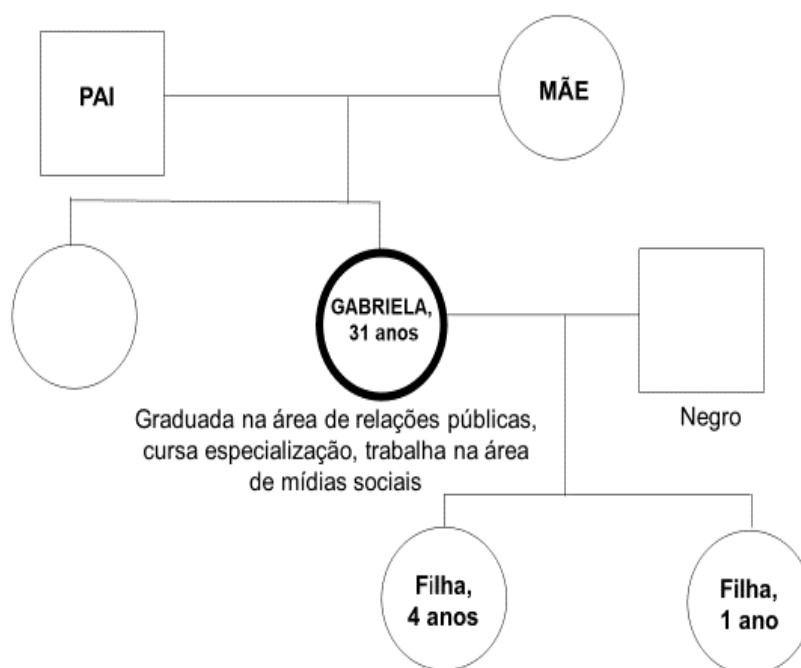
Introdução

Gabriela soube da pesquisa através da rede social *Instagram*®. Gabriela nasceu em 1988 e, no momento da pesquisa, estava com 31 anos. Gabriela é natural de São Paulo, espírita, heterossexual e casada.

Gabriela é graduada na área de relações públicas e, atualmente, está cursando uma especialização. Toda a escolaridade de Gabriela foi feita em instituição de ensino pública. Gabriela trabalha na área de mídias sociais e sua faixa de renda salarial mensal é de um salário-mínimo e meio.

Gabriela reside em uma casa financiada com o marido (um pouco mais velho que ela), que tem uma ocupação técnica, e ela atribui a cor/raça dele como negro, e dois filhos – um casal de crianças pequenas. Os pais dela tiveram duas filhas. (Figura 20).

Figura 20 - Árvore genealógica da participante Gabriela



Fonte: Elaboração da Autora.

Ela descreve a sua família como grande, fato que a estimulou a ter conversas com o marido sobre o desejo de ter mais de um filho. Isso porque ela gostaria que seus filhos tivessem a experiência de ser irmão e ser primo. Além disso, ela compreende que esses laços são importantes na questão racial para que os seus filhos possam se ver, se inspirar e compreender os enfrentamentos. Gabriela relata que a presença das pessoas mais velhas da família é importante. Gabriela declara-se preta e diz que já teve experiências de rejeição por suas características físicas, em contextos de perda de vaga de emprego.

O testemunho, o mapa corporal e a legenda

Fotografia 60 - Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Gabriela, segundo encontro, 2019



Fonte: Acervo da pesquisa.

Testemunho

Pra mim foi muito importante essa... esse encontro comigo mesma, né? ...eu ia falar uma descoberta, mas nada é descoberta, né, é mais um encontro comigo mesma, um encontro desde a minha infância, né,... Eu acho que tudo que eu enfrento na parte profissional, familiar, com os filhos, é tudo que 'tá aqui porque o que eu falei da criação que o meu marido teve com a minha, a gente vai adaptando, vai se completando na criação das crianças, o que eu trago comigo de resistência, de firmeza, de ser uma pessoa correta, é o que eu quero passar pra eles. Dentro dessa...desse exemplo, dessa minha jornada, o que eu trago na minha base é que é a escola e a minha base familiar que é a minha mãe, meu

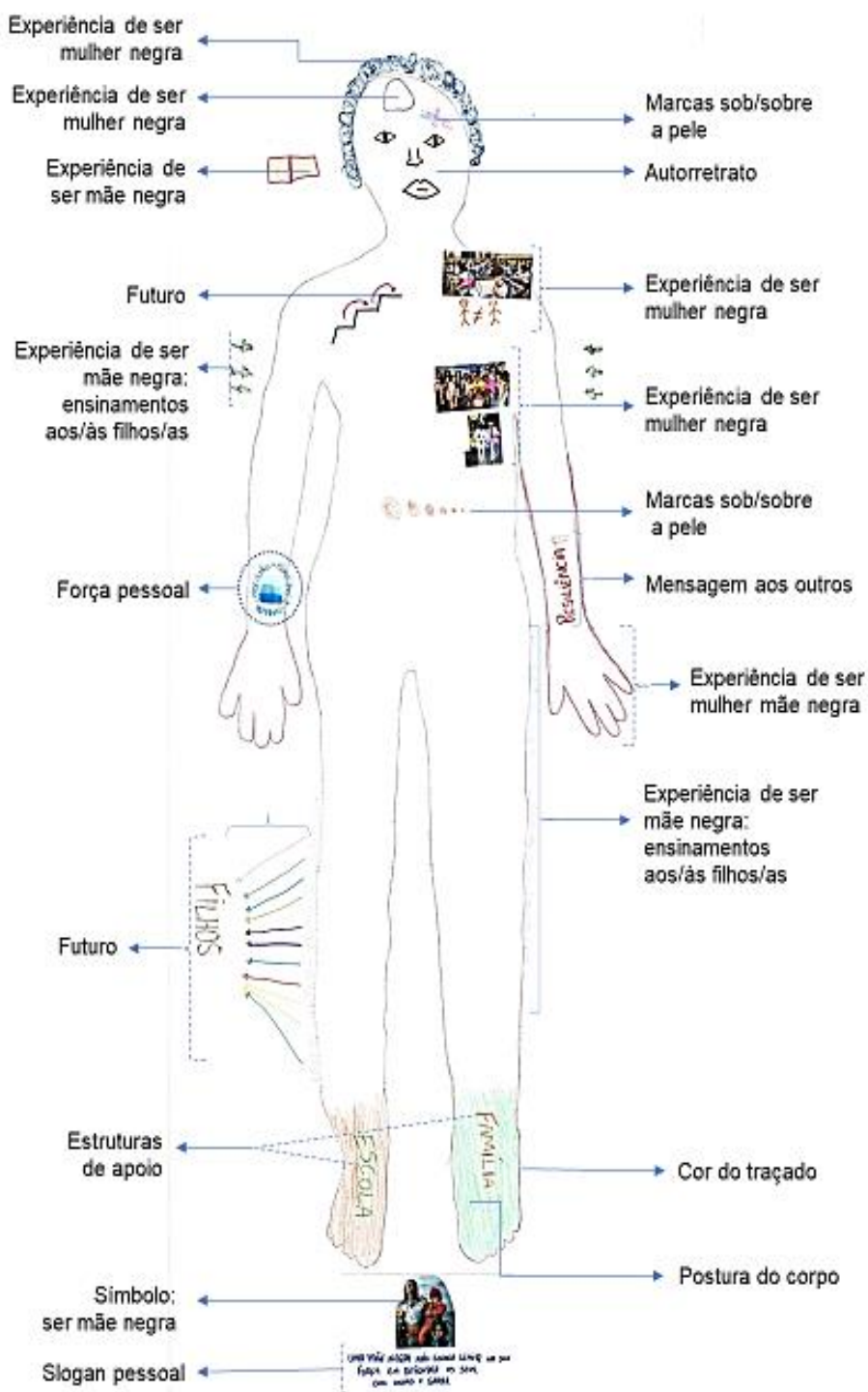
pai, minha irmã são, né, a minha base literalmente, aonde eu preciso, o que eu corro ali pra eles poderem me ajudar, eles estão ali, né, me apoiando, me sustentando. A escola, igual eu falei, é o outro pilar da base que é onde eu tento também trazer esses valores de educação que eu ponho em casa, eu levo... se completa na escola, né?

Mapa corporal e legenda

O mapa corporal da participante Gabriela (Figura 21) é apresentado a seguir:

A minha força é pra eu crescer como pessoa, eu vejo, assim, pra mim, no futuro, eu quero essa evolução como pessoa, esse crescimento.
Eu quero... eu já terminei a faculdade, eu quero continuar com a parte de estudo, com parte de curso.
(Participante Gabriela, sobre o que a motiva).

Figura 21 - Mapa corporal narrado da participante Gabriela, confeccionado em Uberaba-MG, 2019



Fonte: Mapa corporal elaborado por Gabriela.

Legenda

Postura do corpo

Ah, eu acho que é mais, como eu vou dizer, não sei, uma coisa mais natural, mais o eu mesmo, acho que seria isso, o meu natural. Acho que é isso. (*risadas*).

Cor do traçado

Eu coloquei o vermelho porque eu quis até colocar um pouquinho mais aqui em cima porque, além das mãos, como mulher negra e mãe, eu acho que os braços, sabe, simboliza muito a força, porque você tem que... eu coloquei mais a questão do braço, da força que você tem que ter uma força de fazer as coisas e estar ali com filho, com casa, com profissão.

Autorretrato

Eu pus as características reais (Figura 67). Não coloquei nada de fator... mental ou psicológico não, coloquei, não é, o que eu acho que é o real, não sou boa pra desenhar.

Figura 67 - Representação do autorretrato pela participante Gabriela



Fonte: Acervo da pesquisa.

Experiência de ser mulher negra

[Imagem da escola] é, na época da escola foi quando eu comecei a ver a minha diferença com as outras crianças. A minha diferença. Mas eu acho que isso também é um pouco comum, assim, que aí você começa a reparar mais, né, nas outras... no que você tem, no que

as outras crianças não têm. E o cabelo que ficou mais... É uma coisa que me traz na lembrança é isso, seria isso, essa época da escola. (Figura 68).

Figura 68 - Representação da experiência de ser mulher negra pela participante Gabriela



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Rocha cinza] eu acho que seria uma... eu ia falar uma pedra, como se fosse uma rocha, [...] cinza... E eu acho que tem que ser ali na minha cabeça [...] que 'tá se lapidando, porque eu ainda vejo, assim, muita coisa para me transformar...Porque eu sou muito passiva até demais, igual eu falei, muitas situações que eu deveria, nessa situação que eu falei que esse padrão meu 'ah, para que que tem que ter feriado, não sei o quê', eu fiquei calada, hoje em dia eu me arrependo imensamente de não ter falado '20 de novembro não é comemoração, é uma época para gente ter consciência do que as pessoas negras passaram', só que isso eu só tenho hoje, essa consciência de que o 20 de novembro não é comemoração, não estão dando parabéns para os negros, é um dia para pensar 'ó, o que a gente já passou, que já enfrentou, o que nós vamos enfrentar ainda'. (Figura 67)

[Pessoas mais velhas] aqui eu coloquei duas pessoas mais velhas que eu acho que também pra mim é bem importante, sabe?! A questão dos meus avós, eu convivi muito com os meus avós quando eu era criança lá em São Paulo... Quando eu morei, vim morar aqui em Uberaba, morei na casa do fundo do meu vô e da minha avó da parte do meu pai. Então a questão familiar pra mim é muito importante.

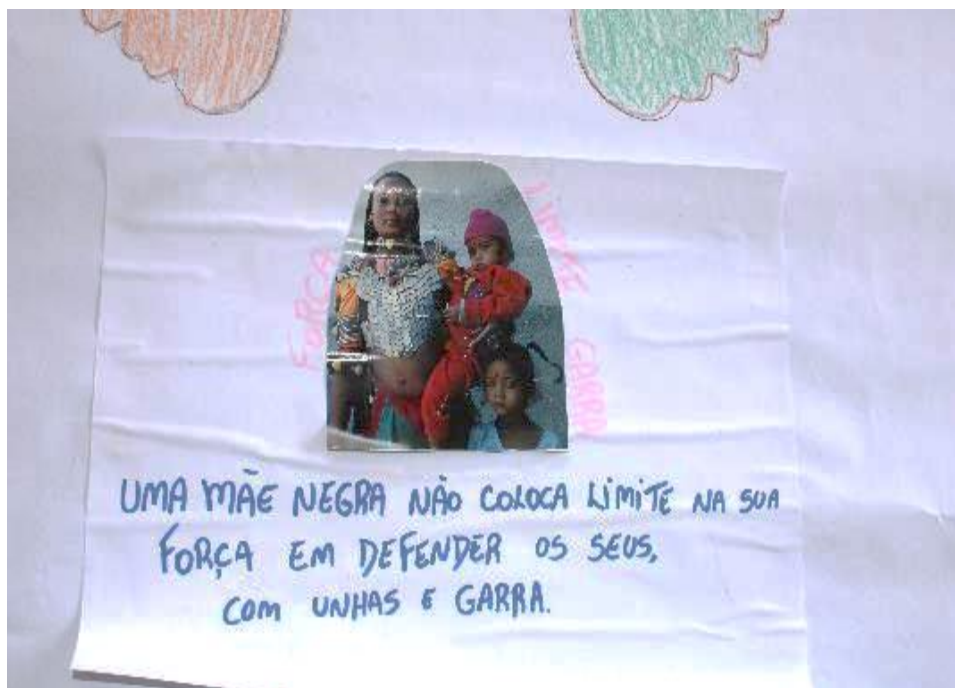
[Família negra] aqui eu coloquei da família, né?! (Figura 68). Representando a minha família.

Slogan pessoal

Eu fiz um slogan (Figura 69) entre aspas. Eu coloquei aqui ó: uma mãe negra não coloca limite na sua força em defender os seus com unhas e garras. Ser forte, limite na hora de defender, garra, né, de ultrapassar suas forças. [...] Eu dei uma adaptada aqui. O certo é com unhas e

dentos, né?! Mas eu coloquei aqui com unhas e garras para pegar as frases que eu tinha imaginado. [...]

Figura 69 - Representação do slogan pessoal pela participante Gabriela



Fonte: Acervo da pesquisa.

Símbolo: ser mãe negra

Acho que poderia colocar ali, embaixo ali, perto dos pés porque eu imagino como a base, né?! ... É uma mãe, né, negra. Ela 'tá bem caracterizada, parece uma armadura, mais ou menos assim, como se eu, com os seus filhos, né, carregando ali. Demonstra essa força, né, como se ela tivesse indo pra uma batalha mesmo, como se ela estivesse indo pra uma guerra. Acho que simbolizou bem o que eu imagino. (Figura 69).

Experiência de ser mulher-mãe negra

Então é literalmente a força ali de mão, de braço e aguentar todas essas coisas [filho, com casa, com profissão].

Experiência de ser mãe negra

[Livro] que eu falo pra ela (filha). Um livrinho que eu conto pra ela, [...]. (Figura 67).

Experiência de ser mãe negra: ensinamentos aos/às filhos/às

[Setas] (Figura 70) eu coloquei, assim, essa parte de como eu quero falar pra eles essas minhas vivências, eu coloquei uma setinha, assim, para mim, mostrando mais a questão do meu dia a dia, né?! O que eu...o que eu fizer, né, porque, como que é aquela frase, o exemplo fala [...].

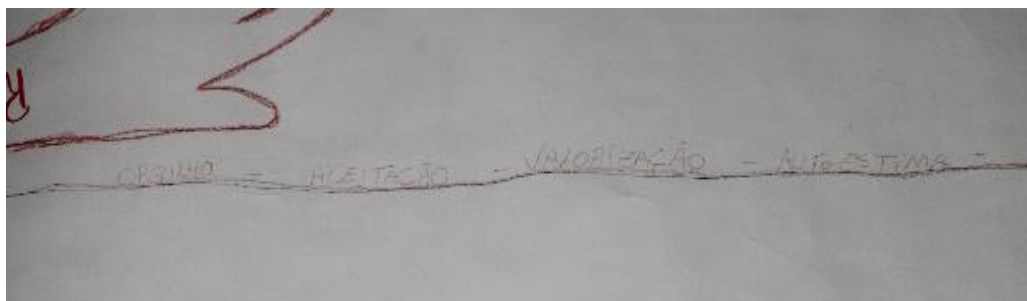
Figura 70 - Representação da experiência de ser mãe negra: ensinamentos aos/às filhos/as pela participante Gabriela



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Palavras] orgulho, aceitação, valorização e autoestima (Figura 71).

Figura 71 - Representação da experiência de ser mãe negra: ensinamentos aos/às filhos/as pela participante Gabriela



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Orgulho] o orgulho de ser negro, de ser negra, de ser mulher, eu acho que isso é muito, muito importante, eu acho que o orgulho é que faz a diferença de você se esconder e de você aparecer.

[Aceitação] a gente fala claramente, não tem esse negócio de 'não você não é pretinho não', 'não, que não sei o quê'. Eu acho que com o falar claramente, sabe, sem... sem nenhum problema e com aceitação. Aceitação com orgulho que a gente tem, sabe?!

[Valorização] acho que seria isso, assim, né?! Valorização, a gente aceitar, né?! A gente ter essa autoestima é o que representa, eu acho que representa bem essa parte.

[Autoestima] a autoestima igual quando eu falo que, muitas vezes, eu falo pra eles 'ó você pode, você consegue, se não conseguiu vamos tentar de novo'.

Marcas sob/sobre a pele

Tipo assim, uma mistura, eu coloquei aqui simbolizando o azul, a mistura do meu marido, né, misturando aqui com esse vermelho aqui que seria eu. Seria essa mistura, às vezes, esse choque [cultural de criação dos filhos] que muitas vezes acontece. Azul dele, colocar igual à Damares (Ministra de estado) fala que menino é azul e menina é (risadas) rosa (Figura 67).

[Pontinhos na região da barriga] agora eu 'tô tentando pensar, assim, alguma coisa, assim, na barriga. Tipo, uma coisa pequena, né?! Que foi crescendo, do mesmo jeito que é o sentimento, assim, de mãe, né?! Que começa pequeno... É uma coisa que você vai tendo aos poucos. Então eu queria representar, assim, uma coisa pequena que vai crescendo. Fazer uns pontinhos assim (Figura 72).

Figura 72 - Representação das marcas sob/sobre a pele pela participante Gabriela



Fonte: Acervo da pesquisa.

Força pessoal

Vou colocar então no outro braço, buscando a força. Porque eu penso que a minha força é nisso, no meu querer melhorar como pessoa, no meu evoluir... Pessoal, profissional, familiar. Eu coloquei aqui, tipo, é uma força que vai, eu tinha que ter feito contrário, né?! (risadas) é tipo do mais fraco assim até o mais forte, né?! Eu acho que eu coloquei, assim, de uma cor mais clarinha, assim, vai aumentando até ficar de uma cor forte. (Figura 73).

Figura 73 - Representação da força pessoal, pela participante Gabriela



Fonte: Acervo da pesquisa.

Futuro

[Setas coloridas e a palavra “filhos”] eu podia fazer duas... duas partes... São duas partes. Que aí eu ponho a deles, né?! De futuro pra eles, de ter essa questão do caráter, igual você falou dos meus valores que eu quero passar pra eles e a parte minha de querer fazer alguma coisa pra mim... Eu pensei aqui colocar... Todas as cores independentes do que eles escolheram, o que decidirem pra a vida deles, independente do que for, eles vão ter como base todas essas coisas que eu tento, eu ensino pra eles. Então independente de profissão, independente de opção sexual, independente de qualquer coisa, né?!... se você se sente valorizado, se você tem essa autoestima, você pode escolher, você pode ser livre, né?! Pra poder fazer o que você gostar. Eu acho que é isso. (Figura 74).

Figura 74 - Representação do futuro, pela participante Gabriela



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Escada] aí eu acho que podia ser na parte ali, principalmente, da cabeça porque é onde eu tenho que romper essa barreira, tenho que mudar essa ideia minha de... de sei lá, de dar esse próximo passo, de ir pra frente. [...]

Estruturas de apoio

Eu podia fazer um em cada pé. Um pé da escola e o outro pé da família. Que eu estou pensando, assim, pra mim são os dois pilares, né, que me ajudam a sustentar o restante.

Mensagem aos outros

Eu acho que eu posso colocar aqui no braço. Igual eu tinha colocado assim, nessa parte vermelha do braço que é a força, né?! [...](pausa). Essa parte de luta, né?! Vou fazer tipo um... (pausa) um punho de resistência.

4.1.2.8 História da Nina: *“Ela tem uma dificuldade também que nem eu tinha, tem dificuldade com autoestima e eu, quando era mais nova, eu pensava (que), por ser negra, eu não era legal, eu não ia ser amada, ninguém gostava de mim”*

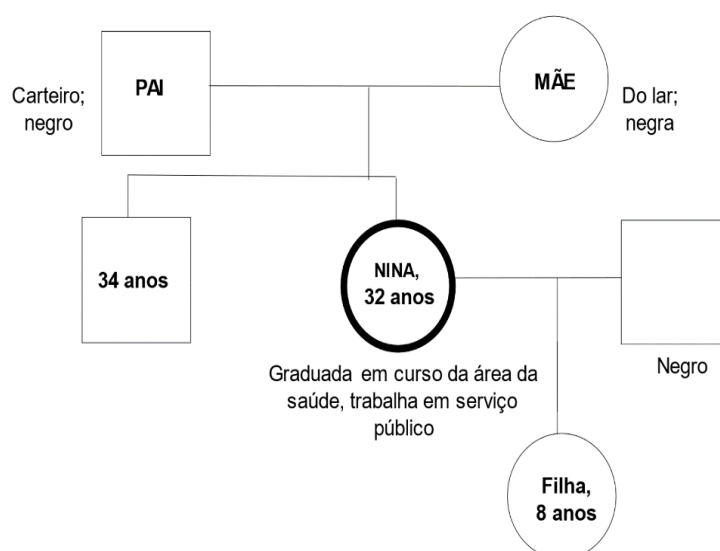
Introdução

Nina soube da divulgação da pesquisa por grupos do *WhatsApp*®. Nina nasceu em 1987 e, no momento da pesquisa, estava com 32 anos. Ela é natural de Uberaba-MG, heterossexual, solteira e católica.

Nina possui ensino superior completo e graduou-se no curso da área de saúde. Todo o processo de escolarização dela ocorreu em escola pública. Ela trabalha no serviço público e a faixa de renda salarial é um pouco mais que dois salários-mínimos. Assim, ela conta com a mãe como rede de apoio financeiro.

Nina tem casa própria. Na residência, moram quatro pessoas - Nina, a mãe (idosa), que é viúva, o irmão (34 anos) e a filha pequena. O pai da filha de Nina é descrito por ela como negro. A representação da família é feita na árvore genealógica (Figura 22):

Figura 22 - Árvore genealógica da participante Nina



Fonte: Elaboração da Autora.

A mãe de Nina é do lar e pensionista. Nina contou que a mãe optou por não trabalhar para cuidar dela e do irmão. O pai era servidor público, mas morreu aos 33 anos devido a um quadro de hanseníase e hepatite. Nessa época, Nina e o irmão eram bem pequenos. Nina descreve o pai como negro. Segundo ela, ele era misturado, pois sua avó paterna era clara. Ela observa que o pai tinha traços mais finos e o cabelo “um pouco melhor, macio”. Ao descrever o cabelo do pai, Nina se corrige dizendo que não existe cabelo melhor, nem ruim, e reflete que isso seja uma forma preconceituosa de falar. Assim, ela reformula, dizendo que o pai tinha cabelo crespo, mais solto. Nina descreve a cor/raça de sua mãe como negra.

Nina se autodeclara como preta. Ela identifica que já teve experiências de rejeição por suas características físicas nos relacionamentos amorosos, no emprego e na faculdade. Ela informou já ter utilizado do sistema de cotas/Programas do Governo Federal em concurso e no bolsa família.

O testemunho, o mapa corporal e a legenda

Fotografia 61 - Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Nina, primeiro encontro, 2020



Fonte: Acervo da pesquisa.

Testemunho

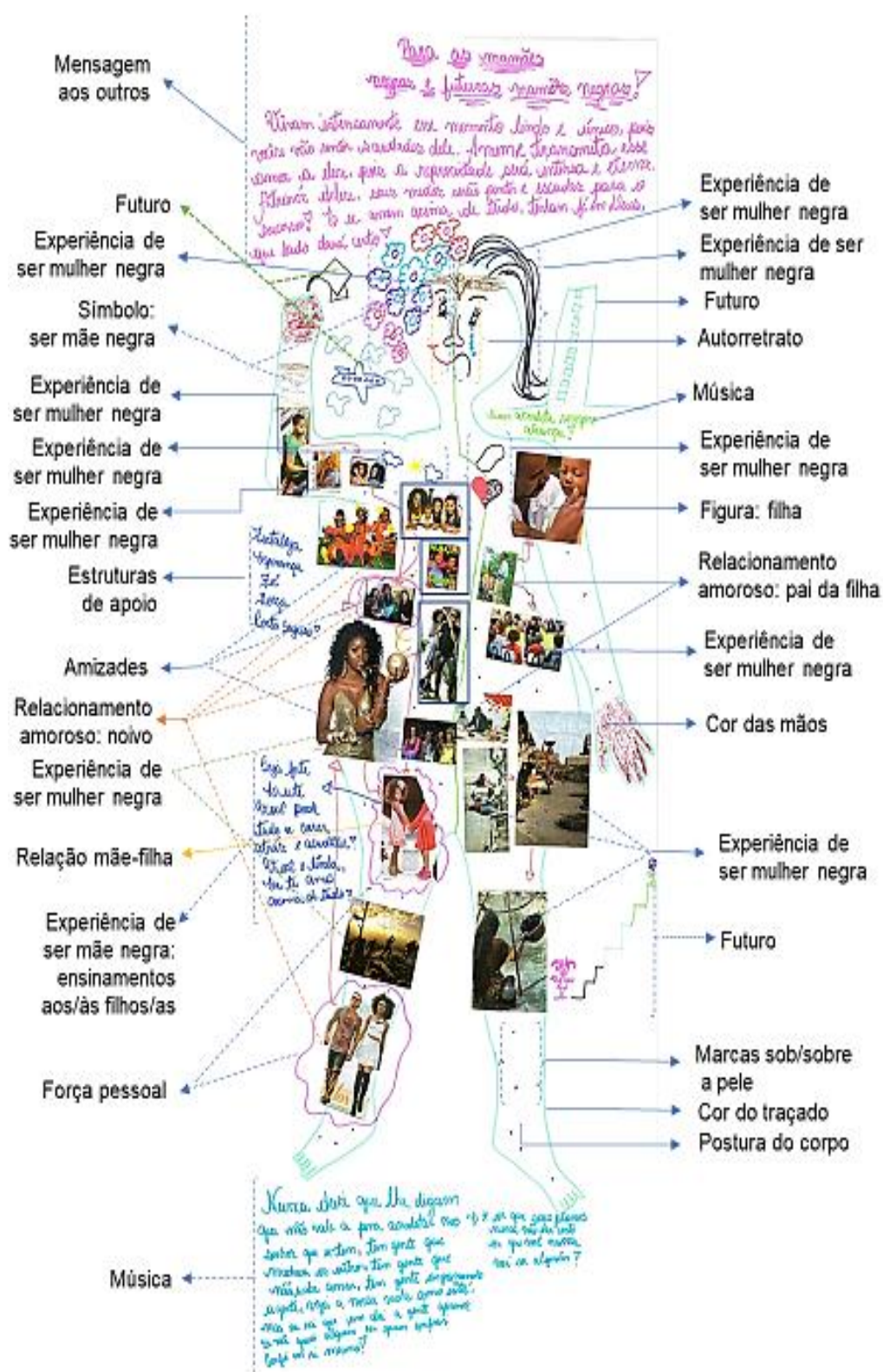
Então, eu quero ser lembrada a partir desse Mapa como uma mulher sonhadora. Desde a infância, enfrentei muitas dificuldades, enfrentei o preconceito racial, enfrentei relacionamento abusivo, enfrentei a baixa autoestima. Acho que é leão que eu venho matando a cada dia, entendeu? Então assim, nem tudo na vida são flores, né?... E esse Mapa me representa tudo que eu já passei: amores não correspondidos, rejeições, conquistas, relacionamentos, né, amizades, relação mãe e filha, relação com o irmão, com o companheiro, né, relacionamentos que não deram certo, mas, assim, superações... A minha gravidez foi uma superação, eu pensei que - quando eu engravidei - que 'cabou, meu sonho acabou, mas, na verdade, acabou mesmo, acabou de começar, porque, através da minha filha, através de ser mãe negra, através de enfrentar o preconceito, de ir à luta, eu conquistei muita coisa e, se não fosse com ela, eu não sei se eu conquistaria... Formei, minha filha cresceu, 'tá uma criança linda, uma criança educada, uma criança amada, inteligente e ela... e eu sempre passo 'pra ela que ela nunca, jamais desistir (desista) dos sonhos, ... se ela acreditar, se ela ter fé, porque eu acho que a religião, que Deus 'tá acima de tudo. Sem Deus, a gente não é nada, então, assim, a gente tem que ter uma fé 'pra gente poder alcançar o que a gente quer, não é só correr atrás e meter a cara. Tem que ter fé também, tem que ter a questão da religiosidade.

Mapa corporal e legenda

O mapa corporal da participante Nina (Figura 23) é apresentado a seguir:

Eu me tornei uma pessoa que, apesar das dificuldades... diárias, apesar dos empecilhos que tem, eu não desisto, eu sou forte, eu sou determinada. Eu quero, eu consigo se eu quiser. Com a graça - a gente não pode esquecer da ... religiosidade, né? - de Deus acima de tudo, ... Meu noivo hoje 'tá anos luz, ele conquistou muita coisa depois que a gente 'tamos juntos. Nós conquistamos coisas juntos. Nós estamos crescendo juntos, entendeu? Então assim, isso 'pra mim é gratificante, eu acho. Porque quando eu 'tava com o pai da minha filha, "Nossa, deve ser eu mesmo, porque ele nunca vai 'pra frente", eu me negava, "Deve ser eu", e hoje eu vejo que não. E eu vejo que se a gente correr atrás, se a gente acreditar, a gente consegue tudo. É isso. (Participante Nina, sobre a pessoa em quem se tornou).

Figura 23 - Mapa corporal narrado da Nina, confeccionado em Uberaba-MG, 2020



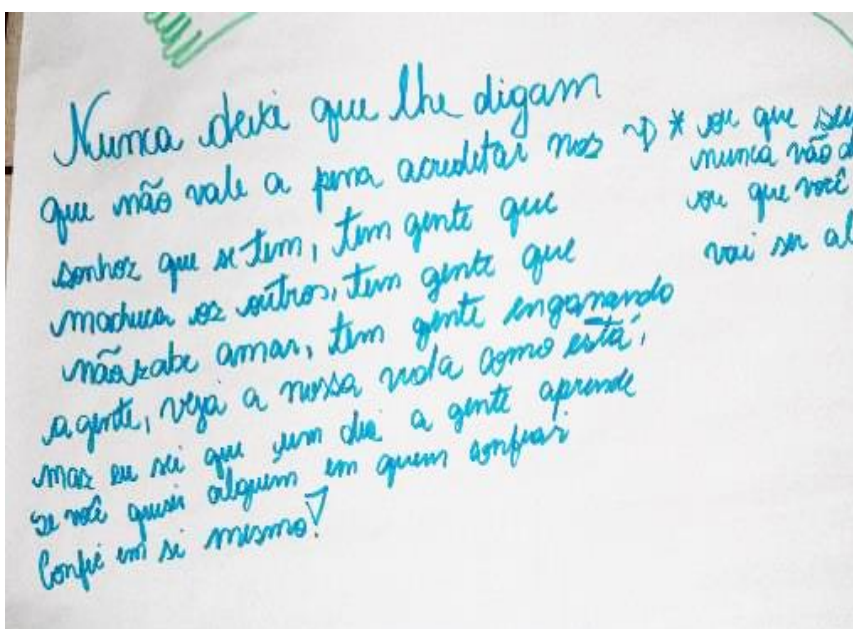
Fonte: Mapa corporal elaborado por Nina.

Legenda

Música

Tem uma música do Renato Russo, só que eu não sei o nome dela, que é uma música muito bonita. "Mas é claro que o sol vai voltar amanhã" (cantando)... "Mais uma vez", chama. Eu acho muito bonita essa música e ela representa muita coisa também. [...] Meu sonho, estar mais perto do meu sonho. "Nunca deixe que lhe digam que não vale à pena acreditar nos sonhos que se tem ou que seus planos nunca vão dar certo ou que você nunca vai ser alguém. Tem gente que machuca os outros" - isso existe - "Tem gente que não sabe amar. Tem gente enganando a gente, veja nossa vida como está, mas eu sei um dia... que um dia a gente aprende. Se você quiser alguém em quem confiar, confie em si mesmo". Acho legal, muito forte. "Quem acredita, sempre alcança".

Fotografia 62 - Representação da música sobre o momento atual da vida, pela participante Nina



Fonte: Acervo da pesquisa.

Postura do corpo

É posição de guerra.

Cor do traçado

'Tá, no meu corpo, eu gostaria de contornar com verde. Esperança. Verde. Esperança em tudo que eu vivo.

Cor das mãos

Minhas mãos... Eu acho que vermelho, que representa coração – [...] paixão, amor, é tudo que eu tenho de melhor 'pra dar, e dor. Que é isso que eu tenho nas minhas mãos. É isso. Ai, eu pinteí minha mão de verde!

Autorretrato

[...] uma porção é triste, a outra é feliz, o outro lado meu feliz, florescendo e esse lado... que eu quero que ele chegue completo... Eu queria que as pessoas me vissem assim, como uma pessoa que teve suas dificuldades, mas conseguiu superar, que lutou e mesmo assim 'tá continuando inteira. Fisicamente, psicologicamente... Uma mulher bonita, com autoestima elevada e, acima de tudo, superou todos os obstáculos da vida. É assim que eu gostaria que me vissem. É isso, assim, meu rosto por enquanto 'tá representando é isso...

Fotografia 63 - Representação do autorretrato pela participante Nina



Fonte: Acervo da pesquisa.

Experiência de ser mulher negra

[Linha divisória] é, eu dividi no meio aqui. Aí meu lado florescendo, meu lado triste. Minhas vivências negativas e vivências positivas. (Fotografia 64).

[Flores na cabeça] hoje eu floresci, me deixei me florescer. Hoje eu 'to mais gordinha, mas assim, eu... em relação a meu eu, né? Ao me descobrir quem eu sou como mulher negra eu floresci. E descobri que eu sou uma mulher que que, se eu quiser, eu posso realizar tudo que eu tenho vontade, basta eu me esforçar, eu ir atrás, eu não desistir. (Fotografia 64).

Fotografia 64 - Representação da experiência de ser mulher negra, pela participante Nina, linha divisória verde



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Figura do lado direito: mulher negra de cabelo bem curto] então, aqui foi quando eu cortei o cabelo, me representou. Tipo assim, eu... em choque, em choque. Porque eu não aceitava, tipo assim, eu olhei e eu fiquei em estado de choque. Eu não conseguia chorar, eu não conseguia rir, não conseguia. Mas foi muito difícil aceitar o meu cabelo. (Fotografia 65).

Fotografia 65 - Representação da experiência de ser mulher negra, pela participante Nina



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Figuras do lado direito: mulheres negras com cabelo solto] aí, assim, o início da aceitação, comecei a andar com o cabelo solto, né? Pensamento assim, em relação a... quem eu sou? De onde eu vim? Né? Por que eu 'to aqui? Me descobrindo. (Fotografia 65).

[Setas]: Meu *Big Chop*⁴⁶ me lembrou aceitação. É. Essa questão de aceitação do eu, eu sou uma mulher negra, eu tenho cabelo crespo, eu amo meu cabelo, meu cabelo é lindo, foi difícil a aceitação. Meu noivo me ajuda a recuperar minha autoestima, questão de beleza, e eu tento transmitir isso 'pra minha filha, que minha filha é linda, que ela é perfeita, que o cabelo dela é lindo, que ela não precisa passar química 'pra se sentir aceita e - através da minha autoestima, né - meu noivo me ajuda a levantar a minha autoestima... Aqui, em relação a relacionamento conturbado gerou filhos tristes, dificuldades na escola que ela enfrentou, as minhas dificuldades, as minhas tristezas, os meus momentos de desilusão. (Fotografia 65).

[Desenho do sol] e a outra parte já preencheu, porque muita coisa foi superada, né? Então essa parte aqui é o sol, né? Um dia bom. (Fotografia 65).

[Amizades]: as amizades, que a gente nunca pode esquecer. E de lá... Aqui também representa amizade. E as amizades que eu era... tipo assim, tem uns amigos de infância. (Fotografia 65).

[Lado esquerdo da cabeça] então, metade de mim... Antes, 'pra eu ser aceita pela sociedade, tinha que usar o cabelo liso. Então assim, eu queria me igualar, de uma certa forma a gente queria se igualar 'pra ser aceita. Então sempre tinha que 'tá com o cabelo impecável, toda semana eu fazia escova... Então assim, 'pra eu... eu, se eu não 'tivesse de cabelo liso, eu não saía, se eu não arrumasse o meu cabelo, eu não saía de casa. E eu era triste. Não por isso, só por isso, por diversos fatores: eu me sentia feia, eu fazia de tudo 'pra me igualar, 'pra poder

⁴⁶ *Big chop* é uma expressão em inglês e significa “grande corte”. A expressão nomeia o processo de retirada de toda a química presente no cabelo. Disponível em: <https://salonline.com.br/big-chop-como-cuidar-dos-fios-apos-processo/>.

ser aceita. Mas eu... achava bonito cabelo cacheado, não aceitava o crespo. Porque eu nem sabia como é que era o meu cabelo, 20 anos sem ver o meu cabelo. Então assim... [...] Aqui é eu..., assim, não por ter cabelo liso, mas por diversos fatores, eu 'tava triste - porque eu não gostava do meu cabelo liso também! Não vou mentir, não... (Fotografia 64).

[Coração] então, assim, aí em uma parte de mim... carrego muitas feridas, porém 'tá regenerando essas feridas e meu coração 'tá se enchendo de amor de novo, de esperança - até tem que pôr uns pontinhos verdes de esperança - de que um dia ele vai se regenerar totalmente, mas ele ainda... parte dele ainda 'tá ferido, mas 'tá cicatrizando e enchendo de amor. (Fotografia 66).

Fotografia 66 - Representação da experiência de ser mulher negra, pela participante Nina



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Imagens da mulher negra sozinha e dos exercícios] e eu assim, tentando construir uma imagem de beleza que eu ainda não consigo ver em mim, mas eu tento me exaltar. E ainda vem a questão de... da obesidade que eu adquiri. Por ser da área de saúde, é uma coisa muito grande, então assim, eu ainda, além da questão... nem é tanto o cabelo que me afeta, mas é o meu corpo, eu 'to infeliz com o meu corpo. (Fotografia 67).

Fotografia 67 - Representação da experiência de ser mulher negra, pela participante Nina



Fonte: Acervo da pesquisa.

Relacionamento amoroso: noivo

Achei bonito esse casal, minha nova família. Eu con... 'to construindo a minha família. Casal..., assim, não que seja igual, né? Que esse aí é totalmente diferente, mas me lembrou eu e o meu noivo nessas fotos de casal e ... Meu noivo é um pouquinho mais claro que eu, sabe?

Fotografia 68 - Representação do relacionamento amoroso – noivo, pela participante Nina



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Imagem da escola]

Ali, as minhas vivências na época da escola, sofrimento, integração.

Fotografia 69 - Representação da escola, pela participante Nina



Fonte: Acervo da pesquisa.

Relacionamento amoroso: pai da filha

A vida... Esse aqui lembrou meu ex, né? É. Não que ele pareça, então eu falo assim, a foto representa. Porque ele assim, nunca aceitou trabalhar fora da área dele, então a gente passou dificuldade, mas ele ... "Eu só trabalho na minha área". ... Então ele queria ser doutor ser ter doutorado. (risos). Né?! (risos). Sem passar pela penumbra, então é difícil, né?! (risos). 'Cê que o diga, né? A doutoranda...

Fotografia 70 - Representação do relacionamento amoroso: pai da filha, pela participante Nina



Fonte: Acervo da pesquisa.

Símbolo: ser mãe negra

Da Mulher Maravilha. (risos). É porque eu sou determinada, porque eu luto todos os dias. Eu acho que a Mulher Maravilha, ela engloba tudo, né? 'Cê tem que lutar, 'cê tem que ser forte, 'cê tem que salvar o mundo, e o meu mundo é a minha família. Então eu sinto nesse dever de salvar a minha família... Porque a mente... a mente, ela transmite, né? Ela faz a transmissão das energias. E no braço é que é... que 'cê vai usar 'pra poder trabalhar essa energia. 'Pra você, quando alcança seus objetivos. Então acho que é isso, né? Explicação descabida. (risos).

Experiência de ser mãe negra: ensinamentos aos/às filhos/às

Eu vou escrever, pode ser? Acho mais fácil, que eu não sou boa de desenho, não. Minha letra ficou meio esquisita. Olha: Seja forte, lute, você pode tudo se correr atrás e acreditar. Você é linda, eu te amo acima de tudo.

Fotografia 71 - Representação da experiência de ser mãe negra: ensinamentos aos/às filhos/as, pela participante Nina



Fonte: Acervo da pesquisa.

Figura: filha

Eu vi o olhar tristonho desse bebê, eu lembrei da minha filha. Quando eu separei, o pai dela tipo... o pai dela se separou de mim e separou dela também. Então assim, a profunda tristeza de perder o pai, porque ela ama... ela ama esse pai... Eu acho que ela ainda ama, ainda, tadinha, mas ela perdeu, tipo, ela perdeu a referência dele. (Fotografia 66).

Relação mãe-filha

Eu olhei essa foto, eu me lembrei... em relação mãe e filha que 'tá sendo construída de uma forma positiva. (Fotografia 71).

Marcas sob/sobre a pele

Minhas urticárias. Vou pôr assim, bastante. Saem. Nos braços, nas pernas... Aqui ó, minha pele fica na carne viva assim, ... Eu não aguento mais andar de vestido sem short, porque ela forma... Tipo assim, parece uma picada de pernilongo, a ... mesma coceira, só que mais intenso. Aí, forma uma aqui, aí uma outra do lado, do lado do outro, do outro, do outro... Até formar uma placa só. Coça demais! Ai, só de lembrar já pinica tudinho. Eu tenho... Saúde eu tenho bronquite, mas assim, sinusite, rinite, tudo quanto é "ite".

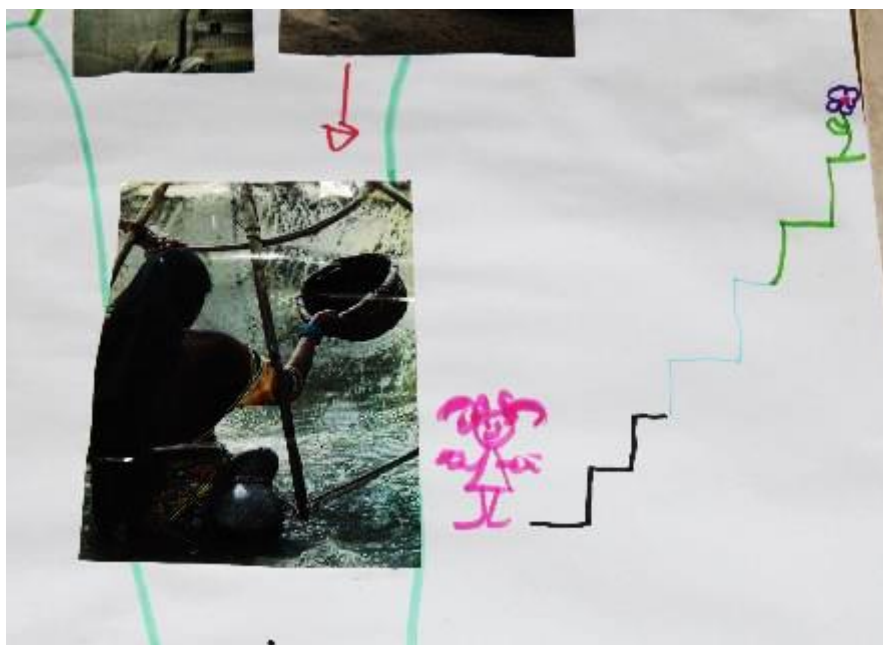
Força pessoal

É minha filha. Ela é o maior e minha mãe também, minha mãe foi uma mulher que segurou muito as pontas, ela foi muito guerreira, ela me passou muita força. Não fossem as duas... Meu noivo também, agora que entrou na minha vida, digamos assim, recentemente, né, em relação a elas, que a gente vai fazer quatro anos juntos... Principalmente na minha autoestima, ele me ajuda muito.

Futuro

[Da filha] preto, vai... ela vai encontrar obstáculos - não que preto representa uma coisa negativa, né, mas assim - ... Vai ter momentos de escuridão nos caminhos dela, né? Que vai dificultar a visão dela, mas, logo em seguida, se ela persistir, esses caminhos vão começar, as portas vão começar a se abrir e ela vai alcançar o sucesso se ela continuar persistindo e ela vai alcançar o sonho. Verde representa a esperança, ela vai alcançar o sucesso, o topo do sucesso. O azul é uma... é a transição da dificuldade 'pro sucesso, não vai ser um momento fácil, mas vai 'ta mais facilitado e o verde vai ser o momento de sucesso e a flor é o prêmio que ela vai ter da vida.

Fotografia 72 - Representação do futuro da filha, pela participante Nina



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Pessoal] isso aqui representa um diploma, uma formação. Que eu tenho vontade de fazer mestrado. Fazer o mestrado, fazer o doutorado também, ir 'pro meu apartamento, futuramente conseguir uma casa também, viajar. Viajar, ter mais formações, passar n'um concurso público, me realizar profissionalmente [...].

Estruturas de apoio

Aqui representa as palavras, eu coloquei em palavras: Fortaleza, esperança, fé, força, porto seguro.

Fotografia 73 - Representação das estruturas de apoio, pela participante Nina



Fonte: Acervo pessoal.

Mensagem aos outros

Pode ser em cima, né? Porque eu só acho que, assim, a gente tem que jogar as pessoa' 'pra cima, então eu quero elas assim: superem além do que eu superei. [Vou colocar de] rosa. Sou fã de rosa.

4.1.2.9 História da Úrsula: “Se você fala não para o seu filho no espaço público, a primeira coisa que vem é que você não tem dinheiro pra pagar”

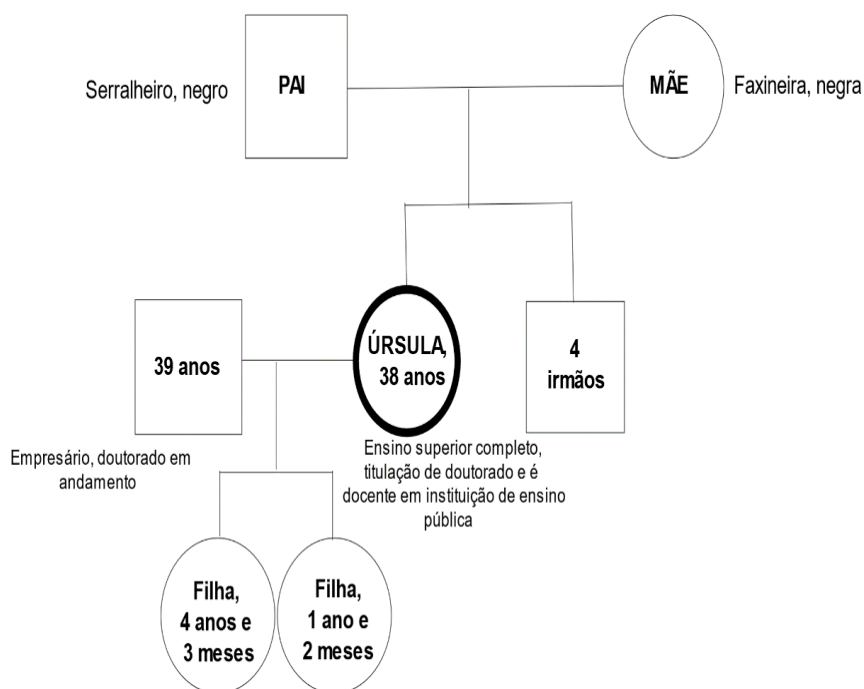
Introdução

Úrsula soube da pesquisa porque estava participando do grupo de *WhatsApp*® Abayomi – Apoio a maternidade. Ela nasceu em 1980 e no momento da pesquisa estava com 38 anos.

É natural de São Paulo - SP, cristã, heterossexual e tem companheiro. Ela tem ensino superior completo e titulação de doutorado. Todo o seu processo de escolarização ocorreu em escola pública. Atualmente, é docente em instituição de ensino pública e a faixa de renda mensal é de dez salários-mínimos.

Úrsula reside em casa alugada. Na residência, moram quatro pessoas – ela, o companheiro e as duas filhas pequenas. Possuem dois automóveis. O companheiro de Úrsula é empresário, possui doutorado em andamento e a renda mensal dele é em torno de cinco salários-mínimos. (Figura 24).

Figura 24 - Árvore genealógica da participante Úrsula



Fonte: Elaboração da Autora.

Úrsula se autodeclara como de cor/raça preta e relatou já ter experienciado situações de rejeição devido suas características físicas – cabelo e cor de pele. Ela relatou já ter utilizado do sistema de cotas para ingresso em serviço público.

O testemunho, o mapa corporal e a legenda

Fotografia 74 - Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Úrsula, segundo encontro, 2019



Fonte: Acervo da pesquisa.

Testemunho

Eu, né, sou uma mulher que conseguiu, né, apesar das marcas aí, né?! Então têm marcas que eu coloco na minha pele toda, né?! No seio, na barriga, no meu órgão sexual aqui que são marcas dessas vivências, desses sofrimentos, né, mas eu me vejo como uma mulher, uma mãe negra que mesmo, né, com todas essas questões que foram sendo colocadas e que eu tentei representar aqui no mapa, né, que continua tendo flores, né, na mente... Então eu desenhei flores ali, né, no cabelo, né, nesse sentido de pensar que eu continuo sonhando, continuo pensando diferente e aí eu penso que espalhar essas flores, aí eu coloquei na mão no sentido de espalhar essa coisa boa, essa positividade, tenho, me sinto sustentada, né, por algumas redes, que é isso que me dá força... Tenho um companheiro, né, representado aqui nessa sombra verde, que tá comigo de forma integral, né. Eu tenho as minhas duas filhas, né, que me dá ideia de continuidade, né?! Elas são o que eu quero ser no mundo, o que eu quero deixar no mundo. A questão da maternidade aqui representada nesse útero, que eu acho que isso faz, dá um destaque aí pra minha vida... Fiz questão de representar o cabelo, né, o cabelo é parte da minha construção de vida, né?! Hoje ele tem dreads e se

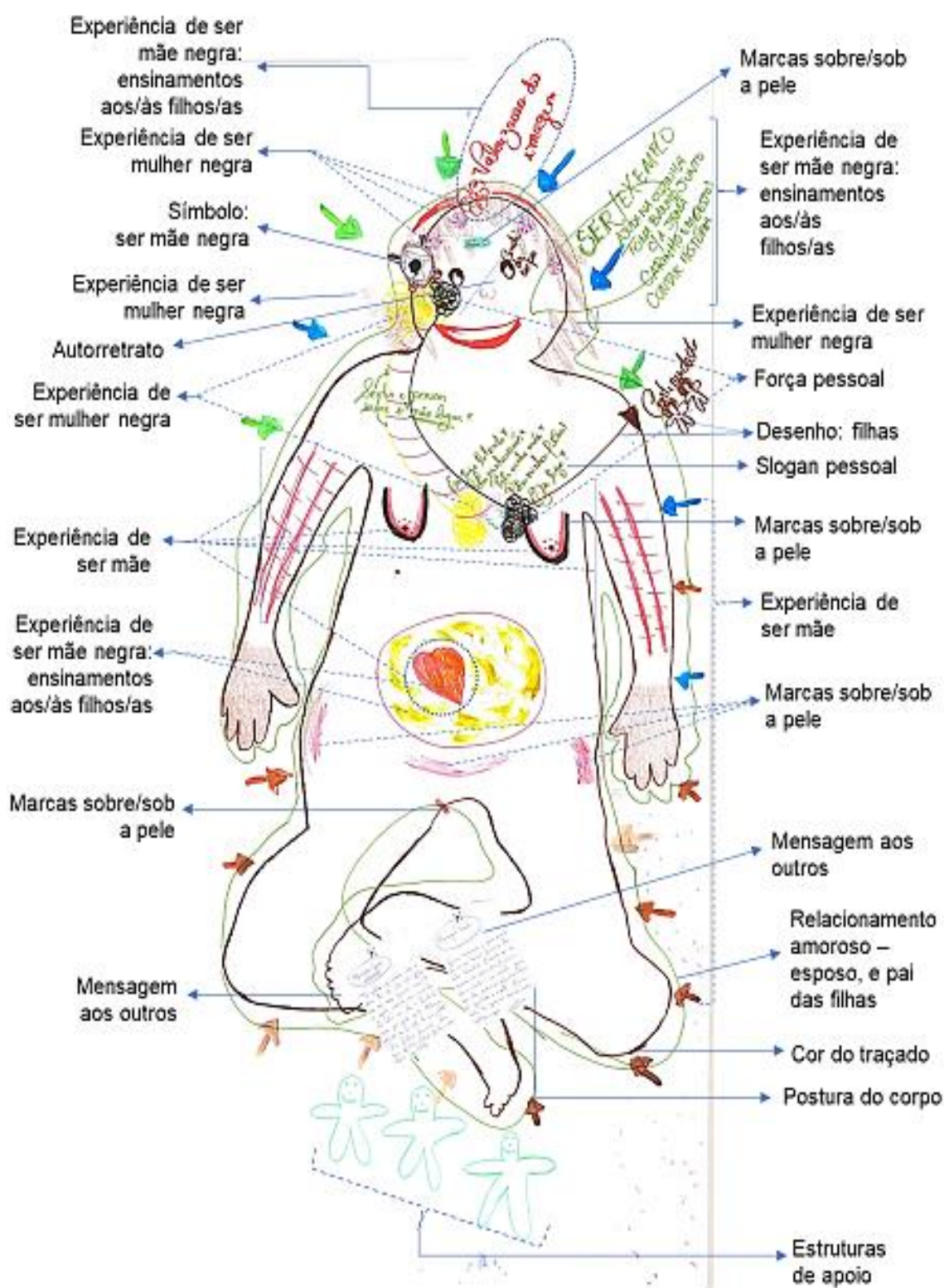
Deus quiser vai ser sempre assim, eu acho que eu me encontrei nos dreads... E aí eu acho que eu resumo muito, né, nesse meu mapa, nisso que eu escrevi aqui no meu coração aqui, eu sigo lutando, né, pelas minhas avós, pela minha mãe, pelas minhas filhas, eu sigo.

Mapa corporal e legenda

O mapa corporal da participante Úrsula (Figura 25) é apresentado a seguir:

Eu acho que é uma... uma mulher hoje, viu Sofia, que não tem medo, sabe?! De ser, de ser quem eu sou, eu não tenho, né, nenhum problema hoje, né, de ser quem eu sou, pensar as coisas que eu penso, fazer as coisas que eu faço, sabe?! Eu fico sempre muito preocupada de falar palavras, né, sem significá-las, mas eu acho que hoje eu sou uma mulher forte, sabe?! Uma mulher que já, que não tem ilusões em relação à vida, em relação às relações sociais, em relação ao contexto das coisas. Mas o fato de não ter ilusões não significa que eu não sonhe, não significa que eu não tenha anseios, desejos, romantismos, sabe?! Eu sou uma pessoa extremamente romântica, adoro escrever poesia, né, adoro cuidar, sabe, das pessoas que eu... que eu amo, cuidar das pessoas que eu gosto, fazer comida, fazer comida é uma das coisas que eu me reconheço bastante, fazer comida para o meu... meu marido, fazer comida para as minhas filhas, comer junto com eles quando ele faz, né, falar de amor, falar de vida. (Participante Úrsula, sobre a mulher em quem se tornou).

Figura 25 - Mapa corporal narrado da participante Úrsula, confeccionado em Uberaba-MG, 2019



Fonte: Mapa corporal elaborado por Úrsula.

Legenda

Postura do corpo

Eu gosto assim. Eu gosto dessa... dessa posição, Sofia, porque ela não é nem uma posição deitada, né, que dá uma impressão de paciente, de quem 'tá alheio ao processo, de quem 'tá precisando de cuidados, de quem 'tá passivo. Acho que quando eu vejo a questão do deitado, né?! A posição deitada me lembra um pouco essa passividade, só que também não 'tá em pé, né?! Porque a gente precisa ter espaços pra sentar, pra respirar, e que às vezes na correria, né, a gente acaba perdendo algumas coisas que são essenciais para nossa condição de vida mesmo. Quando o Marx⁴⁷ fala, ..., quando fala desses movimentos de suspensão do cotidiano, né, é quando a gente meio que sai desse cotidiano e olha pra nós, pra nossa... para o nosso situar-se, o nosso posicionar-se no mundo e consegue fazer isso com consciência, refletindo, pensando sobre... E aí eu gosto dessa posição porque é uma posição que não é uma posição de passividade, mas ao mesmo tempo não é uma posição de uma corrida alienada, de uma corrida, tipo, eu acho que aquele dia quando você disse uma... uma posição que representava a maternidade, como eu me sinto enquanto... Eu acho que pra ser mãe, né, isso é essencial, de você estar a postos porque quando eu estou sentada, eu estou a postos, eu 'tô, mas ao mesmo tempo, e eu concordo que é dialético, né?! Ao mesmo tempo em que eu estou a postos, eu estou à disposição pra ouvir, pra entender, inclusive pra pensar na minha vida mesmo, sabe?! Eu gosto dessa posição por causa disso.

Cor do traçado

(...) ... é muito tranquila a questão da fala. De me colocar como uma mulher negra, da cor, eu coloco a cor preta, me considero parda e tal, mas na hora da representação de imagem, de desenho, eu fico sempre pensando que como nós, né, na questão muito de cor no Brasil, eu não sei se é justo, não é questão de ser justo, eu não me vejo, sabe?! Naquele tom retinto, do preto... E isso não no sentido de ser... como se fosse uma tentativa de me branquear. Você tá entendendo? Eu sou tão sou tão negra quanto alguém que é retinto, só que eu não me sinto à vontade de me representar retinta, porque eu não sou, entendeu? Eu fico às vezes nessa dúvida quando eu tenho que me desenhar. Eu falo pinto de preto, lápis preto pela questão dá importância da representação. Mas eu acho que a representação tem que dar conta, eu tenho que ser vista e respeitada como uma mulher negra, independente do tom exato de pele. Entende?

Autorretrato

Eu vou colocar uma boquinha bem grande aqui (*risadas*). Que a gente chama de boca nervosa (*risadas*). Eu como bastante. Fiz uma boca bem grande aqui 'tá?! Eu tenho olhos mais saltados você viu, né?! O meu olho, a pálpebra, ela sempre foi mais curta. Então às vezes eu durmo e fico com o olho meio aberto. Essa marca do saltado eu gosto, sabia?! Eu acho que é uma coisa que me identifica. E as pessoas, às vezes, 'nossa você tem olhos vivos, tem olhos fortes', e eu vou dar ênfase, né, nos olhos porque com os olhos que a gente enxerga o mundo, né?! Eu gosto da passagem bíblica quando o Cristo fala 'se os seus olhos forem bons todo o teu corpo terá luz, se os seus olhos forem trevas, quão densas serão essas trevas'. Eu sou evangélica. Eu acho isso, né, eu vou colocar os olhos como candeia do corpo, que é uma expressão também bíblica, né?!

[Candéia significa] o que ilumina, o que ilumina o caminho. Que significa o que mostra pra você o caminho. A gente, né, apreende o mundo hoje muito através do que a gente olha, do

⁴⁷ A participante refere-se a Karl Marx, considerado um revolucionário socialista. Formou-se em filosofia, sociologia, história, economia e jornalismo.

que a gente vê, né?! E não no sentido só físico, né, no sentido também simbólico de pensar o que nós estamos vendo, o que nós estamos ansiando, o que que a gente 'tá esperando, o que que a gente 'tá buscando.

Fotografia 75 - Representação do autorretrato, pela participante Úrsula



Fonte: Acervo da pesquisa.

Experiência de ser mulher negra

[Cabelos] E aí tem uma lógica na minha mente, da questão do ser negra e que era a questão do cabelo, mas como um cabelo feio, sabe?! Bagunçado, como sendo um cabelo duro que você não podia, ninguém podia chegar perto, das pessoas rirem, sabe?! E aí, né, quando eu penso nos símbolos da negritude na minha infância, eles têm a ver com o cabelo ruim, eles têm a ver com o cabelo, eu vou escrever a palavra porque é muito forte pra mim essa coisa do cabelo ruim, sabe?! Tipo, é parte da minha infância, parte da minha adolescência. Então eu acho que hoje, né, conseguir ter dread e dizer eu gosto assim, eu me sinto feliz assim, é um processo de superação mesmo. Então eu acho que é um dos símbolos que vem pra mim da negritude, né?!

[Flores] eu sou uma... uma mulher que tem flores, sabe?! Flores no coração, flores na mente. E aí não...não iludido, sabe?! Não é aquela questão de 'ah, é tudo muito lindo e maravilhoso', não, não é, eu sei que as flores têm espinhos, né?! Eles estão aqui e estão aqui todos os dias, sabe?!

Fotografia 76 - Representação da experiência de ser mulher Negra, pela participante Úrsula, flores



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Cor amarelo] eu queria usar as canetas. Eu vou [usar] o amarelo e vou colocar elas aqui, aqui perto do coração. [Algo como são as] caraminholas no pensamento, no sentimento, né?! Um sentir meio confuso e que eu vou relacionar isso, né, também com o pensamento, sabe?! As caraminholas, os desafios aqui, porque é mais, o mais próximo do sem cor, do branco, do...eu queria, na verdade que fosse branco porque essas caraminholas são frutos dessa construção de sociedade branca que a gente tem.

Fotografia 77 - Representação da experiência de ser mulher negra, pela participante Úrsula, cor amarelo



Fonte: Acervo da pesquisa.

Slogan pessoal

Eu sigo lutando pelas minhas avós, pela minha mãe e pelas minhas filhas, eu sigo! O slogan, eu pensei aqui, agora, e acho que vou pôr ele aqui no coração. O slogan eu vou colocar aqui perto do coração, Sofia. Porque eu acho que ele é... é muito mais sentir do que pensar, sabe nada 'tá pronto, não 'tá acabado, né?! E aí eu acho que filho, filho é uma questão tão louca que te aponta para o eterno, te aponta pra você ser imortal. E aí pensando na nossa cultura, né, com ascendência africana, o quanto a história é importante, o quanto eu 'tô aqui porque você 'tá, porque outros, pelos vieram antes, por aqueles que virão depois... Aí eu fiquei pensando é pelas minhas filhas? É, mas não é só por elas. É pela minha mãe. E aí na minha mãe 'tá todas as mulheres negras que trabalham com faxina, que tão lá no cotidiano tentando fazer isso sem perceber que estão fazendo, sem falar sobre isso, mas 'tá lá resistindo... Eu falei 'tá, mas é também por aquelas que já se foram', sabe?! Que não vão conseguir mais falar e aí eu penso, por exemplo, nas minhas duas avós, né?! E essa frase, né?! Quando eu penso na ancestralidade, quando eu penso na continuidade, ela é muito mais do coração, não tem uma explicação racional, palpável, até porque elas já foram, as minhas avós já foram. A minha mãe hoje 'tá muito tranquila, né, os filhos se casaram, ela já não trabalha mais, não precisa mais, 'tá tranquila, né?!

Relacionamento amoroso: esposo, e pai das filhas

Nossa! Eu teria que fazer um desenho externo aqui, tipo ele é a minha sombra, mas não é uma sombra no sentido de quem está à margem, sabe?! Mas algo que me protege, que tá junto comigo? Então essa maternidade, ela só é assim porque existe esse pai. Sabe?! E o verde é porque ele é ambientalista 'tá?

Fotografia 78 - Representação do relacionamento amoroso: esposo e pai das filhas



Fonte: Acervo da pesquisa.

Símbolo: ser mãe negra

[...] Eu idealizei quando eu fazia o doutorado que eu pesquisava as mulheres negras na educação. E aí eu criei esse símbolo. E aí meio que eu adotei ele e em todos os espaços que eu falo dessa temática, eu trago ele. Eu criei ele no sentido de que as mulheres negras, elas encontram na educação, né, tanto a defesa em relação às situações de racismo, desigualdade, ao mesmo tempo em que encontram também na educação, e as lanças são penas, a forma de ataque também... eu falei 'é esse o símbolo', porque ele traz a minha vida de mulher negra, de pesquisadora, de estudante que não é desassociada da minha condição de mãe. E o que eu mais quero garantir pra as minhas filhas é que elas tenham acesso. Acesso à educação, acesso à cultura, acesso.

Fotografia 79 - Representação do símbolo ser mãe negra, pela participante Úrsula



Fonte: Acervo da pesquisa.

Desenho: filhas

Nossa, eu, como eu diria, elas são uma continuidade, né?! Elas são o que eu...o que eu trabalho pra ser, né?! É um desafio? É um desafio porque elas vão ser elas, com as suas escolhas. Mas eu queria que elas, né, trouxessem um pouco de mim, né. Elas são o prosseguimento aí da minha vida, elas são... são a esperança de dias melhores, são também o meu medo de dias piores.

Fotografia 80 - Representação das filhas, pela participante Úrsula



Fonte: Acervo da pesquisa.

Experiência de ser mãe

Gerar uma nova vida, ela transpõe... Você... você se sente, né, responsável por alguém que não é você, né?! esse alguém que não sou eu, é a humanidade, sabe?! É o humano. E aí isso é muito forte, assim, pra mim, sabe?! Eu vejo nas minhas filhas, eu me conecto com o que há de lindo no mundo, sabe?! O que há de lindo, mas ao mesmo tempo o que há de medo, de insegurança, o que há de ansiedade... Depois eu represento ela também com a questão do seio, sabe? Eu sofri muita violência obstétrica quando ela nasceu. E aí claro, né, a gente não deixa de ser, não deixa de ser mulher, quatro anos amamentando seguido, o seio 'tá caído aqui, isso é uma coisa que me incomoda, né, um pouco, mas eu acho que isso representa um pouco, né?! E aí um terceiro, um terceiro, assim, que eu penso nessa questão da maternidade e eu vou colocar aqui nos braços, é no sentido de veias abertas mesmo, sabe?! Plagiando um pouco o Eduardo Galeano quando ele fala das veias abertas da América Latina (risadas). As veias abertas maternas, sabe?! De ser algo que, você não é mãe lá na sua casa e você vai pra universidade e deixa de ser mãe. Você não é mãe lá na sua casa arrumando as coisas pra levar elas para escola e vem pra cá e deixa de ser mãe. É uma marca que 'tá com você o tempo todo. Que você 'tá sentindo isso a flor da pele o tempo todo, de você não ter descanso. As pessoas falam assim 'ah, mas você precisa encontrar espaços pra você'. Eu falo que a A.L. 'tá na escolinha a tarde contribui para isso, eu às vezes saio e falo 'vou tomar um açaí, vou sentar e vou comer um açaí', aí eu tomo o açaí, aí os 20 primeiros minutos eu 'tô relaxada, eu 'tô...aí passou esses 20 primeiros minutos eu começo a pensar né, eu preciso arrumar a roupa da N.F., eu preciso ver o vestido da A.L. E quando não tem nada para fazer, eu começo a pensar 'nossa, o que será que a A.L. vai querer ser, será que ela vai querer ser das exatas', porque eu queria ter uma filha das exatas, tipo eu vou desenhar isso nos braços, eu acho que

é mais, coloca pra gente uma situação de estar muito vulnerável, sabe Sofia?! E eu gosto, vou repetir a frase que fala que a gente tem as feridas de ser mãe nunca cicatrizam, né?!

Fotografia 81 - Representação da experiência de ser mãe, pela participante Úrsula



Fonte: Acervo da pesquisa.

Experiência de ser mãe negra: ensinamentos aos/às filhos/às

Eu vou colocar balãozinho aqui 'tá?! Balãozinho no sentido da minha fala aqui. Eu trabalho muito com as meninas né, a questão do ser, sabe?! Então tipo, eu acho que através desse exemplo, né?! Eu vou colocar aqui o ser e exemplo, elas vão aprendendo.

Fotografia 82 - Representação da experiência de ser mãe negra: ensinamentos aos/às filhos/às



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Cor amarelo no coração e no ventre] eu acho que eu vou tentar dizer para as minhas filhas a importância, dar uma ênfase pra elas, no sentir, sabe?! De tentar sentir o nosso e sentir o do outro, né, por isso que eu coloco nesse meu segundo coração aqui e não no meu aqui, mas no coração delas, né?!

Marcas sob/sobre a pele

[Testa] e aí, né, em relação a coisas positivas que eu trago, que eu acho que são bem legais assim, eu tenho uma marca na testa, você consegue ver? Eu falo que essa marca na testa, é um símbolo de mudança de vida do meu pai. E eu carrego isso com muito orgulho. O meu pai tinha problema com alcoolismo, quando ele casou com a minha mãe não, né, mas nos primeiros anos de casamento e depois do nascimento do meu irmão, o meu pai se tornou alcoólatra, a minha mãe sofria muito com isso, eu não tenho lembranças, mas ela conta, da gente passar dificuldade e tal. E aí um dia o meu pai chegou em casa, né, muito bêbado, muito bêbado e aí falou, eu tinha 4 anos, ele falou 'eu vou dançar com a minha filha', e a minha mãe falou 'não, não vai dançar com ela', 'não, eu vou dançar sim, eu quero dançar com ela' e aí ele começou a me rodar, nisso ele começou a me rodar, eu desequilibrei e caí, bati a testa na escada, a minha mãe disse que abriu, imagino o tamanho que foi porque eu tenho 39 anos e segue aqui, minha mãe disse que abriu, a minha testa abriu um rasgo assim e aí saiu muito sangue, muito sangue, muito sangue, e aí o meu pai, né, me pegou no colo e a minha mãe disse que nunca viu alguém sarar, né, do alcoolismo tão... E ela falou que o meu pai dobrou os joelhos e falou 'se for pra alguém perder a vida que seja a minha, a da minha filha não', e

nunca mais bebeu, nunca mais assim, né. A gente, eu ainda bebo... mas os meus irmãos nenhum deles bebe, né, fazem festa em casa não tem cerveja, por causa da igreja, só que hoje, por exemplo, a igreja 'tá tão que as pessoas não ligam mais para isso, né, mas mais por causa do meu pai mesmo, ele nunca mais bebeu. Então é uma marca que eu gosto de carregar porque eu acho que é fruto de um amadurecimento dele, e de uma relação de amor mesmo, sabe?!

Fotografia 83 - Representação das marcas sob/sobre a pele, pela participante Úrsula



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Episotomia] eu vou começar com a questão da episotomia, 'tá?! É algo que me marcou muito. Eu tive dificuldades - tem outro pincel? - eu tive dificuldades, por exemplo, de retomar a vida sexual, sabe?! Porque foi muito, foram seis pontos que eu levei, os sete primeiros dias eu não conseguia sentar de tanto que doía, de tanto que foi forte assim, sabe?! E que depois, né, pra conseguir retomar a vida sexual, pra conseguir retomar a... o prazer, né, isso foi bem difícil, assim.

Fotografia 84 - Representação das marcas sob/sobre a pele, pela participante Úrsula



Fonte: Acervo da pesquisa.

[Amamentação] eu vou colocar também... eu vou usar a mesma coisa das marcas, 'tá? Das marcas, que são marcas nesse momento, marcas um pouco mais negativas. Eu vou depois fazer outras coisas, mas eu vou usar a mesma tinta. Acho que o seio, ele traz pra mim, essas marcas também, né, por duas razões, né: uma, a questão da dor da amamentação mesmo, então, por exemplo, se esse mapa fosse em outro momento talvez eu não desse essa importância, né?! Mas nesse momento 'tá muito presente isso, a A. L. 'tá começando a sair os dentes, então o tempo todo eu 'tô com seio machucado porque ela morde, né, e dói, mas por outro lado também, né, é uma marca estética mesmo, né?! Eu, hoje, se você me perguntar o que que você mudaria no seu corpo, se eu tivesse coragem, eu faria uma cirurgia de levantar, né, mas eu não tenho coragem de procedimento cirúrgico, né?! Me incomoda um pouco, por exemplo, eu fico, às vezes, constrangida, né?! De ir na praia, porque você tem que ficar levantando muito, sabe?! Então eu acho que essas marcas são tanto essa coisa física, que às vezes dói por causa, né, do dente, mas também essa coisa estética de que, né, eu não sei se está muito bem.

Fotografia 85 - Representação das marcas sob/sobre a pele, pela participante Úrsula



Fonte: Acervo da pesquisa.

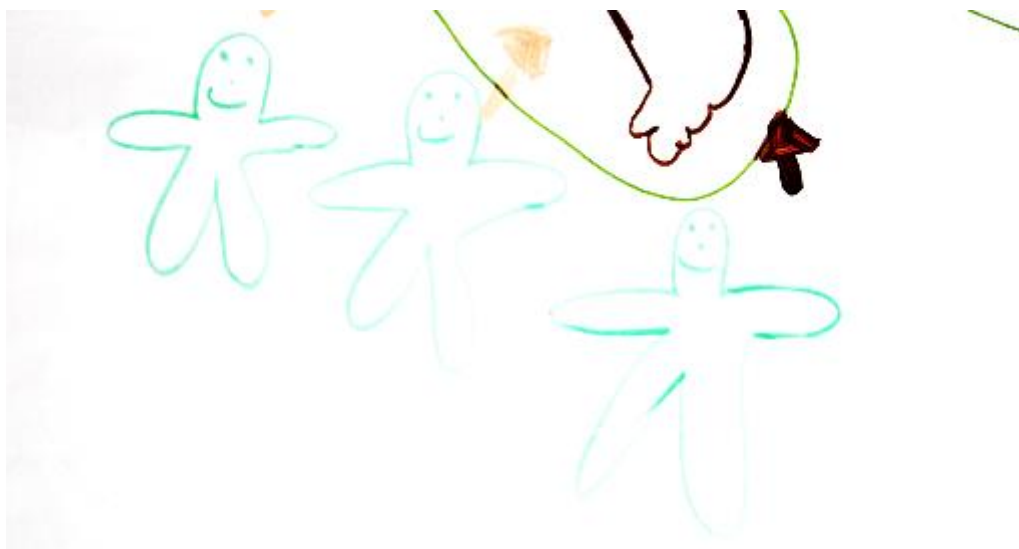
Força pessoal

Eu vou fazer, né, o caminho inverso aqui, sabe?! Porque elas... é paradoxal, né, elas são complementares. Então junto com esses desafios do sentir, do pensar, vem ao mesmo tempo, né, a força, a coragem... Vem a força e a coragem para fazer, né, esses... Esses enfrentamentos para vencer, né, essas adversidades. Então eu acho que é o tempo todo, é contraditório e é complementar. Vêm os desafios e você vai se fortalecendo e você vai... Então se isso atinge, né, o meu sentir e o meu pensar, é do meu sentir e do meu pensar que eu encontro forças pra fazer esse enfrentamento. Então também partem do coração e do pensamento. (Fotografia 77).

Estruturas de apoio

Acho que vou colocá-los aqui, sustentando aqui os meus pés, sabe?! O Abayomi, o Pico e o Temas. Me sustentando aí, tão me segurando.

Fotografia 86 - Representação das estruturas de apoio, pela participante Úrsula



Fonte: Acervo da pesquisa.

Mensagem aos outros

Vou colar nos pés aqui ó? Porque são mensagens que vão andar. No sentido de que eu quero que elas caminhem, sabe?!

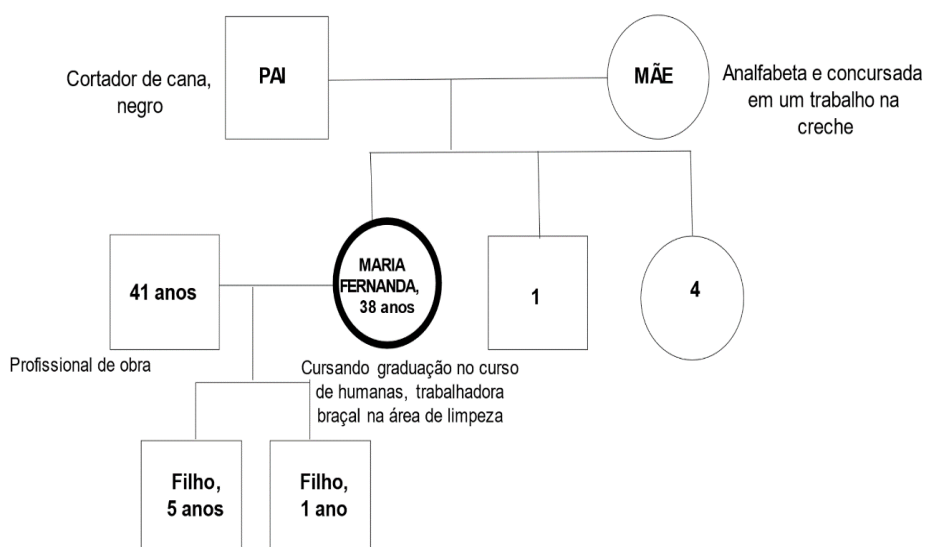
4.1.2.10 História da Maria Fernanda: “Às vezes eu posso estar errada, eu prefiro pensar que não tem tanto, né, preconceito”

Introdução

Maria Fernanda soube da pesquisa por indicação da diretora do CEMEI. Ela nasceu em 1987, no momento da pesquisa estava com 32 anos. Maria Fernanda nasceu numa pequena cidade de MG, é espírita kardecista, heterossexual e possui companheiro. Tem ensino médio completo e está cursando o ensino superior, graduando-se na área de humanas. Sempre estudou em escola pública. É trabalhadora braçal na área de limpeza, recebe um salário-mínimo. Informou que a renda é complementada com a venda de doces e realização de trabalhos acadêmicos.

Maria Fernanda reside em casa financiada e possui carro. Na residência mora com o companheiro e os dois filhos pequenos (Figura 26).

Figura 26 - Árvore genealógica da participante Maria Fernanda



Fonte: Elaboração da Autora.

Maria Fernanda se declara como de cor/raça preta. Embora ela tenha assinalado no formulário já ter experienciado rejeições por suas características físicas,

ela não explicitou em quais contextos. Informou não ter utilizado nenhum sistema de cotas ou de programas do governo federal.

O testemunho, o mapa corporal e a legenda

Fotografia 87 – Registro da sessão de mapeamento corporal da participante Maria Fernanda, terceiro encontro, 2020



Fonte: Acervo da pesquisa.

Testemunho

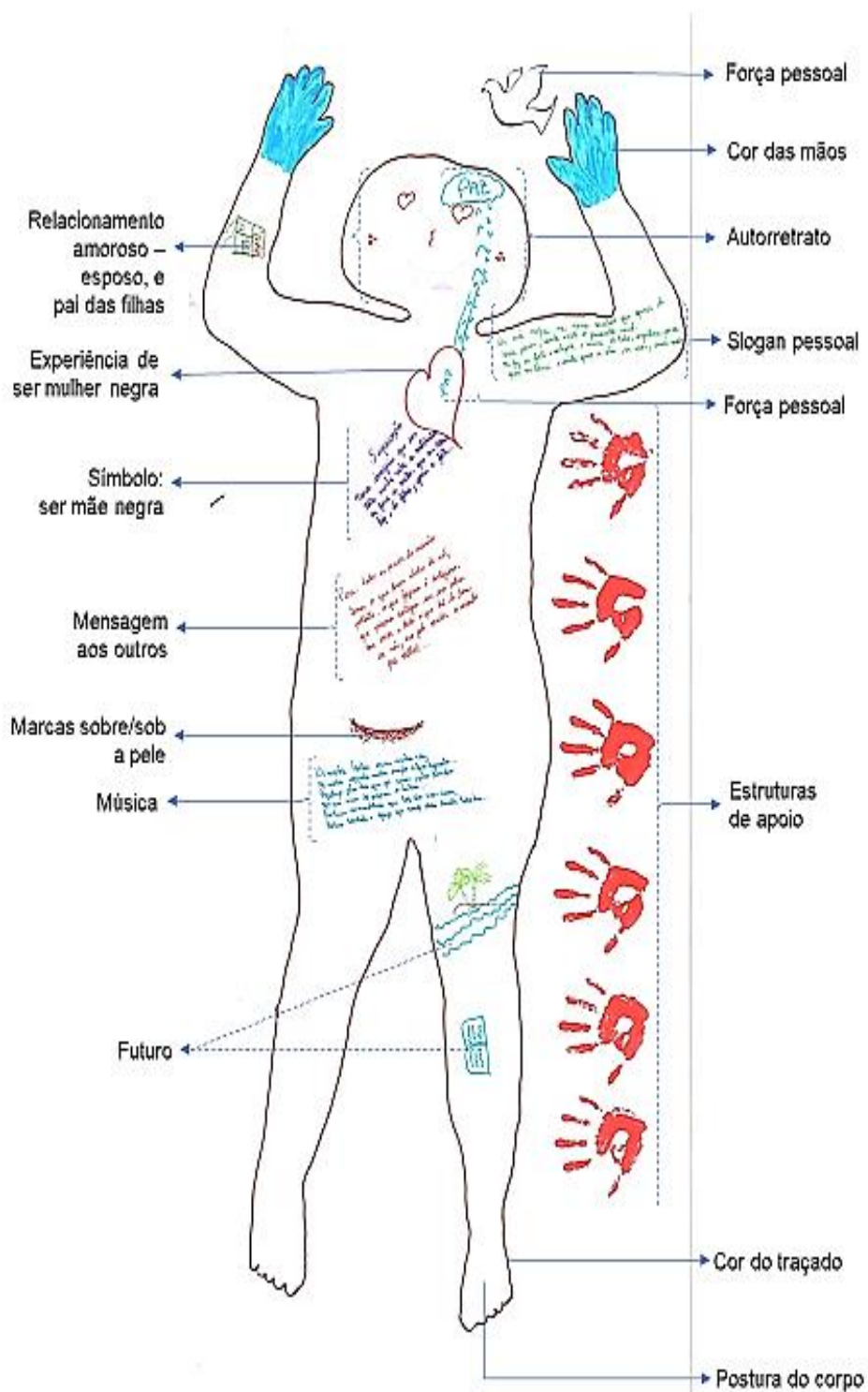
Eu escolhi o desenho marrom por ser negra, né, desenho marrom, negro. Depois foi o coração que foi pra representar o amor. Depois foi as mãos, o azul pra representar a paz, os braços foram pra mostrar força. A casinha com o meu marido lá foi porque ele fortalece a gente, ele é a base, né?! Depois foi a minha marquinha do amor, das minhas duas cesáreas... Depois foram os olhos também representando o amor que eu fiz em forma de coração. A gente tem que ser forte pra enfrentar a sociedade porque querendo ou não ainda tem preconceito, tem, não tem como, né?! Então eu tenho que ser, eu me acho forte, principalmente pra criar os meninos, né, porque eles já têm que crescer com essa consciência, né?! Do que eles são, são pessoas maravilhosas e a cor é a cor deles é a raça e pronto. Depois o caderno aqui que é pra onde eu estou indo, né, educar os pequeninos para que sejam grandes homens e mulheres do bem. E a praia que é uma calmaria, que futuramente, eu vou ter esse tempo com a minha família pra fazer essas coisas, ter situações, ter uma boa situação pra fazer essas coisas, né?! Então tem a paz no coração e na mente, coração bom, mente boa, vice-versa.

Mapa corporal e legenda

O mapa corporal da participante Maria Fernanda (Figura 27) é apresentado a seguir:

Quem sou eu? (risadas). Eu acho que eu me tornei uma pessoa forte, determinada. Apesar das dificuldades que a gente passa, eu me acho feliz, sabe?! Mas uma palavra que me define mesmo é guerreira, sabe?! Eu me vejo uma pessoa que luta, eu luto muito pelas coisas, para dar o melhor pros meus filhos, sabe?! Para dar o melhor pra mim.
(Participante Maria Fernanda, sobre a pessoa em que se tornou).

Figura 27 - Mapa corporal narrado da participante Maria Fernanda, confeccionado em Uberaba, MG, 2020



Fonte: Elaboração da Autora.

Legenda

Postura do corpo

Posição? Você fala do corpo? Eu acho que eu sou forte e eu não costumo ficar muito de cabeça baixa não, sabe?! Eu não sei qual é essa posição que a gente faz. Com a cabeça para cima? Os braços, né?! Para cima. Pode ser? Então as mãos eu pus assim porque eu me acho uma pessoa forte, determinada, sabe?! É uma luta diária.

Cor do traçado

A cor eu acho que é porque é a minha cor, né, negra, então eu quis colocar o marrom para mostrar o negro, né?! Poderia ter sido o preto, mas é um negro porque a pessoa tem muito de falar é preto, negro. Eu tenho por mim, assim, preto é a cor da sua casa, negro é a raça, é a minha raça. Né?! Mas tem muita gente que usa preto, não, você é preta. Então tá tudo bem. Mas eu falo negro, né?!

Cor das mãos

Então eu coloquei o azul, podia ter sido branco é porque a paz, né?! Que eu acredito... eu ainda acredito num mundo melhor, sabe?! Nas pessoas. Apesar que hoje está tão complicado, né?! Então eu penso que, acho que o azul foi para representar o céu que eu acho que um dia, acho que pode ser tudo, as pessoas se tratarem mais com igualdade, sabe?! Eu acredito que isso pode acontecer. Acontece às vezes, né?! Mas poderia ser mais.

Fotografia 88 - Representação da cor das mãos, pela participante Maria Fernanda



Fonte: Acervo da pesquisa.

Autorretrato

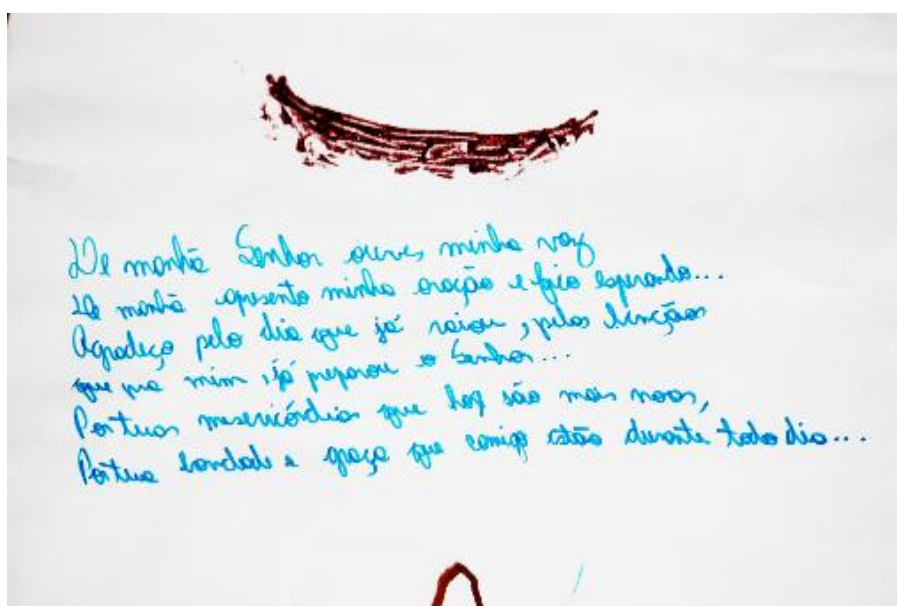
Quem sou eu. Eu vou por um sorriso porque eu sou feliz. Eu vou fazer uma boca vermelha, né! Vou fazer uma boca diferente aqui ó, rosa. Até porque a minha boca é negra e pode ser rosa. Aí eu sou amor, eu sou o amor puro (risadas). Eu vou até fazer o meu olho de coração.

Ah, Sofia! Eu acho que é isso. É o mais amor (risadas)... eu queria colocar muitos corações de amor, amor, amor.

Música

Tem um [hino] que é muito bonito que eu gosto de ouvir todas as manhãs, eu vou colocar um trechinho. Que todos os dias eu agradeço a Deus a minha forma de ser, né?! Eu sou uma pessoa que não tenho aquela reza decorada todos os dias, eu não, só converso com Deus, a gente conversa e dá certo. Porque a gente tem que ter esse coração de gratidão com Deus. Eu não sei como vai ser o meu dia, mas independente de qualquer coisa eu agradeço pelas bênçãos que Deus vai me preparar, pelas dificuldades que ele vai colocar, mas eu agradeço. É esse o significado.

Fotografia 89 - Representação da música do momento da vida, pela participante Maria Fernanda



Fonte: Acervo da pesquisa.

Experiência de ser mulher negra

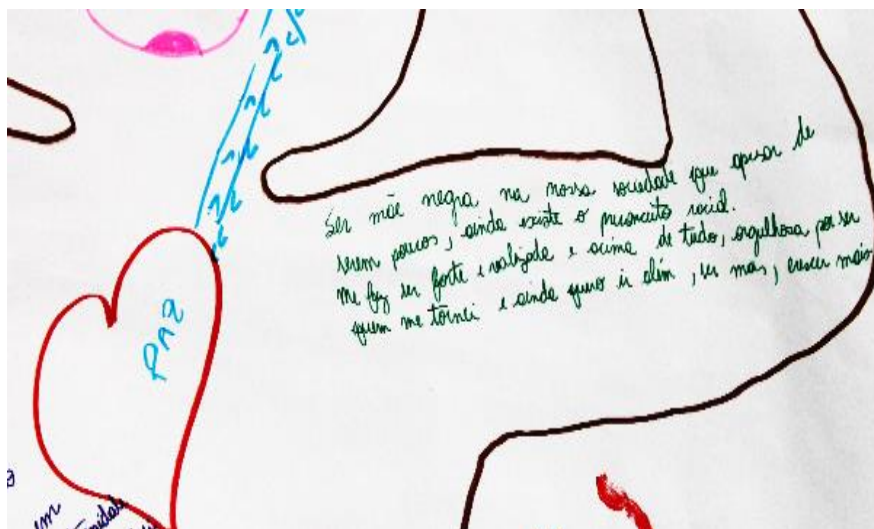
[Coração] ah porque eu acho que tudo vai do coração. Se você vai fazer, tudo que você vai fazer eu acho que você tem que pôr sentimento, tem que por amor no que você tá fazendo, né?! Eu acho que a partir daí que vai, sabe?! Interligando as coisas. Se você tem a cabeça boa, a mente boa, eu acho que parte do coração.

Slogan pessoal

E o slogan do que é ser uma mãe negra, eu pus no braço. [...] ser mãe negra na nossa sociedade que apesar de serem poucos ainda existe preconceito racial, eu não me sinto me fez ser forte e realizada acima de tudo, orgulhosa por ser quem eu me tornei e eu ainda quero ir, e ainda quero ir além, ser mais ainda.

Não que a gente tem que bater de frente com a sociedade, mas a gente tem que ser forte, ser forte, aí por isso que eu coloquei aí.

Fotografia 90 - Representação do slogan pessoal da participante Maria Fernanda

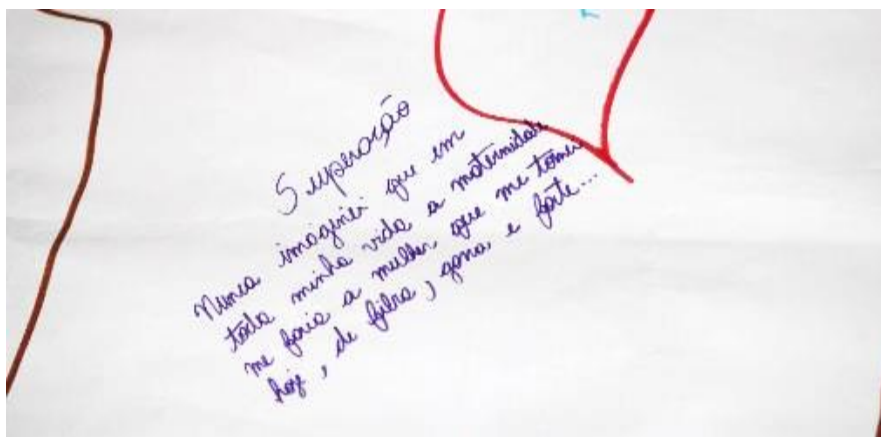


Fonte: Acervo da pesquisa.

Símbolo: ser mãe negra

Eu coloquei superação. Mas nessa superação eu coloquei algumas palavrinhas. Eu nunca imaginei que em toda minha vida a maternidade me faria à mulher que eu me tornei hoje, de fibra, garra e forte...

Fotografia 91 - Representação do símbolo: ser mãe negra, pela participante Maria Fernanda

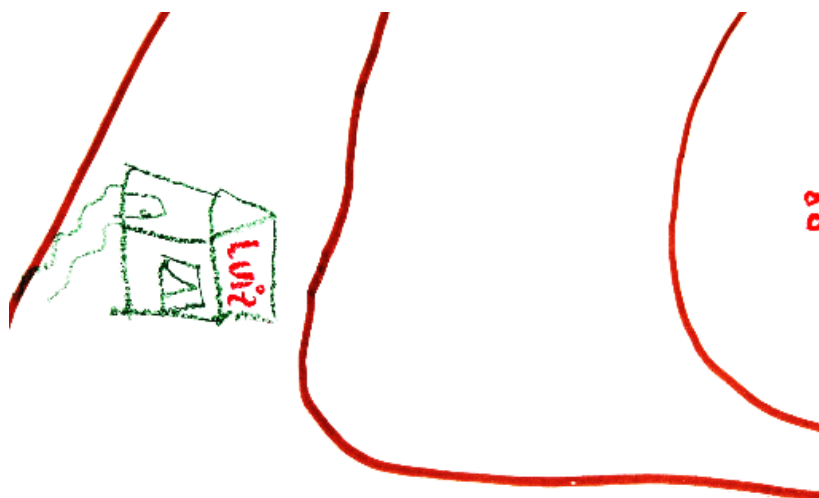


Fonte: Acervo da pesquisa.

Relacionamento amoroso – esposo, e pai dos filhos

Eu vou por tipo, uma casa, para demonstrar que é o alicerce. Eu não sei desenhar muito bem uma casa, mas eu quero mais ou menos demonstrar assim... Porque tudo que a gente tem a gente construiu junto, sabe?!

Fotografia 92 - Representação do relacionamento amoroso – esposo e pai dos filhos



Fonte: Acervo da pesquisa.

Marcas sob/sobre a pele

[Cesárea] eu tenho a da cesárea, né?! A marca da minha cesárea é uma marca, é a marca, né?! Dos meus dois bebês, né?! Foram todos cesáreas... Essa é a minha marquinha da minha vida. Mas essa é a minha marquinha de amor. É onde eu nasci de novo, né?! Porque quando os meus filhos nasceram, parece que você renasce de novo. Parece que, nossa, é uma coisa tão... Ai é uma coisa emocionante, nostálgica, é tudo, sabe?

Força pessoal

Ah na mente, né, tem que ter a mente, assim, a mente boa. Porque depende, eu não sei, eu acho que deve ter muitas pessoas revoltadas, que eu já vi muita pessoa assim, que acha que tudo resolve na base do grito, do escândalo, sabe? Eu acho que deve ter acontecido alguma situação comigo [de ter sido tratada de forma diferente/depreciativa por raça/cor]? Deve. Mas eu acho que eu vou ter muita calma para... igual que eu te contei da minha irmã lá do McDonald's lá, que ela fez um escândalo, eu acho que eu faria com muita educação, lógico... Porque eu acho que você explodir não vai adiantar. Eu acho que tudo se resolve na conversa, na educação. Eu acho que isso derruba muito mais a pessoa, acho que deixa a pessoa muito mais envergonhada do que você fazer um escândalo com ela. Entendeu? Seria com ética, eu acho que tudo é assim. Então eu acho que você tem que ter uma mente bem sintonizada para lidar com essas coisas. Você tem que estar com o coração belezinha pra você... você tem que estar com o coração em paz, certo. Mesmo na hora que eu quero matar meu marido, eu dou uma respirada e penso para depois falar e agir.

Futuro

[Livro, coqueiro e mar] eu vou desenhar um livro que é uma forma de representar o que eu estou prestes a ir. Porque eu acho que quando você dá o seu melhor na educação tanto dos seus filhos quanto pra outras crianças, eu acho que você tá indo pra um futuro bom, né?!... Eu vou desenhar uma calmaria, assim, uma pequena calmaria que seriam uns coqueiros com o mar, que eu vou para o mar, é o que eu quero ir lá para o mar, como se diz o meu filho pra ver os tubarões, bem de boa, sabe?! Sossegado, curtindo o momento.

Estruturas de apoio

Ah eu quero sujar a mão... Bom, a primeira pessoa que me apoia é meu pai e a minha irmã. Meu pai e a minha irmã são as duas pessoas na minha vida que deixam até de comer para me ajudar quando precisa. Sabe?! E eu vou representar eles numa mão só porque os dois são um só para mim, sabe?! Depois deles vem o meu esposo, que ele me apoia, me apoia muito. Ele me apoia... Como que eu te explico? Sentimentalmente. O meu pai e a minha irmã, eles me apoiam financeiramente, não sempre, lógico, né?!

Mensagem aos outros

Acho que tá no meio, bem no centro da gente, próximo ao coração, né?! Que a gente ingere... do mesmo jeito que a gente ingere os alimentos, água e tudo. Então que a gente possa ingerir coisas boas, né?!

4.2 PARTE II - O QUE É UM PROBLEMA COLETIVO? IMPACTOS DO RACISMO, NO COTIDIANO DE MULHERES MÃES NEGRAS

Este capítulo contempla a discussão do conjunto de dados gerados visual e narrativamente no processo de confecção dos mapas corporais da presente pesquisa. A discussão é construída subsidiada pelas reflexões e análises à luz do referencial teórico adotado, bem como das autoras e autores que dialogam com a questão norteadoras do estudo.

No processo de compreensão das marcas que o conjunto de narrativas teciam em mim e nas múltiplas possibilidades de percursos que os resultados expressavam, busquei delinear uma travessia que se apresentava possível para este momento. No entanto, é importante afirmar que a discussão apresentada neste texto não busca e não almeja ser esgotada aqui. Nesse sentido, admito que os pontos em tela foram escolhidos para facilitar a finalização do texto.

A discussão foi desenvolvida retomando-se a questão norteadora do estudo, “Como a experiência do racismo enfrentado pelas mulheres negras repercute nas suas ocupações maternas?”. E considerando os objetivos de descrever, identificar e entender o processo de modificação das experiências de vida das mulheres negras e, posteriormente, de sua maternagem. Enfatizando a(s) constituição(ões) de sua identidade racial negra e a forma como esse processo se estabelece na prática de criar, proteger e educar os seus filhos por meio de diálogos sobre a negritude e o racismo.

A escolha por este caminho buscou representar aspectos singulares, concomitantemente, particulares e universais apresentados pelas participantes, reforçando o compromisso da terapia ocupacional no processo de aprofundamento nos marcadores da diferença, tendo como centralidade a categoria da raça e do racismo (SOLORZANO, 1997), o que contribui na elaboração de respostas as necessidades do povo negro, e no caso desta pesquisa, das mulheres mães negras.

Nesta seção, as narrativas que emergiram dos resultados são subsídios para conduzir aproximações e articulações com as bases teóricas, apresentando possibilidades de síntese no âmbito dos objetivos deste trabalho.

4.2.1 Narrativas Plurais e, ao Mesmo Tempo, Particulares

A condição das mulheres mães negras deste estudo elicitaram três categorias de resultados apresentadas a seguir (Figura 28). As categorias são constituídas por temas que as subsidiam.

Figura 28 - Representação das três dimensões dos resultados

CATEGORIA I "Não existe um day one". A constituição da(s) Identidade(s) negra(s)		CATEGORIA II "Existe diferença?" Experiências de Ser Mulher Mãe Negra
Sol: "Não consigo ver essa diferença, mãe negra e mãe branca, tudo igual, né?"	Dandara: "O meu filho me fez uma pergunta eu fiquei até sem resposta 'porque que o fulano não gosta de mim, só porque eu sou negro, e daí'	Maria Fernanda: "Às vezes eu posso estar errada, prefiro pensar não tem tanto, né, preconceito"
Gabi: "Ela não recebeu nada, eles nem, assim, sabe? Nem notou que a menina 'tava lá, daí nós ficou no nosso canto"	Preta: "Eu pedi 'pra Deus não deixar meu filho nascer preto"	Nina: Ela tem uma dificuldade também que nem eu tinha, tem dificuldade com autoestima e eu, quando era mais nova, eu pensava (que), por ser negra, eu não era legal, eu não ia ser amada, ninguém gostava de mim
Úrsula: "Se você fala não para o seu filho no espaço público, a primeira coisa que vem é que você não tem dinheiro pra pagar"	Gabriela: "Por que que a pessoa 'tá me tratando desse jeito, eu acho que o maior desafio pra mim agora é no tentar ajudar eles a perceber essas coisas, sabe?!"	Pati: "Se tiver algum cheiro tem que ser bom, seu cabelo tem que estar limpo, tem que ser assim porque você é negro"
Bia: "É onde todo mundo perguntava: 'cê que é a babá?"		
CATEGORIA III "A forma que eu vou ensinar": Identidade Racial Negra e Racismo		

Fonte: Elaboração da Autora.

A preocupação com as narrativas pelos terapeutas ocupacionais, por um viés ocupacional (WILCOCK, 2006), possibilita identificar um conjunto de elementos na experiência do fazer humano, realizado nos diversos contextos do cotidiano, que no caso desta tese, são configurados no processo de socialização racial das mulheres mães negras.

Nos excertos das narrativas autobiográficas trazidas, em cada uma das três categorias, é possível correlacionar a importância dos subsídios do letramento racial crítico (FERREIRA, 2015) para as/os terapeutas ocupacionais nos contextos da assistência profissional, do ensino e da pesquisa, independentemente da interface com o campo de atuação. Isso porque a fluência racial possibilita identificar e compreender processos complexos de experiências de pessoas negras relacionadas com as questões e experiências de desigualdades e violências raciais.

Nesta seção, é possível identificar, nos excertos, palavras e expressões relacionadas majoritariamente com a identidade racial negra, mas, como se trata de narrativas sobre experiências nas relações sociais, as referências e atribuições referentes à identidade racial branca também são evidenciadas. Assim, ao longo do texto, optei por destacar as palavras, em negrito, em trechos que os sentidos atribuídos enaltecem ou desfavorecem as identidades raciais negra e branca e mostram a constituição dos processos das experiências das mulheres mães negras.

4.2.1.1 Categoria I – “Não existe um ‘*day one*”. A constituição da(s) Identidade(s) Negra(s)

A discussão da Categoria I é conduzida a partir dos aportes teóricos da ocupação humana (WILCOCK, 2006), letramento racial crítico (FERREIRA, 2015) e racismo institucional (WERNECK, 2016). Complementando, a internalização da identidade racial negra é discutida sob a luz do referencial teórico de Frantz Fanon (FANON, 2008) e Neusa Santos Sousa (SOUSA, 1983). A categoria foi subdividida e detalhada em 3 temas: a) a raça como centro de análise das narrativas; b) processos de constituição da identidade racial negra: as experiências de encontrar e desencontrar de si; e c) o papel da branquitude.

a) a raça como centro de análise das narrativas

Neste tema, considero pertinente destacar a riqueza que as análises centradas na raça e racismo trazem. Apresento excertos que mostram a consciência da ausência do debate racial no século 21, a dificuldade de entendimento do uso dos termos preto e negro, a presença entre os negros do discurso de não ver cor, a consciência da insuficiência da ascensão econômica no acesso a participação e na aceitação do negro na sociedade. Esse debate certamente evidencia e reforça a importância da inclusão do quesito de cor/raça (BRASIL, 2007) para compreender os processos que configuram as identidades e realidades das diferentes identidades raciais.

O excerto de Dandara provoca a importância de pensar sobre as questões raciais. Ela apresenta como argumentos o discurso social do desconforto de falar sobre o preconceito ou da sua inexistência, marcando a temporalidade do século XXI.

Porque nossa, mas a gente tem que estar aberto ao novo, né?! Até mesmo nas **questões raciais** porque o que a gente pede é isso, a gente só 'tá dizendo 'para pra pensar', 'tá certo assim. É só parar pra pensar, é só isso que a gente quer. **As pessoas não param nem para pensar**, né?! Principalmente nas questões raciais que ninguém gosta de falar, né?! As questões raciais, **o preconceito do outro ninguém quer**, não, **não existe**, pronto e acabou, mas como não existe, porque é claro que existe, você **tocar na ferida dói**. Então a gente tem que parar, pensar e eu 'tô no século 21, eu tenho que me adequar a essas mudanças, eu não posso ficar parada lá na era primitiva. (Dandara)

As reflexões trazidas por Maria Fernanda e Bia mostram a urgência da permanência do debate racial, pois, mesmo definindo-se como pessoa negra, há uma confusão nos processos de autodefinição referente ao uso dos termos negro, preto e pardo. Em outras palavras, Maria Fernanda, por exemplo, aponta que, em seu documento de registro de nascimento, é atribuído que ela seja preta, enquanto ela se classifica como negra. Esse diálogo, entre mim e Maria Fernanda, provoca o questionamento do quanto os avanços dos movimentos negros alcançam as bases populares negras, especialmente, quando se trata de discussões que visam uma conquista coletiva das dimensões e tensionamentos políticos.

Como na fala de Bia, que afirma não existir mais a autodefinição como pardo, e sim branco ou negro:

Entrevistadora. 'Tá. Se eu perguntar o que você é?

Maria Fernanda. Negra.

Entrevistadora. Negra. Aham.

Maria Fernanda. **Eu sou negra, né?! Mas eu não entendo muito esse negócio do preto**, preto. Se bem que lá no documento é preto, 'tá negra, é preta.

Não, mas **eu era considerada parda, não negra**. Entendeu? Aí, depois, com o tempo, que foi falar que não é por ser parda que é... **não existe pardo, na verdade, ou é negro ou é branco...** (Bia).

Sob outra perspectiva, o questionamento do alcance das discussões dos movimentos negros nas bases populares negras é pertinente porque, mesmo atribuindo-se como negra e desejando participar da pesquisa, cujo título contemplava o termo racismo, Sol adota o discurso de não ver cor e de não identificar ter passado por situações de preconceito e dificuldades de origem racial. É possível ver o quanto o mito da democracia racial (HASENBALG, 2005) é presente na realidade até mesmo de pessoas negras

... Aí até aquele dia que eu te liguei pela primeira vez ou aquela outra vez? Porque aí eu fiquei pensando, falei assim aí será que eu tenho que ter **passado por dificuldades**, né, por...ai, **preconceito**, essas coisas, será, porque senão eu não sirvo não (risadas). Ai, ai, não sirvo, mas aí é um outro lado, né, um outro lado, **eu tenho outras experiências na vida**, né?!... Tem que ser tudo assim, **não tem essa diferença**. (Sol)

Ao mesmo tempo, Preta, Nina e Úrsula revelam os desafios do reconhecimento e da aceitação da ascensão econômica do negro (SOUSA, 1983). Preta, por exemplo, distingue a existência do preconceito independentemente da classe social. Já Nina aponta a falta de oportunidades para os negros comparadas aos brancos e a necessidade de um esforço triplo para conseguir uma mudança da condição social. Úrsula corrobora com Nina, mostrando que, mesmo ocupando o cargo de professora universitária de uma instituição pública, há a necessidade de reafirmar-se e provar-se qualificada de forma multiplicada. Os trechos abaixo evidenciam a percepção das participantes da insuficiência metodológica do debate de classe para pensar as demandas do povo negro:

Então, mas é isso que eu 'to te falando, **preconceito é preconceito**, não pela ... a classe social, 'tendeu? Se eu fosse lá... Se eu fosse 'pra lá [para a região sul do país] por ter dinheiro, eu **ia ter um pouco mais de respeito, mas não seria aceita**, 'cê entendeu? **Mesmo sendo ... tendo dinheiro**, porque mesmo às vezes a gente tendo dinheiro eles engolem, né? Engole sapo com as perninhas abertas. Então eles vai ter que te engolir porque você tem a condição financeira, né? Que esta... te dá uma estabilidade, **mas não porque você é negro, eles não vão te engolir porque você é negra, eles vão te engolir que nem um sapo**. Você é um sapinho descendo de perninha aberta, a ga... garrinha bem "rrr" (som de arranhado). Então assim, eles têm que te engolir rasgando, mas vai ter que te engolir, diferente de mim, de você, ir lá uma "nega" pobre, né? Eu vou chegar, vou ter que conseguir um trabalho, vou ter que conquistar, eu vou ter que conseguir o meu espaço, mas isso 'pra mim não é dificultoso, porque eu sei que eu tenho um Deus que vai na frente, vai abrir os caminhos. (Preta)

'Cê pode ser preto e branco, pode 'tar na mesma lama, **o branco sai da lama mais fácil do que o negro**. 'Cê entende? Por **questões de oportunidade**. Não que ele não seja capaz, ele é capaz, se ele. Mas ele vai ter que **lutar três vezes mais que o branco 'pra conseguir uma condição social**. Ele consegue, se ele lutar. Agora, se ele deitar na carga, não sai, fica estaca zero, não vai passar daqui. Eu prefiro lutar. (risos). (Nina).

É essa coisa das pessoas **ainda se espantarem com uma mulher negra professora universitária**. Em Uberaba, as pessoas ainda se espantarem com uma mulher negra que é professora na federal, de você, por exemplo, **ir comprar algumas coisas e as pessoas não te venderem antes de falarem preço**, tipo, você não quer saber do preço, né, você quer escolher o produto pela qualidade, mas é como se você só pudesse escolher pelo preço, porque você não tem dinheiro pra pagar até a partir de certo preço. Então me parece, né, que **esse lugar que eu hoje estou, é um lugar que não foi construído pra mim e que para as pessoas isso tá muito evidente e aí eu tenho que ficar, né, o tempo todo reafirmando isso**. Às vezes cansa, né?! Tipo, essa

coisa de tem que **ser sempre melhor**, né, ... acho que todo mundo da nossa geração [algo como aprendeu, ouviu] porque você é preto, você tem que ser duas vezes melhor, né?! A gente acha que supera isso, mas não a gente tá sempre correndo atrás de ser duas vezes melhor, né?! Você é professora, mas você tem que ser uma professora mais foda, isso eu já trabalhei em terapia, da minha terapeuta falar 'Úrsula, você também tem o direito de ser medíocre, você tem esse direito, você tem o direito de às vezes também dar aula bosta, por que se todo mundo tem'. Aí você fala tá, eu falava para ela, 'tá eticamente, né, eu não quero dar uma aula bosta', ela falou 'eticamente você não quer dar aula bosta ou você não pode? Ou você acha que se você der uma aula bosta, as pessoas vão dizer tá vendo, é preta', ela falou 'será que lá no fundo não tem isso? Será que lá no fundo essa coisa de querer ser brilhante não é só por querer provar que mesmo preta você consegue?' Eu falei 'putz, não quero mais falar sobre isso' (*risadas*). Então eu acho que essa coisa do não lugar tem essas...esses detalhes aí. (Úrsula).

Esses resultados da insuficiência da classe estão em consonância com as discussões feitas em outros estudos, que mostram que, associar a desigualdade racial com a desigualdade econômica, é reflexo do mito da democracia racial (DAMASCENO; ZANELLO, 2018; OLIVEIRA; KUBIAK, 2019; WERNECK, 2016; ZAMORA, 2012). Munanga (2019) corrobora ao apontar o impacto da prática racista na geração de impedimento ao acesso a participação e ascensão econômica:

Os que pensam que a situação do negro no Brasil é apenas uma questão econômica, e não racista, não fazem esforço para entender como as práticas racistas impedem ao negro o acesso na participação e na ascensão econômica. (MUNANGA, 2019, p. 16).

a) processos de constituição da identidade racial negra: as experiências de encontrar e desencontrar de si.

A constituição da identidade racial negra é desenvolvida a partir de uma diversidade de situações, experiências e contextos. A fim de objetivos pedagógicos e necessários para elaborar este texto e explicitar as dimensões da identidade racial negra, neste tema, mostro esses elementos separados e polarizados em aspectos positivos e agressivos. Destaco que essa constituição da identidade negra se expressa em processos distintos, simultâneos, complexos e ambíguos.

As experiências de encontrar a si que configuram positivamente a identidade racial negra

Nos aspectos de uma constituição positiva da identidade racial negra, Maria Fernanda, mostra autodefinição em que se percebe como pessoa negra normal e

adjetiva-se como poderosa. Embora em tom ambíguo, Dandara também afirma a positividade de ser pessoa negra, associando essa percepção com a capacidade de viver inúmeras dificuldades que impossibilitam a experiência de frustração durante o processo de viver:

Eu **me vejo normal**, uma **pessoa normal**. Sabe?! Eu sou uma pessoa negra normal, sabe?! Eu acho que eu sou **poderosa**, eu acho (risadas). Tem gente que vê a gente [algo como inferior], mas eu acho **poder**, eu acho poder, a gente vai chegar, não é não?! Você não acha isso não?! **Chega chegando**. Não? (Maria Fernanda).

Então vai te dando mais serenidade pras coisas, e isso é positivo, ser **negro é muito positivo**. Eu falo que na próxima [vida], se tiver reencarnação, na próxima eu quero vir mulher negra porque é muito **bom**, é muito bom, você tem **mais tranquilidade pra passar tudo**, você consegue ter um equilíbrio, às vezes, de passar os problemas e isso é muito gostoso e isso que te traz é você ser tratada diferente, 'cê entendeu?! são as barreiras que você encontra, né?! do dia a dia. Então eu faria tudo de novo, do mesmo jeito (risadas)... Eu acho assim, a gente passa tanto perrengue, mas tanto perrengue que **a gente não tem tempo de frustrar, você já 'tá acostumada a levar tapa na cara**. Então quando você passa determinado perrengue pra você é tranquilo, você consegue passar. (Dandara).

Essa percepção positiva é consonante com o que as participantes narram quando relembram as memórias de infância e adolescência no contexto familiar e escolar. A configuração positiva da identidade negra mostra-se de forma que soa como se fosse sagrada.

Como eu ... a parte da minha infância mesmo eu vivi com a parte da minha mãe. Morei, nasci lá em São Paulo, convivi mais com eles. Então era... **não era tão falado assim igual** é depois com 11/12 anos eu vim morar aqui em Uberaba, que a parte da família do meu pai. (Gabriela).

Gabriela, Pati e Dandara descrevem o sentimento de despreocupação, de proteção, de fortalecimento e de identidade experienciados por estarem em suas famílias negras, entre negros. Dandara, por exemplo, destaca os ensinamentos da mãe que buscam o rompimento da imagem e da profissão da mulher negra doméstica. Munanga (2019) explica que a negritude pode funcionar como a operacionalização da desintoxicação semântica e da constituição de um novo lugar, de novas relações consigo, com os outros e com o mundo.

Como eu ... A parte da minha infância mesmo eu vivi com a parte da minha mãe. Morei, nasci lá em São Paulo, **convivi mais com eles**. Então era... não

era tão falado assim igual é depois com 11/12 anos eu vim morar aqui em Uberaba, que a parte da família do meu pai. (Gabriela).

É porque no meu geral eu procuro **estar no meio dos meus, eu procuro estar no meio de negro**, tudo igual, né?! (Pati).

Não... de me sentir melhor assim, nossa difícil, mas eu acho que já porque na minha família, eu brinco com o meu marido, que **na minha família a gente é negro legítimo porque todo mundo é negro casado com negro** e na família dele tem muito negro que se casou com branco, o marido é branco, então eu falo para ele que ele é misturado, a família é misturada; a minha nós somos de raça, é negro com negro. (Gabriela).

E eu nunca... fala assim... eu nunca fui coitadinha não, eu sempre fui muito, sempre, dentro das condições, eu **sempre tive tudo que eu quis**, né?!, da **forma que eu quis**. Então falar que eu tive problema de identidade também não, porque **o meu pai era negro, minha mãe era negra**, eu lembro da minha mãe falar assim, minha mãe ela era muito assim, ela era feminista na época e não sabia que era feminista ela falava assim: **'eu não vou ensinar as minhas filhas a fazer nenhum serviço doméstico porque eu não quero que elas façam serviço doméstico'**, 'você não vão arrumar homem pra lavar roupa de homem', minha mãe era assim, né?! Tanto que eu vim aprender a cozinhar agora depois que eu tive meu filho. Minhas irmãs ... minhas irmãs também, mas a gente faz, né?! Muito bem por sinal. Mas assim, falar que eu sofri racismo, eu morei em São Paulo, né?! Então toda minha adolescência, toda minha infância eu passei em São Paulo. (Dandara).

As falas de Dandara, Gabi e Nina mostram o contexto escolar como possibilidade de ser e viver como uma pessoa com fenótipo negro, na infância e adolescência, com ausência de agressões raciais. Inclusive, Dandara aponta a escola como um local para o desenvolvimento do pensamento crítico. Nina relembra que as professoras a elogiavam, e uma delas fez um poema que a fez se questionar se a professora não estava depreciando o seu cabelo devido a introjeção do sentimento de inferioridade ela já havia absolvido:

Então, assim, a gente ... eu não lembro de racismo de falar aí ... sim, claro que tem, hoje eu fui entender muita coisa, né?! Mas eu sempre tive muita sorte na vida, né?! Eu acho que a minha **família** é muito linda, é muito gostosa. E talvez isso ... como eu estudei em São Paulo, né?! As escolas públicas de São Paulo na época eram muito fortes, os professores presavam muito pelo senso crítico, pela criticidade dos alunos, então eu tive o prazer de ter esses professores que me ensinaram a ser crítico, então eu não tive problema, falar eu tive problema. Hoje eu vejo que muita coisa, às vezes eu não fui pra frente porque eu tinha vergonha de falar em público e isso é uma coisa que é da estrutura porque eu acho assim: **ah o negro não pode falar isso, não pode falar aquilo, né?! Então não tive problema, não tive problema, por isso que eu sofro com meu filho hoje 'ce entendeu?!** Eu não tive problema, eu sou o que eu quis ser, 'cê entendeu?! Eu fiz na minha vida tudo aquilo eu quis fazer. Fala ... **eu nunca tive problemas**, então **a minha infância foi maravilhosa**, foi uma delícia, eu literalmente era filha mais nova (risadas) meus irmãos falam isso até hoje e até hoje eu sou a filha mais nova, que eu tenho as minhas irmãs que me mimam, meus irmãos, todo mundo me mima, né?! E agora mimam meu filho, né?! Então eu não tive uma

infância doída, minha mãe era muito tranquila, meu pai então, meu pai era muito forte, meu pai e minha mãe eram fortes, né?! (Dandara).

Achei engraçado, né? Porque comigo foi tudo normal, mas hoje... do meu lado, já aconteceu muitas coisas desagradáveis. Mas comigo... Eu não sei. Tranquilo, nossa! Eu não tenho o que reclamar, não. Foi lindo. Ai, eu lembro que eu era muito alegre, eu conversava com todo mundo, todo mundo gostava de mim, era trabalho de escola **todo mundo queria fazer comigo** e era assim: cheia de... rodeada.... **Eu era rodeada de colegas**, de tudo. Nossa! Era muito bom. **Nunca tive problema com ninguém**, nada. Nossa, era tão bom. Nossa! (Gabi).

Uhum. Nessa época eu não lembro, mas **as minhas professoras me elogiavam muito**, falavam que eu era linda. Uma professora que eu tenho no coração - ela já faleceu, porque foi no pré - a Rita, ela fez um poeminha... Olha o tanto que assim, o preconceito 'tava enraizado, **às vezes eu sentia tanto medo, a gente achava que era preconceito**. Ela fez um poema que eu não esqueço, ela: Nina, era uma vez uma menina que tinha um sonho, o sonho de aprender. Descobriu na beleza das letras o encanto ..., no encanto dos números e se sentiu feliz. Nina, você que chegou toda dengosa e charmosa com suas tranças negras jamais sairá do meu coração. Tia Rita. Então, a primei... a princípio, eu achei que ela 'tivesse me chamando de negra - "suas tranças negras" - e eu já fechei a cara na hora que eu fui receber. Porque eu falei "Gente, um poema lindo desse! Quando eu paro 'pra olhar tem essa... Meu Deus, que poema lindo!" Sim. E eu amava ela de coração, uma pessoa muito boa. Foi uma pessoa assim, que eu saí do pré alfabetizada. Escrevendo cartaz! Então assim, eu falei "Nossa, eu fui muito boba" né? (Nina).

Gabi mostra que autodefinir-se como negra está relacionado com a memória, a história de sua mãe e de sua tia. Gabi compreende que, mesmo não tendo passado por processos de depreciação e/ou exclusão, sua família passou por processos de inferiorização da cor da pele e do cabelo. O cabelo e a cor da pele são aspectos utilizados para violentar pessoas negras a partir da inferiorização aos ideais estéticos etnocêntricos (GOMES, 2008). No entanto, é importante considerar aqui o entendimento da memória como ligação a ancestralidade, ao conhecimento da própria história (MUNANGA, 2019).

Tá. Ah, eu olho também pela minha **família**, né? ... Igual, a minha mãe me contava as histórias dela era criança com a minha vó, aí tinha muito **preconceito pela cor, do cabelo delas**. Era a minha tia, a L., falava da época, né, que ela estudava e o cabelo dela todo mundo falava e - na escola - os amigo' ficava' zoando. **E se for ver a história mesmo do passado. Eu me considero uma pessoa negra, né? Isso vem lá de trás** ... (Gabi).

Gabriela partilha a importância da família paterna e do próprio pai, na comunidade negra, para o fortalecimento da sua aceitação, da sua identidade e do seu orgulho de ser negra:

Então com 11 anos eu vim para Uberaba aí aqui essa parte da minha família é mais militante, é **mais orgulhosa dessa questão da negritude**, é muito mais participativa, meu pai é muito participativo dentro da **comunidade negra**, as minhas tias, sabe?! Então para mim ajudou muito a **fortalecer essa identidade e esse orgulho de ser negra**, sabe?! De **me aceitar** também, me ajudou muito. (Gabriela)

A construção de uma identidade racial positiva é percebida também quando há o reconhecimento das contribuições de um membro negro para a sociedade, conforme demonstram os trechos referentes a Regina Basílio e a palestra da Alexandra Loras⁴⁸.

Então eu falo assim, eu acho que como ... nessa situação, eu já me senti bem em ser diferente quando, por exemplo, a minha tia, não sei se você conhece, a Regina Basílio, ela ganhou o **mérito de cidadã uberabense**, então, tipo assim, era maioria negra, **nós estávamos entre nós negros e ela como negra** recebendo prêmio, sabe?! Então tipo assim nós como orgulhosos, né, dela. (Gabriela).

Assim eu fui naquela palestra da **Alexandra Loras**, não sei se você conhece ela. Ela é bem ativista, ela é uma francesa, ela é esposa do ... aquela consulesa ... Ela é mulher, ela é ex-consulesa, o marido dela é embaixador, era embaixador da França aqui no Brasil. Ele é branco, francês, ela também é francesa, só que negra. Ela veio aqui em Uberaba, **deu uma palestra aqui**, eu fui e assim eu **me senti muito orgulhosa**, falando nessa situação, dela como **uma pessoa muito importante, né?!** Se dar, não se dar ao trabalho, mas estar preocupada com essa situação porque ela é bem ativista, de **ter projeto**, sabe, para **incentivar a leitura de autores negros, produtores negros**, ela é bem engajada nessa questão. Então foi uma situação que eu me senti muito orgulhosa também, né?! Me **emocionei** dela tá representando também. Acho que foram essas, nesse sentido. (Gabriela).

O impacto da representatividade também é mostrado quando Maria Fernanda conta sobre idas ao salão, vê a estética de um conjunto de mulheres pretas e avalia que precisa se cuidar mais.

Eu acho porque assim eu vejo igual hoje de manhã eu fui no salão porque eu quero cortar o meu cabelo, eu não tô gostando dele mais, eu quero cortar, eu quero deixar ele de cacho. Aí eu fui no salão, lá perto da exposição lá. Aí hoje eu fui lá e **fiquei vendo aquelas negras todas**, sabe eu falei nossa que pretas, né, umas **pretas bonitas sabe** ... Aí eu acho tão lindo, eu acho tão bonito aquelas negras, sabe?! Chama Beleza Black. Aí eu fui lá, sabe?! ... Sabe eu fiquei olhando aquelas negras, assim, sabe eu falei assim eu tenho que me cuidar mais... (Maria Fernanda).

Um estudo sobre a representatividade da mulher nos cartazes utilizados pelo Ministério da Saúde (SILVA; MONTEIRO, 2018), refletiu sobre o impacto dos cartazes no cuidado e valorização da integralidade na saúde da mulher negra. Isso permite

⁴⁸ Alexandra Loras é francesa e apresentadora de televisão. Foi consulesa da França em São Paulo.

apontar o quanto a sub-representação da mulher negra soma aos estereótipos racistas e no comportamento de submissão dessas mulheres.

A construção da identidade racial positiva também é desenvolvida nas situações de reconhecimento e contribuições do trabalho prestado como descrevem Maria Fernanda e Preta:

Eu acho que sim. Você fala de eu me sentir assim com orgulho, você fala assim. Assim não por ser, eu acho que também um pouco na parte sim, porque **muitas professoras que olham para gente**, igual eu e a R., falam **é a tia que limpa o banheiro, é a tia que limpa a mesa**. E a G. (diretora) **ela valoriza muito a gente**, sabe?! ... Quando a gente entra na sala dos professores, ela sempre fala 'a **Maria Fernanda e a R. elas fazem pedagogia**, estão se **formando**, vão ser **ótimas professoras**', ela sempre fala assim da gente, sabe?! Então isso me faz é o sentir, sabe, orgulhosa, ela faz muito isso, não tem uma formação que ela não faz isso. Então aí eu me sinto, sabe?! Eu me **sinto empoderada** quando ela faz isso. Nessas situações, sabe?! Eu gosto... (Maria Fernanda).

Hoje, eu me destaco **o meu lado bom**, antigamente eu me destacaria pelo meu **lado ruim**... igual na profissão: Eu sei que eu não sou melhor que ninguém, mas eu sei que **eu sou boa no que eu faço**. Por quê? Porque lá nos mesmos hospitais, até médicos, né? "Não, chama a Preta lá, que a Preta dá conta". Então assim, ... eu alcancei o meu espaço, eu tive o meu espaço, mas pela pessoa que eu sou. Às vezes, até médico não gostando, né? De mim, **não gostando da minha cor**, tinha que **assumir que eu trabalhava bem**, tinha que aceitar que eu fazia as coisas bem, 'cê entendeu? (Preta).

Gabriela também relata o orgulho de se sentir parte de um grupo que seja maioria nos espaços. Isso se deve porque os espaços econômicos, políticos, educacionais ou de prestígio são majoritariamente espaços ocupados por pessoas de fenótipo branco (SCHUCMAN, 2014).

Aí igual eu 'tava falando, **a maioria da minha família a gente é negro**, então em qualquer festividade, formatura, aí vai algum amigo nosso que seja branco, aí a gente já fica 'quem é esse, quem que é esse', 'aqui é só os negros, só os negros'. Então eu acho que nessas questões que aí **a gente sente orgulho que nós somos maioria**, né? Eu acho que é isso que eu já, que eu 'tô me lembrando, assim. (Gabriela).

Destaco aqui também o impacto da religião de matriz africana, conforme descreve Pati sobre a conexão dela com a avó, com a orixá Nanã, com os seus ancestrais. Aqui, é possível identificar a inexistência de violência. É mostrado o divino, a origem e conexão com a vida:

Ah, você é filha de Nanã', sou, fui criada com a minha avó até os 10 anos de idade fui criada por minha avó, dona.... a orixá Nanã, se você for fazer aquela ponte para o catolicismo é Santana, Santa Ana era uma avó que cuidava,

olha como as coisas vão se juntando, que cuidava das crianças [...], dava, naquela época que falavam, inteligência para criança, mas não dava condição da criança ser educada. O que que eu sou?! Então a todo o momento da minha vida eu estou cultuando e eu estou respeitando os meus ancestrais, que é isso, as pessoas não entendem ou não querem entender os pais de santo não falam, por ignorância, por medo de errar, medo de errar, mas se todo mundo parar pra pensar com consciência, é isso, é isso, eu **respeito profundamente os meus ancestrais, profundamente, tanto é que eu sou do candomblé**. Porque o candomblé é isso, porque o santo é a força da natureza, Nanã é a força do barro que o barro que Oxalá amassou para fazer o primeiro homem, aí a Nanã no sincretismo católico é avó, eu fui criada pela avó, e eu tenho certeza de que quando eu recebo Nanã. (Pati).

E foi bom, eu entendi tudo isso, eu entendi que isso faz parte da minha vida, e que é **respeito dos meus ancestrais** que verdadeiramente essa energia funciona e flui na vida da gente e é uma coisa que carregamos e precisamos muito, muito, muito, muito, muito colocar isso pra fora, encorajar as pessoas que precisam e querem, porque primeiro a pessoa tem que querer, porque eu fugi a minha vida inteira e teve um momento que eu quis e a partir do momento que eu quis, eu fiz e foi muito bom pra minha vida, sabe?! Eu penso que eu evoluí como ser humano, hoje eu vejo as coisas de outro ângulo, nada me impede de nada na vida, **eu posso tudo, basta eu querer**. Então partindo desse princípio eu posso tudo e o santo é uma energia, é uma força a mais na sua vida, mas você tem que querer muito porque não é fácil você resolver que quer, lá dentro não é fácil, pra você entrar não é fácil, os negócios de Santo, tudo é caro, caríssimo, e aí vem na sua cabeça eu vou gastar esse dinheiro, mas que vale a pena e que o Santo verdadeiramente te dá em troca e é assim uma coisa gostosa que **faz verdadeiramente parte da vida, não vou falar nem da cultura, da vida**. (Pati).

Experiência de desencontros de si: agressões e violências raciais

A constituição da identidade racial negra a partir de agressões verbais e não verbais é demonstrada a partir de diferentes elementos, no simples ato de conviver. As participantes narram as experiências de um tratamento desigual que se inicia na convivência, baseada na depreciação do fenótipo, cor de pele, cabelo e nariz, em diferentes contextos – escola, vida social, relacionamento amoroso e vida profissional. Para refletir sobre as agressões e violências raciais nesse processo de construção identitária do “ser negro”, considero que dois termos sejam necessários: micro agressões raciais e violências raciais. Esses conceitos merecem atenção porque as experiências sofridas pelo corpo negro ocorrem cotidianamente na socialização em diferentes dimensões espaciais - micro, meso e macrossocial.

Na constituição da identidade racial negra, a ênfase na ideia do corpo é central, pois, a simples expressão do fenótipo negro nos múltiplos ambientes antecede a “garantia” de uma experiência humana pautada por ações de violência racial. Sue *et al.* (2007) utilizam o termo micro agressão racial para denominar comportamentos diários e comuns, com ou sem intencionalidade, que comunicam hostilidade,

depreciação e/ou insultos contra pessoas pertencentes aos grupos étnico raciais não brancos, em encontros interracialis. Acredito que, no processo de leitura das narrativas, esse conceito possa auxiliar, especialmente, quando compreendemos que esses comportamentos, muitas vezes, são reproduzidos no âmbito micro, ou seja, dentro do próprio contexto familiar e/ou das relações íntimas e afetivas das mulheres negras.

Já nos contextos das dimensões meso e macrossocial, Gomes (2008) auxilia na reflexão dos impactos da violência racial nos conflitos e processo de constituição identitária da aceitação/rejeição do “ser negro”, ao demonstrar consequências do racismo decorrentes de existir com cabelo crespo e corpo negro:

O racismo, com sua ênfase na superioridade racial, ajuda a construir no imaginário social a crença de que é possível hierarquizar os sujeitos e seu corpo. Nessa perspectiva, o negro é visto como pertencente a uma escala inferior. Produz-se, nesse contexto, um tipo de violência que impregna a vida de suas próprias vítimas, a ponto de se constituir em representações negativas do ser negro sobre si mesmo e seu grupo étnico-racial. Dessa forma, a violência racista apresenta não somente consequências sociais, econômicas e políticas, mas sobretudo psíquicas. Toca no delicado campo das escolhas afetivo/sexuais, do desejo e da identidade. (GOMES, 2008, p. 131).

Dandara aponta que passou a se enxergar como negra no ato da convivência. Já Preta, Maria Fernanda e Bia narram esses processos no tratamento depreciativo que recebem na infância, Gabriela, na adolescência, e Maria Fernanda e Dandara, na juventude e vida adulta, conforme os excertos:

Eu comecei a enxergar que eu era negra, eu comecei a entender que eu era negra, né?! Nossa, eu sou negra, descobri a América, né?! Nossa, eu sou negra. Porque é assim, todo lugar é assim, a **convivência** é assim, né?! (Dandara).

Então eu não vejo coisa bo... Igual eu 'to te falando 'pra você, eu não ... em momento nenhum foi ... tive momen... coisas positivas, não tive. Na **minha infância eu não tive**, eu não lembro. Se tive, não lembro. Porque foi muito raro, foi muito pouco, se tive. Mas eu **só lembro de coisas ruins** mesmo, assim, igual eu 'to te falando, **eu fui ter depois de grande**, depois de, né? **De conquistar, né? As coisas**. (Preta).

Eu acho que a **infância**, tinha, né, lógico que tinha. Gente era que eles **pretinhos do cabelinho ruim, muito pobre**, né?! É. A gente não tinha nem mochila para estudar, então era, tinha diferença, né?! Tinha aquela coisa, ela é a **pretinha da sala**, na infância. (Maria Fernanda).

Bia. Mas eu, quando era criança, não era negra.
Entrevistadora. Quando você era criança, você não era negra?

Bia. Não.

Entrevistadora. Você era o quê?

Bia. Eu era mais... muito mais clara.

Entrevistadora. Aham.

Bia. Aí, com **cinco** anos, aí me chamava de **cor de bosta**.

Não sei se tem assim um *day one* aí aconteceu tal fato, para mim não. Mas eu percebi ao longo, **principalmente na adolescência**, que a gente **vai descobrindo, vai vendo o jeito que uma pessoa é tratada, o jeito que a gente é tratada**, então eu acho que foram ao longo do ... dessa fase. Mas eu não tenho assim uma ideia de uma coisa só. Porque eu acho que **foram várias coisas que foram me identificando**. Isso, isso. **Do jeito que às vezes os coleguinhas tratavam uma, outra**. (Gabriela).

Ah eu acho que foi, não foi na minha infância, foi depois, sabe?! Porque eu não sei eu acho que quando a gente é pequena, a gente não tem muita, mas eu acho que foi depois... Eu acho que ali pelos meus 17 anos, que eu fui, sabe?! Me tocar, né, que eu era isso, **negra né, eu sou da raça né?!** Eu acho que foi... Foi quando, **eu estudava no ginásio**, eu estava no ginásio. Foi aí que eu você sabe como você vai vivendo a vida, e eu acho que.... **Você vai achando tudo normal e não dá muita atenção, sabe?! Para sua cor**, nossa pera aí, né?! Eu acho que foi nessa fase, quando eu 'tava ali pelos 17 **que eu fui me identificando né?!** Até demorou um pouco né?! Foi por essa fase, não foi na infância não, foi depois. (Maria Fernanda).

Eu não tive problemas pra arrumar emprego porque logo que me mudei pra cá, eu já passei na prova da Polícia, então também não tive problema pra arrumar emprego. [...] Eu mudei para cá em 89, 92 eu entrei na polícia, quer dizer 89/92, eu fiquei só três anos sem trabalhar, com 18. Com 21, eu entrei na polícia, não tive tanto problema assim, né?! Então, **mas assim, aí que começaram todos os meus problemas, aí que eu comecei a ter uma visão diferente da cor**. Porque, em São Paulo, é muito grande, é bem maior do que aqui, talvez eu... era adolescente também, mas nunca tive problema. Agora aqui [em Uberaba], gente, foi demais, foram grandíssimos, grandíssimos e logo já entrei para **faculdade** também, então você imagina, né?! (Dandara).

Ter um fenótipo de pertencimento racial negro passa a ter denotação e conotação negativa que é dada pelo “outro” a partir do “olhar” para as características físicas da pessoa negra – cabelo, nariz, cor de pele, forma de se posicionar, que geram como consequência um sentir e um tratamento desigual, não necessariamente explícito, conforme partilha Úrsula. Gabriela descreve o quanto o preconceito e o racismo são camuflados:

Eu acho que a questão do geral aí, as pessoas ao serem tratadas diferente, eu não sei por que são tantas situações, tantas. Quando você percebe, por exemplo, **as pessoas olhando o seu cabelo, olhando para o seu nariz, né?! O meu nariz de batatinha**. Acho que para o **tom de pele**, para **as formas**, né, **como você se posiciona**. Acho que se eu te falar de uma situação em que eu tenho sido discriminada ou que eu tenha tido alguma vivência que me incomodou negativamente pelo fato de ser negra, eu não vou saber te pontuar uma situação direta e que isso foi explícito. Não vou saber. **Eu diria que são situações, né, que estão muito mais ligadas ao sentir, sabe?!** Ao que tá aqui no coração, ao como você percebe as coisas do que com relação ao direto, né?! Então, assim, a vida toda você sente

algumas questões que talvez **o jeito que as pessoas te olham, do jeito como as pessoas te tratam**, mas você dizer tem alguma palavra, tem alguma coisa explícita, eu não consigo dizer, né?! (Úrsula).

Porque assim, o preconceito, o racismo, hoje, ele é **camuflado**, né?! A pessoa não chega para você 'ah você não vai trabalhar aqui porque você é negra', nunca ninguém falou, assim, na cara para mim. A gente **percebe**, a gente **vê**, né, os **olhares**, a gente percebe, né, em outras **atitudes**, na frente, assim, não. (Gabriela).

Fanon (2008) utiliza a expressão “desmoronar o esquema epidérmico” do negro para descrever a descoberta da negritão e da detonação das características étnicas do preto, fixadas através dos gestos, atitudes e olhares, que torna o negro um objeto.

No entanto, embora o racismo tenha se mostrado em idades iniciais pelas participantes e seja noticiado frequentemente nas experiências das pessoas negras de Uberaba, Sol não identifica nenhuma situação de racismo em sua experiência de vida. Ou mesmo Bia, que contou ter sido chamada, por um termo depreciativo, como cor de bosta, afirma não distinguir a experiência de ter vivido situações de preconceito.

Igual assim quando eu 'tava falando assim sobre... aí é racismo, né?! Essas coisas, assim, eu nunca passei gente, nunca, eu não sei o que que é isso. (Sol).

Ah, o preconceito? Ah, o preconceito eu não sei distinguir ele não porque eu não sofri preconceito. (Bia).

As histórias de Sol e Bia, por exemplo, mostram o distanciamento de vivências de preconceito a partir de uma correlação com relacionamentos individuais e afetuosos, o que sustenta, em suas percepções, ausência de experiências de subjugação, mas, não garantem a não ocorrência do racismo estrutural que organiza a sociedade (ALMEIDA, 2019). Sol, por exemplo, destaca uma qualidade pessoal dela mesma, que seria “ser um doce de pessoa”, como justificativa para não ter vivido situações de preconceito em um tom que a distingue de pessoas que passam por essas experiências:

Bia. Em todo lugar que eu passo.

Entrevistadora. Me dá um exemplo.

Bia. Em todo lugar, minha filha, ué. Eu sou **diferente de todo mundo**.

Entrevistadora. Em que sentido?

Bia. Ué. Olha, o **Danival nem me conhecia**, ele **me tratava super bem**. As meninas iam fazer... ia viajar, eu ia junto.

Entrevistadora. As meninas que ia viajar do...

Bia. É, do Zé Ferreira.

Entrevistadora. Zé Ferreira. Uhum.

Bia. Pra Bienal. **Não tinha exceção**, não tinha dessa: 'Bia vai ficar fora. Não, **a Bia vai ficar dentro**', igual **eu entrei na vida da G**. é positivamente. Ela sempre fala que **tem muito orgulho**...

Porque igual, eu não sei se eu te falei, né... porque eu **sou um doce de pessoa**, mas assim sempre fui muito **acolhida**, desde pequenininha, desde a escola, nunca fui, **nunca tive nenhum tipo de preconceito**, eu **'tô do outro lado, de uma outra forma**. (Sol)

Na convivência, a identificação de experiências de situações de preconceito, baseado em ideologias racistas, torna-se confusa, conforme expresso no trecho de Preta, pois, o uso dos termos depreciativos vem de pessoas com quem há uma construção de afeto, e não são entendidas como maltrato:

Eu, graças a Deus, eu se... na família eu sempre trabalhei bem com essa questão. Nunca... Depois a minha mãe casou de novo com o meu padrasto, né? Aí, ele que, às vezes, ele tem uns **termos mais racistas**, mas graças a Deus **nunca me maltratou**, nunca... Sempre falava... às vezes, quando eu era mais nova e às vezes eu fazia alguma coisa, ele falava "Aí, **'tá fazendo serviço de preto!**", aquela palhaçada toda, mas... (Preta).

Nesse sentido das relações de afeto, embora, no processo de reflexão durante o mapa, Sol relembre que mães, devido a cultura negra, compreendiam que os filhos não eram merecedores de participar de determinados espaços, ela não atribuía que possa ter sido tratada, ou criada, de uma forma diferente por ser negra. A fala dela constitui-se em discurso que possibilita a percepção de que a impossibilidade de participar era associada a classe social.

Aí eu acho que aí, acho que até ó, acho que tem até essa questão assim ó, da **cultura negra**, né?! Que aí, né?! Criança negra vai participar de alguma coisa, levar, né?! Acho que sempre teve, mas aí eu acho que **as mães nossas mesmo** até achava que nós ou, às vezes, **até a gente** que a gente não era merecedores, né, **a gente não era merecedores só porque a gente é negro**, a gente acha que não era merecedor de **participar ou poder 'tá lá**, não, essa coisa é coisa de rico, coisa de ricos, os ricos que fazem isso. Eu lembro muito da minha tia falar ... falando, assim, de comparação, assim, que era coisa de rico. Ou porque, assim, que não era pra gente porque a gente era pobre... (Sol).

Sol chama a atenção à ausência de problematização da questão racial, apesar da pele escura. Mantém em sua narrativa o discurso de não ver cor nas pessoas, nem mesmo a sua durante todos os nossos encontros.

Em relação ao processo de constituição da identidade negra, o fenótipo das participantes mostra a complexidade que se configura frente às atribuições de sua cor de pele, tipo de nariz, cabelo e outras características físicas. As narrativas mostram

como o corpo das participantes parecem ir sendo desfeitos, desestruturados, mostrando a impossibilidade e a insuficiência de ser.

Gomes (2008) explica que o conflito de possuir um corpo negro desenvolve-se no processo de construção do sentimento de rejeição do cabelo, do corpo e aspectos culturais negros, mas também da presença de um sentimento de tensão, ambíguo, que aceita e rejeita o mesmo corpo, o mesmo cabelo e a mesma cultura.

Compreender-se e assumir-se negro é tão complexo, como pode-se visto no excerto sobre a cor da pele na narrativa de Bia. Mesmo declarando-se pertencente ao grupo racial negro, a ambivalência racial aparece devido ao processo de miscigenação:

Sim. Porque é meio difícil, porque eu já convivi. Igual, meu pai era branco, português, e a mãe negra, então **mistura**. Entendeu? Já meus irmão, eles é preto, preto, preto mesmo. Entendeu? Então, assim, por quê? Os pais negros mesmo. (Bia).

A questão do fenótipo mostra-se tão complexa, porque, conforme o ponto de vista de Bia, as próprias relações de afeto enfatizam e reproduzem as falas criadas em um contexto racista. Inclusive ela destaca a existência de verdadeiros negros:

Entrevistadora. Quem que te chamava de 'cor de bosta'?

Bia. Meus irmãos, porque **eles são negros**. Meus irmãos, eles são negros mesmo, **são verdadeiros** negros, por causa que **os pais deles, com a mãe deles são negros mesmo**.

Entrevistadora. Entendi.

Bia. Não é mistura.

Ainda sobre o fenótipo, Úrsula sonhava que não tinha nariz e compreende que era um processo de negação de seu próprio:

E, né, nos processos internos aí, eu já tive, por exemplo, às vezes eu lembro que eu era pequena, né?! Oito pra nove anos, **eu sonhava que eu não tinha nariz**, eu sonhava que eu não tinha nariz e aí depois eu acordava desesperada e falando 'não, eu tenho nariz', **mas era a negação, né?!** Hoje eu consigo entender que **era uma coisa que me incomodava também, mas que não foi tão forte quanto à questão do cabelo**. Eu acho que é um pouco isso assim. (Úrsula).

Em relação ao nariz, Gabi narra o processo de sentir-se ofendida por ter recebido o apelido “nariz de batata” e associa que também tenha o recebido em decorrência de sua cor:

Não, uma vez na escola já me falaram, que é uma brincadeira que eu não ... 'pra deixar a pessoa assim, sabe? Eu não lembro bem como é que foi, sei que começaram a pôr apelido nas menina' tudo, da sala tudo. Aí, foi lá, chegou na minha vez assim, aí falaram assim - como é que foi? Aí, pegou e falou assim: Ah, a Gabi vamo' pôr...", aí pôs **Nariz de Batata**. Aí, começaram a me falar que é Nariz de Batata. Todo mundo começou a me falar. Nossa! Mas eu não gostei da forma, sabe? Nossa, **é ruim demais**, mas, fora isso, nada. (risos).... eu vi [esse apelido] como se fosse uma pessoa negra... **Tem os que você vê clarinho lá, né? Achando defeito nos outro'**. As menina' - 'pra 'cê ver - **as menina' mais branca**, assim, colocavam **apelido, assim, carinhoso**... Chegou a minha vez, não foi só eu. Igual a menina que - não lembro dela - **mas também colocou mais pesado, então acho que foi mais por causa da cor**. Eram umas coisa' da época, assim, **as menina' gostava'...** **Mas via que era mais carinhoso**, né? (Gabi).

Aqui vale a pena destacar que, no formulário, Gabi assinalou não ter tido experiências de rejeição baseadas em suas características físicas. Inclusive, no contexto escolar, Gabi afirma que tudo foi normal, mas, quando passa a fazer o mapa corporal, revê suas opiniões e afirma já ter se sentido ofendida pelo apelido recebido de nariz de batata. Compreendo e afirmo que todas as essas situações fazem parte da lógica ideológica do racismo e que vão instigando um desejo e rejeição para não ser aquilo que se é, no caso das pessoas negras.

Nesse sentido, a relação com o cabelo é a característica que parece ser mais emblemática para as participantes deste estudo. A classificação dos cabelos em “bom” ou “ruim” começa muito cedo pelas pessoas nas relações sociais. No diálogo com Bia, durante o processo de mapeamento corporal no qual ela está buscando nos recortes e revistas figuras que representem os seus filhos, ela usa esse parâmetro hierárquico, onde o tipo afro é atribuído como ruim, quando fala do cabelo de seus próprios filhos, como é possível assimilar:

Bia. É, porque a G., ela sempre fala desse tom de cabelo... mas ela [é] apaixonada... ela... que ela tem filho com esse tom de cabelo... Ah, ela é doida porque ela nunca vai ter, coitada.
Entrevistadora. Talvez ela adote.
Bia. Ela já adotou já. O P. é assim, ó!
Entrevistadora. É?
Bia. O cabelo dele é bom.
Entrevistadora. ... Que que 'cê acha que é um cabelo ruim?
Bia. **Ah, o meu não é ruim, ó, porque o meu já não é tão afro.**
Entrevistadora. Ah, entendi.
Bia. Porquê... ah, o meu é tudo uma mistura igual o da M. (filha), o da M., ele também não é tão afro, mas também não é tão lisinho.
Entrevistadora. Entendi.
Bia. Entendeu? E ela já **é clarinha com cabelo mais um pouco** [algo como cacheado] ... prum afro não é tão liso...
Entrevistadora. Como é que você definiria o cabelo dela pra você?
Bia. Ondulado.
Entrevistadora. Ondulado. Entendi.

Bia. Porque é mistura do liso com o crespo. Igual, o J., meu menino, ele é claro, cabelo lisinho, lisinho, lisinho, lisinho, até escorre o cabelo dele de tão liso. Aí, eu já tenho um que ele parece um índio, cabelo liso, e um que ele é moreno claro com cabelo ruim.

O trecho de Gabriela sustenta a ocorrência dessas comparações do cabelo, onde o parâmetro é direcionado pelas características de pessoas brancas no período da adolescência:

Eu lembro que quando eu era adolescente, eu sempre usei tranças e essas coisas aí, o outro 'ah, mas o cabelo da fulana é tal, o seu não é assim', aí eu fui começando a olhar, nossa, é, **o meu não é**. Que tipo assim o cabelo de gente branca não dá pra contar o meu como era trança, então é tipo **limitado**, né?! (Gabriela).

Essa comparação constrói, inconscientemente, o desejo por ter cabelo liso e longo que vai desencadear a criação de estratégias para viver este desejo, conforme demonstra o trecho de Gabriela:

Quando menor ainda, a primeira coisa que eu lembro, mas também eu acho que **era meio inconsciente**, que **eu colocava... pegava fralda**, isso tipo, eu tinha, **imagino uns seis anos**, pegava fralda de pano e **amarrava e falava para minha mãe amarrar o lenço assim e falava que era o cabelo, sabe?! De ter o cabelo grande**, de ter o cabelo **que balança igual eu via na televisão, nas pessoas dos desenhos, personagens**. Então eu acho que ... o principal, o mais tempo que eu lembro dessa questão é isso. (Gabriela).

No entanto, essas estratégias são concretizadas com procedimentos e tratamentos químicos, desde cedo, para modificar a aparência do tipo de cabelo, geralmente lideradas pelas mães das meninas. Esses procedimentos, inclusive, agredem o couro cabeludo, porque são tratamentos não esperados de ser aplicados em crianças. Os trechos a seguir descrevem a não aceitação do cabelo e os procedimentos químicos utilizados para a modificação:

Desde criança, eu acho que..., o cabelo eu acho que me representa, né?! Porque **sempre eu tive penteados de negrinhas**, né, de **trancinha**, de tudo era de negrinhas até que **a minha mãe não deu conta mais e alisou o meu cabelo**, mas que, assim, **eu aceitava porque era o normal**, que a minha vontade era de conhecer o meu cabelo muito, de saber como que seria eu ficar de Black, eu via aqueles filmes antigos as pessoas com aqueles blacks, nossa que vontade daquilo, mas **ninguém se aceitava daquele jeito nem eu mesma**. (Pati).

Então meu cabelo me representa e me remete a minha **infância**, as **penteadas**, os **tratamentos**. Então eu me conheci como negra pelo cabelo. (Pati).

Porque **eu alisava muito o cabelo**, o meu cabelo ... **Eu odiava meu cabelo**. Nunca na minha vida que eu ia achar que o meu cabelo ia ficar desse jeito,

nunca. Nunca na minha vida eu achei que eu ia amar igual eu me amo tanto de ver meu cabelo natural, porque, quando eu era pequena, meu cabelo era aqueles black power, né? Eu pegava piolho, minha avó quase me matava. Uma vez a minha vó teve que rapar a minha cabeça de tanto piolho, então **meu cabelo era muito ruim**, muito grudadinho na cabeça. Então assim, quando eu fui criando uma certa idade, a minha mãe já f... minha mãe já ... **minha própria mãe já foi alisando meu cabelo**. Então assim, eu alisava... Antigamente alisava com aquela pasta rosa **que queimava o couro cabeludo, deixava tu... feridas dias e dias**. Depois eu **comecei a alisar com ferro**, então assim, desde pequenininha eu comecei já a começar alisar o cabelo, então depois disso eu nunca mais fiquei sem alisar o cabelo. (Preta).

Ah, ficava rindo, pegando no meu cabelo, que o meu cabelo é tipo um ..., **não balançava**. Um dia... eu lembro d'uma vez que eu nunca mais, assim, na escola... Eu lembro que eu tinha o meu cabelo, eu sempre tive muito cabelo quando eu era criança, eu tinha muito cabelo! Mas assim, minha mãe não dava conta. E não tinha produto igual tem hoje 'pra gente cuidar, se tivesse o meu cabelão daquele tamanho já 'tava na bunda, né? Com os produtos que tem hoje, 'eu 'tava feita. Aí, o que aconteceu, eu resolvi Aí, 'tava ... Chegou um pessoal com as cabeleireiras fazendo trança na raiz das meninas e eu fiz, menina! ... eu me achava linda! Eu falei "Eu também quero fazer". Rá! Saiu toda errada, ficou desse tamanho! ... Aí, os meninos falavam "**Ó a Medusa!**". Aí, eu chorava, chorava e a mulher lá não dando conta de trançar, porque né? Branco não dá conta de cabelo de preto. Não digo todos, que hoje em dia, com o avanço, né? Da evolução da humanidade, eles viram a necessidade de cuidar do cabelo crespo, eles 'tão investindo nisso. Tanto que essa C., ela é clara, ela não é negra, negra. É bem clara. Então eu sofri demais, aí essas co... Uma ponta 'pra cá, outra 'pra cá, né? Ficou grande, ficou esquisito. **E eles riam, mas eles riam!** Então aquilo 'pra mim, eu falei "**Nunca mais eu solto o meu cabelo na frente de ninguém**". Então assim, foi um dos... do começo, né? Da ... E **rejeição**, né? De ... dos meninos, né? Em relação a minha cor. (Nina).

Durante o processo de mapeamento corporal, ao representar o próprio cabelo, embora Sol não tenha utilizado diretamente termos que inferiorizam o seu cabelo, ela refere-se ao cabelo, dizendo que ele precisa crescer, além de dizer “esse trem encolhe”. Em Minas Gerais, o termo “trem” tem vários sentidos, o que possibilitaria questionar um sentido depreciativo de seu próprio cabelo no trecho a seguir:

Sol: aí gente esses cabelos...

Entrevistadora. O que que tem o cabelo?

Sol: Tem que **crescer**, né, mas esse **trem encolhe**, fica até grande, mas encolhe... eu fui lá na Thaís⁴⁹ fazer hidratação... Eu falei ai... eu vou continuar passando o creme e hidratando aqui mesmo, não consigo, eu queria fazer umas luzes... **eu fiz e não ficou do jeito que eu gostaria**, que eu quero elas aparecendo, assim, todas douradas, parecendo cor de mel, aqueles **melzinho**, aqueles **cachinhos assim tudo lourinho**, mas só um pouco, né, muito não, só um pouquinho, só pra dar aquela iluminada '**Sol e os seus cachinhos lourinhos**' ...

A associação entre ter um cabelo bonito e o comprimento também aparece na fala de Nina. Inclusive, ela fala sobre a necessidade de se aceitar e se construir:

⁴⁹ Thais é a proprietária do salão Thais Nascimento BeautyStudio. Nesse espaço, a especialidade é o cuidado de cabelos crespos, cacheados e ondulados.

Então, não que cabelo curto seja feio, mas eu falo 'pra mim. Eu queria ter um ... que o **meu cabelo 'tivesse maior 'pra poder ajeitar, me sentir mais bonita**. Eu, 'pra mim assim. 'Pra outras pessoas, eu já acho lindo assim, a forma que elas arrumam, a forma que elas se aceitam, que elas se empoderam, eu não consigo sentir isso. Isso. Só tem muita parte minha que **eu tenho que me construir e me aceitar**. Muita coisa eu já aceitei em relação ao meu cabelo, que eu ... 'pra eu aguentar esse tempo todo, já era 'pra ter alisado, né? Desse jeito que eu sou. Mas eu 'to superando. (Nina).

Muitas vezes a dificuldade de cuidado do cabelo crespo leva as pessoas a alisarem o cabelo partindo do desejo das próprias mulheres e/ou a partir de suas mães. Os motivos, como mostra Gabriela, sustentam-se na busca por integração e aceitação, o que leva aos processos de adaptação para conseguir tal êxito. Gabriela expressa, por exemplo, que as mudanças fazem parte de um processo natural do viver. Pati destaca o quanto esse processo foi a “separação da identidade” como uma pessoa negra.

Porque quando a gente alisa o cabelo é uma forma ..., mas eu acredito que foi numa **forma de me integrar dentro de um grupo**, né, de **ser aceita**, né, dentro de um conjunto. Então o que fazer é seguir vivendo, não tem uma 'ah, vou fazer tal coisa', não tem, **você vai vivendo e vai adaptando**. É mais isso. (Gabriela).

Eu tinha sete pra oito anos, ela **alisou** ... não esqueço, Enemaru. Enemaru. E aquilo...porque a **minha mãe não era ... não tinha cabelo ruim então ela não sabia cuidar de cabelo afro**, ela não sabia cuidar de cabelo enrolado, então **pra ela foi mais fácil**, mas pra mim foi uma...uma queda, um, sabe?! Um, assim, **uma separação da minha identidade**, eu perdi ali naquele momento a minha identidade de negrinha porque a minha avó era branca, eu ficava com a minha avó em casa e ela **me chamava de negrinha o tempo todo e eu adorava aquilo, sabe?! A minha avó fazia toucinho e guardava a banha de passar no cabelo da negrinha, eu adorava aquilo**. Por mais que as pessoas na escola me chamavam de negrinha, os cabelinhos, nhenhenhé, eu adorava aquilo, eu não tinha aquilo como ofensa, não tinha aquilo como ofensa e, assim, até hoje não tenho. (Pati).

Mesmo em relacionamento estável, o cabelo também sofre críticas dos relacionamentos amorosos, como no caso de Preta que se indaga se o ex-marido gostava da aparência dela:

Mas em relação do meu marido, igual eu 'to te falando, eu fico aquele pontinho de pergunta, né? Porque ele sempre criticou muito assim, sabe? É o cabelo... Então meu marido me conheceu, eu tinha o cabelo enroladinho, mas era liso. Eu sempre alisava, a raiz era lisa, então assim, eu não te..., ele nunca me viu assim. Nem eu nunca tinha me visto assim, entendeu? Então assim, eu não sei te falar se ele gostou de mim porque eu tinha o cabelinho mais ou menos e a cor que era boa, ou se realmente ele gostava mesmo de negro, né? Mas eu fico me perguntando, não vou 'te falar 'pra você que eu nunca me perguntei isso, eu já me perguntei: Se ele gostava tanto de negro,

por que ele nunca mais ele se envolveu com negros? Eu não sei agora por que agora eu perdi o contato, mas... (Preta).

O cabelo também é uma questão para as mulheres negras com cabelos lisos, conforme descreve Gabi. Ela narra a dúvida e o toque sem consentimento em seu cabelo com o intuito de avaliar se o cabelo realmente é dela. Como descrito, Gabi além de ser questionada sobre o pertencimento racial, tem o corpo violado e sente-se ofendida.

Embora, quando eu falo que eu sou **negra**, né? Ai, muita gente fala - me dá uma raiva - "Ah, mas você parece **índia**". Ai, tem gente que até **puxa o meu cabelo** 'pra saber se é verdade, porque não acredita, né? Fala assim: **Nossa, mas como assim 'cê é negra e o cabelo assim?** Não sei o quê. Ai, pega a mão 'pra ver se é de verdade. Eu falei: Nossa gente! Quê que isso?! Que absurdo. Ai, é onde eu **já me senti ofendida**, mas fora isso... (Gabi).

Não ter o tipo de cabelo liso ou que mantenha uma aparência lisa idêntica ao das amigas gera impedimentos na participação de socializações - como frequentar a casa de amigas ou eventos religiosos, conforme os trechos narrados por Gabriela e Úrsula:

E tipo, eu tinha algumas amigas, elas iam uma para casa das outras, **cada uma fazia um penteado no cabelo da outra, eu não ia porque o meu cabelo não era o igual delas**, né?! Então **eu não podia ir**. Então essas coisas que eu fui começando a ver, tipo, não, realmente, **têm algumas diferenças**. (Gabriela).

A questão da igreja. Por exemplo, na igreja... Na igreja, por exemplo, **as pessoas**, né, **todo mundo tinha cabelo comprido**, aí todo mundo fazia, né, quando tinha alguma festinha da igreja, todo mundo falava 'ah você já arrumou o seu cabelo', e aí eu ficava tentando arrumar o meu cabelo também, sabe?! Isso eu tinha 16 para 17 anos. **Eu ficava tentando arrumar o meu cabelo para ir para um grupo de jovens igual a todo mundo com cabelo liso, só que o meu não ficava**. E **não foi uma, nem duas vezes que eu deixei de ir porque todo mundo ia estar com cabelo liso e eu não**, né?! (Úrsula).

As consequências dessas experiências sofridas por depreciação do cabelo perduram em sentimento de insegurança devido às próprias características e aparência, como expressa Gabriela durante a vida adulta:

E **até hoje** porque eu também **me sinto insegura** em muitas coisas **em questão de cabelo** mesmo, de às vezes não... eu posso estar aparente, mas se eu me sentir mal com o cabelo eu também já fico..., sabe?! **Não me traz segurança a minha pessoa**. De ser vista como **mal-vestida**, sabe?! Como **não tá cuidando de si**. Para mim é mais importante do que questão de roupa, do que questão, sabe?! de qualquer outra coisa, de acessório, pra mim o cabelo é bem mais ... mais marcante nessa questão do que isso. (Gabriela).

Assim como sentimentos de ausência de liberdade para ser quem se é, até o ciclo de vida adulta:

Teve uma vez na escola que teve uma eleição da menina ... das meninas mais feias, das meninas mais bonitas, eu 'tava na lista das mais feias, então aquilo ali vai ... [Algo como eu era] linda quando eu 'tava mais **magra**, 'tava usando o **cabelo liso**, né? Assim, aí eu ... Não que cabelo liso é diferente, tipo, eu me sentia mais ... A questão também é do **comprimento**, do cabelo 'tá curto assim, até tentava um jeito 'pra ele ficar legal, nem todo dia vai 'tá perfeito, tem dia que ele 'tá mais ... Hoje eu 'to mais desencanada que eu nem 'to ... Eu prendo ele e pronto. Então assim, **eu não fico presa**, né? Mas eu tenho essa dificuldade ainda. Que ainda vai ser trabalhada... **Eu não tinha liberdade 'pra ser eu mesma.** (Nina).

Eu não consigo pensar essas coisas sem, né?! Como mulher negra, né, Sofia?! Essas questões das vivências, sobre **o ser negra para mim, sempre estiveram relacionadas com cabelo**. Pode parecer clichê, pode parecer lugar comum, mas elas sempre foram com relação a cabelo. **E entenderem, né, ou pelo menos tentarem colocar isso pra mim o tempo todo, né, de que o meu cabelo era feio, que o meu cabelo era ruim, que ele precisava ser alisado, que ele precisava ser tratado, que ele precisava ser domesticado.** E aí, né, hoje, por exemplo, o que que representou pra mim, Sofia, quando em fevereiro, né, desse ano [2019], eu falei vou usar dread, pra mim foi o encerramento de um ciclo, sabe?! De 40 anos, eu faço 40 anos ano que vem, né?! Agora em outubro 39, ano que vem 40, já estou nesse processo de celebração desses 40. **Quarenta anos de uma busca do cabelo perfeito, de poder ser... de poder ser doutora, de poder ser professora universitária, de tudo isso.** Mas aquela coisa do meu cabelo nunca 'tá bom pra esse cargo que eu estou agora. O meu cabelo nunca 'tá bom pra esse salário que eu ganho agora... [Úrsula]

As experiências como pessoa negra perpassam também o uso de adjetivos e apelidos relacionados aos termos “preto” e “negro” como Maria Fernanda, Pati, Sol e Preta narram. É possível perceber, na fala de Maria Fernanda, que ela considera que os apelidos eram carinhos. Já Pati, Sol e Preta contam que o termo “negrinha”, “paçoca” e “urubulino” eram dados por pessoas próximas. Tem conotação que me gera um grande desconforto, pois, embora as participantes demonstrem elo afetivo com as pessoas, não consigo encontrar afeto em tais adjetivos. Até mesmo porque eles se aproximam dos adjetivos mencionados por Nina que lhe eram atribuídos: “negrinha do pastoreio”, “pau de funca” e “tifu”.

Eu acho que quando eu fazia curso essas coisas, tanto que eu tenho amigos até hoje que me chamam de **pretinha**, de **negrinha**, aqueles apelidos que para mim eram carinhos, né, sempre foram. (Maria Fernanda).

Eles faziam como crítica. Por exemplo, na casa da minha tia, da minha avó, são seis irmãos e a mais velha sou eu das sobrinhas e a mais negra sou eu. **Negra de corpo e alma**, né?! Então **minha avó chamava de negrinha, era pejorativo sim**, porque eu era negrinha da casa, eu não tinha um tio da minha cor dentro daquela casa, **eu não tinha uma referência de negra, eu tinha**

referência de mulher porque a minha avó foi lutadora, mas de mulher negra, não. Entendeu?! Então isso, o meu cabelo me representa. (Pati).

Aí é igual assim ó, eu tenho, como foi, um apelido, eu não... Assim... Acho que foi o primeiro das primeiras coisas que eu falo de uma outra época, teve um monte de época na minha vida. [...] Como se fosse a minha irmã. Aí [o esposo dela] ele me chama de **paçoca**, eu nem me esquentava. (Sol).

Os meus tios... meu tio sempre me chamou assim - é um **apelido meio racista**, mas **carinhoso** assim, eu não entendo como racista - me chamava de **Urubulino**... Urubulino. É uma expressão ... de **urubu com negra**. Ah, e o meu apelido é Preta, você vê que o meu apelido é **Preta**, né? Então é tranquilo. (Preta).

Eu lembro também, foi ...era apelido que colocavam na gente, **negrinha do pastoreio, pau de funca, tifu**... Tudo quanto é **coisa de ruim** era na gente. Falava das tranças, do cabelo. (Nina).

Preta também mostra o quanto os adjetivos vão sendo modificados e aplicados em tom de deboche:

Lá na UPA vão estar me chamando de "**bonequinha**" **negra**. **Bonequinha preta**. "Ô, bonequinha preta", assim **com tom de deboche**, 'cê entendeu? Por quê? Porque sabe ... Aí vem, pega ... "Ai, **que cabelinho mais bonito**", que '**cê vê que é 'pra te provocar**'?! Então, assim, hoje, eu falo que hoje **ficou muito camuflado eles chegar e te xingar igual antigamente**. Antigamente eu acho que era ... que **era mais aberto**, por isso que muitos hoje não acredita' no preconceito por causa disso... (Preta).

Contextos Educativos

A percepção do contexto escolar, como o espaço que marca a descoberta da diferença demonstrada no olhar dos meninos para as meninas brancas, na ausência de desejo e no sentimento de nojo pelos meninos para dançar quadrilha com meninas negras, ou mesmo, na baixa quantidade da presença das crianças negras. Úrsula, por exemplo, lembra quando diziam que o penteado do cabelo dela era semelhante a fezes.

Então nessa parte principal de eu me descobrir como negra, eu já morava aqui **em Uberaba**, eu já tava na segunda série, é onde também se **começa a ver o outro coleguinha**, os **outros coleguinhos** começam a te **olhar** e lógico **a questão de bullying** e tudo mais, mas foi aonde eu fui me descobrindo... (Gabriela).

Mas o que me marcou mais, que eu fui percebendo que realmente eu **sou diferente, foi na escola**. Que aí **as coleguinhas já mudavam o jeito**, os **meninos só olhavam para as meninas brancas**, essas coisas. (Gabriela).

A primei... o primeiro choque é saber que eu era mulher negra. Porque até então, quando eu convivia com os meus primos, com os meus amigos aqui no Boa Vista, quando eu morava aqui, eu era aceita, nunca te... tinha sofrido

preconceito. A gente brincava, era uma maravilha, né? Um sonho. Aí, eu fui 'pra escola. Aí, assim, eu **me sentia muito inferior**, assim. Eu tinha um certo... Eu tive problemas com "**bullying**" e tive problemas com **complexo de inferioridade**, até **hoje eu tenho, isso já vem desde a infância**. Aí, chegou na escola o **preconceito racial**. Os meninos **não queriam dançar quadrilha comigo**, porque eu era negra, tinha **nojo de pegar na minha mão**, porque eu era negra, como **se eu fosse uma bosta**, né?! (risos). Então eu sofri muito, só tinha um menino **moreninho de olho verde** que dançava comigo todo ano, que **ele não se importava**, que era o V., eu lembro dele até hoje. (Nina)

Eu acho que, por exemplo, na escola, né?! **Na escola desde sempre**. E aí, por exemplo, nós morávamos, minha família morava no Paraná, né?! E aí **a gente tinha poucas crianças negras, quase nenhuma na escola**. Então **só eu tinha o cabelo de coquinho enquanto todo mundo tinha o cabelo liso**, e aí **isso me incomodava** porque ao mesmo tempo que algumas pessoas falavam 'ai que bonitinho', **outras falavam 'ai que cabelo de cocô'**, por que era tipo um rolinho assim, 'cabelo dela é de cocô'. (Úrsula).

Nina também recorda as comparações dos professores a partir da aparência que enaltece os traços brancos e generaliza as crianças negras de forma depreciativa. Nina também narra uma situação em que ela estava triste e uma supervisora, que não a conhecia, utilizou-a como exemplo para dizer que ela era uma aluna que não devia ser seguida e inferiu que ela nunca seria alguém na vida:

Deixa eu ver se eu lembro... Uma vez uma professora minha - hoje eu tenho amizade com ela, hoje assim, até relevo isso - ela sentou com a gente e ... porque tinha uma menina, uma colega nossa, que ela era muito chata e, aí, tinha uma menina que queria bater nela, ..., queria bater, uma colega nossa queria dar uns tapa nela. Aí, ela sentou a gente n'uma roda e falou "Vocês têm inveja da L. porque ela é **linda**, porque ela tem o **cabelo lindo**, porque ela é **educada**, porque ela **tira notas boas**". Ela acabou com a gente! Falou que a gente tinha **inveja**. Tipo, **generalizou** todo mundo, até quem não tinha feito nada. Então assim, foi uma das coisas também que me marcou. Entendeu? (Nina).

E uma vez eu 'tava deitada na carteira, eu 'tava triste porque eu ... era dia dos pais e eu lembrei e comecei a chorar e deitei na carteira. Aí, a professora tinha brigado comigo antes, ela "Não, fica assim, não". Não sei o quê que eu tinha feito. As professoras tinham mania de dar safanão na gente quando a gente era criança. Hoje se fizer isso é crime, né? Aí, eu deitei na carteira e 'tava chorando, muito triste, né? Por conta disso. Aí, chegou a supervisora, eu continuei deitada 'pra ela não ver que eu 'tava chorando, né? **Aí, ela pôs a mão assim em mim e falou assim "Esse aqui é o tipo de aluno que nunca vai ser ninguém na vida. Nunca vai ser nada"**, porque ela achou que eu 'tava dormindo. "É o tipo de aluno desse aqui, ó, que vocês **não devem seguir**. É um exemplo que vocês não devem seguir, é um exemplo que você **não deve ter 'pra vida, que não quer nada com nada.**" Então aquilo ali 'pra mim marcou d'uma tal forma, falei "Gente, eu não sou assim. As professoras sabem minhas notas dos meus cadernos, a minha dedicação", nunca coleí na escola, sempre fui muito dedicada. Então aquilo 'pra mim foi o fim, aí que eu chorei. (Nina).

Preta narra a tentativa, falha da escola, de valorizar a beleza negra em um desfile, no qual a vencedora foi uma menina branca.

Uma vez eu participei da... d'um desfile na escola [de] beleza negra, né? Na época. Aí, eu desfilei. Só que eu, no próprio desfile, eu achei um pouco de preconceito, por quê? Porque **quem ganhou não foi negra, foi branca**. Então assim, até na escola, **mesmo quando eles querendo fazer uma coisa, né?** 'Pra... Como eu vou te falar... Não é 'pra ajudar... 'Pra ter mais ... **'pra gente entrar mais nas coisas**, mesmo eles tentando fazer uma coisa, mesmo assim eles **não conseguiam**. Então assim, **eu não vejo um lado positivo**. (Preta).

Na adolescência, momento em que os desejos, interesses e relacionamentos amorosos passam a ser despertados, Úrsula compara o tratamento dos meninos para as meninas brancas e negras. Ela recorda que os meninos não mandavam bilhetes com recados para ela, mas havia tentativa de beijar e passar a mão em seu corpo no momento de saída da escola:

Depois, por exemplo, na adolescência você começa a perceber, por exemplo, que as colegas, todas elas têm tipo 13/14 anos, **todas elas têm namoradinhos**, tem **menininhos que mandam recado**, que **manda bilhetinho**, mas **pra você não vem bilhetinho, não tem recadinho, né?!** Tem **tentativa de te beijar, de te passar a mão, sabe?!** Tipo, e aí você vê um menininho que, o colega, né, eu lembro até hoje do Ricardo, [o Ricardo era branco] ... o Ricardo ficava mandando recadinho, isso a gente 'tava na sétima série, né, **o Ricardo ficava mandando recados pra minha amiga [que era branca], né, recados bonitinhos, versinhos**. E aí no recreio **ficava oferecendo sorvete para ela e tal, só que pra mim, por exemplo, ele me encontrava às vezes quando eu 'tava indo embora, na esquina e falava 'aí, eu quero comer você', sabe?!** Então, assim, essas vivências, acho que elas perpassam a questão da escola. (Úrsula).

Na universidade, as experiências das participantes também são diversificadas. Pati era identificada por outras pessoas negras como parte do grupo de trabalho da limpeza que, segundo ela, associavam que a origem dela não era destinada para os estudos, mas para o trabalho. Nina também ouviu de um professor que ela não deveria estar na universidade. Já Úrsula conta que ao participar dos encontros com outras pessoas negras na universidade havia uma associação ao grupo de “bagunça” e “perversão” da universidade.

Olha, eu estudava na universidade, fazia pedagogia especial... E eu trabalhava como trabalho até hoje... mas eu trabalhava no período da noite e quando eu ia pra universidade chegava lá atrasada, de ônibus ou de carona, correndo, as amigas da limpeza 'você tá correndo aí pra que, minha filha, o ponto mais perto é aqui', 'não, mas eu tô fazendo faculdade', **'que tá fazendo faculdade vem bater o ponto não precisa ficar com vergonha não, nós negra, é da senzala, nós nascemos pra trabalhar, não nasceu pra estudar não'**. Eu ouvi isso, assim, muito engraçado, de pessoas diferentes, inúmeras vezes nesses quatro anos que eu participei desse contexto, de homem, mulher, velhos, de novos, 'sai daí você não tem que entrar em sala

de aula, você tem que entrar pra trabalhar'. [As pessoas] Negras! Negras, negras. Em nenhum momento um branco me falou isso. (Pati).

Na faculdade eu ouvi uma coisa de um professor, não sei se eu cheguei a comentar com você... Que **eu não tinha que 'tá n'uma faculdade**. Foram frases que me marcaram. Assim, em relação à negra, em relação a ser aluna de escola pública, em relação a ser pobre. (Nina).

Depois, por exemplo, na faculdade, né, essa **coisa do encontro com outros como eu**, né?! E dizer vamos militar, vamos juntos, mas isso, né, é ser visto **como os pretos que estão tentando fazer bagunça**, que estão tentando **perverter** o sentido da universidade, sabe?! (Úrsula).

Essa associação da pessoa negra destinada a determinados tipos de trabalho é demonstrada por Pati que também contou que, no momento de sua formatura, ouviu da patroa da mãe que havia um lugar para ela trabalhar na casa:

Eu fiz técnico em agropecuária, quando **eu me formei a patroa da minha mãe foi na minha formatura** e falou assim 'olha, segunda-feira **você pode ir lá pra casa tem um lugarzinho lá pra você**', foi mais um não que eu falei 'isso eu não quero pra mim'. (Pati).

Contexto da Vida Social

Sobre o contexto social, destaco três trechos de Dandara que mostram um período da década de 90 em que os negros não podiam entrar em três clubes de Uberaba - Sírio Libanês, Uirapuru e Jockey Park, o que acarreta a ausência de oportunidades de diversão e engajamento comunitário, e esclarece sua compreensão sobre o racismo:

Entrevistadora. De que que você 'tá rindo? E isso que eu 'tô tentando entender. Você riu, né?! quando eu te perguntei.

Dandara. Aé, é que lá é um clube que já foi racista, é um clube que não entrava negros e agora eles são obrigados porque existem negros riquíssimos aqui em Uberaba, e dinheiro não tem cor, eu 'tô rindo é por causa disso, 'cê vê ... 'o capitalismo é ruim', não, é bom, foi bom porque 'tá vendo que tem negros que tem dinheiro e que vão pagar ... E tem que aceitar. Como é que não vai aceitar se mais da metade da população é negra, né?! Então eles tiveram que aceitar, tiveram que mudar, mas ainda tem um local fechado 'cê entendeu?! (Dandara).

Não, é problema de, assim, aqui o pessoal sempre te olha, não é que te olha, você tem dificuldade, na época ainda piorou a situação porque, por exemplo, eu era adolescente e queria sair. Eu vim de São Paulo, a minha irmã ela era, ela foi, aí é no samba, ela foi rainha do Carnaval de São Paulo, essa que mora fora. Então a gente estava acostumado com samba, todo dia ouvia samba. Aí eu mudei pra cá, por ser uma cidade pequena e conservadora, **não tinha samba**, a gente tinha que conviver com sertanejo. **O samba era mal-visto**, pra você ter noção, muito mal-visto, **quem é do samba é malandro**, aquela coisa do malandro, **ainda tinha em 92**. ... Então quer dizer, você tem **dificuldade de se divertir porque não tem diversão pra você**. Aí tinha os clubes, ainda tinha o Elite, né?! Quando eu mudei pra cá eu já não

ia muito no Tênis. Tinha outros clubes, né?! porque **tinha lugar que você não podia ir**. Então, isso é um absurdo, né?! **Uma segregação racial muito grande**, né?! ... Quando ... ó, **Jockey Park não entrava negro, o Sírio também não entrava negro, o Uirapuru não entrava negro** quando eu mudei para cá, mas logo depois, depois de uns 4/5 anos abriram, né?! (Dandara).

... **era muito raro ter uma amiga branca**, eu não tenho, assim, **pra sair mesmo, né?!** tinha uma ou duas, mas era muito raro. Aí eu vi que as minhas amigas ainda tinham problemas, falavam assim 'aí aquela branca', eu falei 'gente, mas que estranho', né?! eu falava 'não, mas que estranho'. Mas com o tempo fui ficando igual a elas (risadas) com o tempo eu fui ficando igual a elas porque **a gente não tinha lugar pra ir, a gente não tinha nada, gente**. Então essas faltas de...de liberdade que todo jovem quer ter, hoje, graças a Deus, 'tá muito mais tranquilo, você vai no **Colorado**, você vai né?! no **Recanto da Praça**, beleza, mas antigamente não era assim não, **antigamente era só o samba, o seu lugar é aqui, o nosso é de cá, né?!** Então é isso, essas coisas assim, **aí que eu fui ver que o negócio é estranho, né?! que realmente existia o tal do racismo e não entendi o que era** (risadas). Por isso que eu te falo que **é muito mais complexo do que a gente imagina**, muito mais. (Dandara).

Contexto de Relacionamento Amoroso

As participantes narram processos referentes à dimensão da sexualidade e ao corpo negro. Úrsula, por exemplo, descreve que ela é elogiada pelo tamanho do seu quadril e se questiona se esse elogio de fato é positivo. Pati diz que foi contratada como técnica de saúde em uma escolha pautada na cor. No entanto, o idoso de quem ela cuidava chamava-a para dormir, dizendo que de mulher negra ele gostava.

Úrsula reforça o entendimento da sociedade que associa mulheres negras ao estereótipo erotizado de "boas de cama", a possuir força e a um corpo para parir:

Agora positivamente, as pessoas sempre, assim, me trataram bem e faziam essa referência à questão de ser uma mulher negra pela dimensão da sexualidade, pela **dimensão de ter ancas largas, de ter bunda, sabe?! Por ter bunda grande**. Então assim, e aí, né, por isso que eu te falo que mesmo quando parece positivo, não sei, até que ponto isso é de fato isso é positivo. (Úrsula).

Outro momento da minha vida foi quando eu já, o D. já era grande, eu já trabalhava e fui procurar emprego, fui, na verdade, me apresentar pra trabalhar em cuidados de saúde, então eu dormia com um senhor, eu dormia com um senhor que estava acamado que 'tava com problema. Primeiro, **o filho dele me contratou porque eu era negra, ele foi bem claro 'teve umas branquinhas aqui e eu não quis contratar porque branca é muito preguiçosa**, eu não confio em branca, eu já tive outras brancas aqui e não deu certo'. E num segundo momento **eu trabalhando, eu era bem nova, eu tinha uns 21/22 anos, corpinho violão, o velho no meio da noite me chamava pra deitar no canto dele porque de negrinha ele gostava**. Então eu me fazia de desentendida daquilo porque eu precisava estar ali trabalhando e eu falava 'não, daqui a pouco eu vou deitar, já tô indo dormir com o senhor, não preocupa não', 'mas já vem sem calça viu, já vem sem calça', ele falava 'já vem sem calça'... Então **eu não sei se o cara me**

contratou por saber essa predileção do pai dele ou porque verdadeiramente negra é um serviço que ele apreciava melhor, né?! Então não sei te falar. (Pati).

Na maternidade, por exemplo, 'ah, mas **você vai parir muito bem porque você é negra**, né, **você é forte**, você, **historicamente, as negras parem bem**'. Então, assim, eu acho que até que ponto, Sofia, eu nunca tive dúvidas de que eu era uma mulher negra, **o tempo todo, a sociedade me coloca isso, seja pelas coisas que falam positivamente, seja pelas percepções negativas que eu tenho delas, sabe?! Então assim, mesmo o que é colocado de forma positiva, mesmo que vem como um elogio, mesmo que vem como uma coisa de reconhecimento**, no fundo o que ele tá dizendo, que **você é uma mulher boa para quê: pra transar, sabe?! Que você é uma mulher boa para quê: para parir, para pôr filho no mundo**. ... a sociedade sempre me pontuou que eu sou uma mulher negra, sempre, de todas as formas possíveis, **através dos elogios, através dos olhares**, isso sempre foi muito explícito pra mim. E aí foi nessas interações que eu fui construindo a minha identidade, que eu fui sendo a Úrsula. A Úrsula que eu sou hoje é a Úrsula que foi sendo construída a partir dessas vivências, a partir dessas relações, entende?! Que são positivas e negativas, que contribuíram de forma direta, mas que de forma indireta **me fizeram eu tentar ser forte para enfrentá-los**. (Úrsula).

No caso dos relacionamentos amorosos, Pati enfatiza a sua predileção por homens negros que parece estar relacionada aos ensinamentos de seus avós por prevenção de situações de discussão vir a aparecer o uso de termos depreciativos em relação a questão racial.

Eu fui negra a minha vida inteira e a minha predileção era de homens negros, né?! Tanto é que eu não posso falar que eu namorei, eu dei um beijo num branco e não gostei, me senti culpada, ah e tem uma outra questão de namoro, de relacionamento, **a minha avó falava que preto com preto, branco com branco**, minha avó era índia casada com um negro e que **mulher negra tinha que casar com homem negro porque se ela mais tarde tivesse uma briga o homem ia falar negrinha e aí não ia prestar**. (Pati)

Pati contou também sobre o discurso de que mulher negra é para transar e a mulher branca para se casar, inclusive na perspectiva de homens negros.

Nunca, nunca, nunca, nunca, nunca. E teve uma vez que eu estava, assim, adolescente, eu devia ter uns 14/15 anos e queria muito namorar com um moço, eu ia na casa dele e a gente conversava e tudo, ele me emprestava os livros e tal, ele negro, estudando pra fazer vestibular, eu falei 'nossa, esse é o meu futuro, isso que eu quero pra mim'. E aí um dia eu cheguei lá tinha uma loira e ele falou 'essa é a minha amiga Pati', 'Pati, essa é a mulher com quem eu vou casar', eu olhei, olhei, 'tá. E aí nós nos encontramos outras vezes, e eu muito chateada, eu chorei, eu fiquei mal com aquilo e aí ele falou assim 'mas você tinha algum interesse em mim', ele falou 'não Pati, mulher negra é pra gente ser amigo, no máximo amante, não é pra casamento, **mulher branca que é pra você casar**, porque como é que eu vou sair com você, eu até gosto muito de você, tenho vontade de **transar** com você, mas **eu não tenho coragem de casar com você porque você é negra**'. E assim, isso

me deixou super mal, super mal, mas assim, eu não desisti de gostar de homem negro, eu acho até que eu já deveria ter desistido, mas ainda não consegui, mas então isso que eu tenho assim, péssimo isso, mas é isso que acontece. (Pati).

No entanto, o inverso também ocorre, como mostra a fala de Preta e Maria Fernanda. Preta relata que se relaciona pouco amorosamente com homens negros. Já Maria Fernanda disse ter se relacionado com muitos homens negros, mas revela ter ficado com trauma de relacionamentos monoraciais, porque ele precisava afirmar-se como negro a todo tempo.

Igual eu no meu caso, eu nunca fiquei com negro, né? Até então. Tive uma experiência com negro na pri... na minha primeira vez - que é onde eu tentei perder a virgindade e não consegui - e tive uma experiência com negro há pouco tempo, né? E que até então, até ter com ele... essa experiência com esse negro, eu falava "Não, eu nunca fiquei com pessoa da nossa cor, nunca fiquei". (Preta).

Aí depois eu tive outros relacionamentos, assim. Igual tem hora que, **eu tive muitos namorados negros**, alguns, mas eles eram bem chatos... eram... Nossa, eu tive um namorado ... Eu tive um namorado. **Ele era negro e ele queria mostrar todo o tempo que ele era negro**, sabe?! Ele **queria gritar** para todo mundo, sabe?! A gente saía na rua ele gritava 'porque você é negra e não sei o quê', 'eu sei que eu sou, tá bom', sabe?! Ele era aquela **pessoa escandalosa**, sabe?! Aí eu acho que depois dele, eu **fiquei com trauma**, sabe?! **Eu acho que foi um pouco de preconceito da minha parte né?!** Nossa quando **eu via que era negro**, assim, me dava até um... Nossa, eu **tinha pavor**... (Maria Fernanda).

A narrativa de Pati mostra a percepção de que tanto homens negros, quanto brancos, tem uma curiosidade sexual por mulheres negras, mas, associam que elas não sirvam para serem companheiras, baseando-se na aparência física e comportamentos que as objetificam e desumanizam. Preta, por exemplo, recorda que os homens a procuravam e diziam gostar de negras porque são "quentes", comparadas às pessoas brancas. Ela reflete que sempre foi vista como um objeto sexual pelos homens. Assim, como Úrsula, que se recorda de quando o namorado, branco, adorava expô-la com minissaias:

Mas entre pessoas brancas, os homens brancos, eles querem as negras, querem. Então se o negro tem essa curiosidade, imagina o branco, eles olham para as negras engolindo elas, todas, independente de ser gorda, ser magra, se é velha, se é nova, eles têm curiosidade, mas **é a negra que não serve para ser a companheira deles**, por que tem **o cabelo ruim**, porque às vezes **não sabe nem falar**, é **muito espontânea**, né?! **Não tem os padrões de beleza que os amigos pedem**. Mas é a negra que é fruto de um desejo mais íntimo que ele tem. Esse foi um amigo meu negro que me falou, fora as cantadas bestas que a gente leva dos brancos. Que não são diferentes, né?! Então eu acho assim eles têm muita curiosidade. (Pati).

De relação sexual, é igual 'to te falando, eles já procuravam, eles falavam que gostavam de negro porque o **negro é quente**, né? ... Igual o meu marido sempre gostou ... ele diz que **sempre gostou de negra**, mas engraçado, depois ... que ele largou de mim, todos os relacionamentos que ele entrou, bom, pelo menos a que eu via, era tudo de pessoa branca. ... eu tive uma época minha, meio de complicada, assim, em relação a sexo. Eu, se eu falava assim "Hoje eu quero dar", eu tinha que arrumar um 'pra dar. Aí, eu ia no grupo de internet, né? Então ... igual eu 'to te falando 'pra você, ... eles sempre falavam isso, **procurava negra por ser mais quente**, né? Por ... **pelo fogo** que tinha, e **que branca já não tinha tanto**. (Preta).

Mas eu sempre tive, que nem eu 'to te falando, eu acho que eu sempre fui vista mesmo como um **objeto sexual**, né? (Preta).

Olha, entre pessoas negras ainda é pior. Outro dia eu ouvi uma coisa assim, de brincadeira, mas que eu entendi perfeitamente, eu conheço um médico há mais ou menos 30 anos, nós entramos nós estávamos fazendo [...] e entramos no hospital na mesma época, nós entramos no hospital na mesma época, nós nos conhecemos lá. E quando ele me conheceu, eu já tinha o D., porque quando eu entrei para esse hospital eu já tinha o D. Então olha assim a discrepância, **ele é filho de mãe solteira e negro**, e ele **casou com uma mulher branca**, mas ele me falou que sempre teve um desejo desde que eu ia na escola de oitava série, entendeu? Eu sempre te olhei com desejo, você me desdenhou', aí eu perguntei '**desejo de quê, você teve de mim, doutor**', '**desejo de te levar para cama, eu tenho uma curiosidade de saber o que que você tem que você não mostra para gente, de sentir saber como você é**', olha isso, homem negro falando isso para mim, casado com uma branca. Então eles têm uma curiosidade. (Pati).

Tanto que eu era casada, né, quando eu conheci ele, 'tava casada há seis anos com um homem 20 anos mais velho que eu, branco, né, que adorava quando eu ia nos lugares de minissaia, né, que **adorava me expor**, sabe?. (Úrsula).

Os relacionamentos amorosos mostram o surgimento de um conflito entre as famílias e as noras, como mostram os excertos de Preta e Maria Fernanda. Preta, por exemplo, conta que soube que sua sogra não gostava de preto. Destaca-se aqui uma complexidade nesta narrativa, porque Preta classifica que a sogra seja parda, mais para um tom de cor preto, o que gera indignação para a sua afirmativa de que não gosta de pessoa preta. Maria Fernanda também relembra que o pai de seu namorado, que ela refere como branco, não gostava dela também, sugerindo que ele tivesse preconceito. Destaca-se, neste caso de Maria Fernanda, quando ela compara o tom de pele dela com a minha, para dizer da cor da atual esposa do ex-namorado, sobre a discussão existente sobre a passibilidade (passing) de mulheres negras de pele mais clara em relacionamentos inter-raciais.

Então, porque quando eu ti... casei com ele eu tive uma **dificuldade de entrar na família**, porque eu fiquei sabendo que **a minha sogra não gostava de preto**, entendeu? Então, assim, a gente já... Eu já tive essa dificuldade muito

grande. Então as minhas cunhadas, todas elas gostam de negro, só uma que não - que é a mais velha - só que a do meio sempre falou "Ah, minha mãe não gosta de negro" e eu nunca entendia por que **a minha sogra me tratava mal**, né? Então... Aí, quando ela me falou isso, e meu marido também confirmou, aí eu fui entender, entendeu? Porque... Só que ela também não é branquinha, branquinha, branquinha, é parda, é mais 'pra preta do que 'pra branco... (Preta).

Eu acho que nessa idade minha mesmo de 17/18 anos, eu tive um namorado, e **ele era bem branquinho...** ele era bem branquinho, e **ele gostava muito de mim**, só que **o pai dele não, eu acho que o pai dele tinha preconceito...** Quando a gente terminou, **eu nem lembro como a gente terminou**, a gente gostava muito um do outro, sabe? depois de muitos anos, eu vi esses dias ele no Facebook e ele casou com uma menina negra, da sua cor assim, sabe?! Num tom de negro mais assim. E ele casou e teve filhos com ela, ela negra, sabe eu falo assim porque eu era a primeira namoradinho dele, ele também era o primeiro namoradinho meu e foi. (Maria Fernanda).

Destaco, neste tema, o quanto as experiências das pessoas negras passam por um processo de naturalização no que se refere aos comportamentos adotados nas relações sociais, especialmente com as pessoas brancas, de submissão e disponibilidade. Maria Fernanda conta da atriz que ficava vigiando as amigas para encontrarem os namoradinhos. Vejamos o diálogo entre Maria Fernanda e eu sobre um vídeo da rede social *Instagram*®, que ela assistiu no intervalo entre as sessões de mapeamento corporal da pesquisa e compartilha comigo:

Maria Fernanda. Uhum. Eu te falei do vídeo da moça... Falei, né?!

Entrevistadora. Da moça...

Maria Fernanda. Da atriz falando.

Entrevistadora. Não. Qual atriz? Você me contou do assalto.

Maria Fernanda. Ah tá. O outro vídeo dessa atriz da Globo, acho que é da Globo, falando sobre ... porque quando ela era novinha, 'eu sempre era de ficar vigiando as outras meninas, eu sempre era a que não tinha namoradinho', sabe?! Falando desse jeito, e aí ela falando que 'não é só porque eu sou atriz, eu conquistei o meu espaço, que não existe. Muito interessante. Foi no Instagram que eu vi.

Entrevistadora. Esse vídeo?

Maria Fernanda. É.

Entrevistadora. O que que você achou disso? Você se identifica? Você não se identifica? Você identifica que outras pessoas da população negra passam por isso? O que que você pensa quando você vê esses vídeos assim, Maria Fernanda? Qual é a sua opinião?

Maria Fernanda. Eu me identifiquei bastante porque eu vi, depois eu vi de novo, depois eu vi de novo, eu fiquei vendo ele várias vezes, sabe?!

Entrevistadora. Uhum.

Maria Fernanda. Prestando atenção bem nas palavras dela falando sobre isso. E lembrando, né?! Eu sou essa aqui, comigo foi assim também. E depois eu pensei por um lado até que foi, em partes, quando a gente era novinha, sabe?!

Entrevistadora. Uhum.

Maria Fernanda. Quando a gente saía de turma. Então sempre... Aí depois você vai parando, pensando, lembrando dela falar, né, de quando era novinha era isso e aquilo. Mas por um lado eu acho que era assim.

Entrevistadora. E o que você viu que era semelhante ao que ela disse?

Maria Fernanda. Igual ela disse que, pelo que ela fala, não que ela era excluída, ela convivia junto? Convivia, mas viam ela com diferença, sabe?!

Entrevistadora. Uhum.

Maria Fernanda. Né?! **Ela que vai vigiar as colegas**, ela que vai ficar por conta disso, como se diz, **como se fosse uma empregada**.

Entrevistadora. Hum, tá.

Maria Fernanda. Como se fosse ... porque que não podia ser a outra, ela. E porque que era a única que não tinha namoradinho, ela que tinha que ficar vigiando os namoradinhos, os amigos, sabe?!

Entrevistadora. Uhum.

Maria Fernanda. Eu acho que foi pelo que eu entendi, sabe?!

Entrevistadora. Sei.

Maria Fernanda. Eu acho que é como se diz por que você é negra, você tem cara de pobre.

É possível perceber que o vídeo se torna uma possibilidade de Maria Fernanda analisar suas próprias experiências de vida. Ela conta que reviu o vídeo várias vezes, encontrando semelhanças com as suas próprias experiências. Talvez o impacto, para ela, apareça pelo status social da atriz. Espera-se que pessoas com um poder aquisitivo avantajado não sejam sujeitas a experiências de racismo, preconceito baseado em cor/raça.

A complexidade do interesse de uma mulher negra em ter um relacionamento com um homem branco é mostrada na narrativa de Nina, quando a sua mãe, vendo o sofrimento da filha por um menino branco, lembra-a da sua cor e de que muitas vezes ela será impossibilitada de desejar determinadas experiências.

E um dos fatores também que eu tive na minha adolescência, com 13 anos eu comecei a gostar de um rapazinho. **Ele era branco**. Ele era claro, Eu gostei dele por sete anos. Aquele **amor platônico sofrido e rejeição**, né? Então, assim, no começo e ... Eu tinha 13 anos quando a gente teve um grupo de oração lá na escola, né, que a gente 'tava e ele foi, eu fui, aí ele quis ficar comigo. Aí, eu fiquei com medo e não aceitei, fiquei com medo de dar a resposta, sabe? Aí, ele acabou que ele não quis mais. Aí, daí que ele começou a perceber que eu gostava dele, ele começou a me pisar, me perguntava pelas minhas amigas de ... em relação a mim, perguntava "Como é que anda aquela feiosa?". E, assim, ficava com outras meninas na minha frente, colegas, amigas minhas ficavam com ele. Eu sofri demais! Ixe, sofri demais. Primeira vez que eu vi ele beijando uma menina, gente, eu cheguei lá em casa aos prantos, minha mae "Quê que foi, pelo amor de Deus?!". Eu "Aí, é que eu vi o fulano beijando a fulana!". **Aí, minha mãe disse "Cê tem que se pôr no seu lugar, você é preta!** Não é que ela queria me rebaixar. **Uma visão dela, que ela tinha. "A gente é preta, 'cê sabe que a gente sofre preconceito, as pessoas..."**. Ela tinha medo de acontecer o que aconteceu comigo. **"As pessoas não vão aceitar**. Ele se tornou o cara mais cobiçado da escola depois que eu comecei a gostar dele. Era incrível! ... (Nina).

Úrsula conta que percebeu que os meninos brancos não tinham interesse em mandar recadinhos ou ficar com ela, mas percebeu-se como alguém escolhida para "dar prazer". Ela narra a história dela com um homem branco, casado, com uma

mulher negra e que traía a esposa com outras mulheres negras, argumentando que gostava de mulheres negras.

[Os meninos] que não me queriam pra questão de mandar recadinhos, eles não queriam pra ficar comigo, né?! Você vai se percebendo enquanto **alguém que 'tá aí pra dar prazer, sabe?!'** E aí eu, inicialmente, fiz um processo de me guardar, de dizer também, se não quer namorar comigo, também não vai deitar comigo, né. Tanto que eu fui ter a minha primeira relação sexual, eu 'tava com 24 anos, porque... só que aí depois disso, mesmo tendo esperado esse tempo todo, vem uma sucessão de relacionamentos bosta, entendeu?! De relacionamento ruim porque você fala tá, primeira pessoa, porque **eu tive relação sexual era com um cara casado, um cara branco casado com uma mulher negra e que aí me traiu com ela**, que aí eu fiquei apaixonada por ele e tal, ele dizia 'não, eu vou largar a A. e vou ficar com você porque a gente vai ficar junto', não sei o quê, e na verdade **ele falava 'nossa, eu gosto tanto de mulheres negras'**. Eu acho até que está casado com uma mulher negra, mas **está traindo essa mulher com uma outra mulher negra e diz que é apaixonado em mulher negra, sabe?!'** O que que tá por trás disso? E aí depois dessa é outro relacionamento com outra pessoa que também gosta de mulher negra e aí **você vai vendo que, historicamente, você vai se objetificando**, até que você fala 'tá, chega, cansei, cansei, não quero mais'. (Úrsula).

Pati e Nina mostram em suas falas os desafios de construir relacionamentos interracialis. Pati, por exemplo, mostra a impossibilidade de um relacionamento interracial a partir de uma análise do que a avó dela ensinou e das experiências que teve com homens negros.

É. Porque, assim, eu não dou conta [de relacionamento interracial]. Primeiro que a minha vó sempre, eu acho que eu contei isso... **Que ela falava que quando vier um branco você deixa ele, passa para trás e deixa ele ir na sua frente.** Então eu sempre tive isso comigo, não aceitava, mas fazia o que a minha avó mandava. Então na fila, aí depois eu passei a não fazer mais, não contava pra minha avó e eu era a primeira, 'cheguei primeiro', 'mas você é negra', 'mas eu cheguei primeiro'. E aí eu fui pra escola, só eu de negra, fui pra uma Federal técnica, né, **só eu de negra e os brancos me tinham como puta, eles me queriam como uma putinha** e eu nunca cedi porque era grande maioria homens, ricos, e tinha na minha sala, para você ter uma ideia, eram 42 e tinha duas mulheres, depois mais tarde que entrou mais uma. E a branca que tinha, era minha amiga, bem putinha, ela cedia aos encantamentos dos homens, eu não cedia porque eram todos brancos, **não tinha nenhum negro na escola**, não, tinha um namorado também fora da escola, né. Então eu não conseguia me encantar com nenhuma boca daquelas. E um moço rico, muito rico, assim, de Goiás e a gente quase, eu já estava grávida do D., não, não 'tava grávida do D., e assim, faltava pouco para gente se formar, fazendo planos, todo mundo fazendo planos o que que ia fazer o que não ia e tal, e ele é muito tímido, aí ele virou para mim e falou assim, eu tenho planos, mas tudo depende de você, todo mundo parou, olhou, ele loiro, quase um albino, um homem de 2 m de altura, eu falei 'o que depende de mim, onde já se viu um negócio desse' e continuei conversando e tá, tá, tá, aí todo mundo calou e eu 'o que que foi gente, eu não 'tô entendendo', 'você não tá percebendo que ele quer ficar com você', eu falei 'é', eu não tinha despertado isso em mim, né?! E aí eu fiquei com aquilo, eu falei 'nossa, mas ele é rico, ele é branco, o que que ele quer comigo' e eu

deixei, eu tinha namorado, eu deixei ele se aproximar de mim e nessa aproximação ele me beijou, foi horrível, beijo frio, eu não sei se era ele que 'tava frio ou se era eu porque eu não tinha atração nenhuma por ele, o dinheiro dele não me cantava, a beleza dele não cantava, nada dele me encantava, beijei ele pra falar beijei, né, não gostei, tanto é que beijei uma vez só e ele 'ai nossa, vamos namorar', e eu 'vou pensar, tô namorando lá fora, você sabe que eu não apoio'. **Então eu tenho essa repulsa, repulsa mesmo**, não é outra palavra, nunca mais beijei nenhuma boca branca, assim, eu tive uns amarelinhos, assim, **mas de cabelo ruim**, que se achava o negão, mas homem branco nunca tive, não sei o que é sexo com homem branco, não sei, não consigo, não tenho interesse (Pati).

Então, eu tenho... Eu não vou mentir, assim, eu já gostei muito de branco quando eu era mais nova. Tanto que eu acho que eu, **'pra ser aceita, eu achava que eu tinha que gostar de branco**. Era... E assim, os pretinhos também era bem..., eles não gostavam de preto, né? Os preto' esnobava a gente. Então eu comecei a me interessar por brancos. Lembro de todos, sabe? Os meninos que eu gostei eram mais claros. Aí, eu conheci o pai da minha menina, aí eu comecei a me interessar por negros. Assim, negros mesmo, da minha cor. Falei "Nossa! Minha cor é perfeita!". Negro é outro nível! Nós temos que nos valorizar! Nós temos que nos unir e não "Ah, é igual no Oriente, **'cê tem que clarear a raça!**". Pelo amor de Deus, Gente! Pelo amor de Deus, eu acho um absurdo uma visão dessas...Hoje, eu tenho uma cabeça aberta 'pra me envolver com qualquer cor. Eu sou bem pretinha, que eu sou uma preta quase noite no verão! (risos). Se eu envolver com um cara branco, as pessoas já te olham assim, né? Já olham diferente, né? (Nina).

É possível ter dimensão do impacto do relacionamento amoroso na vida da mulher negra quando Nina narra o relacionamento com o companheiro atual, que a incentiva a deixar o cabelo natural e elogia o cabelo e a beleza natural dela. E, ao contrapor o relacionamento atual com os anteriores, ela elenca as dificuldades com a autoestima, as experiências de "bullying", de rejeição, de amor platônico, relacionamento abusivo.

[...] Aquela questão da autoestima, ele que me incentivou a cortar o cabelo, ele me incentivou a deixar meu cabelo "black", **"Solta o seu cabelo! O seu cabelo é lindo!** 'Cê 'tá linda! 'Cê é maravilhosa!". Ele já fala 'pra mim "Aí, quê que ... **negra linda! Minha mulher não é maravilhosa?**". E assim ele me **põe 'pra cima, sabe?** Por mais que eu não esteja. Eu tenho essa dificuldade até hoje de **autoestima**, que eu acho que é uma construção de **"bullying"** que eu sofri na adolescência. **Rejeição, amor platônico**, eu já levei um **relacionamento abusivo**, daí é..., **rejeições posteriores**... Então assim, há uma série de fatores de envolvimento, né? (Nina).

Contexto de trabalho

As experiências das participantes no contexto do trabalho aparecem em situações de perda de emprego sobre pessoas próximas e sobre si mesmas, baseadas em escolha por aparência. O conhecimento da existência de racismo no contexto de trabalho aparece nos trechos de Gabi e Nina que contam experiências de pessoas próximas a elas, referentes à escolha de uma pessoa para o cargo baseada

na aparência. Gabi, destaca o conhecimento sobre escolha baseada na cor e no ter filhos.

Por incrível que pareça, até o momento não me ocorreu nada de... que atrapalhasse, né? Me atrapalhasse. Preconceito, nada assim me atrapalhou. Não ocorreu nada comigo. Mesmo que eu veja com as outras mulheres, muitas mulheres me falaram que - por **conta da cor e por ter filho**, né - é difícil conseguir um emprego, as pessoas já começam a olhar, "Ah, já vai...". Tipo, **tem gente que já me falou que já escolheram, né, a outra do que... por causa da cor**, então isso **machuca demais a gente**, né? **Se acontecesse comigo, nossa! Não sei o quê que eu faria**. É isso. (risos)... (Gabi).

Emprego. Emprego tem diferença, uma amiga minha uma vez me falou - nossa, **ela é uma amiga superinteligente, super "nerd", ela veio lá da federal** - e ela foi tentar um emprego na XX, como representante também... trabalhar com essa parte nutricional no hospital. O homem olhou ela de cima embaixo e preferiu uma amiga minha que era branca, ela tinha... **bonita, cabelo liso, tinha mais aparência**, tinha um **corpo muito bonito**. Não que ela não tenha, ela era bonita, **só que ela é negra**, então **a oportunidade 'pra outra foi maior do que 'pra ela pela aparência**. Aparência. Não falo "Não, ah, porque a mulher negra é feia". Não! Aparência, eu falo, mulher branca. Você ser branca, você ter o cabelo liso, 'tendeu? Você **ter a pele clara te facilita, te abre mais portas, do que você ser negra**. (Nina).

Pati, Gabriela e Preta narram processos de perda de emprego baseados na cor. Pati conta que, para a mesma vaga que ouviu já ter sido preenchida, sua amiga foi contratada para iniciar no outro dia. Gabriela conta sobre a experiência que teve de uma escolha para a vaga baseada na aparência. Preta conta sobre critérios em que a pessoa é escolhida baseada na cor, já que é desqualificada para determinado trabalho.

Né?! E uma coisa que me marcou muito, muito, muito na minha vida que quando eu fiz técnico, procurando emprego, louca querendo, já tinha um filho, já tinha o D., com 18 anos. Eu e minha amiga loira fomos procurar emprego na XX, somos técnicas, mesmo nível de conhecimento, um currículo igual porque tudo que ela tinha feito de curso, eu também tinha feito, os mesmos estágios, os mesmos horários, tudo, tudo igual. E aí **na entrevista, eu entrei, o moço me olhou e disse, assim, baixo' é, mas infelizmente nós...'** **'Mas infelizmente nós já completamos a nossa carga horária'**. Eu fiquei muito chateada, mas saí, 'tô nem aí, 'tava procurando emprego mesmo, tudo bem, vou pra outra. E fiquei do lado de fora esperando a minha amiga pra gente ir junto. Ela entrou, ele falou que ela podia começar no outro dia. Eu entrei primeiro, ele me entrevistou, assim, bem meia boca, eu fiquei, tipo, dez minutos e com ela, ele deve ter ficado uns quarenta minutos e falou que ela podia começar no outro dia. ...única coisa que uma diferenciava da outra é que ela era branca e eu era negra. Então eu senti isso na hora, eu senti na pele, na pele, na pele. (Pati).

[...] Então o assim assado é isso, de **dar preferência realmente porque a menina é branca**, um curso, sabe?! Às vezes eu levei projetos mais interessantes, não 'tô falando assim em comparação ao conteúdo não, de ter iniciativa, entendeu?! Mas **a empresa optou por outra pessoa por estética**,

porque o cargo que precisava, às vezes, era uma secretária, alguma coisa, por estética preferia outra pessoa. (Gabriela).

Às vezes, aquele **branco** que tomou o seu lugar é ... é muito **menos capacitado** do que você, **aí vem um e fala "Não, eu vou ficar com ele"**, aí 'cê vai ver que **aquele que ficou com você não sabe nada**. Aí, você vê que realmente foi um preconceito. (Preta).

As experiências das participantes com um tratamento desrespeitoso no trabalho perpassam a denominação pelo chefe de trabalho de termos depreciativos. No caso de Preta, o chefe dela não a chamava pelo nome, mas, a nomeava como "crioula" e, quando ela reclamava, ele discursava que o racismo deveria acabar.

Preta também falou sobre os pacientes com um poder aquisitivo maior, que solicitavam que ela não exercesse a profissão dela em seu ambiente de trabalho. Ou mesmo em situações que soam como ambíguas, de pessoas que relacionavam que ela faria um trabalho por ser negra.

E, assim, sem contar assim, né? ... Quando a gente procurou **trabalhar no hospital particular**... duas vezes ... **um dos donos** me chamou de **crioula**, né? Assim. Aí, a primeira vez eu fiquei quieta, a segunda vez eu chamei ele no canto, falei 'pra ele que eu não aceitaria. E qual que era a **dificuldade dele me chamar pelo meu nome**... O nome que a minha mãe me escolheu foi Preta, se você tiver dificuldade de falar, e a partir de agora eu não aceito". **"Ah, esse negócio de racismo tem que acabar!"**, eu falei "Então vamo' começar pelo senhor me respeitando. Eu te respeito, você me respeita, ponto". Aí, ele achou meio assim, né? Por ele ser o dono, ele achou que eu não ia falar (Preta).

... Eu era a **única técnica preta** na época, do hospital inteiro eu era a única, então a gente sempre tinha aquilo, né? Então aquele que sempre tinha, que **achava que tinha mais dinheiro**, falava que **não era pra mim ir no quarto**, essas coisas. (Preta).

Igual eu já ouvi essa s... essa... esses tempos atrás - esses tempos atrás já tem quase mais de ... quase dois meses ou mais - a moça ... Todo mundo 'tava furando ela, ninguém conseguia, aí foi e me chamou. Ela olhou 'pra mim e falou assim **"Ah, você vai conseguir. Você é negra"**. Eu falei. Aí, eu ainda perguntei 'pra ela aí "Por quê? Quê que tem a ver?". Ela falou "Não, porque negro trabalha bem". Então, assim, **a gente tem essa oportunidade**, ... **Aí, fica naquela questão "E se ela tivesse falado ao contrário?"**. **"Não, você não vai conseguir, porque você é preta!"**. Será que isso teria me abalado? 'Cê entendeu? Será que eu tinha fechado ali? Não. ... Aí, eu ia conseguir! Apesar que eu consegui de todo jeito, né? **'pera aí que eu vou te mostrar que eu consigo! la lá e desafia...** (Preta).

A ambiguidade no relacionamento com o chefe também aparece na fala da Gabriela. A percepção dela é a de que o chefe não seja racista, mas, ela percebe uma diferença na associação dele acreditar que ela seja mais forte e resistente por ser uma pessoa negra, conforme mostram os trechos a seguir:

(...) eu trabalho em uma agência de comunicação e eu sou a gerente do setor, eu gerencio outras pessoas a parte de mim, tem o dono da empresa, né?! E ele nunca falou claramente, **eu também não acho que ele seja racista não**, mas **eu vejo a diferença em achar que a pessoa negra resiste mais**, sabe, nisso de... porque antes de estar no cargo que eu estou, existia outra pessoa, na mesma função, aí a pessoa viajou e eu fiquei no lugar dela. E eu **já vi que ele não tratava**, ele sempre foi muito ríspido com todo mundo só **que daí eu vejo que comigo parece que é uma coisa, tipo assim, você é mais forte, sabe?! Então eu acho que isso é cultural, sabe?! Do negro resistir mais.** (Gabriela).

Que me... que eu sei que se fosse com outra pessoa **ele não falaria dessa forma**, não agiria dessa forma. Mas, 'não, porque **você é mais resistente**, não, **você é mais forte**, não, você tem que aguentar esse tipo de pressão'. (Gabriela).

Então ele me coloca para as partes ruins, um exemplo, ele como dono da empresa, é ele que vai decidir algumas coisas, como, finalizar alguma arte, alguma coisa, é ele que tem que dar o ponto final. Aí ele me coloca ali, sabendo que ele vai dar o ponto final, mas **me coloca ali como linha de frente, sabe, para tomar o chumbo grosso**. Aí depois ele vem 'aí isso, aquilo'. E aí também **o jeito de conversar, de falar**, eu sei que se fosse com outra pessoa **ele não falaria dessa forma**... como fala, é **nas entrelinhas**, é o jeito, você vai **percebendo a diferença com um, com outro**, acho que é mais isso. (Gabriela).

Outras situações de preconceito no contexto do trabalho são narradas por Preta, que percebe, reincidentemente, um tratamento depreciativo baseando-se em sua pele em críticas que não diziam do modo que ela trabalhava, percebido pela sua própria chefe. Dandara também descreve situações que ocorrem em seus ambientes de trabalho, no qual ela percebe que as pessoas não desejavam que ela fizesse determinado curso. Dandara conta que teve medo de que colocassem “algo” em seu armário para prejudicá-la, fazendo com que ela se tornasse pessoa neurótica.

Eles chegava' lá, falava' assim "Ah aquela menina foi lá olhou a minha pressão, não olhou direito, eu quero que você olhe!", ... minha chefe, que era loira do olho verde. Aí, minha chefe chegava em mim e falava "Preta, eu senti um pouquinho de precece...". Ela falava. Ela me chamava no canto e falava **"Preta, eu senti que aquela mulher, ela tem um pouquinho de preconceito, eu vou te trocar"**, 'cê entendeu?... (Preta).

É aberto, 'pra gente que vive e é camuflado pr'os que 'tá em volta, porque eles não, sabe? 'Pra não ... Acho que por causa da lei... **"Ó, eu não quero que você me cuida de mim por causa da sua cor", vou respeitar.** Não, beleza, eu vou respeitar, não quer, não quer. Mas eles não chegavam isso, **chegava e falava "Ai porque você não fez isso direito! Ai porque..."** 'Cê entendeu? **Criticavam o meu serviço.** Então, assim, quem me conhecia, que era a minha chefe, que me conhecia, **ela sabia que não era o meu serviço**, ela sabia que não era ... **O negócio era a minha pele.** Então por muitas vezes, não foi uma, duas, foi muitas vezes que ela chegou 'pra mim e falou "Preta, eu vou te mudar de paciente. **Porque não foi só uma vez, ...**

É... posso te dar um exemplo que eu passei? eu vou dar um mais recente que 'tá marcado na minha vida que eu até agora eu não consegui entender os motivos. **E eu acho que é o preconceito.** Eu fui chamada pro meu curso..., eu não poderia fazer porque eu peguei dois anos de instituição, eu não estava dentro dos requisitos. Mas me chamaram, Dandara, como eu fiz direito, eu disse não, se eu entrar na justiça, eu faço o curso normal, só que eu fui pro curso, eu consegui a liminar, fiz o curso. Só que a partir do momento que eu entrei pra fazer o curso começaram... **eu passei problemas sérios, né?! de pessoas, que eu não entendi o motivo até hoje, não queria que eu fizesse aquele curso, né?! [...] não queria deixar... eu ter armário e ficar com medo de colocarem alguma coisa no meu arm... porque na verdade queriam me mandar pra fora o serviço,** é isso, queriam me tirar da carreira militar, em resumo. E eu passei isso. Todos os dias tinha algo, **todos os dias eu era humilhada,** todos os dias eu tinha problema, **todos os dias eu ficava neurótica,** eu tive depressão, eu tive Síndrome do Pânico (Dandara).

a) o papel da branquitude

Os resultados mostram que falar da construção da identidade racial negra é também analisar o significado da construção da relação com a branquitude na vida das participantes. As narrativas possibilitam pensar a dimensão da branquitude em sua subjetividade, assim como da responsabilidade da branquitude na violência simbólica e concreta na vida das pessoas negras.

Gabriela e Nina descrevem sobre o desejo e o entendimento de serem brancas. Gabriela, no trecho abaixo, analisa que se tivesse a altura, o peso e as qualidades que possui, mas, em um corpo branco, as oportunidades seriam totalmente diferentes das que ela possui em sua vida atual.

Dos meninos só gostarem 'ah, porque ela é assim, assado'. [o assado] é branca, sabe, eu mesma já pensei comigo 'gente, **se eu fosse branca**', igual, porque eu sou uma magra, alta, comunicativa, eu tenho certeza de que se eu fosse branca **as oportunidades que eu teria na vida seriam totalmente diferentes,** isso eu **tenho certeza,** sabe?! (Gabriela).

Já Nina mostra que depois de ter sofrido “tanta rejeição racial” passou a gritar no contexto escolar sobre o seu desejo de ser branca, o que dá início ao seu sofrimento com o “bullying”:

E eu lembro uma vez uma cena na escola - não foi em relação à professora - foi quando **eu sofri tanta rejeição racial que eu saí gritando na escola que eu queria ser branca.** "Eu quero ser branca! Eu quero ser branca!" e grudei na grade... Aí, ela foi chamar o meu irmão, a professora "Olha, aquela ali é sua irmã?". Ele olhou, "Não" (risos). "Não conheço, não", falou com o meu irmão. Aí, foi um do... uma da ... quando eu comecei a sofrer o "**bullying**" na escola, foi marcante. (Nina).

A narrativa de Preta evidencia que pessoas brancas têm um problema de enxergar o racismo, justificando que elas não acreditam em sua existência, assim como o invalidam. Preta analisa que as pessoas brancas não vivem o racismo, embora os fatos apresentem-se a elas de forma concreta. Ela também mostra que as pessoas brancas continuam afirmando que todas as pessoas são iguais.

Muitas pessoas branca' não enxerga' que tem esse preconceito até hoje. Porque quando eu falo que tem o preconceito **eles não acreditam**, porque **eles não vivem**, 'cê entendeu? Aí, 'cê vai conversar lá, igual lá no [hospital], só tinha eu de negra, depois que entrou um "neguin'" e a tarde entrou uma outra negra, **da minha ala lá eu sou a única negra.** Então eu **conversar com racista no meio de branco é estranho, porque eles não acredita'**, **eles falam que isso não existe mais**, que **isso aí ficou 'pra trás, isso aí é coisa da cabeça da gente.** Eles **só acreditam na hora que eles veem**, igual **esses tempos atrás a moça ela xingou a gente**, aí eles viu (viram) **aí acreditou, entendeu?** Eu acho que **a gente tem essa deficiência - eu vou falar que é uma deficiência - de ajuda, porque muitos não acredita' que existe... porque é todo mundo igual, que não sei o que".** Então fica meio complicado, mas eu acho que se vivesse ... Porque é mu... **Hoje em dia ficou muito camuflado, né?** Porque ninguém vai chegar em você, vai chamar você de "nega", de preta, ... (Preta).

O descrédito das experiências de racismo pode ser observado dentro da própria família. Preta, por exemplo, mostra que a mãe, por não ter passado por racismo, não soube lidar com o sofrimento dela, assim como não foi ponto de apoio.

Igual eu 'to te falando, igual a minha mãe, **minha mãe não soube lidar porque infelizmente ela nunca passou por isso, né?** Hoje em dia, 'cê vai falar, não acredita tanto quanto, então na hora que 'cê mostra, na hora que 'cê que ouve, que vê e acontece, aí te fala "**Nossa, ainda existe isso**", sabe? Então, assim, fica meio com mei... **Meio difícil a gente ter essa ... essa força, esse apoio da ... de outras pessoas**, porque **justamente porque não acreditam.** Mas hoje eu não critico tanto. (Preta).

Úrsula também mostra o papel da branquitude em suas experiências, apresentando que os argumentos das pessoas brancas são de que não prejudicaram a pessoa negra, e, no caso específico do culto de jovens, ela demonstra que o comentário das pessoas de combinarem encontros, nos quais ela não participaria, para alisar o cabelo, rebatia de forma muito negativa nela.

Aí tipo o que que passa na cabeça. Então por isso que eu te falei que desde sempre são muitas situações, algumas que, por exemplo, ele vai dizer **'eu tava brincando tá'**, **'eu não prejudiquei em nada ela'**, mas claro que me prejudicou, sabe?! Assim como, por exemplo, as meninas quando dizia assim 'ah a gente vai alisar o cabelo para o culto de jovens hoje', elas **estavam propositadamente me prejudicando**, acho que é muito difícil, a não ser que fosse uma questão patológica, mas acho muito difícil, só que como eu

percebo isso, como isso rebatia em mim, sabe?! Tipo, rebatia de forma negativa. (Úrsula).

Nina expressa sua percepção do conjunto de oportunidades no âmbito do emprego e dos relacionamentos, de pessoas em uma mesma condição social, a partir das questões de raça, na qual ela julga que as pessoas brancas sempre terão um leque superior de oportunidades. Nina exemplifica que uma amiga comprava livros e viajava para os congressos durante a faculdade, enquanto a dificuldade financeira dela impedia, inclusive, que ela comesse o que quisesse.

Oportunidades. O branco tem mais oportunidade que o negro, essa é a questão que eu falo. A gente pode 'tar na mesma linha social, mas eles sempre com mais **oportunidade** também. Isso é verdade, isso não é que "Ai, você é uma... **Vitimismo**", mas é a realidade dos fatos hoje falarem isso. Tem preconceito, sim. Então se uma pessoa, uma amiga minha que é **branca**, 'tá ... a gente 'tá disputando uma vaga de **emprego**, nós estamos **no mesmo nível social**, ela vai ter **mais oportunidade**. Um **relacionamento** com um cara mais, assim, rico, el... **Rico não gosta de pobre, mas às vezes tem um rico, entre uma mulher branca e uma mulher negra, ele vai escolher uma mulher branca, 'pra se igualar, assim, tipo, ao menos fisicamente**. Não todos pensam assim, tem cara que é rico, podre de rico, casa com negro. Tem na minha família, minha prima que ela é casada com um alemão, ele foi embora, agora eles moram nos Estados Unidos, tem uma vida boa. Tem outra que mora na França, o marido tem até castelo, um que se suicidou, mas também morava na França, mora em Paris, então isso não tem nada a ver to... Não vale 'pra todos, mas a maioria. (Nina).

Dificuldade financeira. É mais difícil, minha mãe não trabalhava fora, que ela queria ficar em casa 'pra cuidar da gente. **Oportunidades**, por exemplo: tinha uma amiga minha que a mãe, tipo, tadinha, ela não tinha condição, ela comprava o **livro** que ela queria, ela viajava 'pros congressos que elas queriam. Eu **nunca tive isso**, nem **comprar** o que eu queria **comer**, às vezes, eu tinha. Durante a minha graduação. Entendeu? Então isso foi uma **dificuldade** que eu tive, **financeira**. (Nina).

Os resultados desta seção mostram processos que podem ser entendidos à luz das concepções de sociogenia e alienação colonial discutidos por Fanon (2008). É visível o quanto as participantes vão sendo descaracterizadas, por meio de violências ao seu esquema corporal em distintos contextos, cotidianamente. As formas de enfrentamento do racismo, evidenciam o impacto danoso do racismo.

As participantes narram sentimentos de dúvida, tristeza, sufocamento das experiências, conflitos internos e processos de buscas para entender se a situação foi baseada, ou não, em cunho racial. Frente a essas situações de dúvida aparece uma diversidade de consequências. Há demonstrações de tortura e questionamentos contínuos para entender a situação vivida. Há situações na qual o sentimento é guardado intergeracionalmente. Outras situações expressam-se de maneira

comportamental, elas refletem que se diminuem, passam a acreditar que não serão ninguém, revoltam-se, tornam-se agressivas e não conseguem ser elas mesmas.

Nas histórias de algumas delas, apareceram tentativas de suicídio, desejo de morrer, de desistir, quadros de depressão, ansiedade e uso de tratamentos medicamentosos psiquiátricos, efeitos de sofrimento social do racismo que vêm sendo apontado por diversos autores (FAUSTINO, 2020; MILLANI; ALMEIDA, 2017; SANTOS, 2018).

A nós, terapeutas ocupacionais, vale a pena problematizar o quanto algo tão invisível quanto o racismo é um dispositivo destrutivo ao se fixar nos corpos, nas ocupações das pessoas, gerando comportamentos, impossibilitando sentimentos e trazendo tantos processos de privação. O racismo é desumanizador porque penetra nas dimensões do ser, do fazer, do tornar, do pertencer e, principalmente, do sentir. As narrativas mostram lutas solitárias das mulheres para romper com a introjeção do racismo, traumas, rupturas com a família e com a escola, rejeição de si e uma busca por aceitação que acontece geralmente na vida adulta. Três participantes afirmaram ter aceitado seu fenótipo apenas por volta dos quarenta anos de idade.

Destaca-se que o principal apoio apontado, frente ao conjunto de situações de violências raciais que elas sofrem, que não necessariamente é para esse tipo de situações, em geral, vem de Deus e da família. Das dez, apenas uma participante mencionou grupos de apoio.

4.2.1.2 Categoria II – “Existe diferença?” Experiência de Ser Mulher Mãe Negra

Essa categoria é organizada de acordo com o percurso que guia as ocupações da maternagem (ESDAILE; OLSON, 2004; FRANCIS-CONNOLLY; SYTNIK, 2015): antecipação da gravidez, planejamento da gravidez, momento da descoberta, gestação, parto, nascimento da criança, criação e educação

Pois é, ocupações maternas, ocupações maternas. Nossa, isso não é fácil não, né?! Essas ocupações maternas envolvem muita coisa, muita coisa. [...] (Sol).

Nos mapas corporais, a experiência da maternagem é representada visualmente, principalmente, pelo símbolo do coração e figuras que simbolizam os filhos. É possível observar que a maternagem é narrada antes mesmo da concretude

da descoberta da gravidez. A percepção do início da maternagem possui diferentes perspectivas. Por exemplo, Pati, acredita que esta ocorre anteriormente à confirmação da gestação, como algo inato e instintivo. A maternagem se inicia nas brincadeiras de e com as bonecas, durante a infância, e que são materializadas no futuro com o nascimento dos filhos. Gabriela também concebe a existência de um instinto materno das mães em situações que sente que precisa defender o filho.

E aí a gente estudou que as meninas, geralmente, que brincam muito de boneca, que tem muito boneco, muitas bonecas, elas têm um lado materno mais aguçado. E aí eu ficava pensando 'gente, eu tinha inúmeras bonecas e eu cuidava de todas as minhas bonecas'. Eu tinha dias de pentear cabelo, eu tinha dia de dar banho, de fazer roupinhas para minhas bonecas. Então, verdadeiramente, as mães são criadas mães, eu sinto que eu fui criada, eu nasci mãe, né?! ... sempre eu tive uma filhinha, sempre, eu deixei de ter um filhinho, uma coisinha para eu criar e cuidar depois que eu tive o D., que aí eu tive o D. (Pati).

Situação de, às vezes a criança 'tá com cólica, quando é bem pequenininho 'tá com aquela cólica ali e eu 'tô sofrendo porque a criança não quer mamar, não quer tomar remédio, 'tá sentindo alguma coisa, eu 'tô sofrendo, ele vem para me defender 'menino, para com isso' ou então 'ah...', eu já fico brava com ele porque aí é o meu instinto de mãe que quer defender o meu filho. (Gabriela).

Nesse momento, aparecem desejos de escolha do parceiro, considerando a cor do filho e o desejo de que ele nasça não negro ou negro. A racialização do filho aparece neste momento de antecipação da maternagem, seja com uma perspectiva de desejo, seja como medo de ter um filho negro. É possível observar este processo na história de Dandara quando ela diz, considerando uma perspectiva temporal, que não gostaria de ser mãe na adolescência, mas, ao considerar a possibilidade, imagina-se sendo mãe de um filho negro. Ou, na história de Preta, que tem medo de que seu filho nasça negro.

Você sabia que quando eu era adolescente eu falava que não queria ser mãe, né?! não quero ser mãe, não quero ser mãe, mas aí eu conversava com as minhas amigas assim: mas se um dia eu for mãe, **eu quero ser mãe de um negro** assim e imaginava a criança, se eu te falar que o meu filho é do jeitinho que eu imaginava, você acredita? (Dandara).

Não é que eu tinha esse preconceito, eu acho que era um pouco de **medo de o meu filho nascer negro**. Eu falei "Bom, se o meu filho... **Se eu escolho casar com um negro, o meu filho vai nascer negro**". Eu acho que eu já ... eu já tinha aquilo desde, né? Porque eu sofri muito, então eu falava assim "Não, o meu filho não vai sofrer o que eu sofri, então eu não quero... 'Pro meu filho não sofrer o que eu sofri, **o meu filho tem que nascer branco**, então eu tenho que casar com um branco". (Preta).

No momento da descoberta da gravidez, oito participantes não haviam planejado a primeira gravidez, mostrando sentimentos ambíguos em relação a esse evento. Uma das participantes perdeu um filho durante a gestação. No momento de nascimento, uma das crianças nasceu com uma disfunção sensorial. Essas informações delineiam a dimensão da complexidade dolorosa que mulheres negras podem viver em suas experiências de maternagem.

Destaca-se que, embora essas situações e sentimentos aconteçam a quaisquer mães, em outras palavras, não sendo vivências exclusivas das mães negras, o quanto o efeito cumulativo das preocupações e da penosidade da maternagem em uma sociedade tão violenta, como o caso do contexto brasileiro, intensificam essa preocupação.

Nos relatos das participantes, no momento do parto, no contexto hospitalar, aparecem narrativas com impedimento da presença do companheiro e da escolha do tipo do parto; ausência de informação, de autorização e de anestesia em procedimentos dolorosos; casos de violência obstétrica; ausência e negligência de informações sobre amamentação. Esses achados são semelhantes a outros estudos (MITTELBAACH, 2020; OLIVEIRA; KUBIAK, 2019; SILVA; LIMA, 2021).

Gestar um filho traz complexidades porque há um retorno ou uma intensidade nas questões relacionadas com a baixa autoestima da mulher negra, originárias das mudanças no corpo e no cabelo:

(...) dando parênteses, na época da gravidez é normal o cabelo cair, depois da gestação, é questão biológica, o hormônio, não é só comigo, não é só com mulher negra. E em mim na época da gravidez dos dois caiu muito aqui na frente, então assim, a autoestima ficou lá embaixo, então eu vi que realmente é uma coisa que me marca muito, sabe?! (Gabriela).

Até quando eu engravidei, eu engordei... eu era toda... o meu marido me conheceu, eu era magrinha, né? Tudo durinho, tudo em pezinho. Depois a gente casou, aí eu tive... eu perdi o primeiro, logo depois... três anos depois eu engravidei do meu filho. Eu engordei 45 Kg na minha gestação, então eu engordei muito! Muito. Aí, eu me via feia, né? eu passei a ter estria, passei a ter celulite, coisa que eu não tinha...Então assim, a maternidade, 'pra mim, veio n'uma hora muito complicada da minha vida, porque eu não soube aproveitar, porque eu me sentia, eu... igual eu 'to te falando pro'cê, eu já tinha uma bagagem de rejeição no passado e eu vim trazendo ela na minha vida e quando eu engravidei, aí ficou foi pior. Porque além d'eu me ver preta, feia, eu já 'tava... tinha ficado gorda, tinha ficado cheia de estria, tinha ficado cheia de celulite, e meu marido se achava o "bambambam", aí ele parece que fazia de propósito, sabe? Aí, ele se arrumava, ele ia todo 'pra escola e eu me sentia feia, aí ele olhava 'pra uma "Olha que linda! Mais magrinha que 'cê" aí eu me sentia mais feia ainda. Porque depois que eu em... depois que o meu filho nasceu, aí eu tive que encarar meu marido falando que o peito que era dois

mamão papaia virou duas melancias, depois virou dois mamão de corda. (Preta).

Além dos processos individuais de elaboração da gestação pelas mulheres, Úrsula compartilha as dificuldades de achar profissionais da medicina que demonstrem respeito. Já a narrativa de Preta demonstra as violências sofridas neste processo, como a não identificação da sua própria gravidez pelos profissionais da saúde. Preta também comenta o medo de ter um filho com deficiência devido aos medicamentos tomados por ela.

O fato, por exemplo, da... do próprio, né, depois, as experiências de gestação, de pré-natal, de sabe, de você não achar médico que te respeite. (Úrsula).

O N. é de 2003. Em 2002 eu comecei a passar muito mal, muito mal, mas eu passava mal que eu vomitava, nada parava no meu estômago, e minha barriga começou a crescer. Aí, eu fui no médico, ele falou assim 'pra mim: 'Cê tá com um mioma. Eu falei "Ah não". "Cê tá com um cisto no ovário". E eu falei "Doutor, mas eu não 'to menstruando". Ele falou "Não, mas é assim mesmo, quem tem cisto é assim mesmo, 'cê tá com um cisto". Eu falei "Mas por que eu 'to vomitando tanto?". Ele falou assim "É porquê... tua vesícula". E eu tomava remédio, e eu tomava remédio, e nada melhorava. Aí, um dia a mãe do meu marido foi lá em casa, eu passando mal... Eu já era magra, agora eu engordei depois. E eu ficava só com aquela barriga inchada e meu... minha sogra falava assim 'pro meu marido: 'Cê vai levar essa menina n'um médico que essa menina vai morrer aqui dentro! Essa menina não 'tá bem!... Essa menina vai morrer aqui. Aí, meu marido me pegou e me levou 'pro médico. E a gente ficava nessa... E os médicos só falavam isso 'pra mim, que eu 'tava com um cisto e que eu 'tava com a vesícula ... que eu tinha problema de vesícula e tacava remédio na minha veia 'pra mim melhorar, Aí, eu comecei a fazer corrente na igreja – porque minha mãe na época já era da igreja – aí eu comecei a fazer corrente, falei "Meu Deus, quê que 'tá acontecendo comigo? Eu nunca mais vou ser mãe". Eu tinha esse desespero, eu tinha esse medo de não poder ser mãe, porque era o meu sonho ser mãe. Aí... o médico passou aquele negócio 'pra ver se tinha... escutava algum coração do nenê, aí não escutou, falou "Não, realmente, 'cê não... grávida 'cê não 'tá"... Aí, eu comecei a orar pedindo 'pra Deus, eu orava pedindo 'pra Deus todos os dias. Aí, um dia eu fiz uns exames de sangue... Aí, no dia que eu orei, que eu comecei a orar, apareceu, deu lá, positivo! Aí, veio as falação: Ai, porque agora o seu nenê vai nascer defeituoso, porque o tanto de remédio que 'cê tomou. Aí, quando deu... quando eu completei 5 meses, eu comecei a perder o meu filho de novo. Comecei a ter os mesmos sintomas que eu tive da outra gravidez, que eu perdi, eu comecei a ter de novo os sintomas. Aí, eu comecei a dilatar, dilatei 4 dedos, comecei a ter muita dor, muita dor, tomei o remédio até os 8 meses de gestação. Mas foi uma gestação assim, muito tranquila em relação... fora isso, foi uma gestação tranquila. Às vezes, eu trabalhava de doméstica, o doutor falava assim 'pra "micê": Preta, agora a gente vai te afastar tantos dias. Aí, ele me dava atestado, eu ficava uma semana em casa mais de repouso, aí eu voltava. Então foi assim, mas eu amava, eu sentia ele mexer dentro da minha barriga, eu achava isso assim, sabe? Tudo de bom. (Preta).

Algumas delas narram a impossibilidade de escolha do parto, ausência de acompanhante e violências obstétricas.

Na segunda gravidez, eu vi, tipo, eles não deixaram ele entrar no trabalho de parto, ficou falando 'não, ele tá assinando documento tal, tal, tal', se bem que também foi muito rápido, eu ganhei o neném muito rápido... as enfermeiras não deram atenção por que, eu não sei explicar direito, por que você não, hoje em dia você não pode, os médicos não podem forçar, não pode subir em cima, tal, tal, tal, então elas deixaram, sabe, eu senti desse jeito, ninguém foi ajudar, eu pedia pra segurar, eu chamei, eu falei assim 'aí chama o meu marido, chama o meu marido para poder ver o parto, para poder ajudar tal, tal, tal', 'não, não, já tá vindo'...na segunda gravidez eu vi bem mais, muito mais desdém, sabe assim?! Não sei se por ser público, por ser negra também, não sei explicar, mas eu senti bem, bem desdém mesmo. (Gabriela).

É uma marquinha pequenininha. Ela tá grandona, né?! Porque quando eu tive o L.H., era outro médico... ele mesmo falou 'ficou uma marca bem pequenininha', aí eu falei 'ah tá', aí agora foi a A. e mulher é bem mais violenta. Eu achei. Porque quando eu tive o L.H. foi homem... E com o B. foi a doutora A. ...o meu marido falou 'nossa'. Eu não sei, parece que o Doutor R. é mais carinhoso. Sei lá, né?! Cada um tem um jeito. (Maria Fernanda).

E eu acho que um dos meus maiores medos, por exemplo, quando eu fui encarar o meu segundo parto, eu sempre quis parto normal, né! Quando eu engravidei da A.L. tinha nítido pra mim que também seria parto normal, não foi, mas o meu maior medo sempre foi por causa da episiotomia, né?! De ter que passar por isso de novo ou pelo fato de já ter tido uma, ter que ter sempre, sabe?! E aí no parto da A.L. foi muito tranquilo, né?! Eu tive uma lacerãozinha de dois pontinhos só, né?! Mas episiotomia é uma marca que eu carrego aqui e acho bem forte assim. (Úrsula).

[...] Quando eu fui ganhar a G., eu fui com dor, sentindo contração. Só que já 'tava marcado 'pra ser cesárea. Só que, na hora, eu falei assim "Gente, eu acho que eu quero tentar o parto normal" e eles "Não, não. A gente já 'tá... já 'tá tudo arrumado e vai ser cesárea, já 'tá escolhido e tal". Eu falei "Ah, mas, né, eu acho que eu consigo fazer o normal" e não, eles falaram assim que "Nossa, se 'cê já 'tá com muita dor assim, imagina quando tiver mesmo 'pra quase ganhar". Eu falei "Mas gente, né, é uma escolha minha, né?". Não, e quando viu, já 'tava virada de costas, de... Não, não deixaram, não. Já fui ali, já marquei com cesárea e nasceu. Aí, já não gostei, mas... porque o pós-parto, Deus me livre. É superdifícil. Nossa, a gente fica totalmente dependente dos outros. (Gabi).

Quando N.F. nasceu, eu tive ela pelo SUS. E aí eu deixei pra ir para o hospital já quando eu 'tava, né, com muitas dores só que eu era mãe de primeira viagem, eu não sabia contar o tempo, né?! Eu achei que 'tava pra nascer e eu cheguei lá com 2 cm de lactação, a gente não dá pra te mandar de volta, né, mas vai demorar um pouco. Aí fui, foi muita coisa, tipo, de furarem, estourarem a minha bolsa sem meu consentimento, de eu tive parto normal, né, de me.... De me dar pique sem eu querer. De, depois na hora de me costurar, 'tá acabando a anestesia e eu falo 'tá doendo', ele falou 'não, não tá doendo, a dor já foi só aguentar firme', só que tipo 'tava doendo, né. (Úrsula).

Em outro momento da maternagem, criação dos filhos, aparece um conjunto diversificado de experiências de violência sofridas pelas mulheres, configurando-se entre violências físicas e simbólicas. As mulheres vivenciam um processo de

preocupação, vigilância e proteção dos filhos. Elas também são surpreendidas por um conjunto de perguntas e ações das pessoas, comumente referidas como de cor/raça branca, direcionadas a si próprias, ou a seus filhos, baseadas na cor. É possível observar que o contexto escolar reaparece nas narrativas das mães como o principal foco de preocupação e de narrativas de experiências e sofrimentos dos filhos baseadas em experiências originárias na cor de pele e no cabelo.

O processo de criar os filhos, depois do nascimento da criança, envolve uma diversidade de cuidados que contemplam a amamentação e os processos educativos relacionados com a comunicação com esta criança. Neste tópico, darei ênfase àquilo que poderia ser denominado como a (compartilhada) vida secreta dos filhos, especialmente por serem aspectos que estão relacionados questões vividas em virtude da cor/raça negra.

A faixa etária das filhas e filhos das participantes deste estudo é diversificada. Para resumir o que as participantes expressaram sobre a leitura diária dos filhos, e/ou o que percebem em cada um dos ciclos do desenvolvimento apresento a seguir: 0 a 6 anos; 7 a 11 anos; 12 a 18 anos.

No ciclo entre zero e seis anos, é possível identificar um conjunto de experiências que se configuram a partir da cor da pele, que transitam pela percepção de um olhar diferente, seja para a mãe, seja para a criança, em falas que embranquecem, ou, em outras palavras, apagam as características da negritude da criança, na impossibilidade de uma mulher de pele escura ser mãe de uma criança de pele mais clara, ocasionando tratamentos explicitamente desiguais. As mulheres respondem socialmente sobre a cor da pele do filho. Definir a cor da pele do filho, dentro da categoria negro, pode passar por um processo de negação e embranquecimento da criança, assim como a mulher negra pode ser questionada explicitamente se seria a babá da criança, caso tenha uma cor de pele diferente do filho.

No contexto escolar, foi possível constatar o apagamento, a alteração e a depreciação das características negras relacionadas à cor e ao cabelo. Além de um tratamento excludente pela direção e pelas professoras da escola.

Agora os meus filhos eu não percebi como é que tá a cor [no documento de registro de nascimento], não percebi. Mas quando eles perguntam para mim, né, **'que cor que o seu filho é?'** Aí eu **fico na dúvida o que que eu vou falar**, né, porque **eu sou negra, meus filhos são negros**, né, mas **se gente fala que ele é negro 'não, mas ele não é negro não'**. (Maria Fernanda).

Então... havia muito preconceito pela questão de que ele era muito, muito, **muito branco e cabelo de cor ariana**. O *cabê* dele, Nossa Senhora, o *cabê* 'cê não fá nem ideia! O *cabê* dele é **liso**, liso mesmo, de parar nada. (Bia).

Eu tive uma dificuldade muito grande quando o meu filho nasceu, por ele ter nascido **branco**. Às vezes, eu saía com ele, os outros achavam que eu era **babá**... Já teve comentário falando "**Nossa, mas 'cê é preta e o seu filho nasceu branquinho** assim?!". (Preta).

Igual teve vezes, quando o meu menino era bebezinho, o B., saía no centro da cidade com ele, umas duas pessoas, perguntaram '**ele é seu?**' **É. Nunca vi 'é seu?', 'é meu'**. Aí um dia a mulher 'ele é seu?', aí eu falei 'é', 'não, mas eu tô falando sério', aí eu falei para ela 'mas eu também estou falando sério, ele é meu'. Você entendeu?! **Como se diz um menino tão branquinho, né?!** Agora parou. Mas eu acho que parou assim porque sempre que eu 'tô com ele, ele já tá no peito, adora tá no peito, quer peito, sabe?! **Porque eu acho que se não tinha muita gente assim que duvidava 'é seu filho ou você é a babá'**. (Maria Fernanda).

Não, é diferente só na questão de quê? Porque **eu tenho dois filhos são mais claros, né?** Então, sim, aí tem mais preconceito. Porque me pergunta **se é babá, quanto que uma babá ganha, entendeu?** Por quê? Porque eu ser mais escura e eles serem mais claro a diferença. Eu tenho uma [filha] um pouco mais **clara** que você, um já do seu tom e ela mais clarinha e um que é **loirinho**. Do **cabelo muito liso**. (Bia)

É igual **olhares** também, a gente nota pelo olhar das pessoas, né? Por causa da **nossa cor**, a gente nota. **Foi isso que eu senti naquele dia, no primeiro dia de aula dela**. (Gabi).

Devem olhar, nunca tive essa experiência, mas devem olhar e já pensar é bolsista. Né?! Eu acho que deve ser ... já falou um monte de vez para mim levar o L.H. (filho) para fazer prova nessas escolas particulares e entrar com bolsa, e eu falei '**eu não quero, não quero não**', **ele vai ter que ser capaz de fazer por ele mesmo, não tem que estar na particular para ganhar bolsa porque é filho de negro não, ele vai entrar quando tiver aqui entrar, enquanto isso ele vai estudar em escola pública e pronto**. (Maria Fernanda).

Não, esses dias eu fui no **supermercado**... No... No supermercado com a G., 'tava eu, a G. e a G.. Daí, um rapaz que trabalha lá, pegou eu, me olhou assim, olhou 'pras menina': **Nossa! Que meninas bonitas! Principalmente essa aqui, mais tostada**. Desse jeito! tostada?! "É, essa mais tostadinha! Ai que linda!"... tem nem noção de falar umas coisa' dessa'. Pior que nem é tão branco assim. (Gabi).

É, igual eu 'tava lendo também, né? Sobre a Taís Araújo, ela falou uma coisa muito verdade. **Como que ela vai criar os filhos dela em um país preconceituoso igual o nosso, né?** De como lidar com isso e é difícil, ela falou que realmente é difícil. Até conversar com ele sobre isso, mas ela nunca de... Ela falou assim - como é que ela falou, gente? **Não deixa ele se sentir diminuído, sabe?** E ela explicou que Eu não vou lembrar cert... direito as palavras que ela usou. E a menina, a filha dela, ela também tem muito medo do mundo futuramente, né? (Gabi).

Mas quando você chega num lugar e não ver nenhum negro assim você já fala: vou ser o centro das atenções, né?! Não o centro das atenções, mas vão me olhar diferente. Então eu acho que isso tem diferença, né?! Que eu acho diferente. Que tem, né, essa diferença quanto à criação dos filhos. Sabe?! Eu

não 'tô falando que elas não dão amor para os seus filhos, dão, mas é, não é aquela coisa de cuidar toda hora, de tá ali, sabe?! Grudado na cria. Eu falei nossa, será que sou eu que sou cuidado demais ou as mães que, né?! Depois eu fiquei pensando, e falei: ah deve ser por isso, tem baba o tempo todo. Como era a fim de semana, com certeza a babá 'tava de folga. (Maria Fernanda).

Deixa eu.... Que eu **'to tentando decifrar uma coisa que eu passei que eu não sei se foi preconceito ou não**, porque a G. começou a fazer inglês, tal, lá no **curso de inglês** e, aí, não sei se é porque a gente já fica meio assim, né? **Porque a maioria dos aluno' lá, da idade dela, são, assim, diferente, né?** Porque eu acho que a cor deles, eles... Tipo assim, **a direção, os professores**, acho que **já começam a tratar eles diferente da G.** Não sei se é **por ela ser negra ou se é por ela 'tá, assim, em escola pública.** Não sei, mas eu senti. **Sabe quando a gente sente que é tratado diferente?** Mas também, eu não sei, eu não tenho aquela certeza, então a gente... Por isso que **eu não falei com ninguém ainda sobre isso.** (Gabi).

Maria Fernanda. Então existe. E tem gente **que por mais que tenta disfarçar a gente vê no olhar da pessoa, a gente percebe.** O meu filho disse essa semana para mim, na semana passada, que ia escolher o corte de cabelo dele porque ele não ia careca, ele não queria ser careca porque os coleguinhas falaram que ele era careca, porque eu só corto o cabelo deles baixinho, 'não, porque eu vou escolher o corte porque eu não vou ser careca, porque o meus coleguinhas falaram que eu sou careca' (risadas).

Entrevistadora. E aí o que você fez?

Maria Fernanda. Eu deixei ele cortar o cabelo dele do jeito que ele queria. Ele foi lá e escolheu o corte, ele cortou assim e deixou um pouco assim. E eu deixei.

Entrevistadora. Aham. E o que que passou na sua cabeça quando ele falou isso Maria Fernanda?

Entrevistada. Na hora assim que ele falou eu dei aquela pensada, aquela respirada e falei será, né, porque as crianças, é igual eu falo, ninguém nasce preconceituoso, ninguém nasce racista, não nasce, é a forma que eu estou ensinando meu filho, 'ó seu coleguinha ele tem a cor mais escura, o outro coleguinha tem outra cor, mas são todos iguais', é a forma que eu ensino para ele, né?! Então eu acho que a escola, a escola passa isso, mas e a família?!

Entrevistadora. Você acha que alguém pode ter falado alguma coisa relacionada à cor da pele dele ou?

Maria Fernanda. Não. Eu acho que na hora até passou pela minha cabeça, mas depois eu parei e analisei. E ele 'não, mãe é porque os meus coleguinhas cortam o cabelo e é careca só aqui embaixo e tal', aí eu falei deve ser porque quer ficar mais ou menos o corte igual dos coleguinhas, né?! **Porque a pessoa tem 5 anos ainda, né?! Então por esse lado, eu achei que poderia ter sido só para querer ficar igual aos coleguinhas. Penso eu.**

Ainda mais... Na primeira **escola** da G., aí tinha lá as criança' com **os cabelo lisinho**, só que **o dela é cacheado**, ou seja, eu não gosto de passar a escova, porque o cacho' arma e fica... não fica os cachinho, sabe? É só passar um pente e pronto, 'tá resolvido. Não, o quê que elas fazia com o cabelo dela? **Puxava o cabelo da menina 'pra ficar liso, sabe?** A menina voltava com o cabelo de "chinezinho" assim. Eu falei "Gente, 'pra quê isso? Não... Deixa o cabelo da menina cacheadinho, deixa arrumadinho", **mas fazendo 'pro cabelo dela não ficar cacheado.** Porque eu mandava a menina amarrado sem forçar e deixando os cachinho' normal, ela voltava com o cabelo armado assim, parecendo que eles queriam esticar o cabelo da menina. (Gabi).

No ciclo entre os sete e 11 anos, destaco excertos de duas narrativas, de Dandara e de Nina. Dandara mostra os desafios de ter um filho de nove anos em uma escola particular de Uberaba. Ela se preocupa com o desenvolvimento cognitivo de

seu filho, porque acredita que isso trará a oportunidade de sua ascensão social. No entanto, o filho de Dandara demonstra uma dificuldade em lidar com a forma como é tratado na escola. A história de Dandara mostra um drama vivido pelo filho com os professores e com os colegas da escola. Os diálogos com as professoras mostram que seu desempenho escolar é insuficiente na expectativa das professoras, mas, não ficam evidentes os pontos que o filho de Dandara precisa melhorar.

Já no trecho da narrativa de Nina é possível identificar que a filha questiona o amor da mãe. Nina expõe que essa carência afetiva é associada à ausência de afeto durante a gravidez, as rupturas das relações afetivas, inclusive do pai, e ao fato da filha dormir com a mãe. Assim como justifica a seriedade da filha a esses eventos.

E como que eu vou fazer isso... porque quando você tem um determinado conhecimento você bate de frente com o mundo e vai, mas e se você é traído, se você não tem... 'cê entendeu a minha preocupação?! É porque às vezes eu me preocupo com o cognitivo, eu vivo falando pro meu filho o seu melhor amigo é o livro [...] eu falei às vezes você vai ter dificuldade para arranjar um emprego, vai ter dificuldade para arranjar uma colocação. Então, quando eu chego na escola para conversar **muitas não entendem o que eu quero falar**, Sexta-feira, a professora... ele chorou de soluçar, o meu filho, já é segunda vez que ele chora de soluçar né?! Ele falou: 'mamãe, eu queria entender porque que a tia de matemática', a professora, é... ele chegou fez a lição rapidinho né?!... ela falou: 'não', aí ele olhou pra ela: 'porque?', 'não, porque você vai tumultuar a sala'. Só que aí ela deixou outro aluno que é autista fazer porque ele tem as necessidades dele, aí tem esse problema porque ele falou: 'mamãe, não é justo, porque ela deixou o X e não deixou eu'... **será que é porque eu sou diferente, mãe eu não quero ser inteligente mais, porque será que é porque eu sou assim, mamãe eu não quero, será que seria porque se eu fosse de uma raça não negra**'. [...] **A tia não ia fazer isso comigo**... pra ele sentir isso, ele 'tá sofrendo... só que ele é grande, ele tem 9 anos, ele e é grande, mas ele faz coisas de criança de nove. (Dandara).

Eu chorei até, chorei demais da conta que o meu filho me fez uma pergunta eu fiquei até sem resposta **'porque que o fulano não gosta de mim, só porque eu sou negro, e daí'**. Aí eu sofro, sofro demais. (Dandara).

A gente não é visto com bons olhos, E as pessoas não entendem que você é assim **porque existe um modelo de como o ser humano tem que ser**. Ele quer as coisas do jeito dele, eu fico pensando gente, mas lá em casa ele não é assim, se sentar e conversar, beleza, é só aquilo. **Então é umas coisas assim que você fala 'gente, mas se fosse uma criança branca que fosse inteligente, primeiro da turma ia ser assim'**? Que chegasse com nariz empinado e falasse assim para o outro 'eu sei'. 'Cê entendeu?! Sofia. Então é muito difícil, é muito complicado. **Se o meu filho não soubesse nem ler nem escrever ia ser normal, por que não sabe nem ler nem escrever, isso é o normal dos negros, né?! Aí você fala é racismo, né?! E é racismo. 'Não, imagina, a gente não é racista'**. Eu já tô cansada, eu tô cansada, mas eu sou insistente, entendeu?! (Dandara).

Ela tem medo de dormir sozinha, ela **só dorme se for abraçada**, entendeu? **toda hora questiona meu amor: 'Cê me ama?** Eu te amo tanto. E beija muito, abraça muito, ela 'tá muito, assim, pegajosa, muito... Chega até a me

sufocar às vezes, mas também ela passou por várias coisas na vida depois ... A separação que eu tive com o pai dela, o pai dela foi embora, tipo, esqueceu que ela existia. Então eu acho que isso aí contribuiu 'pra insegurança dela, fora também o que foi transmitido na gravidez. **Ela não é uma criança muito risonha, não.** Eu dormi a vida inteira no cabo da cama da minha mãe, até meus 23 anos, até o meu oitavo mês de gestação. Eu não sabia disso, minha psicóloga que me falou "Essa questão de você dormir com a sua mãe..."... (Nina).

No ciclo de vida acima dos doze anos, as demandas que as mães narram são referentes a autodefinição de cor/raça do filho, ao uso de drogas, a escolha religiosa, às situações sofridas na escola, aos diálogos, a questões de preconceito relacionadas a gordofobia e deficiências.

A reflexão dos resultados desta categoria baseou-se na concepção de maternagem (COLLINS, 2019), ocupação materna (ESDAILE; OLSON, 2004), violência dos filhos no contexto escolar (CAVALLEIRO, 2005; MOREIRA-PRIMO; FRANÇA, 2020). Aqui foi dada visibilidade às violências e aos impactos do racismo na constituição nas experiências daquilo que eu nomeio **percurso da maternagem** – antecipação e momento da descoberta da gravidez, gestação, momento do nascimento da criança – presença do companheiro, criação dos filhos. Portanto, dei enfoque ao conjunto de elementos que apareceram neste percurso e que descrevem em parte a especificidade da vivência da maternagem das mulheres negras.

4.2.1.3 Categoria III – “A forma que eu vou Ensinar”: Identidade Racial Negra e Racismo

Nesta categoria apresento a reflexão sobre o que compreendo como filosofias e imaginários das participantes sobre como pensam em ensinar seus filhos sobre a negritude e o racismo. É fundamental destacar que as mulheres mães abordam e ensinam aspectos múltiplos sobre os temas relacionados aos cuidados com seus filhos. Sem a pretensão de afirmar quais seriam as principais preocupações das mães, trago àquelas que descrevem as ocupações maternas realizadas pelas mulheres negras, sob a égide do racismo, para evidenciar como o racismo modifica a experiência da maternidade das mulheres negras.

Destaco que as filosofias e os imaginários que são convertidos em ensinamentos sobre a negritude e o racismo a seus filhos apresentam formas múltiplas, o que estou nomeando como **metodologia de ensino da negritude**, que

para a terapia ocupacional, poderia ser definida como a forma ocupacional de educar filhos negros, ressaltando suas dimensões subjetivas e objetivas.

A **metodologia de ensino** é diversificada e aparece representada visualmente em cinco mapas corporais – Pati, Preta, Gabriela, Nina e Úrsula. Chama a atenção que as formas de ensinar aos filhos sobre negritude e racismo são norteadas pela relação com a figura materna e pelos significados singulares de ser mãe negra. As narrativas podem ser organizadas em duas dimensões referentes às formas de ensinamento aos filhos sobre o racismo e a negritude. A primeira é articulada pela compreensão de uma harmonia racial e a segunda no fortalecimento da negritude. É possível notar que em ambas as formas há um conjunto de pensamentos e comportamentos praticados e ensinados implícita e explicitamente aos filhos, moldados em torno da ideia de cor da pele.

Na discussão dos resultados da Categoria III reflito sobre a constituição da identidade racial negra da própria mãe na elaboração da forma ocupacional de maternagem a partir da dimensão subjetiva e objetiva de preparar e proteger seus filhos negros, nomeada na literatura como repertório de rituais e etiquetas raciais (HORDGE-FREEMAN, 2019). Proponho três subdivisões que configuram uma perspectiva ocupacional da maternagem (NELSON, 1988): a) relação com a figura materna; b) significados de ser mãe negra; c) imaginário e repertório de rituais e etiquetas raciais.

a) Relação com a figura materna

Neste tópico, apresento alguns excertos surpreendentes porque mostram a influência da presença da figura materna na vida da mulher mãe na maternagem dos filhos negros. Assim os excertos estão em duas dimensões da relação com a figura materna: presença e ausência da figura materna.

Nas narrativas nas quais aparece a presença da figura materna é possível perceber impactos dessa relação na vida profissional, no comportamento de independência e nos ensinamentos passados intergeracionalmente para as mães.

[...] mas com a minha mãe era muito mais forte porque eu sou a filha mais nova então fiquei muito com a minha mãe, fiquei muito com a mamãe. Então quando ela morreu... Eu fiquei muito perdida. Por isso que o significado de ser mãe, aí que eu fui descobrir que ser mãe negra era bem diferente, né?! tem hora que eu tô na cozinha cozinhando, eu vejo a minha mãe falando, e

não é gente que a minha mãe tem razão de falar isso pra mim, né?! Minha mãe não criou eu e as minhas irmãs pra casar, ela não criou. Tanto que pra nós, prioridade na vida é ter uma profissão, ter uma estabilidade financeira pra depois casar, para depois pensar em casar e ter filhos. Minha mãe nunca, sequer... olha a sabedoria dela, Sofia! (Dandara).

Tanto que, quando eu ia pra casa dela e ia fazer compra, ... Ela fala bem assim: 'não, que é os meus tenho três filhos pretinhos e o branquinho'. Antes ela falava 'os três filhos'. Aí um dia quando eu 'tava perto: 'ah, é quatro. (Bia).

A perspectiva teórica da maternagem possibilita compreender esses aspectos intensos da relação entre mãe-filha (COLLINS, 2019). Já nas narrativas em que a figura materna é vista como ausente aparecem falas que demonstram ausência de aprendizado sobre educação e delicadeza, flexibilidade, afeto, respeito, incentivo, de diálogo, de dar devolutivas, de exemplo e, conseqüentemente, no distanciamento da mãe:

Porque tudo é questão de a gente crescer com aquilo. Eu nunca cresci, minha mãe nunca me incentivou, nunca, sabe?! É natural da gente, pelo menos da minha idade, sempre ouviu o contrário 'aí, vai arrumar esse cabelo, neguinha', 'aí, tá mal arrumada porque tá com cabelo assim', é sempre depreciando, 'você não vai conseguir nada', dessa forma. (Gabriela).

... eu não tive amizade com homens, minha mãe não deixava muito. É que ela tinha medo de abuso e eu, de certa forma, hoje eu entendo a posição dela, ela 'tava certa, mas, assim, ao mesmo tempo foi muito... ela foi muito - como é que fala? - **ela foi muito rígida, algumas vezes desnecessário**, mas hoje eu compreendo a preocupação dela, entendeu?... (Nina).

Minha mãe não sabe um terço das coisas que eu já passei. Então quando eu tive na rua, ela nunca foi a favor, então... Eu amo ela e tudo, mas não é tanto quanto eu amo meu filho, minha vó. Minha vó, nossa, minha vó eu amava de paixão ...Se você me perguntar da minha infância, eu vou te falar da minha vó, sabe? **Então eu lembro da minha vó, não lembro da minha mãe**. Eu não lembro de ganhar um abraço da minha mãe se você me perguntar. Não lembro da minha mãe me pegar e conversar comigo, me explicar o quê que era menstruação... (Preta)

Eu me sentia muito, igual eu 'to te falando 'pra você, eu não tive um convívio legal com a minha mãe, eu não tive um convívio legal, uma base familiar legal. Então eu me sentia excluída, porque a minha mãe nunca teve um gesto de carinho comigo, ela sempre tratou meus irmão diferente de mim. Eu sempre achava que... A minha irmã é branca do olho verde, então eu achava que era um pouco discriminação, mas eu falava "**Gente, se a minha mãe não gosta de mim por eu ser preta, por que que ela casou com um preto?**" Então ela gosta de preto e o meu irmão é preto e ela gosta". Aí, até um dia eu ouvi o meu padrasto comentar que o meu pai pegou ela à força e eu nasci, ela engravidou de mim. [...] Eu sou a caçula. E ela queria ter só o meu irmão e a minha irmã. E o meu pai pegou ela à força e foi quando ela engravidou de mim. Aí, aquilo 'pra mim foi o fim, né? Só que eu não deixei ela saber que eu 'tava sabendo daquela coisa toda. Então eu fui morar na rua. Eu cheguei a ter ódio do dia do meu nascimento, de falar 'pra ela que eu a... "**Maldito dia que que nasci**, porque a senhora não deixou eu morrer. Porque viver a vida que vivo, eu preferia a morte". (Preta).

Nós não tivemos convivência, não foram convivências boas. Sabe?! Assim, era pouco tempo que a gente se via e pouco tempo de coisas que não eram boas, que eu não aceitava, sabe?! Então... Faltou [o exemplo]. Eu vejo a minha mãe muito lutadora, sabe?! Sempre lutou muito, sempre acreditou também do jeito dela, né?! Mas me faltou um exemplo, eu acho que **exemplo de uma família patriarcal**, que o pai é o centro, que a mãe ajuda o pai, convive, não tive, não tive. (Pati).

a) Significados de ser mãe negra

As participantes mostram um conjunto de compreensões sobre o que significa ser mãe negra. Neste tópico é possível identificar que elas percebem e descrevem a maternidade como relacionada ao fato particular de serem mulheres negras, mães de filhos negros.

A definição do ser mãe negra traz como elementos o amor, a força e a ancestralidade. Isso se associa aos medos, às neuroses, o senso de coletivo; saber das dificuldades que serão enfrentadas por ter passado por elas, e não ter medo de errar.

Então ser mãe negra é **estar preparada pra tudo** e intuída porque nós negras somos **intuídas sim pelas nossas ancestrais**, nós temos uma **força maior sim**, uma coragem que sobressai do corpo, sobressai do corpo. (Pati).

Principalmente por ser negra, porque muita gente... Não foi o meu caso, mas o que eu vejo: muitas mulheres negras passam por coisa que ... **Acho que por mim e por elas, eu luto**. Porque, se acontecer alguma coisa comigo, eu não vou ficar calada, né? Então eu acho que é isso, é... **guerreira**. Até mesmo **pela minha tia, pela minha mãe**, que já passaram, né, por essa situação. (Gabi).

Então ser mãe negra é muito **amor**, não tem como falar que a outra coisa porque tudo que você vai fazer ligado ao amor, né?! Porque a gente tem os nossos **medos**, tem as nossas **neuroses**, né?! Aquela coisa louca igual eu falava semana passada, justamente, é tudo por amor ao filho, que **a gente sabe que vai ter dificuldades por que a gente passou**, né?! Então é o amor que impulsiona a gente a fazer tudo, às vezes a errar, porque a gente erra, mais erra do que a certa, né?! (Dandara).

Quando comparadas às mães brancas, é possível identificar narrativas que revelam que a única diferença estaria na cor da pele. Outras narrativas mostram diferenças nas oportunidades, nos riscos e nos privilégios. Além, obviamente, das mães negras estarem mais expostas a passarem por situações de preconceito. Um exemplo disso aparece na disponibilização menor de quantidade e qualidade de informações pelas secretárias das escolas.

Mas aí eu fico pensando, mas tem diferença ser mãe negra e ser mãe branca?... Então eu acho que é assim, a cor de pele, né?! [algo como tem] gente que realmente sofre, né?! Mas eu não vejo assim diferença só por causa de cor de pele. D'eu ser mãe negra ou mãe branca, eu não vejo diferença. Tanto mamãe, né, da cor, **a pessoa tem a pele branca pode fazer como eu que tenho a pele negra posso fazer também igual**. Eu não vejo diferença...**Tem coisas assim que às vezes vem lá de trás, né?! Questões**. Mas eu em si **não vejo nem passo** isso pro V., **por ele ser negro**, ter diferença. **Não consigo assim ver essa diferença, mãe negra e mãe branca, tudo igual, né?!** É uma música que fala que o meu país é a terra e nós somos todos iguais⁵⁰. Não é que assim, não ali já é Uberlândia, não aqui já é Uberaba, não, é um país de todo mundo... Aí eu acho que é isso, por exemplo, é tudo mãe, mãe branca, mãe preta, é tudo mãe, é uma só. Eu não vejo diferença não. (Sol).

Eu acho que uma mãe negra, ela ... No meu caso, eu chego nos lugares e eu... a gente, eu não sei, **sente indiferença**, né? Eu acho que a mãe branca já não sentiria essa indiferença que a gente sente. Pode **ser coisa na cabeça**, às vezes pode ser, mas infelizmente é o que a gente pensa, porque não tem outro porquê pensar, né, a não ser a nossa cor. Acho que a mãe negra passa por muito **preconceito** que uma mãe branca não passaria, A mãe negra, ela sempre **'tá mais exposta a passar pelo preconceito** do que a branca. **E tem mais privilégios também**. (Gabi).

Alguns aspectos sim, outros não, porque a mãe branca, **as oportunidades 'pra elas não são tão fechadas quanto a mulher negra**. As portas se fecham mais 'pras negras, as brancas, elas já nascem Com as portas mais abertas, então, 'pra elas, porque igual aquela música - não sei se 'cê já viu aquela menina que canta aquela música da (esqueci o nome dela) adoram - que ela fala "Cota não é esmola", 'cê já viu? Esqueci o nome dela. Não venham me dizer que isso é vitimismo, não ponha a culpa em mim 'pra encobrir o seu racismo" (cantando). (Nina).

[Eu estava] atrás de vaga, de bolsas, né? Em escolas particulares. E aí, chegando lá, a **secretária** foi... Tinha eu - né, mãe negra - e tinha uma outra mãe branca e, aí, eu perguntei sobre as bolsas, tal, **ela foi super seca**, falou assim, "Não, não"... "Não", falou assim, "**Nós não vamos trabalhar com bolsa esse ano**", ponto. A mãe branca fez a mesma pergunta e ela simplesmente foi lá, pegou um papel 'pra explicar **'Pra mim, ela já não falou**, 'tendeu? Então eu acho que tem muita diferença, tem muita diferença...Uai, deve ser por causa da cor, não fiz nada 'pra ela! (risos). (Gabi).

Eu fui numa escola, me trataram mal porque eu estava mal vestida e por ser negra, né?! Me trataram muito mal. Eu já não gostei, então nunca que meu filho estuda nessa escola e eu saí de lá muito decepcionada, aqui o meu filho não estuda nunca mais, né?! Aí eu fui em mais duas, não gostei, e cheguei na R. Por isso que eu falo que a minha vida é sempre muito direcionada. (Dandara).

a necessidade de uma mãe negra ela é diferente da necessidade de uma mãe branca. A gente... eu tenho que me preocupar com meu filho nas redes sociais, ele não faz parte da sociedade, nós não fazemos parte da sociedade. (Dandara).

⁵⁰ O meu país é a Terra. Disponível em: <https://youtu.be/PDuxOKv8mL8>

Ser mãe negra também é compreendido como viver o dilema e angústia que o racismo traz na vida do filho, que é diferente de ver os vídeos:

[...] Eu, Sofia, eu sou muito, eu olho muito o outro, sempre olhei, quando eu te digo que a minha passagem pela carreira militar ela foi muito tumultuada é porque eu sempre pensei no outro sabe?! quando meu filho fala assim: 'mamãe não é justo', eu me vejo muito nele, porque eu sou muito assim, sou muito justa e correta com as coisas, eu não acho que ninguém tem que humilhar ninguém. [...] hoje eu melhorei muito porque eu tenho meu filho e meu marido, eu tenho minha família, mas tem coisa que 'tá errada. (Dandara).

a) Ensinaamentos e repertório de rituais e etiquetas raciais

O estudo mostra dois tipos de imaginários das mães que se consolidam em um conjunto de ensinamentos e repertórios de rituais e etiquetas raciais; na terapia ocupacional esse conjunto poderia ser nomeado como a forma ocupacional (MACHADO *et al.*, 2021; NELSON, 1988; PINHO *et al.*, 2019; ROLLINS; HUNTER, 2013; SUIZZO; ROBINSON; PAHLKE, 2008; TURNER, 2020) de preparar e proteger os seus filhos do racismo, que também pode ser denominada como socialização das relações raciais (CURENTON; CROWLEY; MOUZON, 2018; LEATH *et al.*, 2021; MARTINS; MAGALHÃES, 2021; ODOM; GARRETT-PETERS; VERNON-FEAGANS, 2016; PRIEST *et al.*, 2014; ROLLINS; HUNTER, 2013; SUIZZO; ROBINSON; PAHLKE, 2008; TURNER, 2020).

Um dos grupos é sustentado na negação da existência do racismo e no discurso da igualdade racial, embora haja o reconhecimento de tratamentos diferentes. O outro grupo compreende a existência do racismo, mas não necessariamente os aspectos imaginários informam e são convertidos em ações políticas de enfrentamento. Os imaginários, que norteiam a forma ocupacional, agem simultaneamente reagindo e se adaptando às hierarquias raciais. No estudo de (HORDGE-FREEMAN, 2019), ela identificou que os afro-brasileiros entrevistados têm como tarefa não apenas aprender sobre os significados raciais, mas também usar o conhecimento para a criação e incorporação de práticas que resistam e se adaptem às hierarquias raciais, o que é semelhante aos achados deste estudo.

c.1) Forma ocupacional da mulher mãe negra a partir da negação da existência do racismo e/ou discurso da igualdade racial

Ter receio/dificuldade e/ou não atribuir a identidade racial dos filhos como negros
Invisibilizar/Ignorar valores/abordagens/ensinamentos sobre identidade racial negra e racismo
Ignorar/Minimizar que os filhos possam passar por situações de preconceito/racismo
Dialogar sobre bullying como a possibilidade de tratamento diferente
Dialogar sobre processos de conquistas de espaço sem a centralidade e/ou consciência da identidade racial negra e a experiência de racismo
Priorizar a educação na escola
Ensinar a voar
Estimular a leitura de forma ampla, sem centralidade de negritude
Discutir com adultos, em casos de adjetivos depreciativos, sobre o uso dos adjetivos. Ignorar e evitar o assunto com criança sobre a situação

c.2) Forma ocupacional a partir do entendimento da existência do racismo

Ensinaamentos e Repertório de Rituais e Etiquetas Raciais
Referente à mulher e mãe negra
Rever e aceitar a própria identidade racial negra
Rever e aceitar a própria identidade racial negra para aceitar a identidade racial do filho
Imaginar o(s) sofrimento(s) do filho na escola
Referente aos filhos
Construir uma identidade racial negra
Ensinar sobre aceitação de si e blindar o preconceito
Impor-se
Empoderar
Ensinar, por meio do sentir, sobre os vínculos, as relações
Fazer a mais
Ser independente
Não parecer uma criança folgada/senso de organização/ senso de responsabilidade
Evitar/Impedir relacionamento amoroso com pessoas brancas
Proteger-se: impedir ser machucado, responder no momento adequado
Falar sobre a realidade
Falar sobre a condição do povo negro
Requerer maturidade no comportamento dos filhos mesmo na infância
Proteger-se de situações de preconceito
Expor os sentimentos
Respeitar e sobre respeito
Investir na educação
Discutir sobre a escolha da carreira profissional
Orientar sobre uso de roupas, cuidado com o cabelo e com o corpo
Orientar sobre comportamento e regras de etiqueta
Ensinar a silenciar
Compreender a parada da polícia baseada em cor
Expandir os sonhos

Ressalta-se aqui o quanto os filhos modificam a vida das mães. No caso das mães negras, a chegada e presença do filho em suas vidas exerce influência até mesmo em suas autodefinições, no seu presente e futuro. No caso das mães deste estudo, é necessário lembrar que as idades dos filhos são diversificadas, o que mostra processos diferentes em relação a si mesmas, nas práticas e nas possibilidades de reflexão sobre os diálogos com os filhos. É válido ainda refletir que há processo de homogeneização dos termos preconceito, discriminação, racismo e bullying por partes das mães. Outro ponto essencial é que o racismo é crime, previsto nas leis brasileiras, mas raras vezes esse entendimento foi enunciado.

4.3 PARTE III – PROPOSTA DE AGENDA: EXPOSIÇÃO DAS MENSAGENS DAS MULHERES MÃES NEGRAS AOS OUTROS

Apresento as mensagens que as participantes enviaram aos demais brasileiros, conforme solicitação dos procedimentos dos MCN (GASTALDO *et al.*, 2012).

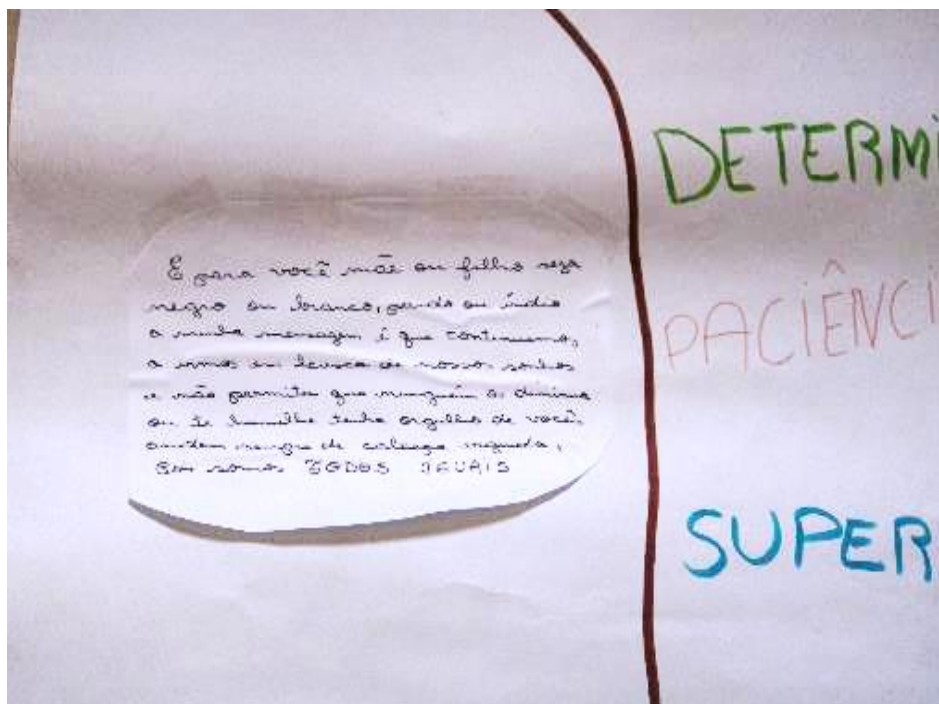
4.3.1 Remetente: Sol

Destinatário: Pra todos que pudessem ouvir e pudessem entender, e às vezes, passar e multiplicar, né?!

Mensagem:

Ser mãe pra mim é a melhor experiência do mundo. Não sei como eu estaria hoje se Deus não tivesse me dado essa dádiva de poder ter o V. como meu filho. E ele veio como presente no dia do meu aniversário. A cada aniversário, eu tenho a certeza de que o quanto somos abençoados. O V., eu o crio sem diferença, pois no meu entender somos todos iguais, sejamos filhos negros, brancos, pardos, japonês, somos todos filhos de Deus. **Sempre tive escondidinho em meu coração o sonho de ser uma grande empresária**, nunca contei a ninguém da família, pois para eles nós por sermos negros, essa condição nos... não nos condiz. Temos que ser trabalhadores e estar com a carteira assinada para poder ter o futuro garantido com a aposentadoria do INSS. Mas eu nunca pensei assim, por que que eu não posso ter um negócio? Só porque a cor da minha pele é negra. Isso não faz sentido para mim, pois eu negra ou branca tenho as mesmas condições de estar fazendo qualquer coisa...e assim, eu e o meu filho V., hoje estamos com o nosso negócio que está um sucesso... E para você mãe ou filho, seja negro ou branco, a minha mensagem é que continuemos a irmos em busca de nossos sonhos, e não permitir que ninguém os diminua ou te humilhe, tenha orgulho de vocês, ande sempre de cabeça erguida, pois somos todos iguais.

Fotografia 93 - Registro de Sessão



Fonte: Acervo da pesquisa.

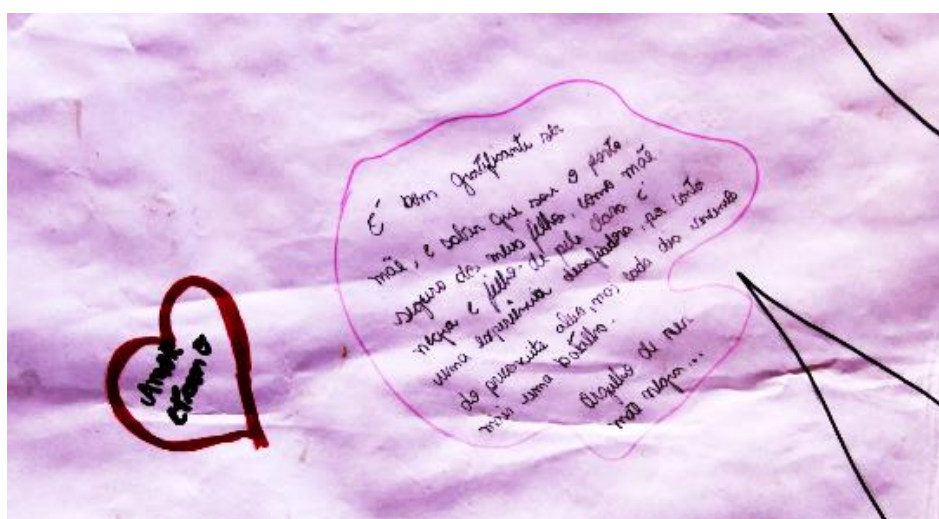
4.3.2 Remetente: Bia

Destinatário: Não, não escrevi 'pra ninguém, eu só fiz a frase...

Mensagem

"É bem gratificante **ser mãe e saber que sou o porto seguro dos meus filhos**. Como mãe negra e filhos de pele clara é uma experiência desafiadora por conta do preconceito alheio, mas cada dia vencemos mais uma batalha. Orgulho de ser mãe negra."

Fotografia 94 - Registro de Sessão



Fonte: Acervo da pesquisa.

4.3.3 Remetente: Dandara

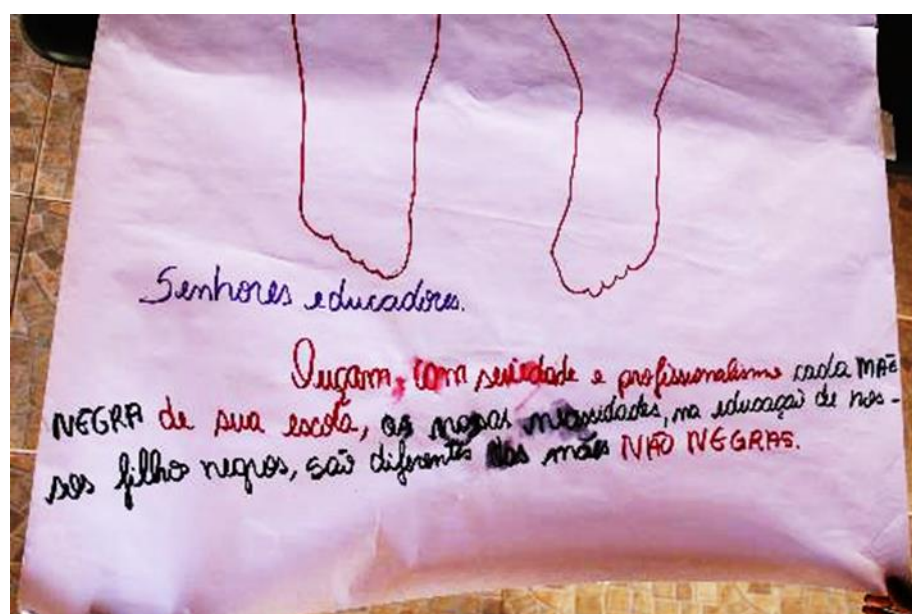
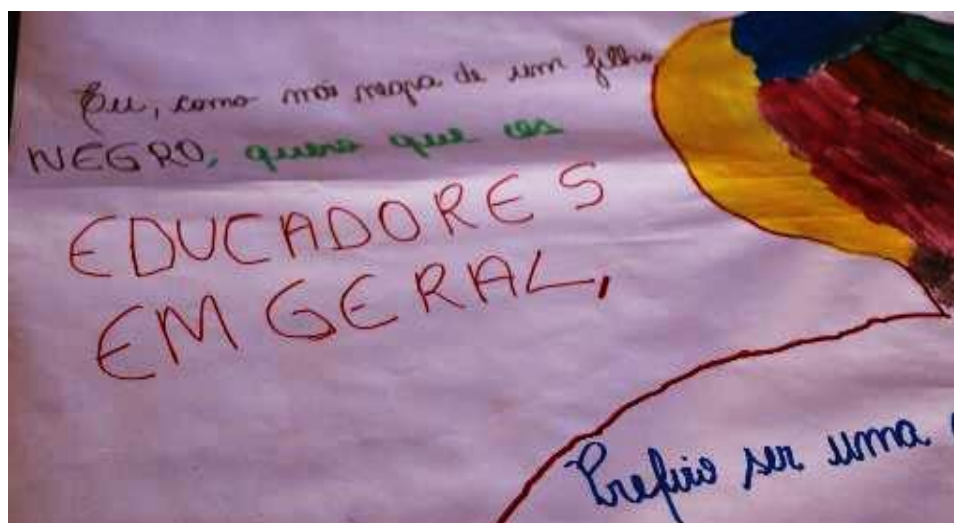
Destinatário: **Eu queria que chegasse a uma pessoa da área da educação, né?! De preferência todos os diretores de escola, a todos, tanto pública quanto privada. Por que o racismo está nos dois ambientes, né?! Então o preconceito é um pouco maior porque talvez devido aqui eu concordo com Abdias [do Nascimento] quando ele fala da falsa democracia racial ela joga as pessoas, vai segregando, segregou aqui teve segregação. Então as pessoas humildes que vão lá, não têm reconhecimento dos seus direitos, já chega de cabeça baixa, então é onde... eu acho que eu agora consegui formar o que eu queria, é porque já vão chegar ali de cabeça baixa, por que é o único que acesso que eles têm é aquele meio público. Então ali eu acredito que o racismo, o racismo ele é bem mais enraizado, ele é bem mais forte e bem mais violento. Você conseguiu entender?**

Mensagem

'Aos educadores, eu como mãe negra de um filho negro **quero que os educadores em geral saiam da bolha e retornem ao mundo real.** O racismo existe e inicia na escola nos primeiros anos do processo de aprendizagem. O fato de não reconhecerem o racismo faz com que crianças negras sejam maldosamente vítimas de micro violências nas escolas, trazendo consequências emocionais irreparáveis. **Senhores educadores, ouçam com seriedade e profissionalismo cada mãe negra da sua escola,** as nossas necessidades na educação dos nossos filhos negros são diferentes das mães não negras' [...].

Fotografia 95 - Registro de Sessão





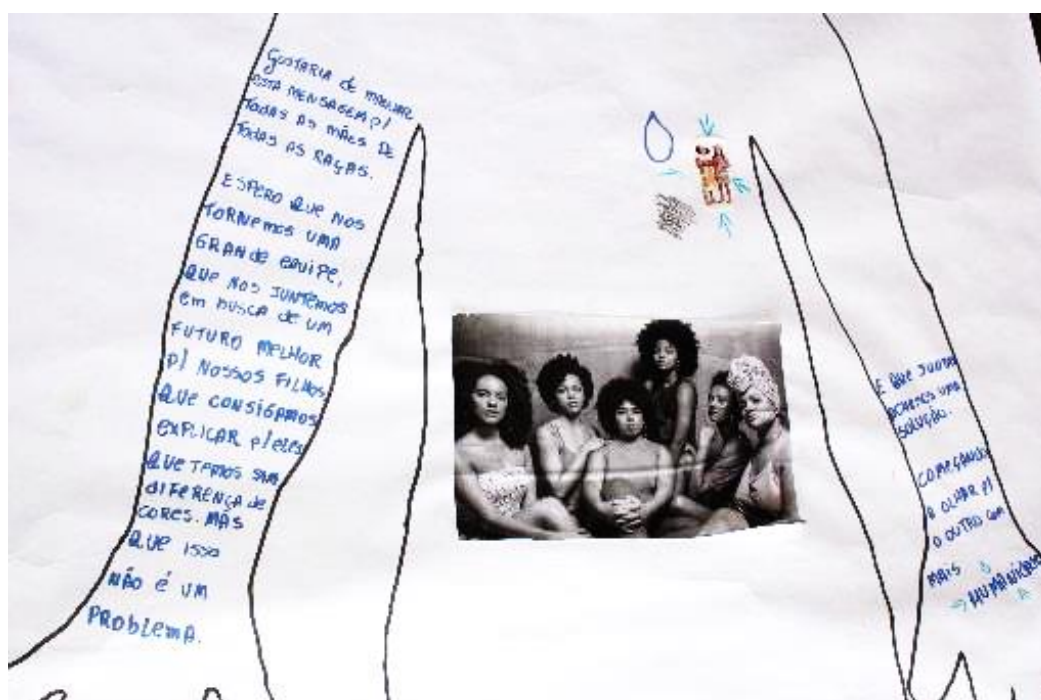
4.3.4 Remetente: Gabi.

Destinatário: Eu gostaria de mandar essa mensagem para todas as mães, de todas as raças.

Mensagem

Espero que nos tornemos uma grande equipe, **que nos juntemos em busca de um futuro melhor para nossos filhos** e consigamos explicar para eles que temos sim diferenças de cores, mas que isso não é problema e que, juntas, achemos uma solução, começando a olhar para o outro com mais humanidade.

Fotografia 96 - Registro de Sessão



Fonte: Acervo da pesquisa.

4.3.5 Remetente: Pati.

Destinatário: 'Eu penso assim como um hino...

Mensagem

Não tenha medo de errar, isso é importante para o seu crescimento. Eu acho que essa é a minha mensagem. **Não ter medo de errar porque errar é muito importante** para gente crescer. Como eu já te disse, todo 'não' que eu recebo é um 'oba, vamos lá'. Então errar também faz parte.

Fotografia 97 - Registro de Sessão



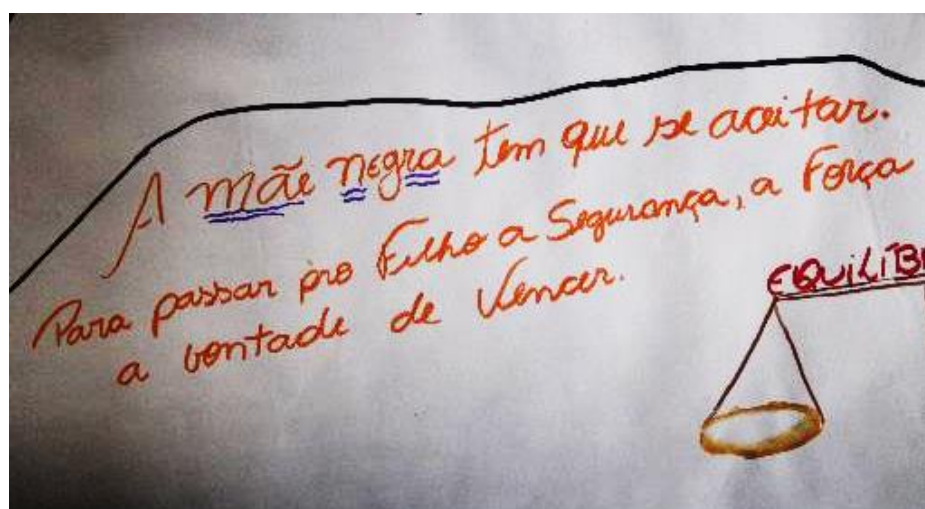
Fonte: Acervo da pesquisa.

4.3.6 Remetente: Preta.

Mensagem

Mas **primeiro a gente tem que se aceitar**, foi o que aconteceu aqui comigo, primeiro eu me aceitei 'pra depois passar 'pro meu filho aceitar essas coisas, 'cê 'tá entendendo? Então eu acho que essa frase aqui, eu acho que isso ... Não é uma ... bem uma frase, né? É porque, assim, eu acho que primeiro a gente tem que se aceitar 'pra poder a gente passar 'pros filhos sobre os preconceitos, sobre como vencer, como viver com ele, como lidar com ele.

Fotografia 98 - Registro de Sessão



Fonte: Acervo da pesquisa.

4.3.7 Remetente: Gabriela.

Destinatário: Eu acho que **pra todas as mães, pra todas as mulheres, né?! Acho que independente de já ser mãe.**

Mensagem

Eu acho que essa mensagem, essa palavra seria pra todas as mulheres negras porque é uma coisa que a gente já tem... já tem que ir enfrentando, **resiliência**, uma coisa que a gente já tem que ir fazendo, né, essa adaptação, a gente já tem que ir fazendo ao longo da nossa vida em geral.

Fotografia 99 - Registro de Sessão



Fonte: Acervo da pesquisa.

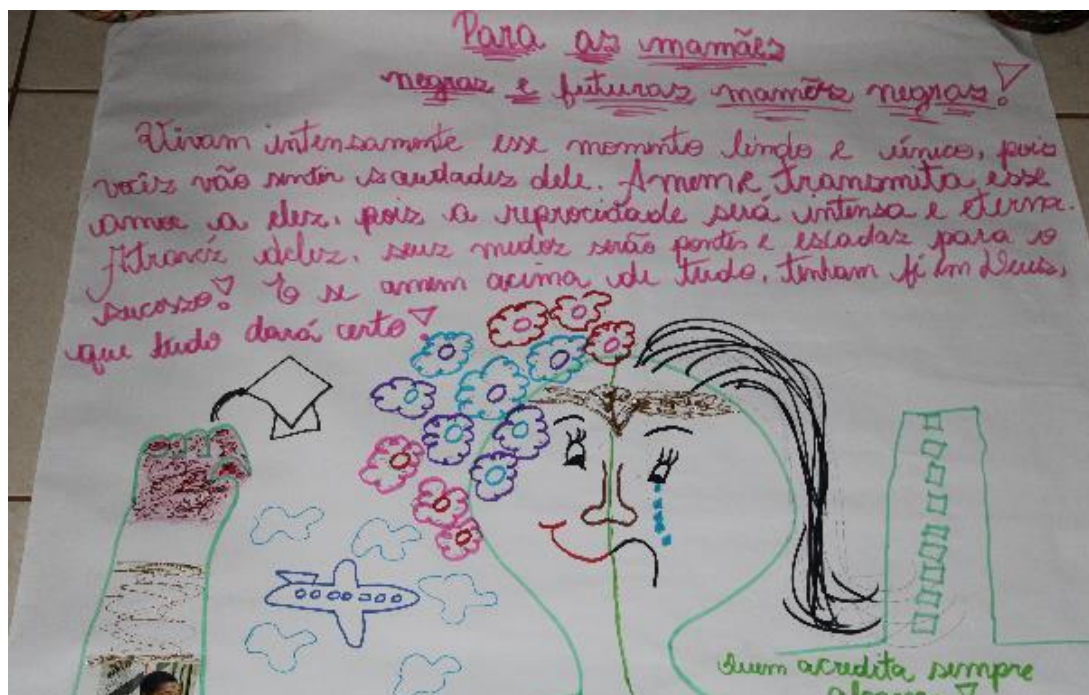
4.3.8 Remetente: Nina.

Destinatário: A **minha mensagem vai ser para as mães negras, as futuras mamães negras...** porque tem mães que ainda descobriram alguma gravidez, desestimulou, achou que o mundo acabou, quando apenas começou.

Mensagem:

Vivam intensamente esse momento lindo e único, pois vocês vão sentir saudades dele. Amem e transmita esse amor a eles, pois a reciprocidade será intensa e eterna. Através deles, seus medos serão pontes e escadas para o sucesso! E se amem acima de tudo, tenham fé em Deus, que tudo dará certo!

Fotografia 100 - Registro de Sessão

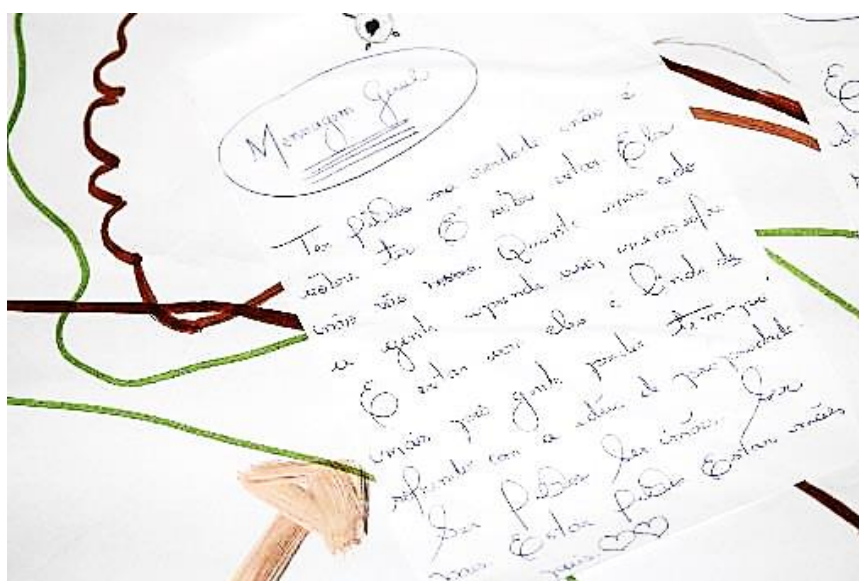


Fonte: Acervo da pesquisa.

4.3.9 Remetente: Úrsula.

Destinatário: Geral.

Fotografia 101 - Registro de Sessão



Fonte: Acervo da pesquisa.

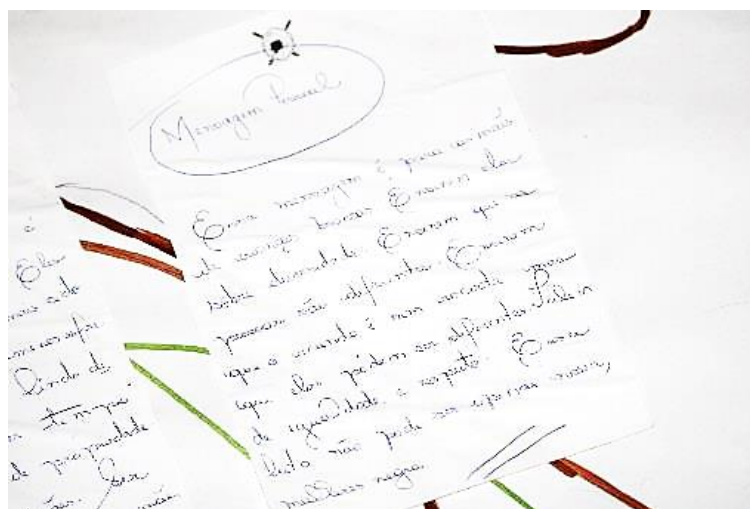
Destinatário: Às mães de crianças brancas. Que a gente luta, né, enquanto mulheres negras por empoderamento, sabe?! Pra toda essa, para que os nossos filhos tenham identidade, mas e as mães das crianças brancas, o que que elas estão fazendo, né?! Como

é que elas estão lidando com esses meninos e essas meninas pra diversidade ou elas continuam criando meninos e meninas como se eles estivessem no Brasil colonial, sabe?! Como se eles ainda fossem os reis e o padrão deles de bonito e feio fosse o único. E aí eu fiquei pensando putz, tá confortável demais para eles ainda, né?!

Mensagem

Ensinem elas sobre diversidade, ensinem que as pessoas são diferentes, ensinem que o mundo é sim racista, mas que elas podem ser diferentes, falem de igualdade e respeito, essa luta não pode ser apenas nossa, mulheres negras.

Fotografia 102 - Registro de Sessão



Fonte: Acervo da pesquisa.

4.3.10 Remetente: Maria Fernanda

Destinatário: Para todas as pessoas do mundo. Para todo mundo que olhar, que você for passar por você, né?! Então por isso que eu escrevi para todos, não especificamente para um grupo de pessoas, pra todos.

Mensagem

Somos o que temos dentro de nós, portanto o que fizemos, o que fazemos é contagioso. Que possamos contagiar uns aos outros com amor e tudo que há de bom dentro de nós, isso pode mudar o mundo para melhor.

Fotografia 103 - Registro de Sessão

Para: Todas as pessoas do mundo:
Somos o que temos dentro de nós,
portanto, o que fazemos é contagioso,
que pensamos contagia uns aos outros,
com amor e tudo o que há de bom
em nós, isso pode mudar o mundo
para melhor ...

Fonte: Acervo da pesquisa.

A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha se fará ouvir a ressonância.
O eco da vida-liberdade.
Conceição Evaristo⁵¹

⁵¹ Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em Belo Horizonte - MG. É linguista e escritora brasileira.

CONCLUSÕES

A questão que norteou este estudo, a saber, **“Como a experiência do racismo enfrentado pelas mulheres negras repercute nas suas ocupações maternais?”**, desenvolvida através do mapeamento corporal, narrado com dez participantes negras da cidade de Uberaba-MG, trouxe um conjunto extenso e profundo de resultados que mostram processos inéditos de reflexão pelas participantes. Além disso, escancaram circunstâncias de negligência vividas pelas mulheres e mães negras, que puderam ser evidenciadas à luz do referencial da Teoria Racial Crítica, da Ocupação Humana e da Maternagem.

A cosmopercepção, adotada como referencial filosófico para este trabalho, possibilitou construí-lo de forma que privilegiou a combinação de sentidos, tanto das participantes, quanto da pesquisadora, em outras palavras, não privilegiou apenas o sentido visual (MACHADO, 2019). A metodologia adotada, o mapeamento corporal narrado, permitiu diversidade de possibilidades de expressão, mostrando-se adequada ao encaminhamento interdisciplinar requerido pelo problema de pesquisa e objetivos propostos da pesquisa. Destaca-se que a complexidade de pensar a identidade racial negra e as contradições específicas do contexto brasileiro, foram alcançadas porque o desenho de três sessões permitiu reflexões e criações durante e entre os encontros. É imperioso considerar minha presença como mulher e pesquisadora negra na mediação da pesquisa, que certamente favoreceu uma relação democrática de confiança, solidariedade e generosidade entre nós. Esses pontos se revelaram nos momentos em que as participantes dialogavam comigo, utilizando a primeira pessoa do plural para se referirem aos seus pensamentos sobre a questão racial. Em vários momentos, fui parâmetro e referência da cor de pessoas mencionadas nas histórias.

É possível observar, também, no conjunto de histórias, que os processos tensos de construção da identidade negra são oriundos de violências raciais que ocorrem em todos os períodos da vida da mulher, em menor ou em gravíssimas intensidades, mesmo sem a presença do filho. Durante as ocupações cotidianas da ansiedade do parto à educação dos filhos, da maternagem, a partir das primeiras idealizações da criança, essas violências raciais continuam acontecendo. No entanto, nota-se que nem todas as mães fazem uma leitura das violências, discriminações, segregações que desencadeiam processos de sofrimento nos filhos, mesmo que

tenham passado por situações semelhantes como depreciação do cabelo e da cor da pele.

Acredita-se que é pela compreensão do fazer humano do povo negro nas dimensões individuais e macrossociais, das narrativas individuais e coletivas desse fazer, ou seja, da experiência da ocupação, contextualizada cultural, econômica e histórica, que a leitura sensível dos impedimentos e processos de desumanização, desencadeados pelo racismo, será possível. Dessa forma, poderemos traçar caminhos de processos de dissecação do racismo tão enraizados e naturalizados nas distintas dimensões do fazer e da própria percepção deste fazer. Isso implica, inclusive, na mudança, no abandono, na ruptura de determinadas perspectivas e no encontro, reconhecimento, leituras de novas, como as perspectivas pautadas na cosmopercepção.

Identifica-se que a forma ocupacional que as mulheres mães negras constroem nos processos de socialização sobre o racismo e negritude com seus filhos, tem influência das experiências com as suas mães e com os processos de elaboração da construção de suas próprias identidades raciais negras. O racismo orienta e modifica a experiência das mães negras, moldando a criação de um repertório de rituais e etiquetas raciais, que configuram a sobrevivência e o objetivo de satisfação pessoal de seus filhos, que ainda assim parece ser moldado, conscientemente ou não, pela estrutura racista da branquitude.

ARGUMENTO CENTRAL DO ESTUDO

A ideia central deste trabalho é que as mulheres mães negras criam e ensinam estratégias (forma ocupacional) de enfrentamento do racismo a seus filhos a partir de estruturas que denomino como imaginário ocupacional. A experiência singular e plural da ocupação, ao ser contextualizada histórica e culturalmente, revela pelo menos dois imaginários do entendimento das questões raciais pelas mulheres mães negras. Um deles é pautado na invisibilização de cor das pessoas e o outro na existência do racismo. Cada um desses imaginários leva a um conjunto peculiar de ocupações e socializações baseados em rituais, etiquetas, comportamentos, diálogos e silenciamentos. No entanto, é preciso destacar que esses imaginários, mesmo em nível inconsciente, são construídos sob a égide de um contexto estruturalmente

racista, podendo ser cíclicos e intergeracionais e perpetuando comportamentos subservientes e degradantes.

IMPLICAÇÕES DO ESTUDO

Espero que os resultados deste estudo possam contribuir para o diálogo sobre as relações raciais no Brasil, sobretudo no caso das práticas desenvolvidas por profissionais no campo da Terapia Ocupacional. Tanto na pesquisa, quanto na formação de novos profissionais, os resultados deste estudo apontam aspectos essenciais para a construção de práticas inovadoras, pautadas por um compromisso ético e político capaz de transformar os contextos ocupacionais nos quais o racismo institucional se desenvolve e perpetua. As práticas precisam ser pensadas, considerando as singularidades e particularidades das mulheres negras que são plurais e complexas, o que demanda o reconhecimento dos contextos nos quais tal pluralidade se constitui.

Na prática profissional da terapia ocupacional, referente à população negra, defendo: o conhecimento das políticas de igualdade racial; o uso do quesito de cor/raça para compreender possíveis processos de participação; sofrimento e impedimentos; o entendimento do campo de estudos da branquitude, do racismo, das consequências do racismo na vida e no fazer das pessoas; a identificação e distinção entre os termos estereótipos/racismo/preconceito/bullying/injúria racial/racismo/discriminação; os procedimentos/atitudes que devem ser tomadas frente a experiência de uma atitude racista.

O estudo identificou, de modo inequívoco, as lacunas no papel do Estado no tocante a formulação de políticas de suporte às demandas da população negra. Obviamente, o primeiro movimento deve ser a imediata eliminação de todos os processos discriminatórios perpetrados pelo Estado, que constituem o que Mbembe (2018) chamou de necropolítica, conforme exposto no Capítulo 1. Somente a consolidação de um estado de direitos, no qual as garantias básicas enunciadas na Constituição Federal sejam respeitadas, permitirá que as mães negras exerçam o livre e prazeroso direito da maternagem, sem o temor constante de que algo terrível possa acontecer aos seus filhos e filhas.

LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Este estudo tem limitações que eu gostaria de reconhecer, não somente determinadas pela metodologia adotada, mas também pelas circunstâncias nas quais o estudo foi desenvolvido. As dez participantes pertencem à mesma microrregião do Brasil, estão expostas ao mesmo contexto cultural e político, o que, obviamente, nos impede de tentar qualquer inferência sobre eventuais semelhanças e diferenças com outras mães negras brasileiras, mesmo vivendo sob condições similares. Todas as participantes são mulheres jovens, heterossexuais, fisicamente saudáveis, profissionalmente ativas e sem conflitos com a lei ou outros constrangimentos de natureza legal, pessoal ou comunitária. Mães adotivas, mais jovens ou mais idosas, que tenham condições especiais de custódia dos filhos (presidiárias, com transtornos mentais graves, entre outros fatores) provavelmente apresentam situações distintas daquelas que eu pude documentar neste projeto. Além disso, as condições sanitárias impostas pela pandemia de COVID, assim que os dados foram produzidos, impossibilitou o retorno do material consolidado às participantes, o que poderia ter esclarecido alguns pontos e expandido outros aspectos, que certamente teriam ampliado a clareza das análises realizadas. Como mencionei anteriormente, a pandemia impactou imensamente a minha própria capacidade de realizar o trabalho de organização e análise do extenso material produzido pelas entrevistas e mapas, o que certamente acarretou limitações no resultado do trabalho. Não obstante, a generosidade e dedicação das participantes e das parcerias realizadas com pessoas da comunidade, produziu um material de extrema densidade humana e social, pelo qual eu serei eternamente grata.

RETOMANDO MINHA REFLEXÃO INICIAL SOBRE A PRÁTICA EM TERAPIA OCUPACIONAL

Algo em mim que eu poderia chamar de intuição, sempre me disse “este é o estudo da sua vida”. De fato, eu estava certa. Se alguém tivesse me perguntado “por que, Sofia, você acredita nisso?”, provavelmente teria apresentado visão, ou um entendimento ingênuo em relação ao que eu intuía. Talvez um argumento seria de que imaginasse que, por meio da pesquisa, entenderia sobre como lidar com o

racismo, não mais ou somente pela experiência sofrida por mim. Em outras palavras, tinha a expectativa de que minha experiência de estudante de pós-graduação me permitiria ir além da biografia. No fundo, sentia que quando retornasse à prática profissional, teria respostas teóricas e metodológicas para o que antes parecia algo intrinsecamente ligado.

De fato, eu já estava em um movimento, desde 2012, quando morei na região nordeste do país, com vários questionamentos que atravessam a vida das pessoas. Lia sobre discussões de racismo e de gênero e aquilo parecia intraduzível. A minha sede de aprendizado era muito grande. E, primeiramente, reconheço o impacto das redes sociais, especialmente das/os pesquisadoras/es que ocupam estes lugares, trazendo grandiosas e importantes reflexões.

Fazer pesquisa é realmente uma grande oportunidade oferecida pelos Institutos de Ensino Superior Público no Brasil. Quase 10 anos depois do início da minha prática profissional, como terapeuta ocupacional, busco a conclusão do meu doutorado tendo chegado ao conhecimento de novo universo, especialmente comparado minha inexperiência e ignorância sobre esses assuntos, no passado. Nesses quatro anos e meio de doutoramento, muitas coisas me marcaram, que eu vou procurar resumir.

Viver em um casulo como refúgio para lidar com todo o processo desencadeado pelo doutoramento, foi fundamental. Conhecer o racismo e suas manifestações e formas de operacionalização é cruel. Sofri intensamente. Relacionar-se, trocar, estar junto, faz parte do viver e tem deliciosos sabores. No entanto, não tinha mais condições de fazer as avaliações requeridas pelas pessoas, falar sobre racismo, fazer análise e validar seus comportamentos referentes a práticas racistas, responder demandas e expectativas das pessoas sobre domínio do conhecimento do campo das relações raciais que eu não possuo/possuía, ou pelo menos não dominava. Por outro lado, o isolamento social gerado pela pandemia foi doloroso, cruel e sufocante. As medidas sanitárias de enfrentamento criaram outros desafios, que se somaram aos anteriores. Mas, pude escolher a alienação para sobreviver. Isso foi a "salvação" que eu precisava. Ainda assim, nas poucas vezes que saí de casa, precisei lidar com as consequências do racismo institucional. Nesse sentido, destaco que, sem a bolsa de doutoramento, a construção desta tese seria inviável, ou teria tomado caminhos muito diferentes, especialmente porque me tornei a principal responsável pelas finanças da casa.

É fundamental admitir que fui extremamente ingênua quando contactei a Profa. Lilian para orientação do projeto desta pesquisa. O meu sonho e o meu desejo (guiado por demanda da prática e pela motivação dos espaços direcionados às questões das relações raciais, promovidas pelo NEAB-UFSCar), não me deixaram enxergar meus limites – teóricos, emocionais, financeiros, intelectuais. Como bem ensina a matemática, nas regras de multiplicação, quando você tem quantidade com sinal negativo e multiplica por uma quantidade positiva o resultado do saldo é negativo. Assim, multiplicar o meu desejo e interesse, sinal positivo, por meus limites, sinal negativo, trouxe resultados negativos em diversos momentos. E isso me marca muito, porque precisei lidar com esse saldo quando ainda olhava apenas para os aspectos positivos.

Conhecer as dez mães e suas angústias foi dilacerante. É improvável que tenha sido capaz de descrever, explicar, usar palavras neste texto que deem conta da dimensão e das marcas impressas em mim, a partir dessa experiência. A minha preocupação e emoção certamente foram e estão ampliadas, transformadas, com a realização deste estudo. Está aqui o que dei conta de compartilhar e refletir.

Se um dos objetivos da pesquisa, especialmente da pesquisa qualitativa, é a transformação social (embora eu reconheça que a dimensão seja coletiva e estrutural), isso aconteceu comigo, pela oportunidade de participar de espaços majoritariamente compostos por pessoas negras, que me mostraram outras possibilidades. E a isso devo a pesquisa da minha vida, este ciclo. Aprendi que não sou (existi) a partir do que me delimitaram nas relações interpessoais e historicamente. Isso é libertador! Sou o que sou, mesmo que a violência cotidiana, simbólica ou objetiva, imponha o contrário.

Encerro esta tese ensaiando pequenas batidas de asas e desejosa que a população negra brasileira possa experimentar, cada vez mais, espaços ausentes de experiências abusivas simbólicas, físicas e letais oriundas de opressão e violência de ordem racial. Que a partir daqui eu possa encontrar pessoas e espaços sedentos por construir experiências e legados, no momento presente, visando um novo mundo por vir.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Millani Souza de. **Cuidado pré-natal a mulheres negras e brancas no brasil**: Indicador de adequação e fatores associados. 2017. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- AMBROSIO, Leticia *et al.* La urgencia de una Terapia Ocupacional Antirracista. **Revista de Estudiantes de Terapia Ocupacional**, v. 8, n. 1, p. i–xvii, 2021.
- AMORIM, Sulamita Gonzaga *et al.* “Asfixias sociais” da população negra e questões para a Terapia Ocupacional . **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - REVISBRATO**, v. 4, n. 5, p. 719–733, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47222/2526-3544.RBTO36144>.
- ANDRADE, Alice Fernandes de *et al.* Pertencimento e representação imagética: a negritude na universidade. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - REVISBRATO**, v. 4, n. 6, p. 850–857, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto34249>.
- ANGELOU, Maya. **Mamãe & Eu & Mamãe**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- ARAÚJO, Verônica Souza de. **Mães da Resistência**: um olhar sobre o papel do racismo no processo de adoecimento de mães militantes que perderam seus filhos para a violência de Estado. 2019. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) - Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2019.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Front, 1985.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89–117, 2013.
- BAPTISTA, Mariane Blotta Abakerli. O processo de documentação como fator determinante no desenvolvimento de metodologias visuais de pesquisa. *In*: 24º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 24, 2015, Santa Maria: 2015, Santa Maria. [...] Compartilhamentos na Arte: Redes e Conexões, 2015. p. 3423–3433.
- BASSIN, Donna; HONEY, Margaret; KAPLAN, Meryle Mahrer. Introduction. *In*: BASSIN, Donna; HONEY, Margaret; KAPLAN, Meryle Mahrer (ed.). **Representations of motherhood**. New Haven and London: Yale Univeed, 1994. p. 1–25.
- BEAGAN, Brenda L. Commentary on racism in occupational science. **Journal of Occupational Science**, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14427591.2020.1833682>.

BEAGAN, Brenda L.; ETOWA, Josephine. The impact of everyday racism on the occupations of African Canadian women. **Canadian Journal of Occupational Therapy**, v. 76, n. 4, p. 285–293, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/000841740907600407>.

BENTO, Maria Aparecida Silva. **Pactos nascísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos Alberto; D'ADESKY, Jacques. **Racismo, preconceito e intolerância**. São Paulo: Atual, 2009.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. **Agenda Nacional de Prioridades de Pesquisa em Saúde**. 2. ed. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2015.

BRASIL. **Censo demográfico 2010: características da população e dos domicílios: resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510**, de 7 de Abril de 2016. Diário Oficial da União. 24 Maio 2016; sec. 1, 98, p. 44–46, 2016.

BRASIL. **Diretrizes curriculares nacionais da educação básica**. Brasília: Ministério da Educação, 2013.

BRASIL. **Política Nacional de Promoção da Igualdade Racial**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial], 2007.

BRASIL. **Repertório bibliográfico sobre a condição do Negro no Brasil**. Brasília:Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77–101, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>.

BROWN, Gillian. Family-centered care, mothers' occupations of caregiving and Home Therapy Programs. *In*: ESDAILE, Susan A.; OLSON, Judith A. . **Mothering occupations: challenge, agency, and participation**. Philadelphia: F.A. Davis., 2004. p. 346–371.

CALADO, Maria da Glória. Ações coletivas de mães em luto da Zona Leste de São Paulo: o papel da rede social digital facebook na resignificação do luto. **Extraprensa**, v. 13, n. 2, p. 199–216, 2020.

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil**. 2014. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2014.

CARNAÚBA, Rayssa Araújo. **Trajetórias de adolescentes negras e mães: por outras histórias, por outras políticas públicas**. 2019. Dissertação (Mestrado

Profissional em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: a situação da Mulher Negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (org.). Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Edições, 2003.

CARVALHO, Daniela Melo da Silva; FRANÇA, Dalila Xavier de. Estratégias de enfrentamento do racismo na escola: uma revisão integrativa. **Educação & Formação**, v. 4, n. 12, p. 148–168, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.25053/redufor.v4i12.974>.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**. São Paulo: Contexto, 2005.

CECCHETTO, Fátima; MONTEIRO, Simone. Discriminação, cor e intervenção social entre jovens na cidade do Rio de Janeiro (RJ, Brasil): a perspectiva masculina. **Estudos Feministas**, v. 14, n. 1, p. 199–218, 2006.

CERQUEIRA, Daniel (coord.) *et al.* **Atlas da violência**. Rio de Janeiro: IPEA; FBSP, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: A significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99–127, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100006>.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Shifting the center: race, class, and feminist theorizing. *In: BASSIN, Donna; HONEY Margaret,; KAPLAN, Meryle Mahrer (ed.). Representations of motherhood*. New Haven and London: Yale University Press, 1994. p. 56–74.

CONCEIÇÃO, Maria Inês Gandolfo; MAGALHÃES, Lilian; GASTALDO, Denise. Introdução aos mapas corporais narrados: uma metodologia qualitativa para estudar saúde coletiva *In: MENDONÇA, Ana Valéria Machado; SOUSA, Maria Fátima (org.). Métodos e técnicas de pesquisa qualitativa em saúde [livro eletrônico]: volume 1*. Brasília: ECoS., 2021. p. 119–135.

CORDEIRO, Jackson Rodrigues *et al.* Jogos e brincadeiras afro-brasileiras: uma iniciativa para a valorização da cultura negra no “Corina”. *In: ENCONTRO MINEIRO SOBRE INVESTIGAÇÃO NA ESCOLA. II SEMINÁRIO INSTITUCIONAL PIBID, 2*, 2015. [...] Uberaba: [s. n.], 2015.

COSTA, Carmen Teresa; FERIOTTI, Maria de Lourdes. Terapia Ocupacional numa Abordagem Sistêmica e Complexa: tecendo e costurando um movimento em busca da fundamental da Terapia Ocupacional em Saúde Mental. *In: Terapia Ocupacional: fundamentação & prática*. Rio de Janeiro: Guanabara, 2007. p. 146–155.

COSTA, Aline Cristina da. **Explorando a dimensão ocupacional do racismo entre mulheres negras na universidade**: trajetórias de vida e mapas corporais. 2019.

Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRUZ, Isabel Cristina Fonseca da; PINTO, Andréia Soares. Condições para a saúde e o bem-estar? Inquérito sobre as mulheres negras do Estado do Rio de Janeiro. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 18, n. 1, p. 340–341, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2002000100035>.

CUNHA, Viviane Martins. **Vestígios de histórias silenciadas: vozes de mães sobre o genocídio negro**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CURENTON, Stephanie M.; CROWLEY, Jocelyn Elise; MOUZON, Dawne M. Qualitative Descriptions of Middle-Class, African American Mothers' Child-Rearing Practices and Values. **Journal of Family Issues**, v. 39, n. 4, p. 868–895, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0192513X16683984>.

DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska M. Loyola. Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze Anos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 38, n. 3, p. 450–464, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-37030003262017>.

DAVY, Charity *et al.* Aspects of the resilience and settlement of refugee youth: a narrative study using body maps. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 22, n. 2, p. 231–241, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/CTO.2014.045>.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. Introdução: A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006a. p. 15–41.

DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006b.

DICKIE, Virginia. O que é a ocupação? *In*: CREPEAU, Elizabeth Blesedell; COHN, Ellen S; SCHELL, Barbara A. Boyt (ed.). **Terapia Ocupacional/Willard & Spackman's2**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2011. p. 15–21.

SANTOS, Hebert Luan Pereira Campos dos *et al.* Necropolitics and the impact of covid-19 on the black community in brazil: A literature review and a document analysis. **Ciencia e Saude Coletiva**, v. 25, p. 4211–4224, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-812320202510.2.25482020>.

DU BOIS, W.E.B (William Edward Burghardt). **As almas da gente negra**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores., 1999.

EMERY-WHITTINGTON, Isla; TE MARO, Ben. Decolonising occupation: Causing social change to help our ancestors rest and our descendants thrive. **New Zealand Journal of Occupational Therapy**, v. 65, n. 1, p. 12–19, 2018.

ESDAILE, Susan A.; OLSON, Judith A. **Mothering occupations: challenge, agency, and participation**. Philadelphia: F.A. Davis, 2004.

FAERSTEIN, Eduardo *et al.* Raça e racismo percebido, escolaridade e hipertensão em funcionários públicos brasileiros: estudo Pró-Saúde. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 17, n. Suppl 2, p. 81–87, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-4503201400060007>. FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARIAS, Magno Nunes; LEITE JUNIOR, Jaime; AMORIM, Sulamita Sila. Por uma formação e prática antirracista: considerações para a terapia ocupacional. **Revista Chilena de Terapia Ocupacional**, v. 20, n. 2, p. 237–247, 2020.

FARIAS, Magno Nunes; LEITE JUNIOR, Jaime Daniel; COSTA, Isabelly Regianne Brasil Braga da. Terapia ocupacional e população negra: possibilidades para o enfrentamento do racismo e desigualdade racial. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - REVISBRATO**, v. 2, n. 1, p. 228–243, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbto12712>.

FAUSTINO, Deivison Mendes. Notas sobre a sociogenia, o racismo e o sofrimento psicossocial no pensamento de Frantz Fanon. **Revista Eletrônica Interações Sociais – REIS**, v. 4, n. 2, 2020. p. 10–21.

FERIOTTI, Maria de Lourdes. Construção de identidade(s) em terapia ocupacional no contexto das transformações paradigmáticas da saúde e da ciência. *In*: PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de; FERIOTTI, Maria de Lourdes (org.). **Terapia ocupacional e complexidade: práticas multidimensionais**. Curitiba: Editora CRV, 2013. p. 43–72.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Formação de professores raça/etnia: reflexões e sugestões de materiais de ensino em português e inglês**. Cascavel: Assoeste, 2006.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria Racial Crítica e Letramento Racial Crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da ABPN**, v. 6, n. 14, 2014, p. 236-236.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLORENCE, Clark; LAWLOR, Mary C. A elaboração e o significado da ciência ocupacional. *In*: CREPEAU, Elisabeth Blesedell; COHN, Ellen S; SCHELL, Barbara A. Boyt (ed.). **Terapia Ocupacional/Willard & Spackman's**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011. p. 2–14.

FRANCIS-CONNOLLY, Elizabeth B.; SYTNIK, Katherine. Mothering work and emerging adult children. **Work**, v. 50, n. 3, p. 465–472, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.3233/WOR-151998>.

GALHEIGO, Sandra Maria *et al.* Produção de conhecimento, perspectivas e referências teórico-práticas na terapia ocupacional brasileira: marcos e tendências em

uma linha do tempo. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 4, p. 723–738, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1773>.

GALHEIGO, Sandra Maria. Terapia ocupacional, cotidiano e a tessitura da vida: aportes teórico-conceituais para a construção de perspectivas críticas e emancipatórias. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 28, n. 1, p. 5–25, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoao2590>.

GANDIN, Luís Armando; DINIZ-PEREIRA, Júlio Emílio; HYPOLITO, Álvaro Moreira. Para além de uma Educação Multicultural: Teoria Racial Crítica, Pedagogia Culturalmente Relevante e Formação Docente (Entrevista Com a Professora Gloria Ladson-Billings). **Educação & Sociedade**, v. 79, p. 275–293, 2002.

GASTALDO, Denise *et al.* **Body-Map storytelling as researcher: methodological considerations for telling the stories of undocumented workers through body mapping**. Ontario: Creative commons, 2012.

GASTALDO, Denise; CARRASCO, Christine; MAGALHÃES, Lilian. **Entangled in a web of exploitation and solidarity: Latin American undocumented workers in the Greater Toronto Area**. Toronto: CSSP; CAIS, 2012.

GASTALDO, Denise; MAGALHÃES, Lilian; CARRASCO, Christine. Mapas corporais narrados: um método para documentar saúde, resiliência, adoecimento e sofrimento. FRAGA, Alex Branco; CARVALHO, Yara Maria de; GOMES, Ivan Marcelo (org.). **As práticas corporais no campo da saúde.**, São Paulo: Hucitec, 2013. p. 83–100.

GASTALDO, Denise; MAGALHÃES, Lilian; DAVY, Charity. **Pesquisa através de mapas corporais narrados: considerações metodológicas para contar as histórias de trabalhadores indocumentados através de mapas corporais**. Toronto: Creative Commons, 2019.

GASTALDO, Denise; RIVAS-QUARNETI, Natalia; MAGALHÃES, Lilian. **Body-Map Storytelling as a Health Research Methodology: Blurred Lines Creating Clear Pictures. Forum: Qualitative Social Research/Forum Qualitative Sozialforschung**, v. 19, n. 2, 2018.

GEBARA, TÂNIA ARETUZA AMBRIZI. **Gênero, família e relações étnico-raciais: um estudo sobre mulheres pardas e provedoras, e as relações que estabelecem com a educação de seus filhos e filhas**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte 2014.

GELATTI, Marlize Degrandi; ANGELI, Andréa do Amparo Carotta de. Um corpo: cartografando trajetórias de vida de sujeitos com sequelas de acidente vascular cerebral. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 1, p. 149–167, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoao1697>.

GIBSON, Chontel; FARIAS, Lisette. Deepening our collective understanding of decolonising education: A commentary on Simaan’s learning activity based on a Global South community. **Journal of Occupational Science**, v. 27, n. 3, 2020, p. 445-448. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14427591.2020.1790408>.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da**

identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GONTIJO, Daniela Tavares *et al.* Características biopsicossociais de mães adolescentes em um hospital escola no estado de Minas Gerais, Brasil. **Rev.Saúde.Com** , v. 6, n. 2, p. 86–98, 2010.

GONTIJO, Daniela Tavares *et al.* Gravidez na adolescência: mapeamento da produção científica publicada em periódicos nacionais entre 2003 e 2008. **Revista Triângulo**, v. 2, n. 02, p. 81–108, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.18554/rt.v2i02.59>.

GRADIM, Luma Carolina Câmara; FIRNARDE, Tamara Neves; CARRIJO, Débora Couto de Melo. **Práticas em Terapia Ocupacional**. 1. ed. Barueri: Manole, 2020.

GRENIER, Marie-Lyne. Cultural competency and the reproduction of White supremacy in occupational therapy education: <https://doi.org/10.1177/0017896920902515>, v. 79, n. 6, p. 633–644, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0017896920902515>.

CÓRDOBA GUAJARDO, Alejandro. Texto inaugural: construcción de identidades, epistemes y prácticas em Terapia Ocupacional en América Latina. *In:* ALGADO SIMÓ, Salvador *et al.* Santiago: Editorial USACH, 2016. p. 41–62.

GUIMARÃES, Marco Antonio Chagas; PODKAMENI, Angela Baraf. A rede de sustentação coletiva, espaço potencial e resgate identitário: projeto mãe-criadeira. **Saúde e Sociedade**, v. 17, n. 1, p. 117–130, 2008.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? *In:* SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 103–133.

HAMMELL, Karen R. Whalley. Occupation, well-being, and culture: Theory and cultural humility: <http://dx.doi.org/10.1177/0008417413500465>, v. 80, n. 4, p. 224–234, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0008417413500465>.

HARRIES, Jane; SOLOMON, Jane. **Body Mapping**: to explore the embodied experiences of contraceptive methods and family planning with women in South Africa. University Cape Town, 2018.

HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005.

HOJJATI, Ala *et al.* Educational content related to postcolonialism and indigenous health inequities recommended for all rehabilitation students in Canada: a qualitative study. **Disability and Rehabilitation**, v. 40, n. 26, p. 3206–3216, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09638288.2017.1381185>.

HORDGE-FREEMAN, Elizabeth. **A cor do amor**: características raciais, estigma e socialização em famílias negras e brasileiras. São Carlos: EdUFSCar, 2019.

HOWARTH, Alexandra; JONES, Derek. Transcultural Occupational Therapy in the

United Kingdom: Concepts and Research: <http://dx.doi.org/10.1177/030802269906201004>, v. 62, n. 10, p. 451–458, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/030802269906201004>.

IBGE. **Estatísticas de gênero: uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2014.

LEATH, Seanna *et al.* A qualitative exploration of Black mothers' gendered constructions of their children and their parental school involvement. **Early Childhood Research Quarterly**, v. 53, p. 124–135, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2020.03.007>.

LEATH, Seanna *et al.* What Happens If They Come for You? An Exploration of Mothers' Racial Socialization on Discrimination With Black College Women. **Psychology of Women Quarterly**, v. 45, n. 2, p. 194–211, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0361684320979679>.

LEITE JUNIOR, Jaime Daniel; FARIAS, Magno Nunes; MARTINS, Sofia. Dona Ivone Lara e terapia ocupacional: devir-negro da história da profissão. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoarf2171>.

LIMA, Elizabeth M. F. Araújo; PASTORE, Marina Di Napoli; OKUMA, Danielle Guimarães. As atividades no campo da Terapia Ocupacional: mapeamento da produção científica dos terapeutas ocupacionais brasileiros de 1990 a 2008. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v. 22, n. 1, p. 68–75, 2011.

LIMA, Elizabeth Maria Freire de Araújo; OKUMA, Danielle Guimarães; PASTORE, Marina Di Napoli. Atividade, ação, fazer e ocupação: a discussão dos termos na Terapia Ocupacional brasileira. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 21, n. 2, p. 243–254, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/CTO.2013.026>.

LINCOLN, Yvonna S; GUBA, Egon G. Controvérsias paradigmáticas, contradições e confluências emergentes. *In*: DENZIN, Norman K; LINCOLN, Yvonna S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: ARTMED, 2006. p. 169–192.

LLEWELLYN, Gwynntg; MCCONNELL, David. Mothering capacity and social milieu. *In*: ESDAILE, Susan A.; OLSON, Judith A. **Mothering occupations: challenge, agency, and participation**. Philadelphia: F.A. Davis., 2004. p. 174–192.

LOPES, Luciana Rocha. **Engrenagens de uma notificação, medos fabricados e corpos interditos: o feminismo, o crack e a maternidade**. 2018. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2018.

LOPES, Roseli Esquerdo. Cidadania, direitos e terapia ocupacional social. *In*: LOPES, Roseli Esquerdo; MALFITANO, Ana Paula Serrata (org.). **Terapia ocupacional social: desenhos teóricos e contornos práticos**. São Carlos: EdUFSCar, 2016. p. 29–48.

LUDLOW, Bryn. **Boddy mapping with geriatric imaptients receiving daily haemodialysis therapy for end-stage renal disease at Toronto Rehabilitation**

institute: a qualitative study. 2012. Dissertations (Master of Arts) - McMaster University, Ontario, 2012.

MACHADO, Adilbênia Freire. **Saberes ancestrais femininos na filosofia africana:** poéticas de encantamento para metodologias e currículos afrorreferenciados. 2019. Tese (Doutorado em Educação Brasileira) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

MACHADO, Nathalya *et al.* Significado y forma ocupacional del embarazo de alto riesgo en contexto hospitalar. **Revista Chilena de Terapia Ocupacional**, v. 21, n. 1, p. 111-125, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5354/0719-5346.2021.60403>.

MAGALHÃES, Lilian *et al.* El desarrollo de la ciencia ocupacional fuera del ámbito anglófono: Promoviendo la colaboración global. **Journal of Occupational Science**, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14427591.2018.1551048>.

MAGALHÃES, Lilian. Ocupação e atividade: tendências e tensões conceituais na literatura anglófona da terapia ocupacional e da ciência ocupacional. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, v. 21, n. 2, p. 255–263, 2013.

MAGALHAES, Lilian; GALHEIGO, Sandra Maria. Enabling international communication among Brazilian occupational therapists: seeking consensus on occupational terminology. **Occupational Therapy International**, v. 17, n. 3, p. 113–124, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/oti.292>.

MARIANO, Silvana Aparecida; CARLOTO, Cássia Maria. Aspectos diferenciais da inserção de mulheres negras no Programa Bolsa Família. **Sociedade e Estado**, v. 28, n. 2, p. 393–417, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922013000200011>.

MARTINS, Sofia. **Gravidez nas adolescências:** construções das identidades ocupacionais maternas durante a gestação. 2017. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, 2017.

MARTINS, Sofia; FARIAS, Magno Nunes. Práticas de terapia ocupacional e contexto sociocultural: caso de uma menina negra. *In:* GRADIM, Luma Carolina Câmara; FIRNARDE, Tamara Neves; CARRIJO, Débora Couto de Melo. **Práticas em terapia ocupacional**. 1. ed. Barueri: MANOLE, 2020. p. 32–37.

MARTINS, Sofia; GONTIJO, Daniela Tavares. Tempo de engajamento nas áreas de ocupação de adolescentes inseridos em uma escola pública. **Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo**, v. 22, n. 2, p. 162–171, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v22i2p162-171>.

MARTINS, Sofia; MAGALHÃES, Lilian. Vai arrumar este cabelo, neguinha! Mapeamento Corporal Narrado por Gabriela, mãe negra. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 25, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/interface.200824>.

MATOS, Juliana Alves Viana; SILVA, Kênia Lara; GARCIA, Marie-Carmen. Body-map storytelling: research experience report with theoretical contribution of Bourdieu.

Escola Anna Nery, v. 22, n. 3, p. 1–6, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2017-0407>.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. 3. ed. São Paulo: N-1 edições, 2018.

ALMEIDA, Millani Souza de. **Cuidado pré-natal a mulheres negras e brancas no brasil**: indicador de adequação e fatores associados. 2017. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem, Universidade Federal da Bahia, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A violência na adolescência: um problema de saúde pública. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 6, n. 3, p. 278–292, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-311x1990000300005>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Amostras e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 5, n. 7, p. 1-12, 2017.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

MITTELBACH, Juliana Chagas da Silva. A cor da violência obstétrica, uma revisão integrativa. In: CONGRESSO DE SAÚDE COLETIVA DA UFPR, Paraná. 2, 2020, [s. l.], 2020.

MOMADE, Kethlin Carraro. **O cenário dos cuidados em saúde de haitianas residentes em Chapecó (SC)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências da Saúde) - Universidade Comunitária da Região de Chapecó, Chapecó, 2018.

MONTALVÃO, Ana Luiza Braga; FARIA, Margareth Regina Gomes Veríssimo de. Racismo no Brasil: uma revisão sistemática da última década. In: SEMINÁRIO DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA DO CURSO DE PSICOLOGIA DA UNIEVANGÉLICA, 4, 2020, Goiás, **Anais** [...]. Goiás: Unievangélica, 2020. 17p.

MOREIRA-PRIMO, Ueliton Santos; FRANÇA, Dalila Xavier de. Efeitos do racismo da trajetória escolar de crianças: uma revisão sistemática. **Debates em Educação**, v. 12, n. 26, p. 176, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.28998/2175-6600.2020v12n26p176-198>.

MORRISON, Rodolfo *et al.* Por que uma Ciência Ocupacional na América Latina? Possíveis relações com a Terapia Ocupacional com base em uma perspectiva pragmatista. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 29, p. e2081, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2526-8910.ctoEN2081>.

MORRISON, Rodolfo *et al.* Principal approaches to understanding occupation and occupational science found in the Chilean journal of occupational therapy (2001–2012). **Hindawi Occupational Therapy International**, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1155/2017/5413628>.

MORRISON, Rodolfo; OLIVARES, Daniela; VIDAL, Diego. La filosofía de la Ocupación Humana y el paradigma social de la Ocupación. Algunas reflexiones y propuestas sobre epistemologías actuales en Terapia Ocupacional y Ciencias de la

Ocupación. **Revista Chilena de Terapia Ocupacional**, v. 11, n. 2, p. 102, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5354/0719-5346.2011.17785>.

MÜLLER, Tânia M. P.; CARDOSO, Lourenço (org.). **Branquitude**: estudos sobre a identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris editora, 2017.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO-PENESB. Rio de Janeiro, 2003. **Anais...** Rio de Janeiro, 2003.

MURASAKI, Aryel Ken; GALHEIGO, Sandra Maria. Juventude, homossexualidade e diversidade: um estudo sobre o processo de sair do armário usando mapas corporais. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 24, n. 1, p. 53–68, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/0104-4931.CTOAO0648>.

SILVA, Monalisa Nanaina da; MONTEIRO, Juliana Cristina dos Santos. Representatividade da mulher negra em cartazes publicitários do Ministério da Saúde, **Revista da Escola de Enfermagem**, v. 52, p. e03399, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2018002203399>.

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro**: processo de um racismo mascarado. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NAYAR, Shoba; STANLEY, Mandy. Beginning conversations. *In*: NAYAR, Shoba; STANLEY, Mandy. **Qualitative research methodologies for Occupational Science and Therapy**. New York: Routledge, 2015. p. 1–7.

NELSON, David L. Occupation: form and performance. **American Occupational Therapy Association**, v. 42, n. 10, p. 633-641, 1988. Disponível em: <https://doi.org/10.5014/ajot.42.10.633>.

NICHOLLS, Lindsey; ELLIOT, Michelle L. In the shadow of occupation: Racism, shame and grief. **Journal of Occupational Science**, v. 26, n. 3, p. 354–365, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14427591.2018.1523021>.

O'REILLY, Andrea. African American Mothering: “home is where the revolution is”. *In*: O'REILLY, Andrea (ed.). **Mothers, mothering and motherhood across cultural differences**: a reader. Canada: Demeter Press, 2014. p. 56–74.

ODOM, Erika C.; GARRETT-PETERS, Patricia; VERNON-FEAGANS, Lynne. Racial Discrimination as a Correlate of African American Mothers' Emotion Talk to Young Children. **Journal of Family Issues**, v. 37, n. 7, p. 970–996, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0192513X14521196>.

OLIVEIRA, Raniele Duarte. **A cidade na perspectiva de um processo civilizador**: o espaço urbano uberabense e suas relações socioculturais (1889-1927). 2015. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

OLIVEIRA, Beatriz Muccini Costa; KUBIAK, Fabiana. Racismo institucional e a saúde

da mulher negra: uma análise da produção científica brasileira. **Saúde em Debate**, v. 43, n. 122, p. 939–948, 2019a. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201912222>.

OLIVEIRA, Luiza Dias de. **As grades que envolvem o berço: maternidades no contexto do Presídio Estadual Feminino Madre Pelletier**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

OLIVEIRA, Sidinei Rocha de; PICCININI, Valmiria Carolina. Validade e reflexividade na pesquisa qualitativa. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 7, n. 1, p. 88–98, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1679-39512009000100007>.

OMAR, Samira *et al.* Integrated care pathways for Black persons with traumatic brain injury: A protocol for a critical transdisciplinary scoping review. **Systematic Reviews**, v. 9, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s13643-020-01323-8>.

OTA, Maria Eduarda. **De fábrica de marginal a mães guerreiras: uma etnografia sobre a luta de mães de vítimas da violência do Estado**. 2019. Tese (Doutado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

OTERO CAICEDO, Liliana; FERNANDEZ MORENO, Aleida. Ser en el arte: caminos de reconocimiento. **Arteterapia. Papeles de arteterapia y educación artística para la inclusión social**, v. 12, n. 0, p. 1–166, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5209/arte.57560>.

PACHECO, João Alves; CALADO, Maria Da Glória; SOUZA, Maria Cecília Cortez Christiano de. Contribuições de professoras paulistas no enfrentamento do racismo no contexto escolar. **Revista Extraprensa**, v. 11, n. 1, p. 222, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/extraprensa2017.133329>.

PASSOS, Rachel Gouveia. “O lixo vai falar, e numa boa!” **Revista Katálisis**, v. 24, n. 2, p. 301–309, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e77194>.

PASTORE, Marina Di Napoli; SATO, Miki Takao. Pelos caminhos da diversidade sociocultural: diálogos entre Terapia Ocupacional, África e Etnografia. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 26, n. 4, p. 952–959, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1240>.

PAZ, Kesia Marisla Rodrigues da. **A gestação em meio à anemia falciforme: experiência de mulheres negras**. 2015. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2015.

PINHEIRO, Luana *et al.* **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 3. ed. Brasília: SPM: UNIFEM, 2008.

PINHO, Aline da Cruz Cavalcante de *et al.* Sobre a forma de ocupar-se de cuidar de pessoas sob cuidados paliativos. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 1, p. 118–126, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1654>.

POELLNITZ, JÉSSICA CRISTINA VON. **Atividade, cotidiano e ocupação na terapia ocupacional no Brasil: usos e conceitos em disputa**. 2018 - Dissertação (Mestrado

em Terapia Ocupacional) - Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018.

PRIEST, Naomi *et al.* Understanding the complexities of ethnic-racial socialization processes for both minority and majority groups: A 30-year systematic review. **International Journal of Intercultural Relations**, v. 43, n. PB, p. 139–155, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/J.IJINTREL.2014.08.003>.

QUADROS, Alexander de *et al.* Racismo institucional: uma revisão integrativa sobre a saúde da população negra. **Brazilian Journal of Development**, v. 10, n. 10, p. 81483–81492, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-538>.

RAMUGONDO, EL; GALVAAN, R; DUNCAN, E. Theorising about human occupation. **South African Journal of Occupational Therapy**, v. 45, n. 1, p. 01–02, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.17159/2310-3833/2015/v45no1a1>.

RAMUGONDO, Elelwani L.; KRONENBERG, Frank. Explaining collective occupations from a human relations perspective: Bridging the individual-collective dichotomy. **Journal of Occupational Science**, v. 22, n. 1, p. 3–16, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14427591.2013.781920>.

REED, Kirk D.; HOCKING, Clare S.; SMYTHE, Liz A. Exploring the meaning of occupation: The case for phenomenology. **Canadian Journal of Occupational Therapy**, v. 78, n. 5, p. 303–310, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.2182/cjot.2011.78.5.5>.

RIBEIRO JÚNIOR, Florisvaldo Paulo. **A conquista da liberdade: cenas do cotidiano uberabense nas últimas décadas da escravidão no Brasil**. 1997. Monografia (Departamento de História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1997.

RODRIGUES, Quessia Paz. **Desigualdades raciais no acesso de mulheres ao cuidado pré-natal e no parto**. 2009. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

ROLLINS, Alethea; HUNTER, Andrea G. Racial Socialization of Biracial Youth: Maternal Messages and Approaches to Address Discrimination. **Family Relations**, v. 62, n. 1, p. 140–153, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1741-3729.2012.00748.x>.

ROSE, Gillian. **Visual Methodologies: an introduction to the interpretation of visual materials**. 2. ed. London: Sage, 2007.

RUDDICK, Sara. The acknowledgment and appropriation of maternal work. *In*: BASSIN, Donna; HONEY, Margaret; KAPLAN, Meryle Mahrer (ed.). **Representations of motherhood**. New Haven and London: Yale Univeed, 1994. p. 29–45.

RUDMAN, Debbie Laliberte. Enacting the critical potential of occupational science: Problematizing the individualizing of occupation. **Journal of Occupational Science**, v. 20, n. 4, p. 298–313, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14427591.2013.803434>.

SALLES, Mariana Moraes; MATSUKURA, Thelma Simões. O uso dos conceitos de

ocupação e atividade na Terapia Ocupacional: uma revisão sistemática da literatura. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 24, n. 4, p. 801–810, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/0104-4931.ctoar0525>.

SANTIAGO, Flávio. Gritos sem palavras: resistências das crianças pequenininhas negras frente ao racismo. **Educação em Revista**, v. 31, n. 2, p. 129–153, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-4698132765>.

SANTOS, Antonio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significados**. Brasília: INCTI/UnBed, 2015.

SANTOS, Juciara Alves dos. Sofrimento psíquico gerado pelas atrocidades do racismo. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, v. 10, n. 24, p. 148–165, 2018.

SANTOS, Raissa Paula dos. **Violência obstétrica no Brasil: uma análise de determinações patriarcais racistas e capitalistas**. 2016. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Direitos Sociais) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2016.

SANTOS, Naila Janilde Seabra. Mulher e negra: dupla vulnerabilidade às DST/HIV/aids. **Saúde e Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 602–618, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-129020162627>.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo 2012.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Racismo e Antirracismo: a categoria raça em questão. **Revista Psicologia Política**, v. 10, n. 19, p. 41–55, 2010.

SCHUCMAN, Lia Vainer. Sim, nós somos racistas: Estudo psicossocial da branquitude Paulistana. **Psicologia e Sociedade**, v. 26, n. 1, p. 83–94, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822014000100010>.

SILVA, Ana Celia da. A Desconstrução da Discriminação no Livro Didático. *In*: MUNANGA, Kabengele (org.). **Superando o Racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2005. p. 21–38.

SILVA, Helena Clécia Barbosa da; LIMA, Telma Cristiane Sasso de. Racismo institucional: violação do direito à saúde e demanda ao Serviço Social. **Revista Katálysis**, v. 24, n. 2, p. 331–341, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e77586>.

SILVA, Priscila Elisabete da. O conceito de branquitude: reflexões para o campo de estudo. *In*: MÜLLER, Tânia M. P.; CARDOSO, Lourenço (org.). **Branquitude: estudos sobre a identidade branca no Brasil**. Curitiba: Appris editora, 2017. p. 20–30.

SILVA, Ueigla Batista da. **Experiências de mulheres com doença falciforme com aborto e morte fetal**. 2018. Dissertação (Mestrado em Enfermagem e Saúde) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

SILVA, Gabriela dos Santos. **Por você ser negra e pobre, tem esse direito negado:** um estudo sobre direitos reprodutivos de mulheres negras com doença falciforme em Salvador. 2017. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SILVA, Tomaz Tadeu da Silva. A produção social da identidade e da diferença. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). **Identidade e diferença:** uma introdução teórica e conceitual. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 73–102.

SOLOMON, Jane. **Living with X:** a body mapping journal in the time of HIV and AIDS a facilitator's guide. Toronto: Creative Commons, 2007.

SOLORZANO, Daniel G. Images and Words that Wound: Critical Race Theory, Racial Stereotyping, and Teacher Education. **Source: Teacher Education Quarterly**, v. 24, n. 3, p. 5–19, 1997.

SOUSA, Neusa Santos. **Tornar-se negro:** as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Tiago Zanquêta de. **Arquivos da história e histórias de vida:** diálogos com a Educação Popular. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Uberaba, Uberaba, 2012.

STANLEY, Mandy. Qualitative descriptive: a very good place to start. *In*: NAYAR, Shoba; STANLEY, Mandy. **Qualitative research methodologies for Occupational Science and Therapy**. New York: Routledge, 2015. p. 21–36.

STEED, Robin. The Effects of an Instructional Intervention on Racial Attitude Formation in Occupational Therapy Students: <http://dx.doi.org/10.1177/1043659614523471>, v. 25, n. 4, p. 403–409, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1043659614523471>.

STERMAN, Julia; NJELESANI, Janet. Becoming Anti-Racist Occupational Therapy Practitioners: A Scoping Study. **OTJR: occupation, participation and health**, p. 15394492211019932, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/15394492211019931>.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. Introdução. *In*: STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa:** técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada. Porto Alegre: Artmed, 2008. p. 17–27.

SUE, Derald Wing *et al.* Racial microaggressions in everyday life: Implications for clinical practice. **American Psychologist**, v. 62, n. 4, p. 271–286, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.62.4.271>.

SUIZZO, Marie Anne; ROBINSON, Courtney; PAHLKE, Erin. African American mothers' socialization beliefs and goals with young children: Themes of history, education, and collective independence. **Journal of Family Issues**, v. 29, n. 3, p. 287–316, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0192513X07308368>.

TAQUETTE, Stella R.; MEIRELLES, Zilah Vieira. Discriminação racial e

vulnerabilidade às DST/Aids: um estudo com adolescentes negras. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 23, n. 1, p. 129–142, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312013000100008>.

TURNER, Jennifer L. Black Mothering in Action: The Racial-Class Socialization Practices of Low-Income Black Single Mothers. **Sociology of Race and Ethnicity**, v. 6, n. 2, p. 242–253, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2332649219899683>.

UBERABA. Secretaria de Planejamento. **Unidades de planejamento e gestão urban**, 2020.

UBERABA, Arquivo Público de. **A câmara municipal e a Lei Áurea de 13 de maio de 1888**. 2015. Disponível em: <https://arquivopublicouberaba.blogspot.com/2015/05/a-camara-municipal-e-lei-aurea-de-13-de.html>. Acesso em: 5 mar. 2020.

VAN PETTEN, Adriana Maria Valladão Novais; FARIA-FORTINI, Iza de; MAGALHÃES, Lívia de Castro. Um novo mestrado em terapia ocupacional: perspectivas e desafios. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, v. 27, n. 2, p. 231–232, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoED27021>.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saude e Sociedade**, v. 25, n. 3, p. 535–549, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-129020162610>.

WHITEFORD, Gail E. Other worlds and other lives: A study of occupational therapy student perceptions of cultural difference. **Occupational Therapy International**, v. 2, n. 4, p. 291–313, 1995. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/oti.6150020407>.

WILCOCK, Ann. **An occupational perspective of health**. Thorofare: SLACK Incorporated, 2006.

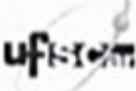

WILCOCK, Ann A.; TOWNSEND, Elizabeth A. Justiça ocupacional. *In*: CREPEAU, Elizabeth Blesedell; COHN, Ellen S; SCHELL, Barbara A. Boyt (ed.). **Terapia Ocupacional/Willard & Spackman's2**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2011. p. 195–202.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da Silva (org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (org.). **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7–72.

ZAMORA, Maria Helena Rodrigues Navas. Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. **Fractal : Revista de Psicologia**, v. 24, n. 3, p. 563–578, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1984-02922012000300009>.

APÊNDICES

**APÊNDICE A – Carta de Autorização
Coordenadoria de Políticas de Igualdade Racial**

CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar),

Prezado Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar, na função de representante legal da Coordenadoria de Políticas de Igualdade Racial informo que o projeto de pesquisa intitulado "*Repercussões da experiência de racismo nas ocupações maternas de mulheres negras: estratégias de enfrentamento*" apresentado pela pesquisadora, Sofia Martins e desenvolvido sob orientação da Profa. Dra. Lillian Magalhães na Universidade Federal de São Carlos, e que tem como objetivo principal analisar a experiência do racismo enfrentado por mulheres negras e suas repercussões nas ocupações maternas, foi analisado, tendo sido autorizada a sua realização condicionada a parecer favorável emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, que deverá ser apresentado antes do início da coleta de dados nesta Instituição.

Declaro conhecer a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.


Assinatura: Carmen Dionísia Amorim de Souza
(representante legal)

20054581/0001-51

FUNDAÇÃO CULTURAL DE UBERABA
PC RUI BARBOSA, 154
CENTRO - CEP 38.009 - 340
UBERABA - MG

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar / Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos,
Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil.
Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

APÊNDICE B – Carta de Autorização Coletivo Afrontar-se




CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar),

Prezado Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar, na função de representante legal da Coletivo Afrontar-se, informo que o projeto de pesquisa intitulado "*Repercussões da experiência de racismo nas ocupações maternais de mulheres negras: estratégias de enfrentamento*" apresentado pela pesquisadora, Sofia Martins e desenvolvido sob orientação da Profa. Dra. Lillian Magalhães na Universidade Federal de São Carlos, e que tem como objetivo principal analisar a experiência do racismo enfrentado por mulheres negras e suas repercussões nas ocupações maternais, foi analisado, tendo sido autorizada a sua realização condicionada a parecer favorável emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, que deverá ser apresentado antes do início da coleta de dados nesta Instituição.

Declaro conhecer a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

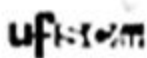


Assinatura: _____

(representante legal)

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar / Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos,
Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil.
Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cechumanos@ufscar.br

**APÊNDICE C – Carta de Autorização
Abayomi Grupo de Apoio à Maternidade**



CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar),

Prezado Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar, na função de representante legal da Abayomi Grupo de Apoio à Maternidade, informo que o projeto de pesquisa intitulado *"Repercussões da experiência de racismo nas ocupações maternas de mulheres negras: estratégias de enfrentamento"* apresentado pela pesquisadora, Sofia Martins e desenvolvido sob orientação da Profa. Dra. Lillian Magalhães na Universidade Federal de São Carlos, e que tem como objetivo principal analisar a experiência do racismo enfrentado por mulheres negras e suas repercussões nas ocupações maternas, foi analisado, tendo sido autorizada a sua realização condicionada a parecer favorável emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, que deverá ser apresentado antes do início da coleta de dados nesta Instituição.

Declaro conhecer a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Assinatura: Vanessa Gomes da Rocha Silva Sobrinho
(representante legal)

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar / Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos,
Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil.
Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

APÊNDICE D – Carta de Autorização
Centro Municipal de Educação Infantil Prof.^a Dirce Miziara



CARTA DE AUTORIZAÇÃO

Ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar),

Prezado Comitê de Ética em Pesquisa da UFSCar, na função de representante legal do CEMEI Prof.^a Dirce Miziara, informo que o projeto de pesquisa intitulado "*Repercussões da experiência de racismo nas ocupações maternas de mulheres negras: estratégias de enfrentamento*" apresentado pela pesquisadora, Sofia Martins e desenvolvido sob orientação da Profa. Dra. Lillian Magalhães na Universidade Federal de São Carlos, e que tem como objetivo principal analisar a experiência do racismo enfrentado por mulheres negras e suas repercussões nas ocupações maternas, foi analisado, tendo sido autorizada a sua realização condicionada a parecer favorável emitido pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar, que deverá ser apresentado antes do início da coleta de dados nesta Instituição.

Declaro conhecer a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas responsabilidades como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

Assinatura: _____

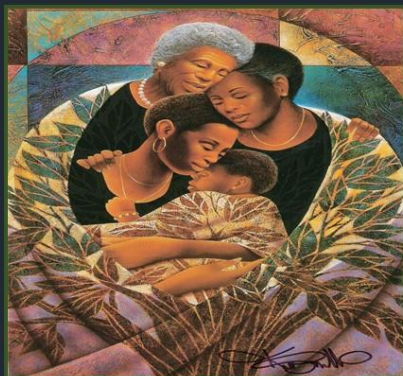
(representante legal)

Guineia de Fátima Portes Ribeiro
Diretora do CEMEI II
DECRETO N° 1475 do 12/01/2018
Prefeitura Municipal de Uberaba

Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar / Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos,
Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil.
Fone (16) 3351-8110. Endereço eletrônico: cep@ufscar.br

APÊNDICE E – Folheto de divulgação da pesquisa

Mãe Negra, quero ouvir a sua história!



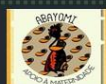
Quero ouvir a sua experiência de ser mulher-mãe negra e de criar seus filhos.

Participe!

Esta pesquisa está sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar (São Carlos) pela terapeuta ocupacional e doutoranda Sofia Martins, orientada pela Prof.^a Dr.^a Lilian Magalhães.



Apoio:



Coordenadoria de Políticas de Igualdade Racial

Gostaria de convidar você para participar de uma pesquisa que irá analisar as repercussões da experiência de racismo enfrentada por mulheres negras em suas ocupações maternas.

A sua participação ajudará a dar visibilidade às histórias de mulheres-mães negras, aos elementos que geram sofrimento na população negra no cenário brasileiro e aos mecanismos que vêm sendo utilizados para a superação desse.

Quem pode participar?

Mãe que...

- se autodeclare como mulher preta ou parda;
- seja natural de Uberaba-MG;
- tenha filhos com idade entre 4 e 18 anos;
- tenha gerado ou adotado as/os filhas/os.

O que você terá que fazer?

- Contar as suas experiências de ser mulher-mãe negra.
- Participar de três encontros presenciais de aproximadamente 2 horas cada.
- A cada encontro você participará de 1 entrevista e de 1 sessão de mapeamento corporal.

Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos da UFSCar com o parecer de nº 3.523.238.

Caso você se identifique com as características dessa pesquisa, por favor entrar em contato com **Sofia Martins** para mais informações.

E-mail: to.sofimartins@gmail.com—Telefone (WhatsApp): (16)98185-0788

APÊNDICE F – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Prezada participante,

Eu sou Sofia Martins, aluna de doutorado em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), orientanda da Profa. Dra. Lilian Magalhães.

Sobre o que é esse projeto?

O título da minha pesquisa de doutorado é **“Repercussões da experiência de racismo nas ocupações maternas de mulheres negras: estratégias de enfrentamento”**. O objetivo desse estudo é analisar os relatos das histórias de experiência de racismo enfrentado pelas mulheres-mães negras e suas repercussões nas ocupações maternas. Você está sendo convidada porque é natural de Uberaba-MG, tem idade superior a 18 anos e criou (é mãe biológica e/ou adotiva) seus/suas filhos/as, e a idade deles é entre quatro e dezoito anos.

O que você terá que fazer?

Você será convidada a participar de três encontros com tempo estimado de duas horas cada um que irão explorar como a sua experiência de mulher-mãe negra e de racismo repercute em suas ocupações maternas. Cada encontro consistirá em uma entrevista individual com duração de uma hora com a pesquisadora e uma sessão de mapeamento corporal de uma hora aproximadamente (desenho no papel em tamanho real de seu corpo onde você contará as suas experiências de vida). Você também irá completar um breve formulário sobre seus dados pessoais. As entrevistas serão gravadas em áudio e/ou vídeo.

Nossos encontros acontecerão no local mais confortável para você, tendo como possibilidades uma sala privada da *Fundação Cultural de Uberaba – Prefeitura Municipal de Uberaba*, localizada na Praça Rui Barbosa, 356 – Centro ou do *Coletivo Afrontar*, localizado na R. Guia Lopes, 1141 - Nossa Sra. da Abadia.

Como participar do estudo?

- 1) Caso você queira participar do estudo, você precisará, em um primeiro momento, dar o seu consentimento assinando este TCLE e rubricando todas as páginas dele.
- 2) A pesquisa será realizada conforme a sua disponibilidade. A pesquisadora poderá conversar com você em quaisquer dias da semana, durante o período da manhã, da tarde e da noite sempre considerando a rotina e a disponibilidade da Fundação Cultural e do Coletivo Afrontar-se localizados em Uberaba-MG.
- 3) Antes de concordar com a sua participação, é importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. A pesquisadora deverá responder quaisquer tipos de dúvidas antes que você decida participar ou quando julgar necessário.

4) Seu nome será mantido em sigilo, garantindo a sua privacidade. A pesquisadora compromete-se a utilizar os dados e as imagens coletados somente para o objetivo relacionado a este estudo e descrito neste termo de consentimento. Você poderá acompanhar os resultados deste estudo a qualquer momento, sempre que solicitar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com a pesquisadora por um período de cinco anos, e após esse tempo serão destruídos. As pesquisadoras tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo, atendendo a legislação brasileira (Resolução nº466/2012 do Conselho Nacional de Saúde), utilizando as informações somente para os fins acadêmicos científicos.

Informações importantes:

– A sua participação nessa pesquisa pode gerar alguns riscos mínimos, como possível desconforto, emoções e/ou indisposição diante das questões levantadas durante a sua colaboração no estudo, talvez relacionadas a memórias e informações que você não gostaria de lembrar e compartilhar.

– Você é voluntária para participar da pesquisa. Se houver algum tipo de desconforto durante as entrevistas ou, se você sentir em risco durante o projeto, você poderá deixar de participar desta pesquisa sem a hipótese de existir qualquer tipo de consequência negativa, de penalidade ou perda de benefícios aos quais tenha direito. Você também pode se recusar a responder a quaisquer perguntas que não queira responder.

– Se durante a participação nas entrevistas, houver dificuldade de lidar com as suas lembranças ou emoções, você também poderá pedir a entrevistadora que agende serviços de apoio. Caso seja necessário solicitar apoio emocional, uma consulta será agendada sem custos com as profissionais do Coletivo Afrontar-se.

– Para a minimização dos riscos durante a coleta de dados, o contato telefônico e o virtual da pesquisadora serão disponibilizados, caso necessite de maior espaço de diálogo por algum sentimento de desconforto e/ou indisposição decorrente do processo.

– Você criará um mapa corporal através dessas entrevistas, que serão vistas por outras pessoas (por exemplo, em uma exposição) para que possam aprender sobre a sua vida, seus desafios e suas soluções.

– As informações obtidas através das entrevistas ou do mapa corporal poderão ser publicadas de outras formas (por exemplo, um manual, uma publicação, um livro, um website, um aplicativo, em formato impresso ou eletrônico) e as transcrições das entrevistas poderão ser usadas para fins educacionais ou análise secundária após o estudo estar completo.

– Você permitirá a exibição de seu mapa corporal, desde que o objetivo seja aumentar a conscientização sobre a experiência de ser mãe negra e promover reflexões para uma mudança social.

– As entrevistas serão gravadas e registradas por meio de fotos e filmagens e as pesquisadoras poderão tomar notas. Se, por algum motivo, as informações

fornecidas, durante as reuniões, permitirem a sua identificação, a equipe de pesquisa se certificará de mudá-la, mantendo a permanência do anonimato.

- O mapa finalizado pertencerá a pesquisadora do estudo.
- Você não terá nenhuma despesa pessoal para participar da pesquisa e não terá nenhuma compensação financeira, sua participação é voluntária. Você poderá acompanhar os resultados do estudo durante qualquer etapa, sempre que solicitado.

Quais serão os benefícios de participar deste estudo?

Participando desta pesquisa você terá potenciais benefícios futuros, pois teremos informações para refletir sobre as experiências das mulheres-mães negras de racismo e a criação de seus filhos. Espera-se que o estudo contribua com novos conhecimentos para a área da terapia ocupacional e para a implementação de políticas públicas sobre, para e com a população negra. O estudo poderá desencadear ações que promovam o desenvolvimento social da população negra, gerando subsídios que informem o cuidado específico de mães, crianças e famílias negras.

Com quem posso entrar em contato caso tenha dúvidas?

A pesquisadora executante é a Terapeuta Ocupacional **Sofia Martins** que pode ser encontrada no Departamento de Terapia Ocupacional da UFSCar, no endereço Rod. Washington Luís, Km 235 -C.P.676 – CEP 13565-905 – São Carlos – SP, tel./Fax: (16) 3351-8342 (Ramal9786). Os meus contatos pessoais são: (16)98185-0788 (TIM) - e-mail: to.sofiamartins@gmail.com

E, caso você apresente alguma dúvida ou consideração sobre a condução ética da pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), Rodovia Washington Luiz SP-310 – Fone: (16)3351-9683 – e-mail: cephumanos@ufscar.br

Esse termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais: sendo que uma será arquivada pela pesquisadora responsável, e a outra será fornecida a você.

Agradeço sua atenção!

Autorização:

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

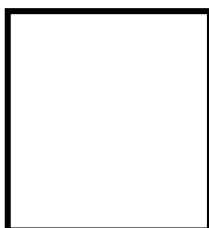
Eu,

_____,
 RG _____, CPF _____, abaixo assinado, concordo em ser participante do estudo **“Repercussões da experiência de racismo nas ocupações maternas de mulheres negras: estratégias de enfrentamento”**. Fui devidamente informada e esclarecida pela pesquisadora abaixo assinada sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a

qualquer penalidade. Recebi uma via do Termo de Consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Assinatura da participante da pesquisa

Ou



Impressão do dedo polegar, caso não saiba assinar

Uberaba, ____ de _____ de 2019.

Pesquisadora

Sofia Martins

Terapeuta Ocupacional, doutoranda em Terapia Ocupacional pelo Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (PPGTO-UFSCar)

Contatos pessoais: (16)98185-0788 (TIM) - e-mail: to.sofiamartins@gmail.com

Profa. Dra. Lilian Magalhães

Terapeuta Ocupacional, Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos (PPGTO-UFSCar)

Rod. Washington Luís, Km 235 -C.P.676 – CEP 13565-905 – São Carlos – SP, tel./Fax: (16)3351-9787.

APÊNDICE G – Introdução/Experiência de participação/ Conclusão da entrevista e Formulário sociodemográfico

Momento 1 - Introdução da entrevista:

Olá _____, eu gostaria de entrevistar você para saber sobre a sua experiência de ser mulher-mãe negra. Antes de darmos início a nossa conversa, eu preciso que você me dê a sua autorização após a leitura deste termo de consentimento. [leitura do TCLE]

Então, vamos começar a nossa conversa. Primeiramente eu gostaria que você preenchesse este formulário sociodemográfico. Caso prefira, eu posso preenchê-lo para você. Em seguida faremos uso de um método visual e criativo que se chama mapa corporal narrado. Você pode me interromper a qualquer momento para tirar suas dúvidas ou esclarecer qualquer questão. Nessa nossa conversa, você será encorajada a compartilhar seus pensamentos sobre a sua experiência sempre que possível.

Momento 2 - Experiência da participação:

1. Você poderia me contar como foi a sua experiência em participar dos encontros para criar o seu mapa corporal?
2. Você compartilhou sua experiência de fazer o mapa corporal com alguém?
3. Como foi a sua experiência de se expressar por este método de pesquisa?
4. A partir de qual meio (pintura, colagem, ...) você se preferiu se expressar?

Momento 3 - Conclusão da pesquisa:

Bom, nós terminamos a entrevista.

Gostaria de agradecer você por ter compartilhado comigo as suas experiências, a sua história e seus pensamentos. Há mais alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

Gostaria que se lembrasse de que a sua entrevista é confidencial e você não será identificada de nenhuma forma.

Muito obrigada pelo seu tempo e participação neste estudo que está sendo realizado no Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional.

Momento 1 - Introdução da entrevista:

Olá _____, eu gostaria de entrevistar você para saber sobre a sua experiência de ser mulher-mãe negra. Antes de darmos início a nossa conversa, eu preciso que você me dê a sua autorização após a leitura deste termo de consentimento. [leitura do TCLE]

Então, vamos começar a nossa conversa. Primeiramente eu gostaria que você preenchesse este formulário sociodemográfico. Caso prefira, eu posso preenchê-lo para você. Em seguida faremos uso de um método visual e criativo que se chama mapa corporal narrado. Você pode me interromper a qualquer momento para tirar suas dúvidas ou esclarecer qualquer questão. Nessa nossa conversa, você será encorajada a compartilhar seus pensamentos sobre a sua experiência sempre que possível.



Universidade Federal de São Carlos
 Centro de Ciências Biológicas e da Saúde
 Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional
 Rod. Washington Luís, km.235 – C.P.676 – CEP 13565-905 –
 São Carlos
 Tel./Fax: (16)3351-9787

FORMULÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Data: _____
Horário: _____
Código da participante _____
Nome Fictício (atribuído pela participante): _____
Nome da participante: _____
Endereço completo: _____
Telefone para contato: _____
Meio de localização: () grupo
Qual? _____
() outro _____

DADOS PESSOAIS	
1) DATA DE NASCIMENTO: _____	2) IDADE: _____
CIDADE DE NASCIMENTO: 3) () Uberaba? 4) () Outra cidade	
COMO VOCÊ SE DECLARA A RESPEITO DE SUA RAÇA/COR? 5) () preta 6) () parda 7) () Outra. Qual? _____	
QUAL É SEU ESTADO CIVIL? 8) () solteira 9) () casada 10) () divorciada 11) () viúva 12) () separada 13) () companheira 14). () outro. Qual? _____	
QUAL A SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL⁵²? 15) () heterossexual 16) () homossexual 17) () lésbica 18) () bissexual 19) () travesti 20) () transsexual 21) () outro. Qual _____	
VOCÊ É: 22) () mãe biológica 23) () mãe adotiva	
QUANTAS PESSOAS MORAM COM VOCÊ, INCLUINDO VOCÊ? 24) Número de pessoas: _____	
QUANTOS FILHOS VOCÊ TEM? TODOS RESIDEM COM VOCÊ? 25. Número de filhos: _____ 26. Idade e gênero: _____	
27. COMO É A SUA COMPOSIÇÃO FAMILIAR? (Contar as pessoas que <u>residam</u> no mesmo endereço da participante, independente do grau de parentesco) Responder na página em branco, na última página.	
SITUAÇÃO FAMILIAR HABITACIONAL DECLARADA	

⁵² Apresentou-se as participantes as opções referentes a orientação sexual do estudo de forma equivocada ao contemplá-las juntamente com identidade de gênero. Orientação sexual é a maneira como uma pessoa se relaciona afetiva e sexualmente com outras, distinguindo-se em homossexual, heterossexual, bissexual, assexual, pansexual. Já a identidade de gênero é a forma de identificação e apresentação do próprio gênero por uma pessoa – transgêneros, cisgêneros e não-binários.

28) () área urbana 29) () área rural 30) () comunidade indígena/quilombola
TIPO DA RESIDÊNCIA 31) () própria 32) () financiada 33) () alugada 34) () cedida
RESIDE EM 35) () apartamento 36) () casa 37) () quarto 38) () cômodo alugado 39) () em casa de outras familiares 40) () outra situação. Qual? _____
HÁ IMÓVEIS ALÉM DAQUELE QUE RESIDE? 41) () sim 42) () não
POSSUI VEÍCULO? 43) () não 44) () sim. QUANTOS E QUAIS? _____
VOCÊ POSSUI REDES DE APOIO FINANCEIRO? 45) () não 46) sim. Quem é/são? _____
QUAL É A SUA RELIGIÃO? 47) _____
VOCÊ ESTÁ ESTUDANDO? 48) () não 49) () sim. Em caso afirmativo, o quê? _____ Onde? _____
QUAL É O SEU GRAU DE ESCOLARIDADE? ensino fundamental 50) () completo 51) () incompleto ensino médio 52) () completo 53) () incompleto ensino superior 54) () completo 55) () incompleto. Curso? _____ especialização 56) () completa 57) () incompleta mestrado 58) () completo 59) () incompleto doutorado 60) () completo 61) () incompleto
PROCESSO DE ESCOLARIZAÇÃO: 62) () escola particular. Durante qual período (anos)? _____ 63) () escola pública. Durante qual período (anos)? _____ 64) () escola de caráter filantrópico. Durante qual período (anos)? _____
VOCÊ TRABALHA? () 65) não () 66) sim, Em caso afirmativo: Com quê? _____ 67) () Trabalho formal 68) () Trabalho informal 69) Local: _____ 70) Posição ocupada: _____ 71) Qual a faixa de renda? _____
VOCÊ JÁ UTILIZOU DO SISTEMA DE COTAS OU DE PROGRAMAS DO GOVERNO FEDERAL COMO BOLSA FAMÍLIA (EXEMPLIFICAR)? 72) () não 73) () sim. Qual? _____

VOCÊ JÁ TEVE EXPERIÊNCIA DE REJEIÇÃO POR SUAS CARACTERÍSTICAS FÍSICAS (cabelo, nariz, cor de pele), caráter ou capacidade intelectual?

74) () sim 75) () não

Se sim, quais?

OBSERVAÇÕES:

civil:	Nome:	Idade:
	Parentesco:	Estado
	Escolaridade:	
	Profissão/função dos membros familiares:	
	Renda bruta mensal do membro:	
	Há outras rendas?	
	Membro com deficiência:	

civil:	Nome:	Idade:
	Parentesco:	Estado
	Escolaridade:	
	Profissão/função dos membros familiares:	
	Renda bruta mensal do membro:	
	Há outras rendas?	
	Membro com deficiência:	

civil:	Nome:	Idade:
	Parentesco:	Estado
	Escolaridade:	
	Profissão/função dos membros familiares:	
	Renda bruta mensal do membro:	
	Há outras rendas?	
	Membro com deficiência:	

APÊNDICE H – Roteiro de mapeamento corporal e de entrevista

Encontro1: Experiência de ser mulher-mãe negra

INTRODUÇÃO AO MAPEAMENTO CORPORAL	
Objetivo do encontro	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Apresentar como o mapeamento corporal se relaciona com os objetivos do projeto. ➤ Superar receios relacionados ao ato de confeccionar o mapa. ➤ Apresentar os materiais artísticos e demonstrar o modo de uso desses.
Instruções	<ul style="list-style-type: none"> – Reservar um tempo para lembrar a participante o que é o mapeamento corporal e como ele será usado. – Apresentar os materiais disponíveis e como poderão ser usados. – Mostrar-se disponível para responder dúvidas anteriormente ao início do processo.
Possível roteiro ou perguntas para orientar o exercício	<p>Como parte deste projeto de pesquisa, vamos usar o corpo como ponto de partida para explorar como a sua experiência de ser mulher-mãe negra tem repercutido na criação de seus filhos. Vamos tentar capturar sua experiência de ser mulher-mãe negra de forma visual.</p> <p>Juntas, vamos desenhar seu corpo e o mundo em que você vive. Para isso, usaremos vários materiais, como recortes de revistas, fotos de internet etc.</p> <p>Você não precisa ter medo de fazer esse trabalho porque não há resultado bom ou ruim. O mais importante é a sua expressão de maneira livre e aberta. Estou aqui para ajudá-la. O mais importante é que você se concentre e aproveite o processo.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Você tem alguma pergunta?
Lembretes ou considerações especiais	<ul style="list-style-type: none"> – Certificar que os Termos de Consentimento foram assinados antes do início. – Lembrar a participante que a sessão será gravada e/ou filmada e que os mapas corporais podem ser exibidos em público ou reproduzido de várias formas. – Manter um controle sobre o nível geral de saúde e energia da participante.

	<ul style="list-style-type: none"> – Lembrar que a participante tem o direito de se recusar a fazer a atividade de mapeamento corporal ou desistir de participar do estudo, a qualquer momento. <ul style="list-style-type: none"> ❖ Neste caso, pensar em uma sessão de entrevista mais longa ou pensar em atividades modificadas para a participante fazer.
--	--

❖ O 1º encontro será composto por dois exercícios e uma lição de casa:

EXERCÍCIO 1: TRAÇAR O CORPO	
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Traçar um esboço do corpo da participante em uma postura que caracterize quem ela é e a sua experiência de ser mulher-mãe negra.
Instruções	<ul style="list-style-type: none"> – Pedir para a participante tirar seus sapatos e qualquer roupa extra (caso esses possam interferir no esboço do desenho) – Pedir à participante que pense em uma postura que represente quem ela é, e/ou nas características que a identificam como uma mulher-mãe negra, bem como naquelas que a diferenciam de uma mulher-mãe branca (pensar posturas). – Pedir à participante que se deite na folha de papel nessa postura, enquanto o esboço do corpo é traçado com um lápis ou giz cinza. – Durante o processo, fazer perguntas a participante para manter o fluxo da entrevista. – Depois de ajudar a participante a se levantar, pedir que escolha uma cor que melhor representa quem ela é para o esboço do corpo. – Finalmente, pedir à participante que escolha uma cor de tinta para representar suas mãos. A participante pode optar por imprimir as mãos

	<p>diretamente no mapa corporal usando luvas e tinta fresca, ou pode querer apenas contornar suas mãos.</p>
<p>Possível roteiro ou perguntas para orientar o exercício</p>	<p>O primeiro passo na criação do mapeamento corporal é traçar a forma do seu corpo nesta folha de papel. Remova os seus calçados ou qualquer roupa/acessórios excessivos que você esteja usando;</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Gostaria que você pensasse em uma posição ou postura que melhor representa quem você é, e/ou em características que a fazem se identificar como uma mulher-mãe negra (pensar posturas). ✓ Qual a posição do corpo que melhor representa você? (postura de trabalho, dormindo, dançando etc.). ✓ Ao traçar o corpo, pergunte o seguinte: <ol style="list-style-type: none"> 1. Como você descreveria a sua experiência de ser mulher-mãe? 2. Como é a sua experiência de ser mulher-mãe negra? 3. Você poderia justificar por que escolheu essa cor para traçar o seu corpo?
<p>Lembretes ou considerações especiais</p>	<ul style="list-style-type: none"> – As participantes podem ter dificuldade em pensar em uma posição que as caracteriza e, se for esse o caso, pode ser útil anotar algumas ideias no papel ou fazer uma discussão antes de entrar na posição. – Algumas posições podem ser difíceis de desenhar, especialmente se a participante decidir deitar-se de lado, o que significa que apenas um braço e apenas uma perna aparecerão no traçado. Neste caso, será dedicado um tempo a mais para pensar onde o braço/perna apareceria no interior do corpo e ajude a participante a desenhar essas partes que faltam. – Traçar áreas específicas do corpo da participante pode deixar facilitadora e participante desconfortáveis. Uma maneira de evitar isso é fazer

	<p>o traçado a alguns centímetros para que você não tenha que entrar em contato direto com o corpo. Outra opção é ignorar as áreas que a fazem se sentir desconfortável e desenhá-las depois que a participante se levantar.</p>
--	--

EXERCÍCIO 2: EXPERIÊNCIA DE SER MULHER NEGRA	
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Explorar traços da vida da participante, referentes a socialização nos contextos da vida (família, escola, relacionamentos amorosos), os projetos de vida, participação em movimentos (negro, igreja, feminismo, outro), desfrute das cotas raciais. ➤ Mapear o percurso de descobrir-se e tornar-se negra.
Instruções	<ul style="list-style-type: none"> – Pedir à participante que pense e desenhe no mapa corporal símbolos que representam a sua experiência de ser mulher negra; – Pedir à participante que pense e desenhe no mapa corporal símbolos que representam que ela faça parte do grupo étnico/racial negro; – Pedir à participante que desenhe imagens ou símbolos que representam contextos em que se sentiu tratada de uma forma diferente (positiva, negativamente, em igualdade de condições, com autoestima, de forma justa/respeitada) por ser negra ; – Incentivar à participante a fazer conexões entre as suas experiências de ser mulher negra e em quem ela se tornou (p. ex. como ela pensa agora, o que modificou na forma que ela enxerga o mundo).
Possível roteiro ou perguntas para orientar o exercício	<p>Agora, vamos resumir as principais experiências de ser mulher negra. Através deste exercício queremos entender como você percebe a sua experiência de ser mulher negra desde a infância aos seus dias atuais, a sua identidade de pertencer ao grupo étnico-racial negro e situações em que você tenha se sentido tratada de modo diferente.</p>

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Que símbolos vem à mente quando você pensa sobre a sua experiência de ser mulher negra? Eles representam a sua cultura e a identidade de ser negra (por exemplo, músicas, leituras, locais que frequenta, pensamentos, autores, revistas)? ✓ Agora, eu quero que você pense sobre os contextos em que sentiu que foi tratada de uma forma diferente. Quais símbolos representam esses contextos? O que vem à mente quando você pensa sobre essas situações? Como você se sente em relação a elas? ✓ Por favor, descreva em quem você se tornou por ser uma mulher negra ou tem se tornado depois de todas essas experiências?
<p style="text-align: center;">Lembretes ou considerações especiais</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Encorajar a participante a falar e descrever sobre situações que ela tenha percebido ter sido tratada de forma diferente (negativa ou positivamente) por ser negra (olhares, piadas, brincadeiras, atendimentos, assuntos que as pessoas puxam, as cotas raciais, situações constrangedoras OU situações de orgulho, de privilégio, sentimentos de pertença). – Baseando-se na entrevista, esclarecer e pedir detalhes sobre as situações que tenha sido tratada de maneira diferente. – Lembrar de deixar o mapa corporal o mais livre possível de informações que identifiquem as participantes. Se necessário, lembrar as participantes que os nomes específicos de lugares ou pessoas deve ser evitado.

LIÇÃO DE CASA 1

Lembrar de dar à participante uma folha de lição de casa que contenha espaço para que ela escreva ideias e se prepare para o próximo encontro.

Para a nossa próxima reunião, prepare o seguinte:

1. Desenhar um símbolo que represente sua experiência de ser mãe negra.
2. Pensar onde este símbolo deve ser colocado no corpo ou fora do corpo no desenho (por exemplo, no topo da cabeça, na perna, fora do corpo).
3. Você será perguntada sobre o significado do símbolo e sua localização no corpo do desenho.
4. Crie um slogan pessoal (por exemplo, uma declaração, um ditado, um poema, uma música, uma oração, algo que você diz para si mesma) que descreve sua filosofia de vida ou seu pensamento atual sobre sua vida.
5. Pense em um lugar para colocar o slogan na folha.

❖ O 2º encontro será composto por três exercícios e uma lição de casa:

Encontro 2: Experiência de ser mãe negra

EXERCÍCIO 1: SÍMBOLO E SLOGAN PESSOAL	
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Representar a experiência de ser mãe negra usando um símbolo que seja significativo para cada uma. ➤ Entender a perspectiva ou a visão que a participante tem sobre a criação de um/a filho/a através do uso de um slogan.
Instruções	<ul style="list-style-type: none"> – Pedir à participante que mostre seu símbolo e slogan e explique seu significado. – Se a participante desejar cortar e colar seu símbolo e slogan diretamente no mapa corporal, ajudá-la e me certificar de perguntar sobre o significado dos lugares em que ela os coloca. – Se eles forem esboços, pedir à participante que reproduza uma versão maior no mapa corporal ou sugerir que seja digitado e impresso em fonte maior, através de um computador.
Possível roteiro ou perguntas para orientar o exercício	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Qual símbolo e slogan você escolheu para descrever sua experiência de mãe negra?

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Quem é você como pessoa? Qual é a sua filosofia de vida? O que a mantém motivada? ✓ Você pode explicar o significado do seu símbolo e slogan? ✓ Onde, no mapa corporal, você gostaria de colocar esses símbolos e por quê?
<p>Lembretes ou considerações especiais</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Ter em mente que, para manter a preservação da identidade da participante, informações que a identifiquem não devem aparecer. – Se as participantes solicitarem a reprodução de seu slogan em fonte maior, certificar de anotar onde elas gostariam que o slogan aparecesse no mapa corporal. – Se as participantes tiverem um símbolo em mente, mostrar-se disponível a encontrá-lo na Internet e adicioná-lo ao mapa corporal em um momento posterior. Se este for o caso, lembrar de anotar onde elas gostariam que o símbolo/imagem se localizasse.

EXERCÍCIO 2: MARCAS SOB/SOBRE A PELE

<p>Objetivo</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Representar visualmente as experiências que a participante teve e têm tido por ser uma mãe negra (descoberta da gravidez, gestação da criança, parto, criação do/a filho/a). ➤ Representar a repercussão de suas experiências de mulher negra na criação de seus/as filhos/as.
<p>Instruções</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Pedir à participante que pense sobre as questões que ela gostaria de ver representada ao redor do corpo (por exemplo, presença do pai da criança, experiências no hospital, na escola; situações na família, queixas/falas/perguntas das crianças).

	<ul style="list-style-type: none"> – Depois disso, escolher algumas (ou todas) questões que foram levantadas e pedir à participante que desenhe ou use símbolos para ilustrar tais experiências. – Em seguida, pedir à participante que visualize o mapa corporal da cabeça aos pés e identificar marcas específicas em seu corpo. Estas podem ser cicatrizes, feridas ou lesões passadas ou áreas de estresse e emoção positiva e negativa. Pedir à participante que pense em “marcas” de uma maneira ampla (ou seja, podem ser marcas sob ou sobre a pele, por exemplo, lugares que foram submetidos a cirurgia, áreas no corpo onde experimentou dor ou prazer, doença ou estresse, questões de dieta/nutrição, tabagismo, marcas de orgulho, de força, de melhoria ou desenvolvimento de estratégias). – Pedir à participante que discorra mais a respeito dessas marcas, fazendo perguntas como: Como ocorreu essa cicatriz? Como isso aconteceu? – Enquanto a participante estiver desenhando alguns desses símbolos, lembrar de perguntar o que ela faz e que sabe que prejudica a sua saúde. Pode-se considerar coisas já mencionadas na entrevista.
<p style="text-align: center;">Possível roteiro ou perguntas para orientar o exercício</p>	<p>Neste exercício, eu gostaria que você pensasse em como representar a experiência que você tem tido como mãe negra, sobre como foi e tem sido as suas experiências de cuidado, preparo, educação e ensinamento ao seu filho e como essas coisas afetam seu corpo e seu bem-estar.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Que tipos de figuras, símbolos ou imagens representam suas experiências no contexto hospitalar, escolar, familiar, dia a dia, religioso, locais que busca atendimento?

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Se você olhar o seu mapa corporal da cabeça aos pés, você pode identificar marcas específicas em seu corpo relacionadas à sua saúde anterior ou atual? ✓ Como ocorreram essas marcas em seu corpo? O que aconteceu? ✓ Como você quer representar o que vive/viveu e falar disso para seus filhos? ✓ Como você quer representar (leitura, livros, músicas, histórias, brincadeiras, jogos, locais de passeio, ensinamentos não lúdicos – educação, tarefas domésticas, responsabilidades, religiosidade/crença que professa) o que ensina a seus filhos? ✓ Como você quer representar os valores e crenças que você transmite a seus filhos sobre ser negro?
<p>Lembretes ou considerações especiais</p>	<ul style="list-style-type: none"> – As participantes podem querer mostrar todas ou nenhuma das suas marcas – respeitar e tentar apoiar o processo dando apoio à descrição das marcas que estão dispostas a relatar. – Desenhar essas marcas pode trazer recordações de experiências traumáticas, por isso é importante avaliar como as participantes se sentem, oferecer-lhes um intervalo, ou se necessário, referir-lhes à atenção especializada.

EXERCÍCIO 3: AUTORETRATO

<p>Objetivo</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Fazer com que as participantes olhem ou pensem com cuidado em relação a como elas se percebem no mundo e como percebem seus filhos no mundo (fortes, frágeis, lutadores, sozinhos, isolados dos grupos ou integrados a comunidade, etc). <ul style="list-style-type: none"> ❖ Aquelas que optaram por mostrar suas costas (debruçadas no papel) poderão exprimir, se for de as vontade, com palavras sobre a sua face e/ou cabelo no autorretrato.
------------------------	--

<p>Instruções</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Pedir à participante que pense sobre quem ela é e o que seu rosto lhe diz. – Em seguida, pedir à participante que pense sobre como ela aparece para o mundo. – Então, pedir à participante que use essas ideias para desenhar o rosto ou usar símbolos e imagens de clip-art para representar determinadas características.
<p>Possível roteiro ou perguntas para orientar o exercício</p>	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Todos nós temos as mesmas características, mais ou menos, iguais em nossos rostos (por exemplo, olhos, nariz e boca), mas todos nós somos diferentes e nossos rostos significam coisas diferentes para pessoas diferentes. Como você gostaria de representar seu rosto? Como ele é? Ou de uma forma mais simbólica?
<p>Lembretes ou considerações especiais</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Algumas participantes podem adotar uma abordagem mais literal para desenhar/representar seus rostos. Por exemplo, elas podem apenas mostrar as características básicas de um rosto (por exemplo, olhos, nariz, boca) sem se envolver em uma reflexão crítica sobre como eles se percebem no mundo. É importante não induzir esse tipo de reflexão porque as participantes podem não estar prontas para falar sobre isso. Em vez disso, ajudar sempre que possível, a desenhar as características que elas se sentem à vontade de representar. – As habilidades artísticas variáveis podem influenciar a representação do autorretrato. Algumas participantes podem ser muito boas em desenho o que, de fato, pode colocar sua própria identidade em risco. Se este for o caso, lembre as participantes de como os mapas corporais serão usados.

	<ul style="list-style-type: none"> – Para aquelas participantes que têm dificuldade em desenhar características faciais, sugerir a utilização de recortes de revistas ou ajude-as, se possível. – Algumas participantes podem querer usar suas fotos reais para o autorretrato e isso pode ser eticamente apropriado ou não. Avalie cuidadosamente as implicações éticas de tal decisão, explicando à participante por que isso pode ou não ser feito.
--	--

LIÇÃO DE CASA 2

Lembrar de dar à participante uma folha de lição de casa, que contenha espaço para que escreva ideias e se prepare para o próximo encontro.

Para a nossa próxima reunião, prepare o seguinte:

1. Uma mensagem para o público em geral sobre sua condição atual (por exemplo, o que as pessoas precisam saber sobre a criação de filhos/as negros/as, para quem gostaria de mandar uma mensagem enquanto uma mulher-mãe negra?)

❖ O 3º encontro será composto por cinco exercícios e uma lição de casa:

Encontro 3: Estratégias e mecanismos de enfrentamento do racismo no cuidado, educação, preparo e ensinamento dos/as filhos/as.

EXERCÍCIO 1: MENSAGEM AOS OUTROS

Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Registrar a mensagem que a participante gostaria de passar ao público sobre sua experiência.
Instruções	<ul style="list-style-type: none"> – Pedir à participante que leia sua mensagem e explique seu significado. – Se a participante não tiver completado a atividade de lição de casa, dar-lhe algum tempo sozinha para pensar sobre a mensagem. – Ajudar a participante a tornar a mensagem concisa, se necessária. – Se a participante desejar cortar e colar sua mensagem diretamente no mapa corporal, ajudá-la e perguntar sobre o significado do lugar onde a colocou.

	<ul style="list-style-type: none"> – Se possível e com a aprovação da participante, reproduzir uma versão maior da mensagem para que possa ser facilmente lida por todos.
Possível roteiro ou perguntas para orientar o exercício	<p>Levando em conta tudo o que fizemos, nestes três encontros, sobre sua experiência de ser mulher e mãe negra, gostaríamos que você pensasse sobre a experiência de cuidar, ensinar e criar seus filhos.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Qual mensagem você gostaria de dar ao público sobre sua experiência de ser mãe, particularmente de ser mãe negra? Por que é importante para o público saber disso? ✓ Onde, no mapa corporal, você deseja colocar sua mensagem?
Lembretes ou considerações especiais	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Se houver a necessidade de reproduzir sua mensagem em fonte maior, certifique-se de anotar onde as participantes gostariam que ela aparecesse no mapa corporal.

EXERCÍCIO 2: ESCANEAMENTO DO CORPO

Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Representar o impacto de ser mulher-mãe negra e as relações sociais no Brasil, como gênero, raça e acesso a serviços que promovem/afetam o bem-estar. ➤ Localizar e visualizar o local de força e poder pessoal da participante.
Instruções	<ul style="list-style-type: none"> – Perguntar e ajudar a participante a identificar experiências-chave que ela enfrentou que se relacionam com o fato de ser mulher e mãe negra. – Selecionar experiências-chave para representar e pedir à participante que pense em símbolos ou imagens para mostrar essas experiências. – Incentivar a participante a fazer conexões entre os desenhos dos contextos que teve experiências de rejeição e/ou aceitação e o corpo (por exemplo,

	<p>linhas, setas etc.) e adicionar símbolos dentro dessa trajetória.</p> <ul style="list-style-type: none"> – Pedir à participante que pense em onde, em seu corpo ou em seu meio, ela encontra força para superar os desafios que enfrenta. – Ajudar a participante a estabelecer uma conexão entre essa área de força ou poder e seu slogan/símbolo pessoal (caso seja relevante).
<p>Possível roteiro ou perguntas para orientar o exercício</p>	<p>Neste exercício, queremos explorar todos os aspectos da sua vida social como mãe negra. Isso inclui questões relacionadas ao gênero, raça, relações sociais e o uso que você faz dos recursos e programas sociais.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Você já enfrentou desafios em sua vida social, espiritual e emocional? Que tipo de dificuldades/desafios eram estes? (por exemplo, discriminação baseada em gênero, racismo, exclusão de trabalho etc.). ✓ Agora eu gostaria que você refletisse sobre sua força e coragem ao enfrentar estes problemas. De onde vem sua força? Onde você encontra coragem para seguir em frente? Quais estratégias você utiliza? ✓ Explore o seu mapa corporal e concentre-se em encontrar de onde essa força pessoal vem. Ela vem de seus braços? Sua mente? Está relacionada ao seu slogan pessoal?
<p>Lembretes ou considerações especiais</p>	<ul style="list-style-type: none"> – Pode ser difícil para as participantes pensar nos desafios que enfrentaram. Talvez nunca tenham pensado nessas questões antes ou talvez seja muito difícil se reconectar com essas experiências. Uma maneira de contornar isso é tentar estabelecer conexões com o que foi dito durante a entrevista. – Se as participantes não conseguem pensar em experiências para representar, podem descrever as lutas enfrentadas pela população negra em geral e

	as estratégias utilizadas. Neste caso, é importante deixar claro o significado de tais símbolos.
--	--

EXERCÍCIO 3: ESTRUTURAS DE APOIO	
Objetivo	➤ Identificar pessoas, instituições, agências ou outros meios essenciais (ou seja, estruturas de apoio) que dão apoio à participante em suas lutas diárias diante de situações negativas ou positivas.
Instruções	<ul style="list-style-type: none"> – Pedir à participante que identifique pessoas ou coisas que a apoiam e depois pedir para ela escolher uma cor ou símbolo para representá-las. – Em seguida, pedir à participante que explique como essas pessoas/organizações demonstram apoio. O que eles fazem para apoiá-las? O que significa se sentir apoiado? – Se a participante escolher indivíduos específicos, deve abster-se de usar seus nomes reais no mapa corporal; pedir que ela escolha um símbolo ou um apelido para representá-los.
Possível roteiro ou perguntas para orientar o exercício	<p>Neste exercício, eu gostaria que você identificasse pessoas, grupos ou organizações importantes na sua vida, que a apoiam ou a ajudam a lidar com alguns dos desafios que você enfrenta.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Quem te dá apoio? Pode ser uma organização, uma pessoa, sua espiritualidade. ✓ Como essas pessoas ou entidades mostram seu apoio? O que esse apoio significa para você?
Lembretes ou considerações especiais	<ul style="list-style-type: none"> – As participantes deverão nomear pessoas ou organizações específicas e irão querer transmitir essas informações no mapa corporal. É importante lembrar ao participante o risco de exposição e recomendar alternativas ao uso de identificadores reais. Incentive o uso de apelidos, cores ou símbolos em vez de nomes reais.

	<ul style="list-style-type: none"> – Algumas participantes podem não saber como representar “apoio”. Sugerir o uso de impressões de mãos como símbolo geral de apoio. Se as participantes optarem por usar impressões da mão, elas podem querer usar cores diferentes para diferentes tipos de apoio ou colocá-las em diferentes áreas do mapa corporal para mostrar os diferentes tipos de apoio que recebem. – Perguntar para a participante o que a cor escolhida representa para si.
--	--

EXERCÍCIO 4: DESENHANDO O FUTURO	
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Explorar o que as participantes estão fazendo para alcançar seus objetivos e o que estão buscando em relação à criação de seus filhos.
Instruções	<ul style="list-style-type: none"> – Pedir à participante para pensar sobre um símbolo ou imagem que demonstre para onde ela está se encaminhando ou o que o futuro reserva para ela. – Pedir à participante para pensar sobre um símbolo ou imagem que demonstre para onde a educação de seus/as filhos/as está se encaminhando ou o que o futuro reserva para eles. – Pedir a ela que desenhe esse símbolo em um lugar no mapa corporal que represente a concretização de tal objetivo ou o que elas estão buscando tanto para si quanto para os/as filhos/as. – Pedir à participante que escolha uma cor para representar a conquista desse objetivo e perguntar o significado.
Possível roteiro ou perguntas para orientar o exercício	<p>Finalmente, gostaria que você pensasse sobre o seu futuro de seu/s filho/s.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ O que você acha que acontecerá? ✓ Onde você acha que vocês estarão?

	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Como você imagina o futuro dele/a(s)? Qual é a sua visão, o seu objetivo ou o seu sonho? ✓ Para o que você está trabalhando? Pode ser algo material, físico, emocional ou espiritual.
Lembretes ou considerações especiais	<ul style="list-style-type: none"> – As participantes podem achar difícil nomear ou desenhar o que estão buscando. Talvez nunca tenham pensado criticamente sobre o futuro. Lembrá-las de que aquilo pelo qual estão lutando pode ser um “objetivo”, uma “visão” ou um “sonho” (pode ser material, físico, espiritual e/ou emocional). – As participantes podem achar difícil desenhar ou expressar uma emoção. Se for o caso, incentive-as a usar cor ou formas que as lembrem a emoção (ou seja, use símbolos, em vez de retratos realistas da emoção, objetivo etc.).

Exercício 5: Narrativa da participante	
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Registrar a experiência da participante da maneira como ela gostaria que ela fosse informada aos outros.
Instruções	<ul style="list-style-type: none"> – Incentivar a participante a dar um passo para trás e olhar para o seu mapa corporal inteiro. – Em seguida, pedir à participante que lhe conte sua história usando o mapa corporal como um guia. <ul style="list-style-type: none"> ❖ Certificar de dizer-lhe que o objetivo deste exercício é se expressar sobre a maneira como elas gostariam que os outros vissem sua história de vida.
Possível roteiro ou perguntas para orientar o exercício	<p>Agora, eu gostaria que você olhasse para o mapa corporal por alguns minutos e pensasse sobre o que ele mostra.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Em poucas palavras, me conte sua história sobre ser mãe negra e criar, educar e ensinar seus filhos através do seu mapa corporal e como você gostaria de ser lembrada pelos outros.

Lembretes ou considerações especiais	<ul style="list-style-type: none"> – Algumas participantes podem demorar muito para fazer isso, porque devem lembrar o significado dos símbolos que criaram durante o primeiro e o segundo encontro. Para se certificar de que elementos não sejam omitidos, ajude as participantes, apontando para os elementos essenciais que ela deve mencionar, enquanto narram sua história.
---	--

Exercício final: Decoração/finalização	
Objetivo	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Dar uma oportunidade para a participante analisar brevemente seu trabalho e identificar lacunas/elementos que faltam. ➤ Dar retoques finais no mapa corporal.
Instruções	<ul style="list-style-type: none"> – Pedir à participante para adicionar detalhes importantes ao mapa corporal e explicar por que os adicionou. – Em seguida, pedir à participante para desenhar imagens ou conexões (por exemplo, linhas, setas) para refinar a narrativa que acredita que o mapa corporal deva revelar. – Perguntar se há alguma música que represente a participante naquele momento e perguntar o porquê da escolha. – Esclarecer qualquer confusão em sua narrativa.
Possível roteiro ou perguntas para orientar o exercício	<p>O mapa corporal está quase pronto. Esta é a sua última oportunidade de adicionar quaisquer símbolos ou conexões que você considere importante incluir na sua história como mãe negra.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Falta alguma coisa? Existe alguma coisa que você gostaria que eu adicionasse ou mudasse para você?
Lembretes ou considerações especiais	<ul style="list-style-type: none"> – É muito provável que você não tenha tempo suficiente para fazer este passo com as participantes. Se você puder, aproveite esta

	<p>oportunidade para perguntar às participantes se elas gostariam que fosse adicionado ou alterado símbolos, cores etc.</p> <ul style="list-style-type: none">– Escrever as instruções, para fazer isso em uma data posterior.
--	--

APÊNDICE I – Avaliação da experiência de participação no estudo

Experiência de participação na pesquisa	
Bia	Foi legal e foi chato. Ah, foi legal porque eu brinquei muito, mas foi chato porque 'cê interroga demais. [Brincar] ué, por causa que eu levei mais foi na brincadeira. [Foi brincadeira porque] ué?! Ué, é o meu jeito de ser, é o jeito de ca... de descrever tudo, fui levando tudo no meu jeito de brincar. De criatividade.
Dandara	Nossa! Eu não sabia desse mapa, nunca, nem passou pela minha cabeça, mas foi maravilhoso, assim, pra mim, Dandara, foi, assim, uma experiência fantástica. Eu não esperava... eu ficava ansiosa com os encontros (risadas) porque eu sou uma pessoa, eu gosto muito de falar, né?! Mas eu não... nunca tinha visto isso aqui e amei fazer isso aqui, é muito, como que eu vou falar, é muito...é muito transformador, uma transformação assim, interna pra gente, pelo menos eu senti isso né?! Eu vim aqui, fazer um mapa meu, né?! E você vai falando, vai fazendo, vai falando, a gente vai trocando, né?! Falando aqui as coisas que às vezes eu não falo com ninguém , às vezes coisas que eu não falo com ninguém, eu falei aqui, né?! E você ir desenhando e às vezes, né?! Você vai montando as coisas, então, assim, foi muito bom, foi maravilhoso, não tem o que falar, foi maravilhoso, uma experiência fantástica. Eu 'tava comentando hoje com a minha cunhada, que eu venho aqui com prazer, eu estou vindo aqui com prazer, muito prazer.
Gabi	Tá. 'Tá. Foi um alívio. (risos). Foi uma experiência muito boa, porque é difícil a gente achar alguém 'pra escutar e entender o que a gente passa , então 'pra mim foi um alívio .
Gabriela	Ah pra mim foi muito bom. Igual eu comecei falando, pra mim foi uma redescoberta, né?! A gente vai falando e pensando, refletindo, né?! Do que a gente leva, né, de mensagem para as outras pessoas, de como a gente lida com as situações, pra mim isso foi importante e foi muito legal. Eu gostei. Pra mim mesmo é bem diferente, nunca tinha feito nada parecido. [...] Foi bacana. E é bom que a gente desabafa , né?! A gente vai falando, vai dando uma outra visão até pra gente mesmo, né?! A gente 'tá na situação e a gente vai falando, vai pensando também em como é, né, a situação, cada setor da vida. Eu gostei.
Maria Fernanda	Ah foi uma coisa, nossa, eu revivi cada coisa, foi bom, muito bom. Como é que eu te falo, foi gratificante porque eu...eu pude falar tudo que eu penso, que eu sei, que eu acho que eu não faço isso no meu dia a dia. E eu fiz. É coisa que eu não tenho costume de estar falando para as pessoas . Foi bom, muito bom. [...].
Nina	Sim. Foi muito bom, eu encontrei a mim mesma , uma forma de eu... uma visão que às vezes eu não tinha de mim, que eu fui construindo ao longo desses dias.
Pati	Ó, eu vim com muita curiosidade. Como eu te falei, a minha formação é pedagógica, e quando eu soube que você era terapeuta ocupacional me instigou porque eu só conhecia o trabalho do terapeuta ocupacional para estar ajustando a vida das pessoas, eu nunca pensei que o seu trabalho como terapeuta ocupacional poderia se ajustar com mães negras. Então eu vim com muita curiosidade, muita curiosidade de te ver, tanto é que eu te chamei de Natália o tempo todo. Não sei quem é a Natália. Senti muita curiosidade de te ver, de entender o que você ia fazer . Então eu vim muito aberta, muito aberta, muito aberta. Falei gente o que uma terapeuta ocupacional vai fazer com uma mãe negra, vou lá ver como é que isso, né?! Porque eu sou mãe e sou negra, vamos ver.
Preta	Ah, muito louco! Muito louco, nunca faria de mim isso, não. Veria você ... Ah, porque eu achei muito doido o negócio. É voltar ao passado, é 'cê ir lá 'pra dentro d'ocê lá e voltar (som de estalo de dedos). É muito ... uma sensação muito engraçada. É boa, né? Porque 'cê fala, fala, fala... Mas, ao mesmo tempo, é ruim porque 'cê vai ... 'cê tem que lembrar os momentos distantes que 'cê passou, né? Então, assim... Mas é bom também, porque conforme 'cê vai lembrando dos momentos que 'cê passou, ruins, 'cê vai dando mais valor ao que 'cê passa agora. 'Cê vai olhando a vida de outro jeito, então eu acho que foi bom, me ajudou d'uma certa forma, me ajudou. E é isso.

Sol	<p>voltando lá atrás, lá atrás pegando e lembrando de coisas né que a gente até... Coisas que a gente nunca nem falou, né, que fica lá escondidinho no coração, e a gente vai e fica depois, né, que passa a gente vai embora a gente fica lembrando, lembrando. Que aí foi que eu falei que eu ficava mexendo assim um pouquinho com as minhas emoções da gente, né?! Aí algumas coisas que a gente quer esquecer, aí não deixa isso pra lá, a gente nem lembrava e acaba voltando. Ai, mas, é caminhar pra frente. Aí eu gostei muito assim da experiência, né, poder dividir falar um pouquinho, né, que a gente acaba que a gente nem fala assim da gente, né, falar, falar assim a gente com a gente parar e pensar, né, quanta coisa a gente já fez ou ficar voltando para trás a gente nem lembra que acaba na correria né então a tal das 24 horas, a gente nem... Acaba que vai passando, a gente vai até esquecendo, né, das coisas boas e as coisas assim [...] vai passando. E aí as boas para a gente lembrar e a gente, né, tudo que a gente já passou e que aí continua caminhando e que o negócio vai dar certo que o negócio é continuar caminhando pra frente, não tem como parar, então vamos continuar caminhando. Eu adorei ter vindo, né, mesmo sem tempo (risadas) aí eu arrumei um tempinho, né, pra eu poder estar aqui também contribuindo um pouquinho, né, com você que tá aí, aí contribuindo, né, falando dessa outra temática diferente, que foi o que me aí deixa eu dar uma ligadinha, deixa eu ver com ela, deixa eu ver se dá certo (risadas). É isso.</p>
Úrsula	<p>Eu adorei, né (risadas). Gostei muito, muito, muito, muito mesmo. Fiquei pensando, né, o quanto foi legal falar sobre todas essas coisas, né, com uma mulher também negra, né, e que quer ouvir as minhas experiências não profissionalmente, né, a gente fala dessas coisas, mas eu me senti muito mais à vontade nesse espaço, né, do que, por exemplo, nos espaços de terapia. Não sei se talvez porque as terapeutas não... não eram negras. Eu não vou dizer que é só isso. Mas o fato de saber que eu 'tô falando para alguém que tá visivelmente entendendo que eu 'tô falando, né, das minhas experiências, isso é bacana. Então foi uma experiência que eu gostei muito, mas para, além disso, né?! Me ensinou muito, inclusive, sobre pesquisa, né?! Até já te falei disso, né?! A pessoa da leitura, do termo de compromisso, o termo de consentimento. É. Eu não tinha visto ainda, né?! Isso me acendeu uma, tipo olha, porque não ler junto, né?! Então já levei isso para os meus orientandos. Essa disponibilidade de estar de fato na pesquisa, de fato se interessar por aquilo que a pessoa 'tá dizendo, né, e não simplesmente, porque eu tenho certeza, né, e tem algumas das questões que eu falei aqui que não vão servir tal e qual pra sua tese, sabe?! Mas a disponibilidade de ouvir o conjunto, em nenhum momento, em nenhum momento eu percebi que você falou agora tá bom isso não me interessa, né, porque é a postura corporal, não é só dizer. É postura. Em nenhum momento eu percebi isso. Então foi uma experiência fantástica, vou levar para sempre, adorei.</p>

Experiência de expressar por este método	
Bia	Já fiz já isso mais vezes. Normal, já.
Dandara	<p>Nossa! Foi bem diferente, né?! Mas é muito forte, porque eu te falei, eu raciocino bem depois, né?! Então às vezes eu faço aqui e vou pensar lá em casa, então eu saio daqui pensando, né?!, nas coisas que eu fiz. E assim depois eu penso muita coisa e me pôs para refletir muita coisa, 'cê entendeu?! Muita coisa, muita coisa mesmo, em todos os sentidos, porque às vezes a gente fica perdida em muita coisa, em questão de não querer errar, da educação, de criar filho [...] hoje eu já tenho uma luz, foi muito bom, muito bom mesmo.</p>
Gabi	<p>Se expressar. Então, foi uma das melhores expressões que eu tive, porque em casa eu não tenho esse tipo ... Eu não tenho esse negócio de querer me expressar, porque o J. não tem paciência de me ouvir, então 'pra mim foi muito bom. Me inte... Eu acho que eu falei coisa aqui que eu queria falar, sabe? Mas eu guardei 'pra mim, então 'pra mim foi ótimo! Nossa! Sabe?</p>
Gabriela	<p>Ah foi bem diferente. Igual eu falei, né?! Eu nunca tinha feito nada assim, principalmente, na parte de representar alguma coisa, né?! Pra mim é o mais difícil, você colocar uma imagem, você colocar um desenho, representar, né, sentimentos e como que você</p>

	representa o sentimento, Como que você representa alguma coisa que você 'tá sentindo ou passando, né?! Então foi bem diferente, mas foi bem interessante, eu gostei mesmo.
Maria Fernanda	Foi bem interessante. Foi diferente. Porque até a hora que você falou entrevista, aí a hora que você falou do mapa, eu falei o que será isso, depois que eu fui vendo que era isso, entendeu?! Foi diferente para mim isso porque eu imaginava entrevistas que eram conversas somente. Eu já pensei nossa entrevista que cansativo, depois eu fui gostando do negócio. Porque a gente já pensa que... Muito interessante. Bem interessante.
Nina	Ah, foi muito bom! Foi muito bom, uma experiência muito boa. Traz, levanta assuntos que são de interesse em comum, há muitas mães que passam pelo que eu passei e que estão na mesma posição que eu tanto como cor quanto posição social. Essa experiência vai ajudar outras pessoas a lidar com os acontecimentos da vida, que fazem parte, né? Só que tem gente que tem dificuldade de lidar com isso, como eu tive no começo, mas tudo é superável. Se ela tiver apoio, se ela tiver força, se ela tiver pessoas que inspirem, eu acho que inspiração, ser inspiração é fundamental, uma inspiração positiva é fundamental 'pro crescimento das pessoas. Acho que é isso. Eu quero ser inspiração.
Pati	Amei, amei. Porque eu acho que você me deu muita liberdade , né?! E eu abusei da liberdade, fiz assim, fiquei muito livre para fazer aquilo que eu quis, como eu quis, mostrar o que eu quis . Em momento algum você ditou regras, né?! A única regra que você olha nós vamos começar pelo delineamento do seu corpo. Mas se eu falasse para você 'não, eu não quero', eu poderia ter falado, mas você deixou livre para isso. Então eu achei muito de liberdade, muita liberdade, eu fui honesta e quando você ganha liberdade, assim, eu acho que o mínimo é ser honesta, né?! E o honesto não é nem com você, é comigo, porque eu podia 'ah não vamos melhorar aí esse peito caído', não, fui honesta, meu peito é caído, meu cabelo é crespo, minha mão verdadeiramente está para cima, né?! Eu queria que o meu pé ficasse como se eu tivesse em pé, eu podia tá com as pernas cruzadas, sentada. Então você me deu muita liberdade, muita liberdade mesmo.
Preta	Foi interessante, igual eu 'to te falando, foi uma coisa que eu não tinha parado 'pra pensar ainda, né? Nunca me vi desenhada, nunca ... Já desenhei uma vez, quando era pequena, quando a gente é pequeno a gente se desenha na escola, né? Aquele monte de gente se desenha. Mas me desenhar e me falar, me mostrar, me expressar dessa forma foi a primeira vez, assim, né? Eu achei interessante, foi bom. Foi bom. Foi uma experiência única. Então, muitas coisas eu fazia às vezes, né? Sem pensar às vezes, igual agora a gente falando assim, perceber da ... a importância que isso é. Então foi bom. Hoje dá 'pra mim perceber, assim, que hoje a experiência que eu passo 'pro meu filho, a força que eu passo 'pro meu filho é muito ... vai muito mais além do que a gente falar. Ah, 'cê põe aqui no papel, 'cê para 'pra pensar, 'pra refletir, 'cê vê o tanto que ajuda, o tanto que fortalece, né? A... o conselho. O tanto que fortalece você 'tá forte, você 'tá bem emocionalmente, 'cê 'tá bem equilibrada emocionalmente 'pra você ajudar o teu filho. Ainda mais eu, que né? Que fui uma mãe solteira, né? Então mais ainda, o meu filho precisa mais de mim ainda, o dobro, do que uma mãe ... um filho com pai e mãe junto. Porque mesmo a gente sendo separado, o meu ex-marido não é pai, então eu tenho que ser o dobro, então hoje eu vejo a força que eu preciso. E eu, assim, eu por um ... alguns momentos na vida do meu filho, eu não tive esse equilíbrio. Não tinha esse equilíbrio, né? Quando eu fui agredida no São... no Helio Angotti por ser negra, aquilo lá me fez eu ... me fez muito mal. Então assim, nossa, eu fiquei chorando muito, sabe? Me lembro que fez muito mal, foi uma época assim, igual eu 'to te falando, justamente por isso, porque eu não tinha ... eu não sabia blindar aquilo, eu não sabia separar, eu não sabia absolver, então do jeito que veio, eu "absolvi" (absorvi) igual a uma esponja, que 'cê põe uma água assim, absolve (absorve) tudo. Eu absorvi tudo. Eu não consegui peneirar o que eu ia passar, o que não ia passar, então do jeito que veio eu con... eu absorvi tudo e aquilo foi me fazendo muito mal. Nossa, eu fiquei semanas mal. Nossa, eu fiquei muito mal! Muito mal! Eu conversava, eu chorava, sabe? Então assim, quando eu fui na delegacia, porque a minha chefe fez eu fazer o boletim de ocorrência, então assim, a gente foi na delegacia, o delegado virou 'pra mim e falou assim: Não, isso é crime, mas 'pra mim não vai dar nada, né? Porque ela 'tá doente, então vai alegar

	<p>que isso aí é por causa da doença. Mas 'cê via que não era, o preconceito não vem porque 'cê 'tá doente, o preconceito vem desde grande, vem desde longe. Então assim, e você vê muita impunidade, então, assim, se eu tivesse, sabe? Permanecido igual eu 'tava, eu acho que eu não teria chegado onde eu 'to hoje, porque eu teria me anulado. Porque aquela atitude daquela mulher foi muito ruim, foi mu... me fez muito mal, sabe? Eu nunca tinha sido agredida por paciente nenhum na minha vida, e ser agredida não pelo que eu fu... que eu faço, mas pela cor da minha pele, foi uma sensação muito esquisita, então assim... E meu filho me viu eu passando por aquilo, então assim, eu não consegui peneirar 'pra ver quê que eu ia levar 'pra minha casa, o quê que eu ia passar. Eu não tinha o controle emocional de saber tipo "Não, 'pera aí, meu filho 'tá pequeno, ele não merece ter isso ...". Não, eu chorava, chorava e cho... sabe? Direto. Então era muito ... foi muito ruim, foi muito ruim aquela sensação de ... sabe? Eu f... eu me sentia assim, sei lá, sabe? Eu acho que se... se violentada, sabe?! Muito ruim, uma sensação foi muito esquisita, do jeito que aquela mulher me deixou. No entanto, depois eu fiz um boletim interno, 'pra mim não atender ela mais, 'pra mim recusar - porque a gente tem esse direito - 'pra mim recusar qualquer tipo de atendimento a ela. Mas nem no ... É que assim, ó, às vezes eu entrava no quar... Depois disso eu entrava dentro do quarto, ela 'tava no quarto, ela ficava me olhando assim, de rabo de olho, sabe? Nem na hora da morte ela me pediu desculpa, então, assim, depois mesmo depois dela mor... Eu, por mim, eu já ... Depois, bem depois, pouco antes dela morrer, eu já tinha trabalhado isso dentro de mim, eu consegui, mas na época eu não consegui. Porque mesmo depois, ela ficou quase uns dois anos fazendo o tratamento de químio, então assim, mas depois de ... antes disso, eu ... aquilo lá me fez mal, até 'pra mim conseguir me levantar de novo foi bem complicado, porque eu chegava no hospital, todo mundo já sabia, sabe? Quando ela se inter... Quando ela voltava 'pra internar, todo mundo "Ó, aquela mulher que te agrediu 'tá aí. Ó, aquela racista 'tá aí!", então assim, sabe? Então era uma coisa que me incomodava, era uma coisa que mexia muito comigo. Hoje não, hoje eu consigo, sabe? Ter esse equilíbrio, essa aceitação, 'pra mim, foi muito boa. Eu me aceitar, eu me amar, é igual eu 'to te falando, tudo isso veio depois que eu conheci a Deus, mas hoje eu consigo equilibrar. Às vezes, eu sinto as ... vejo, passo por algumas situações e eu tento equilibrar, não levar tudo 'pro meu filho. Então a gente tem que ter também esse ... essa [som de estalo de dedos] sabe? Esse equilíbrio. Às vezes, hoje até falo "Nossa, hoje eu vou fazer isso", mas eu não tenho todo ... Às vezes, aí ele fala "Não, mãe, a senhora ficou chateada". "Não filho, não fique chateada, a gente fica triste e tudo, mas cada um tem o que dá e dá o que tem" né? Então hoje eu consegui muito trabalhar isso, graças a Deus. E é isso, voltar ao passado e te contar tudo isso, a gente volta, né? A gente vê o que a gente evoluiu, eu consigo perceber o quanto a gente ... o tanto que eu evoluí, né? De quando eu era pequena, 'pra chegar até hoje eu senti que eu ... foi uma evolução muito grande, uma aceitação muito grande, um crescimento muito grande, espiritual, e com to... acho que com todas as ...os sentidos, não foi só um. Então hoje, pôr isso n'um papel, pôr isso à tona, é muito bom. Eu espero que possa ajudar alguém, porque quando você passa por uma situação e você sobrevive, você passa por cima, você consegue sair, então Deus te dá a força 'pra você sair 'pra você ajudar alguém, então eu espero que 'pra frente ainda possa ajudar alguém que passou ;</p> <p>... passa, porque não ... a gente não pode falar que nunca passou, porque quem é negro sempre vai passar ou sempre passou por alguma situação parecida, então eu espero que ajude alguém, isso. E foi muito bom 'tá falando sobre. Nunca tinha parado 'pra falar de alguém, sobre da minha cor, o que eu acho de ser negra, como é ser negra, as minhas dificuldades em relação a isso, não. Mas é isso.</p>
Sol	<p>Aí fala muito, né, muito estranho, o mapa fala (risadas). [...] No sentido de que o mapa fala. Aí cada dia ir vendo, né, agora que colocou rosto, olha lá, né, eu sinto que fala, fala com a gente, a gente fica bem assim, lembrando, né?! Ele fala. Aí mexe com as emoções da gente, isso, mesmo sendo papel, ele fala, né, e acaba tendo esse sentimento [...] nesse papel. Aí ele fala mesmo sendo papel. [...] O falar? [...] . Ai é relembando, né, tanto o passado como o futuro. E aí acaba algumas coisas que foram que passou, você tem que ver o futuro (inaudível, muito ruído) eu e o meu carrinho, o meu carrão lá em casa, eu ainda estou caminhando ainda, passando por todo o processo, aprendendo, as horas, eu já 'tô aprendendo que a minha vitória ainda vai chegar. Deus já tem abençoado com</p>

	um monte de coisa, que eu te falei, entanto de bençãos, né?! Minha vida é só de benção. Mas a grande vitória, Deus ainda está gerando e vai chegar. Entendeu?! [...]
Úrsula	Foi diferente. Foi diferente porque eu tenho mais facilidade com o falar. Então sempre que você me convidava a representar aqui, né, isso me fazia refletir um pouco mais, entende?! Então eu acho que foi uma experiência nova, eu gostei, eu gostei. Mas era algo que eu nunca tinha vivenciado e, aliás, nunca tinha ouvido falar. Então foi legal. Apesar de novo, né?! De me exigir um pouco mais. Talvez, por exemplo, se eu tivesse, se não tivesse o mapa, talvez eu não traria tantas coisas. O fato de fazer o mapa, ele me fez buscar mais, olhar mais para mim. Então eu acho que foi legal nesse sentido.

Meio que preferiu se expressar	
Bia	Só o da G. Porque o de lá a colagem não foi expressada por mim, o dali foi expressado por mim.
Dandara	Tem bastante. Eu amo escrever, né?! Eu gosto de escrever. Assim, eu amo escrever, mas o que eu mais gostei foram das pinturas. Das pinturas. Porque eu nunca tinha feito isso, que eu escrevo já, né?! Então eu desabafo escrevendo, mas na pintura não. E é gostoso. Porque o dia que eu fiz isso aqui, eu 'tava tão desorientada que eu fui aliviando a minha cabeça, fui aliviando muita coisa. Então para mim foi muito bom, foi prazeroso tudo.
Gabi	Imagens. Que eu gostei mais? Foi da mensagem, da escrita. Eu me identifico mais com as palavras do que com as imagens. (risos). E é isso.
Gabriela	De todos. Eu gostei de colar, toda hora eu vinha aqui pra procurar alguma imagem. E de desenho, que eu fiz bastante desenho, bastante esses...essas figuras. Eu gostei mais dessas duas partes, mas mais de colagem.
Maria Fernanda	De escrever.
Nina	Olha, o que eu mais gostei foi a música e a mensagem, que eu acho que define tudo.
Pati	Sim. Eu gosto de cores, eu gosto muito de cores. Então eu achei que, assim, e eu não gosto de ficar enrolando. Eu pensei em usar pincel para contornar o meu corpo, fazer as linhas grossas, mas eu achei que ia demorar muito e ia ficar uma coisa muito tremida e eu não ia gostar. A canetinha me deixou mais segura. E eu acho que eu usei as cores certas, porque a minha pele é negra, minha mão, verdadeiramente direita, é a minha mão que eu levanto e falo sim com a força e a energia de Nanã, minha mão esquerda geralmente está no meu peito, está assim ó, massageando o meu ego, você plantou negona, vai lá e colhe. Então me representou, me representou total.
Preta	Todos! [...] Ué, todos que der 'pra se expressar, giz de cera... É porque a gente ... não é ... a gente assim, sabe? A gente fica meio ... Eu nunca, igual eu 'to te falando, eu nunca imaginei me ver assim n'um desenho, então você nunca imagina como que 'cê ... se você pôr sua vida hoje, se for 'pra pôr ... Então assim, depois disso, eu acho que eu vou ter mais ou menos uma base como fazer se eu for passar por uma experiência assim de novo, um projeto assim, eu acho que hoje eu já tenho mais ou menos uma base. Eu quis usar de tudo 'pra saber que ... 'pra mostrar que tudo na vida tem o seu lado bom, o seu lado ruim, e você que tem que ter o ... a ciência, a consciência de o que você vai levar 'pro bom, o quê que você vai levar de ruim. Começar, sabe? A ter o filtro, né? Ter essa filtragem da ... que você recebe. Tudo na vida não tem só um lado, tudo tem dois lados: o bom, o ruim. Então a gente ..., o que cabe à gente é levar o bom. Então aqui, se por exemplo, vamos falar de tudo, tudo na vida, todas as cores, tudo, tudo que você faz, tudo que você pensa, tudo vai ter uma consequência, seja boa, seja ruim, vai depender do que você vai escolher. Se você escolher coisas boas, coisas ... satisfatórias, então você vai ter um resultado bom, um resultado satisfatório. Mas se você escolher coisas ruins... Igual,

	enquanto eu colhia ... Enquanto eu plantava ódio, eu plantava mágoa, "prantava" ... plantava insegurança, né? Como eu pus ali, carência familiar, enquanto eu queria que minha mãe me amasse, enquanto eu queria que os outros me amassem, né? Que é a carência e a insegurança. Enquanto eu me odiava, eu não gostava de mim, eu só recebia isso, né? Eu só tinha aquilo, daí 'cê vê. Então depois que eu passei dar outras coisas, eu passei a receber outras coisas diferentes. Então tudo, acho que tudo 'tá interligado, por isso que eu quis usar tudo, colorir tudo. Então acho que é o tudo ali, é eu, tudo ali, é no alto e no baixo, sabe? Tem horas que vai no baixo, tem hora que é no alto, então tudo, tudo reflete isso.
Sol	Aí eu acho que é das canetas porque aí fica eu... eu mesma, né, expondo, né, minha a minha emoção, né?! Algumas coisas eu escrevi com letra maiúscula as outras eu escrevi com letra minúscula. São as coisas que aí vai dando importância. A minha grande vitória, né (inaudível, muito ruído) que aí é eu mesma colocando lá o meu... a minha essência. As canetas que aí eu posso me transcreever.
Úrsula	Eu gosto das canetinhas, das letras, escrever elas, escrever nelas aqui no mapa fez todo o sentido, sabe?! Não só escrever no papel, mas escrever e colocar aqui no corpo foi bacana, gostei.

Compartilhamento da experiência	
Bia	G. Nós ficamos discutindo de tudo que ela achou interessante. Cada um teve um olhar diferente, ela já tinha um outro olhar, ou seja, deu outro olhar, eu já tive um outro olhar... E que nem nosso pensamento, nós somos iguais. Nós pensamos e agimos diferente. [Isso pode ter impactado nas reflexões dela, tanto que neste último dia ela quis conversar comigo. É fundamental que as participantes se sintam confiantes com a pesquisadora.
Dandara	Um monte de gente (risadas). Um monte de gente, mas um monte de gente, com a minha cunhada, que são as pessoas que eu converso, com o meu marido, com a minha sogra, mas com um monte de gente. É prazeroso isso aqui, eu assim, eu 'tô gostando de fazer, eu gosto de fazer, achei fantástico e me ajudou muito, né?! Foi no momento que eu estava assim totalmente embaralhada, né?! Então falar, fazer, montar isso aqui para mim foi fantástico.
Gabi	Com a minha irmã, com a L. e com a minha mãe.
Gabriela	Com meu marido, só com ele, eu falei, eu comentei que ia, que 'tava fazendo.
Maria Fernanda	Só [com a Sofia]. Alguém me perguntou o que que era e eu ah é o meu mapa, e a como assim, ai gente, é o meu mapa, coisa minha, não sei explicar, foi assim que eu falei.
Nina	Eu compartilhei com o meu noivo, com a minha mãe.
Pati	Só com a minha filha. Porque a hora que eu chego na minha casa ela quer saber tudo que aconteceu aqui. 'Mãe, porque ela parece psicóloga', 'verdade, filha'. 'Ela fica perguntando, você fica respondendo', 'não sei', 'então eu não vou, você fica livre' (risadas). Só com a minha filha. E o D. não me perguntou, me perguntou se eu 'tava vindo, se eu estava indo e esse estava sendo legal, e eu falei que sim, ele não me perguntou detalhes de nada.
Preta	Ah, com o meu filho, com a minha mãe, com todo mundo lá. (risos) [...]. No dia que 'cê me mandou mensagem lá, foi até com uma menina lá também que é negra. Ela chama A., aí eu falei 'pra ela, aí ela que falou, falou assim "Não, sô, vai!", aí ela foi me

	<p>incentivar: Vai lá ver o jeito que é e depois 'cê me conta. Aí, no outro dia eu fui lá, contei 'pra ela, ela falou assim "Ah, eu já ouvi falar desse projeto", porque ela falou que nunca tinha ouvido falar desse projeto. Então aí eu fui que vim, 'pra ver como que era. Porque eu não ia vim não, eu acho. 'Tava um pouco meio receosa, eu falei "Aí, eu não vou lá nessa mulher, porque ela vai pensar o que?! Ai, mãe negra. Mãe negra é igual qualquer uma", mas aí depois, conforme a gente foi conversando, que eu fui ver assim, sabe? Alguns pontos que a gente ti... eu já tive dificuldade comigo mesma, tive dificuldade com o meu filho, né? Em relação de tudo, né? Então a gente vai parando, pensando que 'cê "num" (não) vê que não é tão igual. Parece ser igual, mas não é. Tem umas dificuldadezinhas a mais. Então, é uma coisa que eu nunca tinha, assim, parado 'pra pensar qual que era a minha diferença de ser uma mãe negra, 'pra uma mãe branca. [...] 'Pra mim, era a mesma coisa, filho dá trabalho a mesma coisa, mas não é, né? Não sei, igual eu 'to te falando, eu tive todo esse começo de preconceito lá de quando eu era nova, depois veio vindo, vem enca... eu vim carregando isso, essa bagagem comigo, até a minha gestação e depois da minha gestação, né? Quando eu me falei "Pronto, vou ser mãe!", né? Aquele medo do meu filho nascer negro por ... pela ... pelo preconceito, né? Depois do meu filho já grande, eu querendo evitar que ele seja negro 'pra não sofrer preconceito e ele sofreu um "pré-conceito" (preconceito), mas de uma outra forma, pela forma física dele. Então, assim, eu tive como ajudar ele no meu preconceito que eu passei lá, lá atrás, que - diferente hoje - eu observo que a minha mãe, quando eu passei ou eu precisei desses conselhos, a minha mãe não pôde me dar, porque ela nunca tinha passado por esse tipo de preconceito, né? Então, assim, eu acho que do mesmo jeito que pode ser um adulto ruim, né? Ruim como quer dizer, que eu falo assim. Ruim pr'aquelas mães que ainda não soube trabalhar dentro delas esse preconceito, que não soube vencer esse preconceito dentro delas. Mesma hora eu falo que é bom, por quê? Por que que foi bom? 'Pra mim foi bom, porque quando o meu filho precisou, eu pude passar 'pra ele, né? A experiência que eu tive, que eu tenho, que eu vivo, de ... d'um preconceito que eu sei que não vai ter fim tão cedo, é uma coisa que eu "num" (não, truncado) assim, eu não tenho a ilusão de que um dia isso vai acabar, porque eu acho que isso não vai acabar, eu acho que a tendência é piorar, né? Porque eu vejo que cada dia fica pior, de uma forma camuflada, todo mundo acha que acabou, acha que isso hoje não existe, mas o preconceito 'tá aí, só vê quem não quer. Então eu consegui passar 'pro meu filho uma forma que eu passei, né? Do que ... eu pude falar 'pra ele, que eu sei que muitas mães não teve. Então assim, eu tive uma ... uma experiência de ter uma mãe branca e ser filha negra, né? E não ter tido o apoio da minha mãe quando eu passei por ... pelo preconceito na minha infância, porque a minha mãe não passou por isso. E tive a experiência de ser negra e ter um filho branco, né? E poder passar 'pro meu filho um ... como você sai d'um preconceito, mesmo ele não sendo negro. Então assim, eu tive as duas formas, foi uma E isso, assim, eu já tinha parado 'pra pensar nisso, mas não tão profundamente igual eu parei agora nessa entrevista, né? Nessa conversa que a gente teve. Então eu acho que, por um lado, a mãe negra tem muito a dar mais, né? A ensinar mais 'pro seu filho, justamente por causa disso, pela dificuldade, pela... sei lá. É, bom, é o que eu passei, né? É o que eu passo todos os dias, eu tento passar 'pro meu filho, eu sempre falo 'pro meu filho, né? Então. O meu filho às vezes fala "Ah, porque eu sou feio!", quando ele falava "Ah porque eu sou feio! Ah porque eu não sei o quê". "Filho, você não é feio, você é lindo". "Ah porque os outros Mãe De mãe não vale!". "Tá, então vai de você. Não precisa de mãe". "Ah, mas os outros falam". Então, assim, aí eu pude passar 'pra ele que os outros falavam isso e isso de mim, que os outros faziam assim, então se fosse pelos outros eu 'taria me sentindo feia, 'taria me sentindo, né? Inferior. 'Taria me sentindo tudo o que os outros 'taria falando, mas eu não deixei me levar pelos outros. Então eu hoje eu consigo passar isso 'pro meu filho. Eu acho que a diferença da mãe negra e da mãe branca é isso. Eu tive uma mãe branca que não pôde passar 'pra mim. Eu sou uma mãe negra e pude passar 'pro meu filho. Eu acho que me ajudou muito. (risos).</p>
Sol	<p>Ai... Deixa eu ver, eu falei com a minha prima... Que aí eu não sabia eu falei assim gente, mas eu posso sair contando para todo mundo que eu 'tô fazendo porque aí não pode saber que é... Como é que fala?... Será que eu posso sair falando, todo mundo vai falar ah é ocê, Sol (risadas), é ocê. Não porque eu falei assim gente, mas eu acho que eu vou trocar aquele meu [nome fictício] pelo Sol, eu vou colocar sol, só o energisa assim a gente, eu falei assim eu acho que eu vou falar com ela, eu até esqueci,... senão M.</p>

	<p>todo mundo sabe que sou eu, aí você põe Sol [...] É. Sol. Ai que eu adoro o sol (inaudível) a gente, aquece, aí um dia bonito né Eu não gosto de chuva.... não gosto fica um dia nublado, né, no lado não combina comigo. É isso.</p>
Úrsula	<p>Comentei com várias pessoas. Eu sou dessas. Ó, eu contei, falei com várias pessoas da universidade. Falei com os meus alunos orientando, 'olha eu tô participando de uma pesquisa muito legal', falei né?! Eu falo sempre com meu esposo, né, até a gente tava conversando e eu contei para ele algumas coisas, contei, né, de como eu representei ele, aí ele ficou muito preocupado e falou 'mas olha só o que vai acontecer, na hora que as pessoas virem esse mapa elas vão achar que eu te limito', eu falei 'não, não é isso, eu coloquei no sentido de proteção', ele falou 'não, mas eu tô te limitando', aí nós tivemos uma puta discussão, eu falei 'tá', ele falou 'você acha que eu te limito', eu falei 'não, não foi isso', e aí ele falou 'tá, mas olha só eu vou desenhar aqui', aí ele desenhou, a gente tem uma lousa em casa, aí ele desenhou um bonequinho assim e aí ele falou 'esse bonequinho, ele tá livre, ele tem a lousa toda pra ele, agora se eu desenhar um círculo em volta desse bonequinho, esse bonequinho já não pode mais se expandir' (<i>risadas</i>), aí eu falei 'amor, mas não foi nesse sentido que eu pensei', aí a gente ficou conversando. Então assim eu falei para um monte de gente da sua pesquisa.</p>

ANEXOS

ANEXO A – Parecer do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Repercussões da experiência de racismo nas ocupações maternas de mulheres negras: estratégias de enfrentamento

Pesquisador: Sofia Martins

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 15729719.8.0000.5504

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Terapia Ocupacional - PPGTO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.523.236

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um estudo que busca responder como a experiência de racismo, enfrentada por mulheres negras, repercute em suas ocupações maternas. A pesquisa utilizará uma abordagem qualitativa a partir de metodologia visual. A coleta de dados envolverá 10 mulheres negras que tenham filhos na pré-adolescência e/ou adolescência na cidade de Uberaba-MG.

Serão utilizados como recursos de coleta de dados o mapa corporal, registros orais e diários de campo para posterior análise temática.

Objetivo da Pesquisa:

O estudo apresenta como objetivos:

- Examinar a experiência de racismo enfrentada por mulheres negras e suas repercussões nas suas ocupações maternas.
- Descrever as trajetórias das mulheres negras e suas eventuais experiências de racismo, relacionando-as à maternidade.
- Descrever ocupações maternas realizadas pelas mulheres negras, focalizando suas percepções sobre a influência do racismo nestas atividades.
- Identificar e criar chaves taxonômicas para o conjunto de ocupações maternas que são realizadas pelas mulheres negras, sob a égide do racismo.
- Compreender como o racismo modifica a experiência de maternidade de mulheres negras.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 236

Cidade: JARDIM GUANABARA

Cel: 13 366-906

UF: SP

Município: SÃO CARLOS

Telefone: (16)3661-9005

E-mail: cep@ufscar.br



Credenciamento do Pesquisador: 3.623.028

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Para análise dos riscos e benefícios, considera-se a apresentação dos procedimentos metodológicos e correlação com os objetivos e justificativa da pesquisa.

A pesquisadora descreve que o estudo ocorrerá no município de Uberaba- MG, envolvendo mulheres que se autodeclaram negras e mães de filhos pré-adolescentes/adolescentes negros que participem do "Coletivo Alornter-se", do grupo "Abayomi – apoio a maternidade" e/ou que vejam a divulgação da pesquisa e queiram contar suas histórias.

A pesquisadora incluiu o cartaz de divulgação/convite.

O projeto na íntegra descreve os procedimentos para coleta de dados e os instrumentos foram inseridos na plataforma.

Diante das apresentações a pesquisadora evidencia que a participação poderá gerar riscos como possível desconforto, emoções e/ou indisposição diante das questões levantadas durante a sua colaboração no estudo, talvez relacionadas a memórias e informações que a participante não gostaria de lembrar e compartilhar.

Como benefício descreve-se que estão relacionados ao acesso às informações para refletir sobre as experiências das mulheres-mães negras de racismo e a criação de seus filhos. Espera-se que o estudo contribua com novos conhecimentos para a área de terapia ocupacional e para a implementação de políticas públicas sobre, para e com a população negra. O estudo poderá desencadear ações que promovam o desenvolvimento social da população negra, gerando subsídios que informem o cuidado específico de mães, crianças e famílias negras.

Diante do exposto, compreende-se que a pesquisadora identifica que o estudo poderá contribuir tanto para os a desenvolvimento profissional, quanto para o reconhecimento das demandas e também promovendo reflexões para os próprios sujeitos do estudo.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto apresentado na plataforma brasil apresentou todos elementos necessários para análise dos aspectos éticos relacionados à pesquisa.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- Apresentou as cartas de autorização para realização do estudo assinadas pelos responsáveis pelos serviços;
- Apresentou adequadamente a folha de rosto apresentada pela direção do CCBS;
- Apresentou roteiros e instrumentos de coleta de dados compatíveis com os objetivos e metodologia descrita;
- Apresentou TCLE adequado e com todas as informações necessárias.

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.505-900
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SÃO CARLOS
Telefone: (16)3351-9696	Email: csp@umanesj.ufscar.br